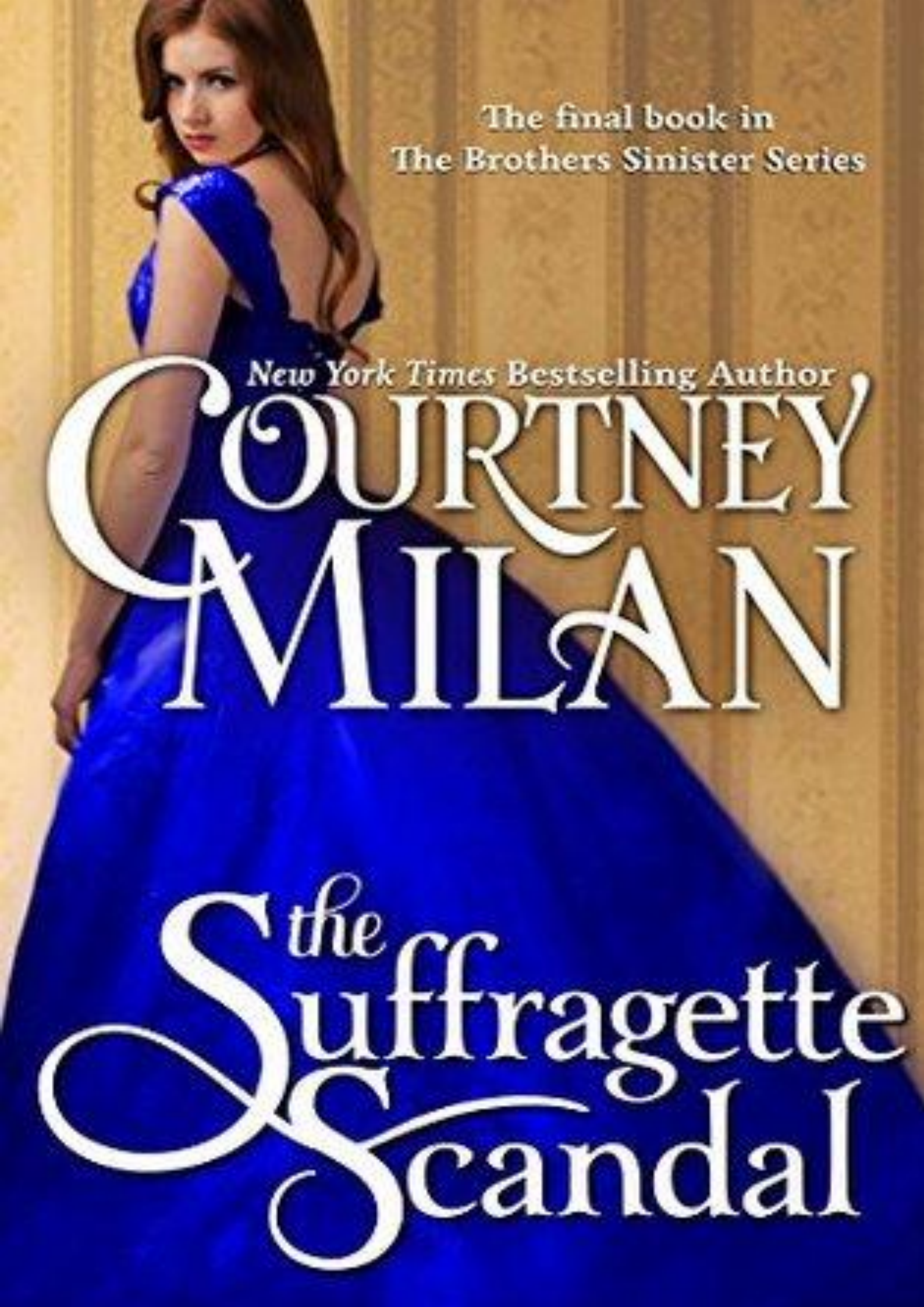


The book cover features a woman with long, wavy brown hair, wearing a royal blue, backless gown with a fitted bodice and a full skirt. She is looking over her shoulder towards the viewer. The background is a light-colored, vertically-grained wood. The text is overlaid on the image in various fonts and colors.

The final book in
The Brothers Sinister Series

New York Times Bestselling Author

COURTNEY
MILAN

the
Suffragette
Scandal



O Escândalo da Sufragista

(Os Irmãos Sinistros 04)

Courtney Milan

Sinopse

Uma sufragista idealista ...

Miss Frederica "Free" Marshall colocou o coração e a alma em seu jornal, conhecido pelo apoio franco dos direitos das mulheres. Naturalmente, seus inimigos têm a intenção de destruir seu negócio e silenciá-la para sempre. Free se recusa a estar no final de sua linha... mas ela precisa de mais linha, e ela precisa agora.

...um patife cansado ...

A família aristocrática de Edward Clark o abandonou para morrer em uma terra devastada pela guerra, de modo que ele sobreviveu da única maneira que poderia: transformando-se em um canalha e um falsificador de primeira classe. Quando a mesma família que o deixou por morto deseja arruinar Miss Marshall, ele oferece sua ajuda. Então e se tiver de mentir para ela? Ela é apenas um peão para usar em sua vingança.

...e um escândalo de sete anos.

Mas a irreprimível Miss Marshall logo encanta Edward. Quando percebe que seu coração cínico é dela, é tarde demais. A única maneira de frustrar seus inimigos é revelar seu passado escandaloso... e quando a mulher que ama perceber o quanto ele mentiu para ela, vai perdê-la para sempre.

Capítulo Um

Cambridgeshire, março 1877

EDWARD CLARK, estava aborrecido consigo mesmo.

Uma coisa era fazer um favor a um homem. Outra coisa inteiramente diferente era levar Edward para este lugar, atravessando a multidão, que gritava nas margens do rio, se acotovelando uns contra os outros. E qual era a finalidade? Ver os barcos correndo ao longo da curva do Rio Tâmesa? Ele nem sabia que estava familiarizado com um membro da tripulação de Cambridge até que ele olhou para um jornal esta manhã. E, no entanto, ali estava ele, esperando. Como todos em torno dele. Ele se inclinou para a frente, atentamente. Como eles, prendeu a respiração quando ele vislumbrou o primeiro barco. Mas a tripulação a bordo estava vestida em azul escuro, gritando "Oxford, Oxford!" Houve um rugido tumultuado em torno dele. Ele afundou-se nos calcanhares, mas antes que ele tivesse a chance de relaxar, outro barco apareceu, remando com homens vestidos em azul claro. Ecoaram gritos ao redor. Edward não se mexeu. Continuou concentrado atentamente no barco de Cambridge.

Tinha passado quase uma década desde que ele tinha visto Stephen Shaughnessy. Naquela época, Stephen era um menino. Ele era uma chateação que estava sempre ao redor, como um mosquito. Edward tinha esperado sentir uma onda de nostalgia quando o homem entrou na sua vista. Talvez a amargura da culpa.

Ele não sabia identificar os sentimentos que o deixavam sombrio — sentimentos conflitantes que saltaram para a sua mente, deixando seus músculos tensos e uma sensação estranha no seu dedo mindinho. Não eram de todas as emoções normais. Ele

tinha a sensação que uma tempestade estava prestes a cair e não havia uma nuvem no céu.

Pela documentação Edward sabia que ele era o terceiro homem no barco. Ele não era nada além de uma mancha indistinta de cabelo escuro e músculos em movimento. Era uma estranha razão para Edward deixar sua casa ampla em Toulouse e arriscar a vida confortável que ele tinha conseguido por si próprio.

Ele fez isso de qualquer maneira. Ele tentou erradicar todo o seu idealismo, mas, aparentemente, ele ainda possuía alguns princípios tolos.

Ao seu redor, a multidão ficou mais barulhenta e inquieta. A corrida estava se aproximando e os camisas azuis de Cambridge avançavam sobre os de Oxford. Edward sentia-se como uma rocha escura, sólida e imóvel no meio de toda a excitação.

Nada lembrava sua antiga bravura. Tudo parecia irrelevante diante do povo reunido ao longo das margens do rio. Todas as pessoas estavam concentradas no momento. Era a coisa mais importante do universo: os homens em seus barcos, lutando com a velocidade da água agitada. Aqui, não havia certeza de nada. E neste universo de incerteza, a corrida era acirrada. Havia apenas preto e branco, certo e errado, Cambridge e Oxford. E Oxford estava à frente por um quarto de comprimento.

Nem todo mundo estava empolgado. À sua direita, alguns passos para trás, uma mulher levantou-se, dissimulando o seu tédio. Ela estava usando um vestido rendado, elegante, que a fazia parecer um algodão doce. Bonita o suficiente para olhar, mas ele suspeitava que magoaria os seus dentes se tentasse participar. Ela se agarrou ao braço de um homem com a face corada, olhando para o rio a cada meia hora, fazendo parecer que tinha sido arrastada para esse local e estava fazendo o seu melhor, fingindo um interesse que não tinha.

A maioria das pessoas que estavam em volta na margem do rio, tentava esconder o tédio. A corrida acontecia, era o lugar certo para serem vistos e para verem as pessoas. Ele deveria se juntar a eles e deixar a vista privilegiada para quem estava interessado de fato.

Porém, seus olhos perpassaram com interesse por uma mulher em particular. Ela não estava atrás como a multidão com tédio. Estava empoleirada em um banquinho para poder enxergar melhor todo o processo. Ela usava uma saia escura e uma blusa branca. O casaco tinha um toque masculino, com linhas fortes, de aspecto militar nos punhos e dragonas nos ombros. Usava chapéu do tipo coco, de homem. O lenço de tecido de um estranho verde azulado, conhecido como Azul Cambridge, estava atado ao redor do pescoço, numa estranha imitação de uma gravata. Ela não fingia interesse na corrida. Ela *estava*, de fato, interessada na corrida. Inclinou-se para a frente, tão fascinada, como um aluno que gosta de aprender, como se pudesse empurrar para a frente a embarcação com o poder da mente.

Edward tinha a intenção de descer, mas quando atravessou o caminho pela multidão em direção às margens, virou-se e parou. Encontrava-se perto da mulher e sentiu-se flutuando, como um satélite em órbita, em direção a ela. Ao aproximar-se viu tufo de cabelo ruivo à espreita para fora do seu chapéu.

Ela assistia ao processo com uma concentração tão grande que não percebeu que ele se aproximou aos seus pés. Ela simplesmente levantou-se nas pontas dos pés, punhos cerrados ao lado, os olhos fixos na corrida.

Ele podia ver o rio a partir do canto do olho. Os remadores iam em direção à linha de chegada. A mulher se inclinou para a frente, levantando o punho, como se para torcer e, em seguida, engasgou surpresa.

Edward virou-se para o rio. Ele mal teve a chance de ver o que aconteceu. Um objeto escuro voou pelo ar a partir da margem oposta. Os gritos de incentivo aos remadores, tornaram-se em indignação. O que quer que fosse que voou, atingiu o barco de Cambridge diretamente na posição em que Stephen estava. Ele sentiu uma explosão e Edward viu um salpico de laranja brilhante.

Seus instintos estavam certos. *Havia* uma tempestade se aproximando. Edward deu um passo para a frente, a mandíbula apertada, uma fúria crescente tomando posse do seu corpo. Mas não havia nada que ele pudesse fazer, não ali, nas margens do rio.

Agora se lembrava de porque odiava Inglaterra. Ele não se sentia tão impotente em quase uma década, desde que seu pai tinha chicoteado Stephen e Patrick, sem roupas até a cintura, na frente dele. Foi por isso que ele voltou. Depois de todos esses anos, ele finalmente teria a chance de enterrar a raiva que sentia.

O barco estava perto o suficiente para que Edward visse Stephen perder o ritmo, enxugando o rosto. Algum tipo de projétil de cor laranja, estilhaçado, tinha sido arremessado para ele.

— Oh, infames! Gritou a mulher da gravata. Não deixe que lhe levem para baixo, Stephen. Mostre a eles!

Ele se voltou para ela. *Ela* conhecia Stephen? O mistério se aprofundou. Ela estava disfarçada com as cores de Cambridge, torcendo por Stephen como se tivesse todo o direito de fazê-lo. Ele não tinha ideia de quem ela era. Ela poderia ser sua noiva, embora ele não tinha ouvido falar de um noivado. Ela não era familiar; pois com certeza ele saberia.

Edward não conseguia distinguir a expressão de Stephen à distância, mas ele não precisava. Havia uma determinação em seus ombros, que Edward reconhecia muito bem.

Ele tinha sido o melhor amigo do irmão mais velho de Stephen. Stephen era cinco anos mais jovem, um acréscimo desejado e persistente na melhor das hipóteses, inoportuno e irritante na pior das hipóteses. Ele seguia os rapazes mais velhos com o olhar preciso: determinado a não ser excluído. Quanto mais eles tentavam deixá-lo para trás, mais ele se agarrava. Ele percebeu que iriam deixá-lo para trás na corrida. Aparentemente a teimosia não tinha mudado, porque ele remou mais forte. O barco de Cambridge deslizou à frente um quarto de comprimento, e depois outro. E então eles estavam na liderança, ultrapassando o barco do juiz ante o rugido da multidão.

— Agora esses cafajestes aprendem à lição. — A mulher ao lado dele murmurou. Ela colocou dois dedos nos lábios e deu um assobio alto, em sinal de aprovação.

Uma atitude nada recatada por parte dela. As damas de Inglaterra *tinham* mudado desde que ele se foi. Ele encontrou-as muito melhor.

Ela retirou os dedos dos lábios e, pela primeira vez, notou-o. Ela levantou uma sobrancelha, como se o desafiando a discutir com ela.

Sem chance. Ele se virou para ela.

— Deixe-me adivinhar: Seu irmão? — Ele fez um gesto para Stephen. Ele sabia que eles não tinham nenhuma relação, mas ele não quis revelar a sua própria conexão com ele. — Foi uma desgraça aquilo.

Suas narinas se alargaram. — Não mais do que algumas das outras coisas. — Bem, não importa.

Outras coisas? Então Patrick tinha razão. Stephen estava com problemas, e Edward poderia fazer alguma coisa a respeito.

— E não, — continuou a mulher, — ele não é meu irmão.

Não havia nenhum anel em seu dedo. — Deve haver um irmão em algum lugar, — ele meditou. — Alguém responsável por todo este espírito de Cambridge. — Ele apontou para sua gravata.

O canto da boca dela inclinou-se para cima, como se ele tivesse dito algo extremamente engraçado, e ela estava com medo de rir por medo de ferir seus sentimentos.

— Meu irmão *foi* para Cambridge, ela admitiu. — Mas isso foi há décadas. Eu não sou fã por causa dele.

— Então, você desenvolveu um gosto pelo desporto, enquanto o seu irmão estava... — Ele parou. Ele não era bom em julgar a idade; ele nunca tinha sido. Mas duvidava que ela fosse mais que uma criança pequena décadas atrás.

Ela riu silenciosamente.

Ele tentou novamente. — Você conhece um dos remadores, aquele que estava sujo de corante laranja. Você gritou o nome dele?

— Ah sim, Stephen Shaughnessy. Nós, os desajustados de Cambridge, devemos manter algum tipo de camaradagem.

— Desajustados? — Ele franziu a testa, e então percebeu que não era a palavra mais surpreendente que tinha usado. — *Nós?*

— Você viu o que eles fizeram. — A mão foi para seu quadril, descansando contra o brocado branco do casaco. — Se você sabe o nome Stephen Shaughnessy, você pode adivinhar porque ele não é universalmente admirado. Quanto a mim, você pode parar de bisbilhotar. Tecnicamente *não* sou mais uma desajustada de Cambridge. Eu me formei na faculdade de Girton para Mulheres alguns anos atrás.

Fazia um bom tempo que alguém o havia surpreendido. Ele sabia, vagamente, que Girton existia e que mulheres tinham se formado lá. Mas não havia muitas. O número era tão pequeno que era quase inexistente. Ele piscou e observou novamente: o *blazer* masculino, o lenço atado ao pescoço. Oh, as mulheres tinham mudado desde que ele deixara a Inglaterra.

— Você é uma sufragista, — disse ele categoricamente.

Ela bufou e ele sentiu o golpe. O vento tinha soprado fios de seu cabelo solto debaixo de seu chapéu. Ao sol, transformava-se em castanho avermelhado. O *blazer* deveria torná-la com aspecto masculino. Ao invés disso, o corte acentuava suas curvas, em vez de escondê-las, mostrando cada diferença entre o corpo dela e um homem. Mas foi seu sorriso que a fazia perigosa. Um sorriso que dizia que poderia dominar o mundo, e ela faria isso duas vezes antes de café da manhã. Ela sacudiu um dedo para ele.

— Você está pronunciando mal essa palavra.

— Perdão? Ele tentou lembrar o que tinha dito.

— Sufragista? Como se pronuncia isso, então?

— Sufragista, disse ela, é pronunciado com um ponto de exclamação no final. Como esta: Huzzah! Sufragistas!

A lua poderia facilmente ignorar a terra, do mesmo modo que faz a volta em torno da mesma. Ele se concentrou, com toda sua força de vontade, para não rir. Em vez disso, ele nivelou seu olhar ao dela.

— Eu não pronuncio nada com pontos de exclamação.

— Não? Ela encolheu os ombros. Então, não existe tempo mais certo do que agora para começar. Repita comigo: Vamos três dar três vivas para as mulheres votarem!

Ele podia sentir sua diversão derramando-se sobre o seu rosto, apesar de seus melhores esforços. Ele apertou os lábios em uma linha reta e baixou a voz.

— Não, ele disse a ela. Dar vivas está inteiramente além das minhas capacidades.

— Oh, muito ruim. Seu tom era simpático, mas seus olhos estavam zombando. Eu vejo agora. Você não gosta que as mulheres votem, não apoia as sufragistas.

Ele nunca tinha ouvido a palavra antes, mas o significado era muito claro. Ela tinha julgado que ele fosse como qualquer outro homem na Inglaterra. Não seria tolo para protestar que ele era diferente. Pouco importava o que esta mulher desconhecida pensava dele. Ele falou de qualquer maneira.

— Não. Eu sou um realista. Provavelmente você nunca conheceu o meu tipo antes.

— Oh, eu tenho certeza que eu tenho. Ela revirou os olhos. Eu ouvi tudo. Deixe-me ver. Você acredita que as mulheres irão votar nos candidatos mais bonitos sem usar a razão. Isso é o tamanho do seu *realismo*?

Ele olhou para ela e viu um olhar de acusação e irritação.

— Pareço um idiota? Não vejo qualquer razão para as mulheres não votarem. Você não é mais estúpida, em média, do que qualquer homem. Se houvesse alguma justiça no mundo, as sufragistas teriam sucesso em todos os seus objetivos políticos. Mas o mundo não é justo. Você vai passar a vida inteira lutando por ganhos que serão desperdiçados na briga política dez anos depois de terem sido alcançados. É por isso que não dou três vivas. Eles não servem de nada, muito menos para perder o fôlego gritando.

Ela olhou para ele por um momento. Realmente olhou para ele, como se o estivesse vendo pela primeira vez, em vez de imaginar uma forma de homem... Que odiava as mulheres, em seu lugar. Meu Deus.

Ela enfiou a mão no bolso de sua saia. — Meu Deus! Você está certo. Eu não conheci ninguém como você.

Ela o olhou de novo e desta vez não havia dúvida da lenta leitura da cabeça aos pés. Seu coração deu uma batida estranha. Então ela sorriu para ele.

— Bem, Senhor Realista, me chame, se alguma vez você tiver a necessidade de um ponto de exclamação. Eu tenho uma caixa inteira deles.

Ele levou um momento para perceber que ela estava entregando-lhe um cartão. Ela colocou-o entre os dedos enluvados de sua mão direita. O cartão escorregou e ele pegou com a mão esquerda antes que pudesse cair no chão. O modelo era simples, singelo. Não havia ornamentos ou letras manuscritas decorando-o, pois era o que se esperava das mulheres. Era um cartão de negócios. Nenhuma mulher lhe havia dado um desses antes.

Frederica Marshall, B. A.

Proprietária e Editora-chefe

*Women's Free Press*¹

Por mulheres — para mulheres — sobre mulheres.

Quando ele olhou para cima, ela já tinha ido embora. Ele teve um vislumbre dela à distância e foi em sua direção, caminhando através da multidão, com o banquinho da dama embaixo do braço. Então, ela se perdeu na multidão e ele foi deixado com nada além de seu cartão.

¹ *Imprensa Livre das Mulheres*, em tradução.

Capítulo Dois

Kent, mais tarde naquela noite

A casa onde Edward tinha crescido não mudara nada. Um rasto de veado dirigia-se para o bosque nas proximidades, o vento soprava no prado, cuidadosamente construído de modo a ter uma aparência natural, encostado à ala sul. O rio, um quarto de milha de distância da casa, fazia um murmúrio bem discreto como a passagem da água. A casa ficava no final de uma longa estrada, distante uma milha do centro da cidade. As ruínas de uma antiga fortaleza, agora pedras cinzentas ao luar, assomavam-se a partir de uma colina. Um combate tinha acontecido aqui. Ele e Patrick sempre desenterravam pedaços de armaduras e de enferrujadas espadas. A sua esquerda, as muralhas eram altas e na beira do rio, uma coleção de pedras que outrora teriam sido uma balsa.

Estes tristes restos guardavam um vau de areia que havia sido substituído por uma ponte uma milha rio acima, muito tempo atrás. Após quase dez anos de ausência, esta cena era totalmente irrelevante para Edward, como a muralha abandonada.

A casa moderna estava diante dele, o retrato da absoluta tranquilidade.

Essa tranquilidade era uma mentira. Esse campo perto do estábulo foi o lugar onde o pai de Edward chicoteara Patrick e Stephen.

As janelas douradas da casa davam uma ilusória luz às lembranças vívidas em sua mente. Edward balançou a cabeça, tentando esquecer as suas piores lembranças, e rumou em direção à uma porta lateral de vidro.

A luz do luar penetrava na biblioteca. Através das janelas, ele podia ver uma mesa com papéis empilhados. Edward tinha recebido a sua quota de castigos naquele quarto. Ele erguia a cabeça, recusando-se a quebrar, a *mentir*, não importando as consequências.

Bah. Tinha aprendido à lição. A noção de moralidade era relativa. Por exemplo, ele pretendia entrar nesta casa. Alguns poderiam chamar isso de "roubo".

No sentido moral, os atuais moradores da casa não iriam tolerar a sua façanha.

Do ponto de vista legal havia um pequeno detalhe: A casa e tudo que a mesma continha, ainda pertencia a ele. Seria dele por mais quatro meses, até que ele fosse declarado morto de uma vez por todas.

Ele não podia esperar.

Ele puxou um pequeno punhal escondido na manga do seu casaco, se agachou ao lado da fechadura, introduziu, deu uma volta e ouviu um click. Ele tinha conhecido um homem que poderia abrir qualquer porta em poucos segundos. Edward, por outro lado, só raramente necessitara de arrombar e entrar, sua habilidade estava muito enferrujada. Ele levou três minutos intermináveis para abrir a porta e conseguir entrar.

O cheiro de fumaça de charuto velho penetrou imediatamente nas suas narinas. Um cheiro rançoso, entranhado nas cortinas, nas paredes. Era um cheiro de velho, como se ninguém tivesse limpado o quarto em meses. Edward encontrou os fósforos, acendeu uma lâmpada a óleo e colocou sobre a mesa. Havia pilhas e pilhas de papéis para olhar. Se Patrick estivesse certo, a prova estaria aqui.

Uma das duas razões de sua vinda, era encontrar as provas.

O arquivo que ele estava procurando estava escondido em uma gaveta mais à esquerda, debaixo de uma pilha de hipotecas. Edward desatou o fio enrolado em torno dos papéis e classificados, misturados em

uma confusão de pequenas notas e de correspondências. Porém, uma série de recortes de jornais, em particular, chamou sua atenção.

O primeiro recorte era de seis meses atrás.

Pergunte a um Homem — Ele leu: Lançamento de uma coluna semanal de conselhos por Stephen Shaughnessy.

Patrick estava com a razão: Alguém aqui *estava* prestando atenção a Stephen. Seu amigo tinha mencionado que Stephen escrevia para um jornal, mas Edward não tinha percebido que ele tinha uma coluna regular, com uma coluna de aconselhamentos.

Francamente, o pensamento de se aconselhar com uma pessoa que ele conhecia há 12 anos, parecia terrível. Stephen deve ter amadurecido durante esse período. Havia uma nota explicativa no início da coluna:

Chegou ao conhecimento da equipe editorial do nosso jornal, por resolução, "por mulheres, sobre as mulheres e para as mulheres," não existe a possibilidade de que um homem possa validar nossos pensamentos, para nos impressionar. Para isso, temos um Homem Real responsável por responder às possíveis perguntas. Para informações, remeter para o endereço: Passe livre para as mulheres, Cambridge, Cambridgeshire. — F.M.

Edward levou um momento para verificar cabeçalho do jornal. De fato, lia-se: *Women's Free Press*². Esse era o nome da empresa, no cartão, que tinha recebido naquela manhã. F. M. certamente era Frederica Marshall. A mulher durona que ele conheceu às margens do Tâmis. Ele

²*Women's Free Press*. Ao longo da história a protagonista é chamada Free, diminutivo de Frederica e há uma associação com Free (Livre) que surge no nome do jornal.

refletiu sobre seu comportamento intempestivo. Ela era a *patroa* de Stephen. Não havia nenhuma razão para Edward se sentir feliz. Era improvável que ele a visse novamente e com certeza não tinha a menor intenção de fazê-lo. Um beijo, um abraço, um adeus rápido era tudo que um homem como ele sempre esperava.

Ainda.

Ele balançou a cabeça e continuou a ler.

Caro Homem, alguém tinha escrito. Ouvi dizer que as mulheres são capazes de pensamento racional. Isso é verdade? Qual é a sua opinião sobre o assunto?

*Sem Fôlego, aguardando seus pensamentos viris,
Uma mulher.*

Edward inclinou sua cabeça, mudou de posição e colocou o jornal em direção à luz baixa da lamparina para ler a resposta.

Cara Senhora,

Se eu fosse uma mulher, eu saberia dizer exatamente o que vocês querem saber de uma maneira racional, porém seria muito maçante. Uma vez que eu poderia dar exemplos dos antigos gregos, monarcas da China, África e do nosso próprio país, passando de Aglaonike, a astrônoma, à alquimia de Cleópatra, e continuar até à nossa atual Condessa de Cromossomos, e mal teríamos tempo para falarmos em grandes homens. Isso é fato.

Felizmente, eu sou homem, por isso a minha palavra basta. As mulheres pensam. Isto é verdade porque um homem o mencionou.

Seu,

Stephen Shaughnessy,

Homem Certificado

Deus. Edward sufocou o riso. Stephen não tinha mudado nem um pouco. Fazia anos desde que o tinha visto, mas Edward ainda podia ouvir sua voz, irrepreensível como sempre, sempre argumentando, sempre *ganhando*, empurrando todos para a beira da raiva e, em seguida, acalmando os ânimos com uma piada.

Foi bom saber que o pai de Edward não tinha conseguido acabar completamente com o seu espírito.

Achou ainda mais interessante que a senhorita Marshall o tivesse escolhido para escrever esta coluna, em particular.

Ele virou para o próximo recorte, de uma semana depois.

Caro Senhor,

Esta coluna é uma piada? Eu posso dizer honestamente que sim.

Assinado,

Outro Homem.

Caro Outro Homem,

Por que você pensa que a minha coluna é uma piada? Um jornal escrito por mulheres, para mulheres, e sobre as mulheres, obviamente, precisa de um homem para falar em seu nome. Se for uma piada para os homens falar em nome das mulheres, então o nosso país, nossas leis e nossos costumes devem ser todos piadas também.

Certamente, você não é tão antipatriótico para sugerir isso, senhor.

Com cem por cento de certificada seriedade,

Stephen Shaughness.

Homem Verificado

Ah, ele ia gostar de ler estes. Edward virou para a próxima página. Isso seria uma excelente maneira de passar o tempo enquanto esperava.

Prezado Senhor,

A porta do quarto se abriu. A pulsação de Edward pulou, afinal, a segunda razão que ele tinha feito esta visita, mas ele não se mexeu. Ele se sentou na cadeira que outrora pertenceu a seu pai e esperou.

— O que é isso? Na porta aparecia apenas a silhueta de um homem, mas sua voz era dolorosamente familiar.

— Como você entrou?

Edward não disse nada. Em vez disso, aumentou a luz, permitindo que a mesma invadisse a sala. O outro homem fez uma careta.

— Quem diabos é você?

Por um momento, Edward foi pego de surpresa. Ele tinha ido embora há mais de nove anos, e tinha sido dado como morto durante os últimos sete. Porém, ele achava que seu próprio irmão iria *reconhecê-lo*. Eles tiveram suas diferenças, mais do que a maioria dos irmãos. Os anos que se passaram, tinham acabado com qualquer mágoa que ainda poderia existir entre eles, deixando-os seguir caminhos separados. Mas, até este momento, Edward não tinha percebido como as mudanças físicas se deram.

O outrora, eles tinham uma semelhança muito grande. James Delacey era uma versão dele, mais jovem e de estatura menor. O cabelo de James ainda era escuro e brilhante e seu rosto era suave e macio. Por outro lado, o cabelo de Edward ainda era escuro, mas agora, estava com fios brancos. Suas mãos tinham calos e ele suspeitava que a única pele na mão de seu irmão que não era macia, seria por conta da aspereza de segurar uma caneta.

Também havia o fato que Edward tinha passado seus últimos anos no trabalho braçal, seus ombros ficaram largos, desenvolverem-se, em virtude disso.

James vestia-se sóbrio, de preto. Edward percebeu, com surpresa, que ele estava de luto. Edward tinha perdido o pai anos atrás. Para James, tinha sido apenas há nove meses.

— A última vez que o vi, — Edward disse gravemente, — estava nas docas, em Londres. Você me disse que era pelo melhor que me fosse embora e que iria cuidar de exercitar Wolf até que eu mudasse de ideias e me fosse permitido voltar.

O silêncio seguiu-se a esta declaração.

— Bem? — Edward inclinou-se para trás na cadeira, espreguiçando-se. Passou quase uma década desde então. Como está o meu cavalo, James?

James colocou sua mão contra a porta, para manter-se na posição vertical.

— Ned? — Sua voz tremeu. — Meu Deus, Ned. Eu devo estar sonhando isto. Você não está aqui.

Edward fez uma careta. — Quantas vezes eu lhe disse? Eu prefiro Edward. Pelo amor de Deus, James, entre e feche a porta.

Após um momento de hesitação, James fez exatamente isso. É claro que ele não iria chamar os criados. Nem agora, nem no punhado de meses restantes. Fazia seis anos e alguns meses, que ele tinha escrito à sua família. Na marca de sete anos, James herdaria oficialmente tudo. Provavelmente deveria ter marcado a data com estrelas e arco-íris em seu calendário.

— Ned. — James tropeçou para frente e caiu em uma cadeira. Ele estava balançando a cabeça em confusão. — Meu Deus. Você está *morto*. Tivemos uma cerimônia. Ele olhou para cima, seus olhos escuros com alguma emoção silenciosa. Vendemos seu cavalo. Eu sinto muito.

De todas as coisas que seu irmão tinha que pedir desculpas, vender um garanhão, parecia a mais tola. James franziu a testa.

— Após a experiência sangrenta, nós erguemos um monumento caro. Se queria aparecer vivo, não poderia ter feito isso em um tempo respeitável?

Edward não podia deixar de sorrir. Sim, ele tinha ouvido muito bem. Seu irmão tinha acabado de se queixar sobre a despesa associada com a sua morte.

— Acabei de visitar a minha sepultura, — Edward assegurou. — O monumento é lindo. Tenho certeza de que valeu cada centavo.

— O que você tem feito com você mesmo? Por que você não disse nada? Deus, você não sabe como tenho sofrido todos esses anos. Eu tenho me sentido como se tivesse condenado você à morte.

As mãos de Edward se contraíram. Como *James* tinha sofrido? Seu irmão estava sentado à sua frente, sadio e inteiro. Seu sofrimento não envolvia passar fome e se encolher aos bombardeios militares. Ele não tinha sido mantido em um porão, não tinham tudo tirado dele num longo, sem fim, pesadelo. Ele era elegante e bonito. Uma versão de Edward que não tinha andado pelo inferno.

— Sinto muito, — Edward disse secamente, — por qualquer desconforto que lhe causei.

— Sim. — James franziu a testa. — E não acabou ainda, não é? Isso é um detestável inconveniente.

Pessoalmente, Edward devia achar que era mais conveniente manter-se morto. Mas ele dificilmente poderia invejar seu irmão mais novo, sob seu ponto de vista.

— Diga-me o por quê.

— Isso será um imenso escândalo. — James olhou para a mesa e respirou fundo. — Então, você irá reivindicar o título. É por isso que você

veio. — Suas mãos estavam apertadas em seu colo, como se estivesse se preparando para uma luta.

Ah sim. Outra coisa que James tinha e que Edward não possuía: a ilusão de que esta família era honrada. Edward mal podia acreditar nisso.

— Se eu quisesse ser Visconde de Claridge, — disse Edward, — Eu teria regressado no dia em que soube da morte do Pai. Não, James. Fique com o título. É seu.

James franziu a testa, como se não pudesse acreditar no que ouvia. Sem dúvida, ele não poderia acreditar em um mundo em que um homem se afastava de um vis- condado. — Falando da cidade, como é que você sobreviveu?

Havia muitas coisas que seu irmão poderia sugerir com essa pergunta. *Como você conseguiu sobreviver depois que o Pai o abandonou? Você teve oportunidade de contatar o Consulado Britânico antes do cerco começar?*

Como ele tinha sobrevivido? Ele tinha sobrevivido da maneira que pode.

Ele simplesmente sorriu para seu irmão. — Eu sobrevivi por sorte, — Edward disse a ele. — Quando eu a tinha.

Os olhos de James se arregalaram. — Foi ruim?

— Não, — Edward mentiu. — Mas só porque eu aprendi da pior maneira. Confie em mim, James. Eu não me encaixo mais nessa vida. Eu sei o que um Visconde Claridge precisa ser. Eu tive aulas suficientes no seio da família para recordar isso. Eu não posso ser ele.

Muitas pessoas tentaram transformá-lo em outra pessoa diferente. O menino que havia crescido naquela casa poderia muito bem estar morto. Por tudo o que ele havia sido.

— Por outro lado, — ele falou suavemente, — você pode e será.

James piscou. Pego de surpresa, tentou encarar a verdade de uma maneira simples. Ele parecia pensar que Edward lhe tinha feito um elogio. Ele balançou a cabeça, parecendo ligeiramente aliviado ao descobrir que todo o seu mundo não ia ser abalado.

Deus, James era tão simples de ler. Alívio era evidente pela primeira vez na queda de seus ombros. Ele estreitou os olhos e sugou o ar. Ele olhou para Edward com desconfiança. Estava se perguntando por que seu irmão tinha voltado, uma vez que era tido como morto, depois de todos estes anos e não queria reivindicar o título. Pouco tempo depois, James percebeu que se tratava de uma negociação, não uma reunião.

— Você precisa de uma pensão, então. — James parecia resignado.

— Deus, não. — Chantagem nunca foi sua preferência. Havia muitas oportunidades de ser pego. Edward pensou no arquivo que estava em suas mãos. — Há apenas uma coisa que eu quero de você.

James se inclinou para a frente.

— Sim?

Edward achatou as mãos sobre os recortes de jornais.

— Você vai esquecer tudo o que você está tramando fazer para Stephen Shaughnessy. — James deixou escapar um longo suspiro, lento. Ele estendeu a mão e esfregou a testa.

— Entendo.

— Dê-me sua palavra de que não vai machucá-lo, direta ou indiretamente. Isso é tudo o que eu quero. Dê-me isso e deixarei você viver sua vida em paz.

— Eu compreendo, — James repetiu de forma mais acentuada. — Foi culpa dele que você foi enviado para longe, ou você esqueceu? Isso é como é. Você esteve vivo, nestes últimos sete anos. Em todo esse tempo, você não enviou uma *palavra* para o seu próprio irmão, nem uma palavra indicando que você estava vivo. Mas, vejo que você tem contato com

Shaughnessy. Tem conhecimento suficiente para saber que seu irmão mais novo está enterrado até o pescoço em problemas. Isso é bem esclarecedor.

— Você me deixou para morrer. — Edward rangeu os dentes. — Você dificilmente pode se queixar das minhas escolhas para satisfazer os seus desejos. — James empalideceu.

— Eu não o fiz, — disse ele muito rapidamente. — Você deve saber que eu não o fiz. O que eu disse ao Cônsul Britânico ... Era verdade, em certo sentido.

Em certo sentido. Quando a declaração de guerra chegou, Edward tinha escrito a seu pai, pedindo os meios para voltar para a Inglaterra. Tinha sido um golpe quando seu pai recusou. Ele disse que, se Edward não acreditava na honra da família, ele não precisava contar com a ajuda da mesma.

James tinha ido além disso. Quando Edward chegou ao Consulado Britânico em Estrasburgo, à frente do exército, o secretário consular tinha-o declarado como um impostor. O secretário recebeu uma carta nesse sentido, afinal, uma carta assinada pelo próprio James. Edward tinha sido chamado de mentiroso e aproveitador e foi expulso aos gritos. Com isso havia desaparecido última esperança de Edward de assistência financeira, ou de um passe de salvo-conduto.

Notícia velha, agora. Ambos eram pouco mais do que rapazes quando isso aconteceu. Edward juntou os dedos. — O que você disse ao Cônsul Britânico, — ele repetiu calmamente. — Era verdade, de certa forma. — Ele não pôs a questão em palavras. Ele não precisava.

— Disse que você não estava arrependido, Ned...

— Eu prefiro *Edward*.

James engoliu em seco.

— Sim. Edward. Eu não acho ... Ou seja, era para seu próprio bem, e ... — Ele percebeu que seu argumento era muito fraco. Ele balançou a

cabeça, como se pudesse livrar-se do que tinha acontecido a seu irmão com um movimento tão simples. — Você não está morto, depois de tudo. Então ... — Ele deixou escapar um longo suspiro. — Tudo está bem quando acaba bem, não é?

Edward não era do tipo de ser conquistado com chavões sem sentido, para má sorte de James.

— Eu concordo, disse ele suavemente. — Tudo fica bem quando termina bem. Estes são assuntos antigos. Nós estamos de acordo depois de todos estes anos. É melhor para todos que eu permaneça morto. Para mim. Para você.

Ele sorriu e esperou que a ameaça se infiltrasse. Seu irmão mexeu-se desconfortavelmente na cadeira em frente a ele.

— Então, peço-lhe mais uma vez: Você vai deixar de fora o que está tramando contra Stephen Shaughnessy?

James deixou escapar um longo suspiro, audível.

— Não é tão simples assim. Eu tenho um lugar neste mundo. Se eu vou ser Visconde Claridge para o resto da minha vida, eu vou ter de manter uma certa reputação. — Ele apertou os lábios. — Eles são como os cães. Se você não lhes der um bom tapa na cabeça de vez em quando, eles nunca vão saber que você está no comando.

— Estamos falando ainda de Stephen Shaughnessy? Ele é garoto com uma coluna estúpida, não um cão.

— Sim, — James disse, calmamente. — Ele é inútil em seu próprio país. Mas você me pediu para não machucá-lo também *indiretamente*, isso quer dizer que eu não posso fazer isso, sem deixar sozinha a senhorita Marshall e seu condenado jornal.

Edward respirou fundo e pensou no cartão dentro do bolso. Porém, não deixou transparecer seu interesse ao seu irmão. Ao invés disso, fez uma

cara feia: — Quem é a senhorita Marshall? Eu deveria me preocupar com ela?

James contraiu seus lábios em uma linha fina.

— Ela é o principal motivo de tudo o que está errado com a Inglaterra. Escrevendo esses malditos relatórios, recebendo todas as mulheres acaloradas, forçando o Parlamento a gastar um tempo valioso em assuntos irrelevantes. Sabe quanto *tempo* foi desperdiçado sobre o inquérito que ela forçou sobre o bloqueio dos hospitais pelo governo? — Seu irmão fez um ruído de desgosto. — Décadas atrás, uma menina bonita com uma conversa agradável, habilidade moderada, e um gosto pela independência, ter-se-ia instalado em Londres como amante de algum homem. Olhe para ela agora. — Havia uma ponta de raiva na voz de James. Não pertence a nenhum homem, colocando o nariz onde não é necessário, colocando a esposa contra o marido, servo contra mestre. A maioria destas mulheres, bem ... — Ele deu de ombros. — Elas são relativamente inofensivas. Deixe-as seguir adiante, dar-lhe algo para ocupar o seu tempo. Mas Marshall? Ela é o problema real.

Era interessante conhecer o seu irmão tão bem e, ao mesmo tempo, não o conhecer de todo. Quando James ia protestar, Edward disse: — Quando você pediu a ela para ser sua amante?

Seu irmão ficou vermelho. — Foi uma oferta generosa! Era o melhor que alguém de seu nascimento poderia esperar. Ela arrasou comigo, sequer levou meus sentimentos em consideração. Em todo o caso, isso está anos no passado, sem importância no momento, em tê-la ou não, mesmo que ela me implorasse.

Estranho que ele e James tinham isso em comum. Talvez fosse a única coisa. A menina Marshall era precisamente o seu tipo, também.

— Eu entendo, — Edward disse suavemente. — Ela era problema, na certa.

James não perceberia que ele falava isso como um elogio. Na verdade, seu irmão assentiu com alívio.

— Essa coisa com a senhorita Marshall. Bem, houve meses para o planejamento. O Pai deu início. Ele foi um dos seus grandes planos, você deveria ver o que ela escreveu sobre ele. Eu não posso vê-lo deixado de lado. — Ele franziu a testa. — Se você quiser que eu deixe Stephen em paz, poderia convencê-lo a separar-se da senhorita Marshall.

— Eu poderia. — Edward fingiu considerar isso. — Isso pode ser um compromisso aceitável.

Mas então ele teria que falar diretamente com Stephen. Ele teria que revelar a verdade de sua existência em todos esses anos, e isso era muito perigoso. Quanto mais pessoas soubessem da verdade, maior a probabilidade de alguém o delatar. E uma vez que o segredo estivesse revelado, Edward seria forçado a aparecer. Uma coisa era deixar o viscondado para seu irmão, que cuidaria das propriedades. Outra coisa era deixar as propriedades sem os cuidados necessários. Edward não era canalha a esse ponto. Se a verdade viesse à tona, ele não teria nenhuma escolha a não ser tomar o lugar de James. Ele iria passar o resto de seus dias usufruindo do título do seu pai, naquela sala enjoativa e mal cheirosa.

Além disso, conhecendo Stephen, uma simples confrontação não traria nada de bom. O jovem era conhecido por nunca abandonar um amigo ou empregador em apuros, mesmo se fosse ameaçado.

E mais importante... Pedir a Stephen para fugir iria contra os interesses de Edward.

Edward poderia ameaçar seu irmão com facilidade. Mas ajudá-lo a atingir seus objetivos? Depois do que James tinha feito? Não. Tudo em Edward se revoltava com isso.

Ele mal conhecia a menina Marshall. Ela lhe pareceu ingênua e otimista. Ela não era o tipo de aliada que normalmente procurava. Ele geralmente preferia trabalhar com tipos mais cínicos.

Mas, o que não era inteiramente irrelevante para ele, tinha gostado dela. Ele não poderia dizer o mesmo de James.

— Há pequenas coisas já em andamento, — seu irmão disse alegremente, — mas são de pouca relevância e tentarei de alguma forma, fazer com que os mesmos não façam mal a Stephen mais do que tem que ser. Você o fará?

— É porto, isso ali? — Edward apontou para o outro lado da sala. Seu irmão se afastou.

— Por quê, não. É conhaque.

— Parece muito bom na mesma. Dê-me um copo e vamos beber ao acordo.

Seu irmão atravessou a sala, um sorriso satisfeito no rosto. Sem dúvida, ele pensou que tudo tinha sido resolvido.

Enquanto James atravessava a sala, Edward enrolou o conteúdo do arquivo que ele estava folheando, antes de James aparecer, recortes de jornais, cartas, e tudo em um pacote e escondeu-o dentro do casaco. Ele iria ler tudo isso e colocá-lo de volta no lugar pela manhã. James nunca saberia.

As coisas eram iguais, Edward preferia não ter que trair o seu irmão mais novo. Mesmo depois do que James tinha feito. Na vida tinha que se fazer escolhas difíceis. Ele poderia ir embora da Inglaterra e deixar o irmão mais novo de seu melhor amigo à mercê do plano de sua família. Ou poderia aprofundar melhor o conhecimento com a menina Marshall e modificar o contexto.

Ele podia vê-la, em sua mente por um momento, com aquele sorriso muito agradável em seu rosto: *Ligue-me a qualquer momento, caso tenha precise de um ponto de exclamação!*

Não havia ponto de exclamação.

Então, ele não precisava pontuação para ter a sua vingança. Ele tinha encontrado papéis falsificados e mentiras que eram ferramentas muito mais eficazes.

Inferno, ele estaria fazendo um favor à menina Marshall. Ela não precisava saber nenhum desses detalhes, e talvez, se tivesse sorte, ele conseguiria abafar tudo isso.

Capítulo Três

Cambridge, uns dias mais tarde.

— Uma vez é coincidência. Duas é suspeito. Três vezes? — Frederica Marshall golpeou com força o lápis nas páginas recém-saídas da prensa que tinha diante de si. — Três vezes requerem uma explicação. Por quê, minhas queridas?

A seu lado havia duas mulheres sentadas que examinavam também as páginas. A sala era quente, abafada, mas todas já estavam acostumadas a isso. Lady Amanda Ellisford, uma das amigas mais queridas de Free, estava sentada à sua direita, com o cenho franzido e movendo a vista entre as duas colunas. A senhora Alice Halifax, prima de Free, estava sentada do outro lado. Alice movia levemente os lábios; demorava mais em ler as palavras. O que não tinha nada de surpreendente, tendo em conta que havia aprendido a ler há apenas três anos. Mas seu rosto ia se escurecendo à medida que lia.

— É como olhar dois vestidos feitos com o mesmo molde — disse. Distinto tecido, distinta costureira, mas continua sendo uma cópia.

O título do artigo escrito por Free era “Por que devem votar as mulheres”. O título do artigo contrário era “Por que não devem votar as mulheres”.

O mesmo número de parágrafos. Alguns argumentos compartilhados nos dois artigos. A favor, no artigo dela, descartados no artigo de opinião

publicado no London Star. Mas o artigo do Star tinha sido impresso nove horas antes que o periódico do Free entrasse na prensa.

— Alguém se dará conta — murmurou Amanda. Mordeu o lábio inferior com nervosismo e suspirou —. Mais de uma pessoa. E quando se derem conta, começarão a falar.

Tinha motivos para estar nervosa. Era a terceira vez que ocorria algo assim no último mês. Na primeira vez, Free tinha-a descartado como uma coincidência. A segunda, a tinha deixado receosa. E aquela terceira vez parecia uma confirmação.

— Eu sei o que dirão — comentou Alice —. Dirão que as mulheres só são capazes de copiar os homens, que o único que fazemos é tomar as palavras que escrevem os homens e pôr um "não" na frente. Já dizem bastante, em qualquer caso.

Mas dessa vez o haviam dito publicamente, com algo que pareciam provas. Free receberia outro montão de cartas iradas e acusadoras. Sem dúvida, algumas seriam muito desagradáveis. Moveu a cabeça para afastar aquele pensamento. As cartas desagradáveis eram inevitáveis. Chegavam fizesse o que fizesse; eram o preço que teria que pagar para conseguir algo. Não tinha sentido preocupar-se com elas.

— Temos que averiguar como está acontecendo isso. Três periódicos diferentes copiando palavras que eu tenho escrito, publicando contrapontos a meus artigos antes de que estejam publicados — Free moveu a cabeça —. Se não for uma coincidência, é um ataque deliberado. E se for um ataque deliberado, alguém tem acesso ao que eu tenho escrito.

— Poderia ser alguém que fiscalizasse nosso lixo — disse Amanda —. Que encontrasse seus rascunhos nele. Poderia ser isso.

Poderia ser.

— Poderia ser um empregado — sugeriu Alice.

— Poderia ser qualquer um que venha ao edifício — Amanda baixou a vista —. Ou alguém que recebe uma de nossas provas adiantadas. Aqui não temos feito nada para ocultar nosso trabalho.

Não, não o tinham feito. Free suspirou. Apoiou a cabeça nas mãos e esfregou as têmporas doloridas. Não tinha tido motivos para agir de um modo tão receoso. Não queria suspeitar das mulheres que trabalhavam com ela, não queria converter aquele negócio amigável, que tanto lhe havia custado erguer, em um lugar de receios e falta de confiança. Tinha sido um trabalho duro criar um lugar no qual as mulheres se sentissem seguras o bastante para confiar umas nas outras. Aquele tipo de suspeita podia danificar tudo o que tinha obtido.

Sem dúvida o tinham feito por isso.

— Necessitamos normas mais estritas — estava dizendo Amanda — Mantenha os seus rascunhos fechados Free. E não mais artigos a circular entre as mulheres para comentarem.

— Faça uma lista das pessoas que podem ser responsáveis — disse Alice. E pensaremos como descobrir quem é o culpado. Quando soubermos isso, poderemos decidir como proceder.

Abriu-se a porta detrás delas e uma rajada de ar entrou na habitação. Free pôs as mãos nos papéis para que não se movessem. O ar que entrava era fresco e agradável; essa manhã tinham impresso provas e o motor de vapor tinha esquentado a sala o suficiente para que o ar resultasse bem-vindo.

Reconheceu o homem que estava na soleira. Tinha falado com ele na regata de uns dias atrás. Era alto, de cabelo grisalho e olhos escuros, que inspecionaram o cômodo antes de fixar-se nela. Era difícil calcular a sua idade; por seu cabelo, devia estar próximo dos quarenta anos. Mas na regata não tinha falado como uma pessoa de meia idade. E possuía a fanfarronice atrativa de um homem mais jovem.

Olhou ao seu redor com interesse, observando as mesas diante das quais estavam Free e suas redatoras chefes, os depósitos situados na lateral do local onde molhavam o papel, os tambores com a tinta de imprimir até o metal escuro da prensa rotativa silenciosa. Arqueou uma sobrancelha com ar interrogativo.

Free se endireitou e se adiantou, estendendo a mão. Não com a palma para baixo, como uma dama que se dispusera a dançar, mas, sim, como o faria um cavalheiro em circunstâncias similares. Tentaria ele lhe espremer os ossos para demonstrar sua força? Iria tomar-lhe a mão como se estivesse disposto a dançar com ela? Aquilo era uma espécie de prova.

O homem não vacilou absolutamente. Tomou a mão e a estreitou com firmeza.

— Senhor Edward Clark — apresentou-se.

Ela tentou não arquear as sobrancelhas. *Edward Clark* era um nome claramente inglês, mas a forma de falar dele estava marcada com um leve acento francês. Free tinha assumido que teria nascido na França, embora possivelmente tivesse vivido na Inglaterra tempo suficiente para conservar apenas um leve sotaque de sua língua nativa. Possivelmente estivesse equivocada.

— Menina Frederica Marshall — respondeu, embora, se ele tinha conseguido chegar até ali, certamente já sabia isso —. No que posso lhe ajudar?

O olhar dele pousou na mesa detrás dela. Elas estavam examinando a página interna do periódico e as placas de impressão estavam na mesa do lado, de modo que qualquer um podia vê-las.

Amanda tinha razão. O próximo número do jornal não era precisamente um segredo. Qualquer um podia entrar e vê-lo. Mas o senhor Clark não comentou nada sobre ele, mas sorriu levemente.

— Você falava em sentido literal — disse, assinalando o carrinho que havia ao lado da mesa —. Você tem uma caixa com muitos pontos de exclamação.

Agora que o tinha ouvido falar mais, Free pensou que era de fato inglês. Possivelmente um inglês que tinha vivido um tempo na França, talvez?

Sorriu.

— E também pontos, vírgulas, e ponto e vírgulas. Todos os signos de pontuação que possa sonhar uma garota. Mas comecemos pelo ponto de interrogação. Suponho que não terá vindo aqui para ver meus tipos de imprensa. Posso ajudá-lo em algo?

Ele a olhou. Free teve a impressão de que sabia muito bem o que fazia. Que, quando seus olhos brilhavam com tanta alegria, sabia muito bem o efeito que causava no estômago dela.

Free não se incomodava com aquela sensação. Não havia nada de mais que um homem gostasse de flertar um pouco e o senhor Clark era bastante atraente. Sempre que entendesse que aquilo não iria mais à frente, iriam se dar muito bem.

— Tenho uma proposta de negócios para você — disse ele.

Ela apertou os lábios.

— Como preliminar... isto é um periódico de mulheres, por mulheres e sobre mulheres. É pouco provável que o contrate como colunista.

— Não escrevo colunas — repôs ele —. Posso fazer algumas ilustrações interessantes, mas seria um empregado terrível. Não se trata desse tipo de proposta. Há algum lugar onde possamos falar disto em particular?

Ela assinalou com um gesto o lado da sala.

— Tenho um escritório aí dentro.

Ele a seguiu. O escritório não era mais que um quarto de armazém reconvertido. Free mandou retirar uma parte da parede que o unia à sala principal e a tinha substituído por vidro, de modo que pudesse ter intimidade em reuniões de negócios como aquela, ao mesmo tempo que permanecia estando à vista de suas empregadas. Ele olhou a velha escrivaninha atrás da qual ela se colocou, a pilha de textos gramaticais e os informes de população nas prateleiras detrás dela. Free se deu conta, com certo desgosto, de que a plena vista havia um rascunho de outra coluna, uma que devia aparecer em três dias. Colocou um montão de papel em branco em cima e se sentou em sua cadeira.

Mas ele olhava a outra sala através do cristal.

— Assumo que a dama de azul claro é lady Amanda — disse com ligeireza —. E a mulher magra deve ser a senhora Halifax.

— Deveria tê-las apresentado?

— Não — repôs ele. — Apenas pretendo demonstrar que tenho feito investigações nos últimos dias. Sei quem é você.

Ele pronunciou as últimas palavras em voz baixa e, enquanto falava, voltou-se para olhá-la. A frase sobressaltou Free, como se ele acabasse de fazer uma declaração com intenção de obter que algo lhe revoasse por dentro.

Fazia tanto tempo que ninguém lhe conseguia provocar essa revoadada! Era uma sensação como o sol no inverno, algo que se devia saborear porque certamente não duraria. Esperava que ele não dissesse algo horrível que estragasse isso.

— Considere feita sua demonstração — disse. Assentiu com a cabeça —. Sabe você quem sou.

— E acredito que, quando entrei, as três estavam comentando o complô para desacreditá-las — disse ele. — Isso quer dizer que

descobriram o que estão fazendo com seus editoriais. Bom para você, senhorita Marshall. Facilitou-me muito o trabalho.

Free fez uma careta.

— Quer dizer que você também notou — comentou.

Se um homem normal da rua tinha estabelecido essa conexão, outros também o fariam. Apenas seria questão de tempo que alguém escrevesse sobre o tema. Teria que planejar o que ia fazer, e não havia tempo a perder.

— Notá-lo? — ele negou com a cabeça. — Não, menina Marshall. Fizeram-me ver isso.

— Ou seja, já se comenta em público — murmurou ela. Maldição! Não necessitava mais trabalho —. Bem, obrigada por me fazer saber. Não nos conhecemos muito e lhe agradeço a advertência. E agora, se me desculpar... — começou a levantar-se.

— Não a desculparei — fez-lhe um gesto. — Sente-se. Isso não é um tema de discussão pública. Minha informação procede diretamente do homem responsável pelas cópias.

Ela se deteve no caminho entre sentar-se e levantar-se.

— Diretamente dele? — repetiu.

— Sim. Conheço muitos de seus planos. Ele acredita que estou do lado dele. E é uma sorte que não esteja, porque se o estivesse, você não poderia saber com antecedência o que está a ponto de ocorrer. E isso seria muito, muito ruim para você.

Free voltou a se deixar cair na cadeira.

— Trazemos sua caixa de pontos de interrogação? — perguntou ele —. É muito simples. Há um homem que quer lhe causar dano. Ele confia em mim o bastante para me contar seus planos. E como eu não desejo que ele lhe faça mal, ofereço-lhe minha ajuda.

Tinha um sorriso tão encantador e umas maneiras tão calorosas! Era uma lástima que fosse tudo mentira.

Free negou com a cabeça.

— Sua história não me inspira confiança. Você não me conhece e não posso acreditar que lhe importe o que me aconteça. Uma história de algum homem impreciso que me deseja algum mal é totalmente plausível. Meia Inglaterra me deseja algum mal. Entretanto, não me oferece provas, só informação que eu já tinha descoberto. Afirma que esse homem confia em você, mas você acaba de me oferecer trair essa confiança. Isso me indica que você não é digno de confiança. Não sei o que se propõe, senhor Clark, mas sugiro que o faça em outra parte.

Esperava que ele se zangasse um pouco depois disso. Os homens não gostavam de que os chamassem de mentirosos, sobretudo quando mentiam.

Mas ele simplesmente sorriu e se recostou na cadeira.

— Bem. Não é você tão ingênua como eu tinha suposto. Isso facilitará um pouco as coisas. Começemos pelo mais básico. Tem razão. Não a conheço e não me importa nada o que possa acontecer com você.

Disse aquilo com um sorriso brilhante, sorriso que contrastava tanto com suas palavras que ela teve que lembrar o que ele havia dito. Disse, de um modo encantador e doce, quase sedutor, que ela não lhe importava nada.

— Isso é provavelmente a primeira verdade que me disse — comentou Free —. Se eu posso ver além da leve atração de seu carisma, suspeito que outros também podem. Por que iria alguém confiar em você o suficiente para lhe contar suas conspirações secretas?

Ele jogou o corpo para diante.

— Ah, essa é a questão, menina Marshall. Venho com umas recomendações impecáveis.

Ela o olhou duvidosa. Sua jaqueta não estava bem engomada. Fazia muitas horas que não se barbeava. Levava o cabelo vergonhosamente comprido. Tudo isso não era nada que não se pudesse arrumar com uma

donzela e uma navalha de barbear, mas de todos os modos... — Acaba de oferecer-se a trair aos homens com os quais trabalha. Que classe de recomendações pode ter?

— Isso é o mais bonito de tudo. Posso ter todas as recomendações que queira. Deseja que lhe mostre uma das melhores?

— Mas é óbvio. Embora duvide que me faça mudar de ideia.

Em lugar de tirar uma carta do bolso, ele estendeu o braço e tomou uma parte do papel em branco do monte. Continuando, antes que ela pudesse protestar, apoderou-se da pluma e o tinteiro.

— Vamos ver — ele fixou a vista à frente e se golpeou o lábio com o extremo da pluma. Começou a escrever —. A quem pode interessar. Tive a oportunidade de trabalhar com o Edward Clark durante muitos anos. É honrado, reto e inteligente. Irá servir-lhe bem em todos os assuntos — encolheu os ombros. — É óbvio, normalmente seria mais efusivo e concreto. O truque para que uma falsificação seja boa é a ser concreta. Mas, neste caso, o importante não são as palavras da referência, mas a forma — assinou o papel com um floreio e o passou a ela com um toque de graça inata.

— Vi-o escrevê-lo — disse ela. — Por que vou acreditar que...?

E então olhou a página. Olhou de verdade as letras que tinha diante de si e a assinatura que ele tinha feito com tanta confiança. Sentiu a boca seca.

— Exatamente a isso me referia — repôs ele. Não deveria acreditar em mim. Mas possivelmente depois de ver esta recomendação, possa compreender porque as pessoas confiam em mim.

Se Free não lhe tivesse visto escrever aquela nota, teria acreditado que ela a tinha escrito. Era sua letra e seu nome. A curva descuidada do F, os círculos informais de seu sobrenome... ele os tinha reproduzido perfeitamente.

— Buscam-me dois governos por falsificação — anunciou ele corajoso. — Para minha sorte, um deles já não existe. E o outro, se por acaso se está perguntando, não é membro da Commonwealth Britânica. Você não tem sob seu teto um famoso fugitivo.

— Talvez não — ela apartou o papel. E possivelmente tenha podido convencer outras pessoas para que confiem em você. Mas depois dessa demonstração, é muito menos provável que confie em você que antes.

— Excelente — respondeu ele com bom humor. — Não sou um homem digno de confiança. Menti-lhe meia dúzia de vezes no curso desta conversação e não duvido de que voltarei a fazê-lo. Por exemplo, o nome que me puseram ao nascer não foi Edward Clark, embora faça uns seis anos que uso esse nome de maneira regular e agora o considero meu. Muito bem, menina Marshall, não confie em mim, mas trabalhe comigo. Neste assunto coincidem nossos interesses. Você não quer que a arruinem e eu preferiria também que seu inimigo não se saísse com a sua.

— Por quê? Eu lhe importo um nada.

O sorriso dele não vacilou, mas se esticou um pouco.

— Tem razão — respondeu. — Mas resulta que minha indiferença para você é muito menor que a aversão que me produz ele.

Free pensou que era muito provável que lhe tivessem encomendado a tarefa de seduzi-la e descobrir seus planos.

— Não, obrigada — disse. Alisou as saias sobre o regaço e olhou-o nos olhos. — Correrei o risco sozinha. Não necessito ajuda de alguém que se confessa embusteiro e que pode me trair a qualquer momento.

Ele suspirou.

— Isso seria muito mais fácil se você fosse menos inteligente — aquilo parecia uma queixa, mas piscou os olhos. — Maldita seja, menina Marshall! Estou tentando ser um pouco honorável. Mas muito bem. Se não

houver mais remédio... — olhou-a nos olhos —. Você precisa trabalhar comigo porque eu a trairei.

Ela respirou com força.

— Como diz?

— Sabe como é precária a sua posição na sociedade, menina Marshall? É jovem, solteira e de aparência razoavelmente agradável — disse o último sem emoção, como se recitasse uns fatos.

E isso era o que fazia. Free não devia esquecê-lo. Por muito que ele fingisse flertar, ela não significava outra coisa para ele que uma coleção de dados.

— Tenho dois planos possíveis para frustrar ao meu inimigo. Um deles é trabalhar com você para derrotá-lo. O outro é fechar suas operações aqui de tal modo que ele não tenha o prazer de fazê-lo pessoalmente. Uma carta de crédito falsificada vendida a seu inimigo? Uma missiva com sua letra escrita a um amante e deixada indiscretamente para que a encontre outra pessoa? — ele se encolheu de ombros —. Eu levaria meia tarde a fazer sua vida muito desgraçada e talvez uns poucos dias para torná-la impossível.

O coração do Free tinha começado a pulsar com um ritmo baixo e pesado. Era estranho como o sistema nervoso podia apoderar-se de tal modo da mente, que um homem sentado diante dela e falando com um tom tão ligeiro, pudesse conseguir que se sentisse como uma lebre rodeada por uma manada de lobos. Ele a olhava com um sorriso no rosto. Dava a impressão de que podia ouvir o pulso dela e de que o ritmo débil desse pulso fosse música para seus ouvidos.

Free não tinha intenção de acovardar-se. Estava em jogo o *seu* negócio, sua vida, e não ia permitir que aquele homem o arruinasse. Juntou os dedos das duas mãos, confiando em que não tremessem, e imitou o melhor que pôde um suspiro aborrecido.

— Quer dizer que isso é uma chantagem — disse.

O sorriso que lhe dedicou o senhor Clark parecia uma arma que tivesse escolhido com cuidado dentre seu amplo arsenal. Era o sorriso de um homem que sabia que podia seduzir e destroçar, e o empregava com a precisão de um professor. Inclinou-se para diante.

— Menina Marshall, acredito que pronunciou mal essa palavra.

Ela o olhou.

— Deveria pronunciá-la assim: "Uau! Chantagem!".

Ela arqueou as sobrancelhas.

— Que extraordinário!, senhor Clark. Acreditava que não usava pontos de exclamação.

— Eu não — sorriu. — Mas você sim, e não há necessidade de mostrar-se sóbria.

— Uau! — Free o olhou aos olhos com seriedade —. Um delito! Neste momento, esse delito é chantagem, mas não o será por muito mais tempo.

— Não? Por que diz isso?

Sorriu por sua vez.

— Com um pouco de sorte e uma boa quantidade de arsênico, logo será: "Viva! Assassinato!". Essa sim é uma causa que merece meus pontos de exclamação.

Sua intenção tinha sido confundi-lo. Mas ele pôs-se a rir e todo seu encanto calculado desapareceu nessa gargalhada autêntica. Recostou-se na cadeira e moveu a cabeça. De algum modo, Free se punha mais nervosa ao dar-se conta de que a achava divertida. E lhe parecia totalmente injusto que uma pequena parte dela queria voltar a fazê-lo rir.

Elevou uma sobrancelha e modulou sua voz até um tom doce e açucarado.

— Quer uma taça de chá, senhor Clark? Prepararei um bule de minha receita especial apenas para você.

Ele agitou uma mão no ar.

— Economize-se. Verá, menina Marshall, eu não desejo arruinar o futuro que construiu com tanto esmero. Vou ser o vigarista em tudo isto. E no fim das contas, prefiro ser seu vigarista.

Ela se tornou para trás na cadeira.

— Adiante, senhor Clark. Faça o que queira. Estou habituada a ameaças sem base. Não necessito de suas mentiras.

Ele adiantou o corpo para a mesa com expressão de descontente.

Era natural que a olhasse de cima a baixo. Free soprou com irritação.

— Sim, sou uma pessoa terrível. Nego-me a ceder à intimidação. Não necessito um vigarista, muito obrigado. E agora, adeus.

— Sim, necessita — repôs ele. Ao diabo, com tudo — fechou os olhos e se levou os dedos às têmporas —. Esperava não ter que fazer isto, mas...

Free o olhou entreabrindo os olhos. Tinham passado por mentiras, falsificação e chantagem. O que viria a seguir? Ameaças físicas?

— Vou ter que lhe dizer a verdade — continuou ele com grande relutância. — Ou uma parte dela. E vou ter que lhe dizer o suficiente para convencê-la de que sei o que faço.

Free não se acreditou naquilo nem por um segundo.

— A pessoa que está empenhada em destruí-la não é outra que o honorável James Delacey.

Free ficou um momento paralisada no lugar. Delacey era também o visconde de Claridge, ou ao menos seria logo, pois havia alguma pendência na sua confirmação enquanto tal, embora ela pressupusesse que devia ser uma simples questão de procedimento. Com a exceção de não ocupar seu assento na Câmara dos Lordes, ele dispunha de todos os demais privilégios

sociais da nobreza. Ela o tinha conhecido dois anos atrás. Por sorte, sua relação tinha sido muito breve e Free não tinha desejado prolongá-la mais. Pôs as mãos na mesa e pressionou a superfície fria.

O homem que tinha diante de si não pareceu notar seu nervosismo.

— Eu diria que o Delacey não gosta das sufragistas, mas o assunto é mais complicado que tudo isso. Você nunca foi apreciada pelo pai dele. Fechou-lhe uma fábrica em que tinha investido e perdeu uma grande quantidade de dinheiro. E o próprio Delacey lhe pediu que fosse sua amante faz algum tempo e você o rechaçou. Guardou-lhe rancor depois disso.

Se Clark *sabia* daquilo, devia estar muito próximo daquele homem. Isso não o convertia em amigo e não significava que pensasse em ajudá-la, mas ao menos sabia de *algo*.

— Delacey quer desacreditá-la por completo — continuou ele —. Este fim de semana quer que prendam um de seus jornalistas sob suspeita de roubo e, quando ainda não se tiver recuperada desse escândalo, ele fará ver que vários de seus últimos artigos foram copiados de outros periódicos. Seus anunciantes se retirarão e as assinaturas cairão de número — o senhor Clark lhe dedicou um sorriso resplandecente. Como seguramente pode ver, você está em desvantagem. Não tem que confiar em mim, menina Marshall. Nem sequer tenho que lhe cair bem. Mas se não me escuta, arrepender-se-á.

— Por quê? — ela o olhou nos olhos —. Por que faz isto?

O senhor Clark se encolheu de ombros com indiferença, mas seus dedos se fecharam com força sobre a escrivaninha.

— Porque Delacey e eu temos uma velha conta pendente que terá que ser ajustada — apertou os lábios e voltou a olhar pela janela, por cima da prensa —. É assim simples. Delacey quer fazer-lhe dano e eu não quero perdôá-lo, assim temos um inimigo comum. Não vou pretender que você e

eu sejamos amigos, mas vim aqui me oferecer como aliado. Não tinha motivo para lhe dizer que seria capaz de fazer chantagem. Tampouco tinha que demonstrar minha habilidade como falsificador. Se tivesse querido, poderia apresentar-lhe uma recomendação da própria rainha Vitória. E, menina Marshall...

Inclinou-se para ela e lhe fez um gesto para que se aproximasse como se quisesse compartilhar um grande segredo.

Free não pôde resistir e se inclinou em direção a ele.

— Deve saber — disse ele — que se tivesse intenção de ser cavalheiresco e agradável, poderia tê-la conquistado em um instante.

Uma onda de calor envolveu Free, um calor que era metade vergonha e metade reconhecimento de que aquilo era verdade. Os dois se olharam um momento nos olhos. Oh, ele apreciava aquilo... Dar-lhe apenas uma amostra de atração. Não tanta para espantá-la, só o suficiente para intrigá-la.

Free se negava a deixar-se intrigar.

— É possível — respondeu —. Mas conquistada ou não, de todos os modos teria seguido pensando.

— Não sou um homem honorável e estou desacreditado. Minto e faço armadilhas e lhe digo claramente que você, para mim, é apenas um meio para um fim. Não lhe estou dizendo a verdade, mas, no todo, não me estou mostrando falso com você. Possivelmente não saiba as cartas exatas que tenho na mão, mas saberá qual é o custo. Isso o prometo.

Ela não confiava nem um pouco na sua promessa nem nele. E, entretanto, tinha razão. Podia ser um homem desonesto, mas não tinha pretendido ser outra coisa. Possuía um tipo curioso de honra.

— Não lhe digo falsidades — repetiu ele —. Delacey quer arruinar a sua reputação. De fato, tem intenção de fazer muito mais que isso, com

consequências duradouras. Diga-me a verdade, menina Marshall. Se tivesse a oportunidade de derrotar Delacey, aproveitaria?

Free pensou em seus editoriais, escritos com tanto cuidado para que, em seguida, fossem roubados. Em suas palavras, retorcidas e utilizadas para servir a causas que ela odiava. Pensou em todas as coisas que tinha ouvido que Delacey dizia dela, coisas que tinham chegado a ela por meio de insinuações e fofocas.

Pensou em todas as cartas desagradáveis que tinha recebido, todas as ameaças anônimas e covardes que tinha atirado ao cesto de papéis, em todas as noites sem dormir que tinha passado depois da proposta dele.

Não podia culpar Delacey por todas as cartas terríveis que chegavam. Mas se tinha planejado, ainda que apenas uma parte do que afirmava o senhor Clark, sim, queria fazê-lo responsável.

Queria tirar-lhe tudo o que era dela. Queria derrotá-la, fazê-la de exemplo para todas as mulheres que a olhavam e pensavam: "Se ela pôde, por que eu não?".

E tinha escolhido a ela porque ela lhe havia dito não.

— Quero que Delacey pague por isso? — ouviu-se perguntar. — Sim. Sim quero.

O senhor Clark assentiu.

— Nesse caso, menina Marshall, sim, necessita um pilantra — estendeu as mãos com as palmas para cima. — E aqui o tem.

Edward se recostou no respaldo de sua cadeira e se deixou observar pela menina Marshall. Ela tinha inclinado o corpo em direção a ele e enrugava o nariz. Aquelas coisas deveriam ter irradiado nervosismo, mas

combinadas com seus olhos cinza, claros e tranquilos, não lhe davam uma ideia certa do que ela pensava.

Tinha acreditado que seria fácil interpretá-la. Qual! Tinha acreditado que seria fácil manipulá-la. Que nada. Ela não tinha cedido nenhuma polegada. Ele tinha-se equivocado em ambos os casos e, embora aquela conversação se tivesse tornado frustrante, ao menos as semanas seguintes seriam excitantes.

A menina Marshall, por sua parte, não precisava ser mais excitante do que já era.

Olhava-o sem piscar e golpeava seus lábios adoráveis com um de seus polegares.

— O que mais Delacey planejou? — perguntou ao fim. — Você disse que ele vai desacreditar uma das minhas escritoras. Qual?

Edward notou que ela não tinha ainda concordado em trabalhar com ele. Ele tinha ficado enfurecido quando leu as notas de seu irmão e tinha compreendido tudo o que James tinha planejado. "*Umas coisinhas ainda em movimento*", havia-lhe dito seu irmão movendo uma mão no ar. Sem dúvida considerava que aquelas "*coisinhas*" careciam de importância.

A menina Marshall se inclinou para ele.

— Amanda? Alice? — havia ferocidade em sua voz, quase um grunhido na parte de trás da garganta, como se fosse uma mãe loba que protegia a seus filhotinhos.

— Não, que eu saiba — Edward franziu o cenho. — Quer o Stephen Shaughnessy.

Ela piscou e se tornou para trás na cadeira.

— Stephen? Ele escreve uma coluna semanal. É somente por diversão.

— Sim, mas é um homem.

Ela soltou um bufo.

Edward voltou a provar.

— Shaughnessy é um alvo excelente porque cai mal a muita gente.

Ela apertou a mandíbula.

— Apenas pode cair mal aos idiotas.

Edward se deu conta de que era protetora, além de leal.

— Ah, mas há muitíssimos idiotas — disse-lhe. — E ele incomoda a muitos deles. Escreve uma coluna em que ri dos homens. É católico. É irlandês. Não sabe manter a boca fechada. Você mesma o viu. A questão com ele é tão grave que seus próprios companheiros de escola o cobriram de tinta.

A menina Marshall franziu o cenho.

— Foram seus companheiros de classe que fizeram isso? — perguntou.

— Sim. Há muitas pessoas que estão predispostas a pensar o pior dele. E Delacey o conhece. O pai do Stephen era empregado em uma das propriedades de sua família. Há um rancor antigo aí. Estou seguro de que, se você perguntar ao Shaughnessy, ele poderá explicar os detalhes.

Ela não assentiu. Em vez disso, apertou ainda mais a mandíbula com teimosia.

— E o que é o que planeja fazer Delacey?

— Esta noite alguém roubará um pertence de família no quarto de outro estudante e o colocará entre as coisas do Shaughnessy.

A expressão dela se escureceu mais. Edward lhe sorriu com frouxidão. Negava-se a deixar que ela visse a fúria que ainda sentia ao pensar nisso.

Fazer com que acusassem Stephen de roubo e provavelmente o expulsassem da universidade era o que seu irmão considerava como "*algumas coisinhas*" que não deviam preocupar muito a nenhum dos dois.

A menina Marshall pensou naquilo.

— O que é o que se propõe você fazer a respeito?

— Seguirei o homem, tomarei o artigo em questão e o esconderei em algum outro lugar — respondeu Edward. — Posso fazer tudo isso sem você. Mas seria melhor que Shaughnessy tivesse um álibi irrefutável para esta noite. Confio em que você possa obter isso.

— Posso afastá-lo dali — disse ela com lentidão.

— Excelente. Então estamos de acordo.

Ela elevou uma mão apaziguadora no ar.

— Ainda não. Ainda não confio em você, senhor Clark. Pelo que eu sei, pode estar a pensar em organizar os detalhes disto assim que tenha obtido minha conformidade. E como se propõe ir sozinho, não haverá ninguém que contradiga sua palavra sobre o que venha a descobrir. Muito conveniente para você.

Edward voltou a ter a sensação de excitação que lhe fez cócegas nas palmas das mãos.

— O que sugere você que façamos? — perguntou.

Ela lhe dedicou um sorriso resplandecente.

— Pode passar todo o dia aqui, como meu convidado. Será um convidado que não poderá sair em nenhum momento e que não irá interagir com ninguém mais. Assim saberei que não envia nenhuma mensagem para organizar algo.

— Isso é pedir muito de um homem que se oferece para ajudá-la.

Ela o encarou.

— Mas você não me ofereceu ajuda. Eu não lhe importo nem um pouco. Você quer que *eu* ajude a *você* a se vingar. Suponho que poderá suportar algum incômodo em troca disso, não é assim?

Edward teve que admitir que ela não deixava nada por menos. Levantou uma mão.

— Continue. Eu fico aqui todo o dia, e o que acontece depois?

— Em seguida o acompanharei, à noite, aos aposentos do Shaughnessy — respondeu ela. Vou averiguar e veremos juntos se esse artigo estiver ali.

— E se estiver, confiará em mim?

Ela tamborilou os dedos sobre a nota falsificada que ele tinha deixado em sua mesa e voltou a sorrir.

— Se estiver ali, não o entregarei às autoridades. Foi muito amável de sua parte demonstrar sua destreza como falsificador diante de mim. Inclusive me deixou a prova. Mas se disser a verdade sobre este assunto, acredito que o deixarei livre. No momento.

Edward sabia que devia sentir-se zangado com ela. Mas, em vez disso, o que queria era rir, estreitar-lhe a mão e dizer que gostava do seu jogo.

Pensando bem, nem sequer queria lhe soltar a mão depois de havê-la estreitado.

— Menina Marshall — disse —, está me chantageando com meu intento de chantageá-la? Agora posso ameaçar ir às autoridades e converter esta intrincada chantagem dupla em uma chantagem tripla?

Ela se inclinou para diante e lhe fez um gesto com o dedo para que se aproximasse. Ele apoiou as mãos na mesa e obedeceu. Separavam-nos doze polegadas e um pedaço de madeira. Ela lambeu os lábios e ele sentiu a boca seca. Oh, não. Não havia nada de aborrecido nela. De fato, sentia-se cativado.

A menina Marshall lhe sorriu e a seguir falou em voz baixa.

— Disse que tinha feito suas investigações, senhor Clark. Disse que sabia quem eu era. Pois é óbvio que não investigou muito. Uma mulher não dirige um periódico e leva a cabo investigações próprias sem aprender a lutar com tratantes. Acredita que pode me manipular, que pode chegar aqui

e assumir o comando. Pois não pode. Se de verdade quiser vingança, terá que trabalhar duro por ela.

Edward tentou sentir irritação. Ela complicava tudo. Olhava-o com uma expressão que parecia ter tanto de severidade quanto de picardia. Mas ele não podia sentir nem mesmo uma ameaça de exasperação.

Ia ser muito *divertido* trabalhar com ela.

Em lugar de assentir, voltou a tomar a pluma e se apoderou da carta que tinha falsificado antes.

— Pós-escrito — disse em voz alta enquanto escrevia. Não se deixe enganar pela aparente humildade do Edward Clark. É um homem perturbadoramente brilhante. Cuidado. Acabará por pegá-la despreparada — devolveu-lhe a carta. Aqui está. É muito melhor assim, não lhe parece?

Ela leu a linha que havia acrescentado e arqueou as sobrancelhas com ar de dúvida.

— Não especialmente, não.

— Deveria ter sublinhado "*perturbadoramente*"? — Perguntou ele. Ou "*brilhante*"? Pergunto porque, se quiser que me condenem por falsificação, quero estar seguro de que terá um exemplar perfeito para apresentar ao tribunal. Um homem tem o seu orgulho.

— Não sublinhe nenhuma das duas — repôs ela com calma. — Eu farei com que saiba quando ganhar esse direito. No momento apenas pode pedir os tipos de letra normais e pontos à parte.

Edward não podia vencê-la nem na chantagem, nem no pensamento, nem em encanto. Nem sequer estava seguro de ser mais ousado que ela.

— Diga-me, menina Marshall — pediu. — Você se dobra alguma vez perante alguém?

Ela negou com a cabeça.

— Apenas quando consigo o que quero. Sou uma mulher muito decidida.

Edward acreditou. Antes tinha-se deixado enganar pelo idealismo dela e por seu sorriso. Um homem podia olhar sua figura esbelta sentada diante da escrivaninha, os dedos ligeiramente manchados de tinta pousados sobre a carta que ele tinha escrito e ver somente uma mulher pequena e encantadora. Podia ver isso e não captar absolutamente o aço que formava o seu caráter.

Edward não voltaria a cometer esse engano. Ela baixou a vista e uma ameaça de sorriso tocou seus lábios. Era perturbadoramente... tudo. Aquele empreendimento tinha mudado de direção e agora tomava velocidade, como um carro sem chofer em uma colina. Ele não sabia quando se produziria o choque, mas não estava disposto a saltar em meio a marcha.

Aquilo era tão terrível que tinha esboçado um círculo completo e acabado em algo... sedutoramente bom.

— Pois bem... — levantou-se. — Mostre o caminho, menina Marshall. Se for me encerrar sob chave, suponho que deve-me mostrar onde vou ficar.

Capítulo Quatro

A menina Marshall levou Edward, ao que ela chamava uma de sala de arquivo, que na realidade, era um pouco mais do que um gabinete empoeirado. Havia somente uma janela alta, que permitia a entrada de alguma luz, o suficiente para iluminar uma cadeira, uma mesa estreita e alguns armários.

— Sr. Clark considerou fazer publicidade connosco! — disse às outras mulheres que estavam presentes na sala principal — Irá ver os arquivos do jornal.

O que, na verdade, não era uma má ideia. Edward pensou que ele tinha feito a pesquisa necessária, mas quando chegou aqui, é que teve a noção de como era a menina Marshall, o que foi aprendido a partir dos cinco minutos em sua companhia e da combinação de notas no arquivo de seu irmão. Na realidade, ela tinha esmagado em pedaços todas as suas expectativas.

E começou a ler o jornal desde a primeira edição.

Bastou apenas ler as primeiras quatro edições do jornal da menina Marshall, durante três vezes por semana, para deixá-lo terrivelmente apavorado. Ela tinha-se internado, numa operação de infiltração, num hospital do governo, uma dessas instituições terríveis que eram protegidas pela Marinha Real, onde se mantinham prostitutas suspeitas de estarem com doenças venéreas. A menina Marshall tinha ficado aí por vinte e seis dias. Tinha sido examinada, maltratada, tinha passado fome e frio. Quando, finalmente tinha sido descoberta pelo seu irmão lá, ela decidiu escrever um

relatório mordaz sobre as condições da instituição.

Ninguém estava disposto a imprimi-lo de modo que começou o seu próprio jornal.

No seu relatório, falava sobre os maus-tratos às prostitutas internadas, o que lhe tinha dado material para a sua primeira semana de trabalho. Nas semanas seguintes, ela tinha ido trabalhar numa fábrica de algodão. Também trabalhou como empregada doméstica, na casa de um nobre que era suspeito de acabar com a virtude dos seus servos. E entrevistou de um lado, as cortesãs e prostitutas, e do outro lado, as grandes damas da sociedade. Escreveu todas estas coisas de forma clara e simples, e condenável.

Ao longo dos anos, tinha acrescentado escritores e uma segunda página ao jornal. Publicou artigos com pensamentos de mentes femininas, como Emily Davies³ e Josphine Butler⁴. Os anúncios tinham aumentado, as colunas tinham diferentes temas, desde conselhos mundanos como plantar alguns legumes numa casa de habitação, de forma a contrariar as críticas mordazes pela recém estabelecida colônia em Gold Coast. E tudo tinha sido escrito para — *e sobre* — mulheres. A coluna mordaz de Stephen Shaughnessy's, publicada às quartas-feiras, foi colocada em oposição com uma mulher pelo nome de Sophronia Speakwell⁵, que também dava conselhos igualmente mordazes aos sábados.

Não era de admirar que a menina Marshall fosse o alvo do seu irmão.

Também, não era surpreendente, que não tivesse conseguido convencê-la. Edward bufou interiormente, quando ela lhe chamou

³ **Davies, (Sarah) Emily** (1830–1921), foi uma sufragista inglesa da Era Vitoriana e promotora da educação superior para as mulheres.

⁴ **Josephine Elizabeth Butler** (1828-1906), foi uma feminista e reformista inglesa da Era Vitoriana. Ela fez campanha em favor do voto feminino (sufrágio), de melhor acesso à educação para mulheres, igualdade perante a lei, fim da prostituição infantil e contra o tráfico de mulheres e crianças europeias para a prostituição.

⁵ **Speakwell**; em tradução literal, significa Falabem.

*mulherantropo*⁶, mas ele tinha-a subestimado muito mal, que agora queria saber se ele era o tipo de homem que não poderia valorizar uma mulher, simplesmente por causa do seu sexo.

Era um erro que precisava corrigir imediatamente se queria lidar com ela.

Inferno! Ele tinha ameaçado arruinar a sua reputação como se fosse uma debutante insignificante e recatada. Não era de admirar que ela não tenha reagido. Tinha sido como brandir uma faca de manteiga contra um talentoso espadachim.

A porta da pequena sala estava aberta. Podia vê-la numa correria à medida que o dia avançava. Ela e as outras mulheres passaram a maior parte da tarde terminando de escrever e metendo algumas folhas através da máquina, para em seguida, examinarem a cópia resultante. Podia ouvi-las a discutir, de forma amigável, sobre lembranças passadas. A menina Marshall deixou-as pouco tempo depois.

Em vez de voltar para os arquivos, Edward abriu um pequeno caderno de esboços. Outros homens gostavam de guardar os seus diários, e ele gostava de guardar os seus desenhos. Havia algo sobre experimentar a forma de detalhar e memorizar, um novo esboço ou dois.

Tentou recordar-se da melhor forma que podia do seu escritório. Podia ver cada arranhão da sua mesa, lembrava-se da pilha exata de papéis, da posição do tinteiro e da caneta. Desenhava com linhas rápidas e seguras.

Mas quando, tentou desenhar a menina Marshall, a sua memória o traiu. Ela tinha cabelo castanho, em um coque simples, usava um vestido cinza escuro simples com punhos pretos. Mas, nenhuma das linhas que ele desenhava no papel, parecia capturá-la. Estava faltando algo — *algo vital*. Edward não sabia o que era.

⁶ Pela etimologia significa; Mistura de Mulher + misantropo, que é alguém que odeia mulheres, um misógino.

Às três da tarde, Free voltou a aparecer. Fechou o seu caderno, pegou noutro jornal, que tinha sido publicado há nove meses e fingiu estar absorvido nele.

Chegou até à sua porta, carregando um saco de papel, que levantou.

— Um sanduíche, Sr. Clark?

Ele abaixou o jornal.

— Você também está me alimentando? Por que razão, menina Marshall? Quase posso supor que se importa comigo.

— Eu tenho um irmão mais velho. — disse, entrando na sala — E ele se queixa amargamente se perde uma refeição e eu não tenho nenhuma vontade de ouvi-lo a choramingar durante a noite.

Edward bufou.

— Eu não choramingo. Nunca.

— Bem, agora podemos ter a certeza de que não vai. — entregou-lhe o saco — Tem água e sabão na frente, se quiser tratar... — ela parou e franziu a testa. — você nem tirou as suas luvas. Deveria ter-lhe avisado, que é mais fácil tirar a tinta das mãos do que no tecido.

— A sério? — ele olhou para ela — Menina Marshall, eu vi as suas mãos. Já conseguiu tirar toda a tinta?

Ela sorriu-lhe com orgulho.

— Não. Eu estou marcada para toda a vida.

— Foi o que pensei.

— Nós temos um jornal que precisa de estar no trem às quatro horas. Se me der licença... — ela deu-lhe um aceno com a cabeça em reconhecimento e, em seguida, se afastou.

Ele reabriu novamente o seu caderno. Definitivamente, faltava *algo* no esboço... devia ser algum truque de luz ou a falta de expressão que tinha falhado. O seu desenho sobre ela, estava pálido e insubstancial, comparado com a realidade da menina Marshall ao vivo. Ele a tinha

subestimado uma vez, agora seria uma técnica ridícula voltar a fazer uma segunda vez.

Estava tentando descobrir o que estava faltando, quando a porta da frente se abriu e um homem entrou.

Edward imediatamente ficou em alerta. Manteve o seu olhar firme no bloco de notas, não deixando de prestar atenção na sua visão periférica. O homem que acompanhava a menina Marshall, era mais alto agora do que Edward se lembrava. Os músculos, bem desenvolvidos pela atividade do remo, eram novos. Mas era, sem dúvida, Stephen Shaughnessy. Edward podia ouvir o tom do seu discurso a partir daqui. Sua voz tinha-se aprofundado, tinha um som alegre e um toque de sotaque irlandês, um traço da sua mãe, mas que foi suavizando com a vivência em Inglaterra. De súbito foi invadido por uma não desejada emoção.

Insignificante Stephen. Irritante Stephen. — *O estúpido* — Era como ele e Patrick o chamavam, quando ele era particularmente divertido e eles não queriam admitir isso. Ele não se tinha tornado menos *estúpido*, se as suas colunas provavam alguma coisa.

Insultar os outros não mudava nada. Edward ainda ansiava algo, mas nem ele sabia o que ansiava. Disse a si mesmo, um milhão de vezes, depois que foi expulso do Consulado, que não tinha um irmão e família.

Ver Stephen provava que era mentira. Edward, afinal tinha um irmão mais novo. Possivelmente, não estava relacionado com ele por laços de sangue, mas era seu irmão, no entanto.

Stephen inclinou a cabeça para a menina Marshall, ficando próximos. Free mal alcançava o queixo de Stephen. Ela levantou a cabeça e apontou-lhe um dedo, e ele lentamente, levantou as mãos em sinal de rendição, dizendo algo e ela riu.

Edward olhou para baixo e virou a página do seu caderno. Todas as características de Stephen queimavam na sua mente — o seu nariz afilado,

os olhos maliciosos, a inclinação do seu sorriso. Ele quase podia visualizá-lo, já desenhado na folha em branco, com as marcas do lápis, antes mesmo de terminar.

Ele não quis fazer o desenho dele, só o fato, de ter imaginado o esboço do desenho, já lhe era difícil.

Obtenha algo a respeito, pensou. Fique distante. Esteja a salvo. Estou sem vida, mas não vou permitir que a minha família te machuque novamente.

Ele não olhou para Stephen, enquanto pensava nisso. Em vez disso, Edward balançou a cabeça, pegando no jornal e voltando à leitura.

Stephen tinha um quarto num edifício que ficava perto do rio Cam.

Estavam junto à margem do rio, vindos por uma trilha pedestre, ficando escondidos por uns arbustos. Free levava uns binóculos de ópera na mão para que pudesse ver melhor. E o Sr. Clark não levantou qualquer objeção em sentar-se sobre as folhas e galhos, com ela.

Ela não conseguia compreendê-lo. Tinha mentido para ela e ele alegremente admitiu isso com um sorriso. Tentou chantageá-la, mas deu de ombros com ar complacente quando se recusou a ser ameaçada. Era, sem dúvida absoluta, um canalha, mas o canalha de melhor índole, com quem ela tinha tido que trabalhar.

— Foi para Cambridge? — ela perguntou-lhe.

Deu-lhe um olhar incrédulo.

— Por quem você me toma? Por um desses dândis empinados, sempre discutindo sobre cláusulas latinas? — ele deu de ombros — Se pretende segurar os binóculos, mantenha os olhos em direção à sala, se não quisermos perder nada.

Apesar de tudo, não lhe retirou os binóculos. Free suspirou e manteve o olhar na sala de Stephen. Ele tinha deixado a luz acesa, mas mesmo assim, estava ainda escuro o suficiente, para ela perder alguma coisa de vista, caso não prestasse atenção.

— Já estive em algum *lugar*. — ela questionou — Algum lugar, antes de ter vivido na França. É o meu palpite. Harrow, talvez? Quando fala, detecta-se uma pitada de algo.

Ele bufou e olhou para longe.

— Eton.

Free bufou de volta para ele.

— O meu irmão também foi para Eton. Eu reconheceria *isso*. Está mentindo para mim.

— Claro que estou. Somos parceiros relutantes menina Marshall e não amigos trocando histórias de infância. Outro homem poderia não ter dito aquilo, mas disse-lhe com um traço de humor, como se fosse uma piada, por se verem forçados a estarem em companhia um do outro.

— Ah! Então, devemos nos sentar em silêncio sepulcral?

— Não. — respondeu ele — Estou perfeitamente feliz de ter você para me entreter, se você preferir. Diga-me, qual foi o resultado da partida do Hammersmith-Choworth, nesta manhã? Fiquei bastante isolado esta tarde e não tive a oportunidade de descobrir.

Free baixou os binóculos e se virou para ele.

— Somos parceiros relutantes, Sr. Clark! — ela imitou-o — Não sou sua secretária para retransmitir-lhe as novidades.

Ele deu de ombros.

— Como é mulher, não sabe. Acha que o pugilismo é muito violento, que é indigno de você?

Free teve um ataque de riso.

— Oh, não. Se acha que pode definir-me como "*como sou mulher*"

está muito enganado. É terrivelmente banal que todo mundo pense dessa forma. Tinha uma opinião mais elevada sobre você.

Houve uma pequena pausa. E em seguida, ele balançou a cabeça tristemente.

— Está certa. Isso foi um clichê horrível. Da próxima vez, tentarei fazer melhor, para provocá-la para responder.

Free sentiu pena dele. Levantou de novo os binóculos e olhou em direção da janela iluminada.

— Choworth caiu após doze *rounds* para Hammersmith.

— Hammersmith ganhou! Não está inventando isso! Ele conseguiu derrotá-lo, então? Sei que Hammersmith é mais rápido, mas Choworth tem um soco muito forte! Eu vi-o...

— Tenha cuidado, Sr. Clark. — Frederica sorriu — Está usando muitos pontos de exclamação.

Houve silêncio.

— Bem! É verdade. — Edward suspirou — Sabe que o boxe é a única coisa que de eu sentia falta de Inglaterra. Rastreava jornais ingleses, era só assim que poderia saber os resultados dos meus lutadores favoritos. Sou fanático por luta desde de menino. Acho que é a única coisa que não mudou ...

— Choworth, aparentemente aterrou após alguns golpes para a direita, no nono *round*. — disse Free, fazendo uma pausa — Hammersmith caiu, mas lutou com os seus pés. Mais tarde, o relato da tarde do *Times* dizia que os espetadores pensavam que ele estava acabado.

Ele moveu a cabeça para ela.

— Você sabe isso porque lê todos os jornais dos seus rivais como uma questão natural, ou porque realmente segue o desporto?

— Quando era criança, o meu pai costumava levar-me aos jogos. — Free sorriu — Nós ainda vamos juntos. Interprete como quiser.

— Hmm. — Sr. Clark bufou — É injusto.

Antes que ela pudesse perguntar, o que ele quis dizer com isso, a porta do quarto de Stephen foi aberta. Free fez um gesto para fazer silêncio e olhou para a janela com os binóculos. Um homem estava lá dentro, usava um gorro escuro, sob a sua cabeça

— Está alguém lá... — disse sr. Clark.

— Droga!

Ela se perguntou se todo esse bom humor, se seria decepção, ou se, talvez o odiasse e era extremamente bom, em esconder isso.

Essa palavra a convenceu do contrário. Havia uma fúria reprimida, ficando tenso ao seu lado, com os olhos brilhando.

— Droga! — ele repetiu — Eu esperava... — *realmente esperava* — que ele fosse colocá-lo de fora.

Isto, também poderia ser atuação, afinal tinha sido este homem que forjou uma falsificação na frente dela, sem piscar um olho.

Free manteve o seu olhar sobre o homem que estava no quarto de Steven. O sujeito parou na frente da penteadeira de Stephen, depois virou-se para a mesa e, em seguida, depois de ter parado novamente, saiu pela porta mais uma vez.

Ela levantou-se.

— Vamos.

Desceram e seguiram o caminho pela ponte. Ele não tentou ultrapassá-la, sabia que seria fácil, ao imaginar as dificuldades, que teria devido às saias pesadas e ao espartilho. Porém, manteve o mesmo ritmo dela, caminhando facilmente ao seu lado. Quando chegaram à parede exterior do dormitório, ele fez uma pausa.

— Se eu lhe der uma ajuda, pode chegar até a sua janela?

Ela nem sequer hesitou.

— Claro que sim!

Sem lhe dar tempo, para que se pudesse preparar, ele pegou-a pela cintura e virou-a. Ela teve uma breve sensação da sua força e do poder dos seus músculos, mesmo antes de tocar com as pontas dos dedos na borda da janela de Stephen. Free tentou agarrar com firmeza a borda, mas acabou por deslocar-se, mas uma mão veio sob o seu pé, impulsionando-a, e conseguindo assim, entrar no quarto de Stephen.

— Precisa da minha ajuda para subir? — sussurrou Free, pela janela.

— É muito atenciosa. — foi a sua resposta, enquanto arranjava um modo, de subir, um ponto de apoio aqui, um ponto de apoio acolá. E antes que ela se apercebesse, ele estava no peitoril da janela, quase sem alterar a respiração.

Seus olhos se arregalaram.

— Posso dizer que não é um cavalheiro, — dizia, enquanto o puxava para o quarto — você é muito forte.

— Ah, você notou. — ele se endireitou, afastando as mãos de cima da janela, dando-lhe um sorriso malicioso. — Já fiz alguns pesos. Mas podemos falar, o quão atraente são os meus músculos, noutra momento, quando *não* estivermos a entrar ilicitamente num edifício.

Se viesse de outro homem, tal presunção, teria sido francamente perturbador. Mas o Sr. Clark não a olhou lascivamente, nem lhe piscou. Ele não balançou as sobrancelhas para ter certeza que ela tinha entendido as implicações lascivas. Simplesmente virou-se e estudou o quarto, como se ele não tivesse dito nada fora de comum. Era como se tivesse dito apenas a verdade.

E talvez ele tivesse.

Free cobriu a boca para não rir.

— É melhor que procure você... — disse ele — dessa forma pode ter a certeza que eu não coloquei nada. Assim, pode-me vigiar.

Parecia-lhe estranho, vasculhando a cômoda de Stephen, mesmo que

ele tivesse dado a sua permissão. Parecia uma invasão da parte dela. Finalmente encontrou um anel, — *uma peça feia de ouro, baço e de cor âmbar* — entre as suas gravatas.

— Aí! — Disse ela — É isso aí! Você estava certo sobre isto.

Ela continuava reticente sobre confiar nele.

— Pegue. — Ele gesticulou — Vamos sair daqui, antes que sejamos descobertos.

Ela não confiava nele, mas se comesse a se deixar levar, poderia vir a gostar dele. Era um homem inteligente, descontraído e não se ofendia por nada nem pela inteligência dela.

Era uma pena, que ela tivesse que terminar a sua camaradagem temporária.

Free foi até à porta.

— Existe uma última coisa que eu preciso de fazer. — eles tinham falado, todo este tempo em sussurros, porém, ela não se preocupou em moderar o seu tom de voz, ao dizer-lhe.

Ele fez uma careta.

— Fale baixo. Podem ouvi-la.

Era esse o objetivo. Free levantou a mão e o Sr. Clark deu um passo adiante, mas antes que ele pudesse alcançá-la, ela bateu duramente na parte interior da porta do quarto de Stephen.

— Pode entrar agora, Senhora Simms. — Disse Free, com voz controlada — Vamos ver o que temos aqui.

Capítulo Cinco

Edward tinha balançado para fora da janela, antes que ele tivesse a chance de pensar no que a menina Marshall estava fazendo. Seu coração estava batendo, suas mãos estavam pegajosas.

Mas em vez de saltar para o chão imediatamente, ele posicionou-se com os seus calcanhares, encontrando apoio, contra a parede áspera do edifício, com as mãos envoltas na hera.

— Bem querida... — ele ouviu uma voz mais velha — Foi como pensou?

— Temo que sim! Afinal, existe um anel aqui.

A idosa mulher resmungou.

— É um negócio feio, menina Marshall. Um negócio feio. Que bom que se apercebeu a tempo. Stephen é um querido.

Aparentemente, nem todo o mundo o odiava. Edward já não falava com Stephen há anos, porém, não se surpreendeu que ainda ganhava o carinho das mulheres.

A outra mulher parecia desagradaada.

— Eu posso garantir, que ele não esteve aqui toda a noite. Fui ver as suas coisas, por volta das três da tarde, depois que ele saiu, e não vi nada.

Ah! Edward inclinou a sua testa contra a pedra fria. Ela tinha arranjado um plano de reserva, no caso que eles falhassem o seu objetivo. Inteligente.

É claro que ela não lhe tinha contado sobre isso. Isso mostrava que era muito inteligente. Certamente, também não teria dito a ele ou a

qualquer um. Deve ter sido quando deixou o seu jornal, — ela certificou-se de que, se ele estava mentindo para ela, Stephen estaria protegido de qualquer maneira. E então, ela trouxe-lhe um sanduíche.

Porra, ele a respeitava por isso.

— Vou levá-lo... — disse a Sra. Simms — e quando esse clamor aparecer, dizendo que *faltam coisas*, vou revelar tudo. Mas, menina Marshall, não pode ser encontrada aqui. Sabe o que eles vão dizer. Tem que partir...

— É uma querida. O Sr. Simms que me envie uma mensagem, caso precise de saber alguma coisa.

Ele podia ouvi-la, enquanto falava e se aproximava da janela. Saltou para o chão e esperou.

Ela passou por cima da borda, olhou para baixo e viu-o.

— Ainda está aqui... — disse ela, surpreendida.

— Esperando... — disse ele, em voz baixa — vou apanhá-la.

Ela não hesitou. Ela passou as pernas sobre o batente, — viu um lampejo de uns tornozelos com meias e anágua brancas — e em seguida, deixou-se cair. Ele passou os braços em volta dela.

Sentiu-se um pouco desconfortável em deixá-la deslizar ao longo do seu corpo. Mas, um desconforto, da melhor maneira possível. Ele estava bem ciente de cada leve toque, até ao último tecido. Ela tinha uma fascinante fragrância, um perfume doce e selvagem, como lavanda. Edward não queria largá-la quando os dedos dos seus pés tocaram o chão.

Ele soltou-a e deu alguns passos para trás.

Quando ele a olhou, ela estava sorrindo.

— Está com raiva de mim? — perguntou-lhe docemente.

— Claro que não. Disse para não confiar em mim e o não fez.

Sempre que ele achava que sabia o que esperar dela, ela perturbava as suas expectativas. Ele sentiu-se golpeado e inseguro.

Além disso, gostava de boxe.

Deus, isso era ruim. Muito, muito mau.

— Bem! — disse ela, dando de ombros — Temos que falar.

Mau foi instantaneamente para pior. Falar nunca foi uma coisa boa.

Edward olhou-a com cautela,

— Temos?

— Sim. — Dando-lhe um sorriso repentino — Não me dê esse olhar.

Você é que sugeriu que, depois de tudo, nós deveríamos falar sobre o quão atraentes são os seus músculos.

Sua boca ficou seca. Não adiantava fingir mais. Ele desejava-a, — tudo acerca dela — desde o seu sorriso atrevido até ao funcionamento interno da sua mente inteligente

Deu um passo em direção a ela.

— Ah! Infelizmente... — disse ela — vamos ter que adiar essa discussão. Afinal de contas, tenho um jornal, que tem que ser entregue no correio às quatro horas.

Ele não podia acreditar. Ela... brincou com ele. Incompreensivelmente, ridiculamente, odiosamente. *Ele* é que deveria ser o canalha aqui e *ele* deveria estar colocando-a nervosa.

— Não admira que não estava preparada para me deixar ser o bastardo, igualmente enlouquecedor ou brilhante, esta tarde. — Ele disse a ela. — Estava a acumular todo para si mesma. Bem jogado, menina Marshall. Muito bem jogado.

Ela deu-lhe um sorriso, — que ele só poderia qualificá-lo como loucamente provocador — e, em seguida, virou-se. Suas saias batiam em torno dos seus tornozelos, enquanto ela se afastava dele com passos rápidos e seguros, como se soubesse o seu destino. Como se não tivesse nada a ver com ele.

Edward tinha a estranha noção de que, depois de tantos anos de uma

vida tediosa, que todo o seu mundo, de repente começou a girar em torno dele. Teve essa sensação, desde que tinha sido puxado da sua órbita, na margem do rio Tâmis.

Ela deu-lhe a vertigem mais surpreendente e ele deveria ter odiado.

Mas não o fez — *nem um bocado*.

Edward nunca tinha estado no estábulo do Barão Lowery, mas foi atingido por uma sensação de familiaridade, no momento que entrou. Os pregos pendurados nas paredes, o cheiro de óleo e ervas, a disposição das ferramentas... Os melhores momentos de sua infância, tinham sido passados num estábulo semelhante a este.

A familiaridade era uma coisa boa, depois dos acontecimentos extremamente estranhos da última noite.

Enquanto caminhava pelo corredor, um cavaleiro apareceu perto de uma baia, com uma expressão perplexa no rosto.

— Posso ajudá-lo? — A voz do rapaz estremeceu na última sílaba.

— Estou à procura de Shaughessy. — disse Edward, mantendo uma expressão calma e descontraída, mesmo tendo o seu coração acelerado. Já não via Patrick há anos.

— Ele está à sua espera, então? — perguntou com dúvida.

— Não, mas ele irá querer me ver.

— Neste momento? — o rapaz franziu a testa — O dia está quase no fim. O negócio não pode esperar?

— Eu não estou aqui em negócios.

Houve uma pausa longa e o menino abriu a porta da baia e fechou-a com cuidado atrás dele.

Edward conhecia o gesto — este menino, certamente tinha sido

advertido para verificar a trava corretamente. Ele também conhecia a admoestação.

O menino esfregou as mãos.

— Vou ver se ele vem. A quem o devo anunciar?

— Sr. Clark.

Não dando qualquer tipo de reconhecimento, o menino deu de ombros e desapareceu. Edward esperou.

Fazia anos que ele não incomodava Patrick. O seu amigo nunca tinha falado uma palavra da dívida que Edward tinha incorrido. Ele não iria — Patrick não era o tipo que comentava o que deve o quê e a quem. Era por isso que tinha de manter a dívida a seu favor. Essas dívidas nunca iriam se equilibrar. Todo o que Edward podia fazer era mantê-las controladas.

A porta atrás de si abriu.

— Edward, seu grande idiota. — disse um homem.

Edward virou-se. E antes que pudesse ter um vislumbre de seu amigo, Patrick estava sobre ele, envolvendo os seus braços num abraço.

— Não respondeu à minha carta, nem com uma palavra, — disse Patrick — nem com um telegrama ou uma nota, ou nem mesmo com uma bandeira vermelha a agitar numa distância nebulosa... pensei que você devia...

— Pensou que não iria ajudá-lo? — Perguntou Edward sério.

Patrick se afastou, segurando Edward pelo comprimento do braço.

— Não seja ridículo, sabia que viria por mim. Mas, quando percebi que você devia estar em Inglaterra, pensei que talvez não viesse visitar-me.

Edward tinha considerado fazer isso. Não havia uma pessoa no planeta que o conhecesse tão bem como Patrick, e ele tinha uma visão exageradamente boa, sobre os seus defeitos. Fazia-o sentir-se desconfortável perante o seu amigo. Não era apenas as coisas que Edward tinha feito, era a maneira como Patrick era, ele não mentia, não trapaceava,

era honrado, justo e confiável — tudo o que ele não era.

Foi devido a um acidente no passado, — com a convicta recusa de Patrick para lhe virar as costas — que se tornaram amigos. Edward sentia-se culpado por manter esta amizade. A sua presença era corrupta.

Ele tinha erradicado a culpa de todos os outros aspetos da sua vida, mas não conseguia se livrar dele. Ele amava o seu amigo, o que o fazia sentir culpado, por pensar nisso.

— Estava na vizinhança. — Disse Edward à toa — E pensei visitá-lo.

— Humm, na *vizinhança*... — Patrick sorriu conscientemente — então, está aqui por um impulso?

Tinham sido várias horas por via férrea.

Patrick socou Edward no ombro.

— Idiota. Pelo menos, assim posso agradecê-lo pessoalmente. Já é tarde o suficiente para que possa considerar o fim do expediente de trabalho, certo? Sendo assim, anda jantar comigo.

— Já está se retirando? — Edward levantou uma sobrancelha, tirando o relógio do bolso, fingindo incredulidade. Examinou com fingida serenidade. — Mas, nem são seis. Ousa deixar o trabalho, *nove minutos mais cedo*?

Patrick contemplou-o com o rosto sério.

— Não, não. Você está certo. Deveria fazer uma última ronda, certificar-me que tudo está em ordem.

— Estou a brincar.

Patrick balançou a cabeça tristemente.

— Porém, eu não estou.

Enquanto Edward esperava o seu amigo, que se ocupava a verificar minuciosamente a aveia e a água. Assim era Patrick. Assim também tinha sido o pai de Patrick, um mestre estável da propriedade, onde Edward tinha crescido.

Estranhamente, foram as lições que Edward tinha aprendido com o homem que o fizeram tornar-se um canalha competente. *Faça tudo em busca da perfeição. Pense sobre as questões do ponto de vista de todos. Poucos segundos gastos na verificação, podem impedir um dia de desastre.* Não importava se era sobre comércio de cavalos ou de falsificação, ainda eram excelentes conselhos.

Quando Patrick terminou, — eram seis e dezesseis — conduziu Edward aos seus aposentos, uma pequena casa de dois quartos, que ficava a cerca de meia milha distante dos estábulos. Ele lavou as mãos e, em seguida, colocou uma chaleira no fogão.

— Você ainda tem a miniatura... — comentou Edward.

O quadro pintado estava numa prateleira sobre a lareira, era uma imagem com dois meninos sentados nas margens de um rio, atrás deles tinha galhos de árvores, e tinha sido desenhado de forma pouca hábil a óleo. Com os cabelos castanhos mais curtos e magro, a apontar para o céu, era a versão mais jovem de Patrick. Edward o tinha pintado, olhando para o espectador.

Isso tinha sido devido à falta de imaginação — tinha-se pintado como se via no espelho — em vez da escolha artística.

Olhando nos olhos da criança, que ele tinha sido uma vez, teve uma sensação estranha. Aquele menino tinha olhos escuros inocentes e um sorriso verdadeiro, que não continha uma ponta de cinismo. Os outros olhos pertenciam a outra pessoa. Era uma ilustração de uma história, que dizia e representava sobre si mesmo, muito simples e doce para ser real. Gostaria de poder apagar essa imagem.

— Claro que tenho a miniatura. — Disse Patrick — Por que eu iria livrar-me dela?

Momentaneamente, ele desapareceu indo para o porão, voltando com par de salsichas e colocando-as a assar no fogão.

Edward desviou o olhar e acenou com a cabeça.

— Suponho que você não tem a minha outra pintura.

— Qual? A do Byron o Bear⁷, sendo derrotado pelo Wolf⁸?

Foi, quando leu num livro, a respeito de uma luta de boxe, o qual devorou, que capturou a sua imaginação. Tinha-o recriado muitas vezes, e quando Edward se formou em pintura, capturou esse momento em telas completas, sendo um dos seus primeiros triunfos.

— Não... — Patrick disse tristemente — não poderia levar isso comigo quando nós... saímos.

Patrick queria referir-se, quando o pai de Edward o tinha chicoteado, por Edward o ter persuadido a falar, quando não o deveria ter feito. E quando a sua família foi expulsa depois de doze anos de serviço.

— Mas, chega de falar dos velhos tempos. — Comentou Patrick, enquanto virava as salsichas no fogão — Só lhe pedi para falar com o seu irmão, depois do Barão Lowery me ter dito que tinha ouvido coisas perturbadoras acerca dele. Mas, descobri a sua mão no último *round*.

— Stephen já lhe disse, não é?

Patrick piscou.

— Humm, não. Li isso no jornal.

Os olhos de Edward se arregalaram.

— Você *leu* sobre *mim* no jornal? Oh, por G... — lembrando-se na hora certa que Patrick não amaldiçoava, tentou encobrir a blasfêmia com uma tosse — por amor a George... — continuou mais calmamente, mesmo sabendo que não estava enganando o seu amigo. — O que dizia o jornal?

— Não era sobre você. — Patrick disse lentamente, atravessando a sala e indo até a sua mesa, abrindo uma gaveta — Ah, aqui! Leia-o você mesmo.

⁷Nome de um lutador: *Bear* significa urso

⁸Nome de um lutador: *Wolf* significa lobo

Edward aproximou-se dele. Era uma coluna com cerca de 5 centímetros e, estava na segunda página da *Women's Free Press*, e tinha escassez de detalhes. Uma faxineira tinha visto um homem entrando no quarto de um estudante. E naquela tarde, ela tinha ajudado o estudante a empacotar algumas coisas, para uma visita repentina, portanto, as suas suspeitas foram despertadas. Após examinar o quarto, descobriu que o homem tinha deixado um anel para trás — que ela sabia que não estava presente quando o estudante deixou o seu quarto, pois ela mesma tinha examinado as suas gavetas, enquanto embalava os sacos.

Nós não especulamos, sobre o motivo daqueles que tentaram colocar a culpa no estudante inocente. O jornal terminou piamente. Notamos, no entanto, que o estudante é conhecido pelos nossos leitores, como Stephen Shaughnessy, o autor de uma coluna regular neste jornal.

A menina Marshall não lhe tinha dito que ia relatar o evento no seu jornal. Claro, que foi uma ideia brilhante, desta forma obteve testemunhas para a inocência de Stephen. E a sua história tinha sido lançado primeiramente por seu jornal evitando futuras tentativas de implicar ou incriminar Stephen que seriam vistas com o maior ceticismo. Ela não lhe tinha mentido na noite passada, quando o deixou, ao dizer-lhe que tinha um jornal para ser entregue.

Obviamente, era a sua maneira de deixá-lo saber que ela não iria fazer o seu lance em silêncio, que tudo o que ele tentasse, ela poderia fazer melhor. Ela teve distribuição de... — Edward virou o jornal, e verificou — cerca de cinquenta mil assinantes. Tinha anos de uso do seu negócio como uma arma e se por acaso ele a irritasse, colocaria a arma na sua garganta.

E tolamente considerou que poderia entrar em sua vida e ditar-lhe sobre o que fazer.

— Você está sorrindo. — Comentou Patrick.

— Claro que estou sorrindo — Edward colocou o jornal em cima da

mesa — você assina um jornal que se apresenta como sendo: *por mulheres, para mulheres e sobre as mulheres*.

Patrick torceu o nariz.

— Isso não foi feito como uma crítica relativamente ao seu gosto. — Edward apressou-se a acrescentar.

— Deve-se lembrar que o meu irmão, escreve para o referido jornal.

— Disse o amigo rigidamente — E eu subscrevo por orgulho fraternal.

— Claro.

— E a menina Marshall é extremamente inteligente. — Disse Patrick — O simples fato de ser uma mulher e escrever para mulheres, não muda nada.

Edward já estava a começar a perceber isso e era um eufemismo.

— Claro! — Disse Edward laconicamente.

— Conheci uma vez a menina Marshall, — continuou Patrick — aliás, percebo que você também. E eu *gosto* dela. Já lhe contou, quem você é?

— Uma mulher que fura os segredos para o consumo público? É claro que não disse a ela. Menti para todos. Em alguns meses toda a matéria será discutida de qualquer maneira. Edward Dalacey será oficialmente morto e James será visconde. Se continuar mentindo o tempo suficiente, não vai ser mesmo uma mentira.

Patrick beliscou os lábios. É claro que não aprovava, mas ele tinha ido procurar Edward depois de Estrasburgo, e ele compreendia.

Patrick sabia que James tinha mentido para o Cônsul deixando Edward no caminho do progresso do exército. Tinha sido informado sobre os projéteis e os fuzis de percussão, sobre as semanas na brigada de fogo. Isso teria sido o suficiente para atormentar qualquer homem, mas, em seguida, aconteceu o que aconteceu, depois de a cidade se ter rendido. Patrick poderia não concordar com a mentira de Edward, mas entendia por

que não queria voltar.

Patrick suspirou.

— Pelo menos deixe-me dizer ao Barão Lowery...

— Não. — Edward levantou-se — Isso seria quase tão ruim quanto dizer à menina Marshall. Não me importo o quão profunda é a sua... amizade com ele e nem o quanto confia nele. O seu empregador pertence ao Comitê para Privilégios e James deve se apresentar com o seu pedido, para se juntar a eles na Câmara dos Lordes, antes de lidar com a organização inteira. Acha que Lowery irá permanecer em silêncio, quando James afirmar que o seu irmão mais velho, presumidamente está morto?

Patrick desviou o olhar.

— É improvável. É precisamente por isso, que eu acho que deveria contar-lhe.

— Ah não. Não, eu não vou contar.

— Você vai deixar James, ser o próximo visconde, sabendo que *isto...* — James bateu com mão contra o jornal — é como ele irá usar o poder? Eu sei que a ideia de assumir, é um anátema⁹ para você, mas Edward, você poderia fazer algo de bom. Pense nisso.

— Você pensa assim, — Edward rosnou — de todas as pessoas, deveria entender. Eu não faço o bem.

Patrick bateu no papel mais uma vez.

— O que é isto, então?

Patrick bateu no jornal mais uma vez. "O que foi isso, então?"

Edward sentiu a garganta estreitar. Tinha planeado esgueirar-se numa sala como um ladrão, simplesmente para frustrar os planos do seu irmão. Mas foi a menina Marshall, que alistou outros planos, que tinha decidido por si mesma fazer uma manobra pública, desta forma concedendo proteção a Stephen.

⁹ Maldição, vergonha, opróbrio.

E ele? Bem, tentou chantageá-la.

— As suas salsichas estão queimando — informou Edward do seu lugar.

Realmente estavam, tinham ficado muito tempo na mesma posição. O invólucro tinha carbonizado e estava toda desfeita. Patrick fez um barulho de irritação na sua garganta e tirou a carne.

— Qual seria o ponto? — perguntou Edward — Fazer o bem? Nós dois sabemos, melhor do que isso, que eu já não sou um idealista de cabeça quente, e mesmo se fosse, estaria sufocado num mar de homens velhos, determinados a proteger as suas prerrogativas. Não tenho nenhum desejo de gastar a minha vida contra essa futilidade particular.

Patrick espetou as salsichas com um garfo.

— Você realmente não acredita nisso.

— Olha o que fiz com a minha vida, Patrick, e diga que não acredito nisso.

Seu amigo olhou-o fixamente.

Nisto, a porta da casinha foi aberta. Edward não sabia quem era o homem que estava ali, olhando para ele. Mas podia descobrir a sua identidade pela expressão tensa que cobria o rosto do homem.

— Oh! — Exclamou o recém-chegado — Ah, Sr. Shaughnessy, estou... interrompendo alguma coisa? Eu...tenho uma dúvida, sobre a égua cinzenta.

As narinas de Patrick chamejaram. Colocou o garfo sobre a mesa.

— Olá George! — Cumprimentou ele — Este é Edward Clark — lançando um olhar irritado a Edward. — Estava esperando para apresentá-los. Posso fazê-lo *corretamente*?

A ênfase, da última palavra, deixou poucas dúvidas, sobre ao que ele se referia. Era sem dúvida, irritante para Patrick mentir, sobretudo mentir para o Barão Lowery, de todas as pessoas, era o que lhe custava mais.

— Sinto muito. — Lamentou Edward — Não existe nada de bom em mim.

Barão Lowery tinha uma expressão interrogativa no rosto, enquanto o olhava sem pestanejar.

— Bem! O amigo mítico é real.

— Nem um pouco, — disse Edward despreocupadamente — sou como um unicórnio. Você irá convencer-se em pouco dias de que eu não passava de um cavalo confundido na penumbra. Devo ir embora.

— Edward! — Patrick suspirou — Acabou de chegar aqui. Não pode...

— Eu posso. Devo voltar para a minha última tarefa depois de tudo. Ainda não chegamos a uma conclusão.

— Sim, mas...

— Você me pediu para ajudar. Eu não posso fazer qualquer outra coisa do que pediu, mas isto... — Edward sorriu tristemente — esta tarefa precisa de alguém como eu. Não se preocupe com Stephen. Vou certificar-me de que fica seguro. — Edward acenou com a cabeça — Barão! Patrick!

Edward passou pela porta antes que ele pudesse refletir melhor. Já estava escuro, a noite era quebrada pela fraca luz das estrelas, indistintas. Encontrou por acaso o caminho e continuou o trajeto em direção à estrada principal, da melhor forma possível na penumbra.

Ele ouviu passos atrás dele, todavia não olhou para trás, mas quando uma mão agarrou o seu pulso, forçosamente o fez virar-se.

Não era Patrick. Era o Barão Lowery encarando-o.

— Veja bem... — disse o homem — eu não entendo uma coisa, a amizade que tem com Patrick. Não sei quem você é, mas se o machucar, vou perseguir você e *pulverizá-lo*.

O homem era mais baixo do que Edward, e ele tinha passado os últimos anos em trabalho manual. Simplesmente se ergueu em toda a sua

estatura e olhou o Barão.

— *Você irá protegê-lo?* — Edward rugiu.

Mesmo com a luz das estrelas, ele podia ver que o outro homem estava ruborizado. Lowery tinha que saber o que revelava. Um Barão enfrentando outro, para salvar o seu mestre do estábulo, insinuando um insulto. Certamente, ele não assumiu que Edward era um homem grande.

— Sim! — Sussurrou Lowery — Eu irei!

Edward não pode fazer o correto até agora, mas a sua amizade não tinha beneficiado muito Patrick. A melhor coisa que podia fazer por seu amigo era afastar-se.

E assim, ele se aproximou e colocou a mão no ombro do outro homem.

— Bom! Vou cobrar isso de você.

Antes que Lowery pudesse piscar mais uma vez, Edward se virou e foi embora.

As flores amarelas estavam a crescer alegremente nos seus vasos, a janela estava aberta alguns centímetros e a brisa da primavera que se filtrava era doce e refrescante. Tinha chá e torradas em cima da mesa e Free estava cercada pelas suas melhores amigas. Duas noites atrás, ela tinha conseguido uma vitória completa e plena.

Apesar de tudo isto, esta manhã, sentia-se um pouco menos vitoriosa.

— Outra coluna foi copiada — informou Alice, colocando à vista um recorte de um jornal — o *Manchester Times*. Aqui, é quase exatamente igual à sua argumentação do projeto de lei Reed. Existem frases completas copiadas.

Free franziu a testa.

— Como isso é possível? Eu não deixei qualquer um de vocês ver a coluna até que fosse corrigida. Tive cuidado desta vez.

— Então deve ser quando tiramos uma prova do jornal. — Alice deu de ombros — É a única opção.

Alice Halifax era prima de Free, da parte do seu pai. A sua família tinha crescido perto da mineração de carvão, até que a produção da mina esmoreceu. No pânico de 1873, ela e o seu marido tinham passado por tempos difíceis. Free pouco conhecia Alice nesse tempo, mas ela precisava de que alguém a ajudasse e assim o fez, sendo a melhor decisão que poderia ter feito. Alice era simples e direta, dizendo-lhe a ela e a Amanda, quando o jornal se extraviava, quando elas eram muito teóricas. Também lhes dizia quando elas eram muito condescendentes com as mulheres e que conhecia muito melhor os limites da sua posição, do que elas. Ela analisou todo o jornal; se Alice pensava que isso ia criar problemas, sem qualquer dúvida, isso ia acontecer.

Free suspirou.

— Sem dúvida que está certa Alice. Se diz que deve ser nas provas, então deve ser nas provas. — Ela colocou a cabeça entre as mãos — Mas, eu não quero que seja nas provas. — Se esse fosse o caso, os segredos não estavam sendo vendidos, por algum estranho que passava por seu lixo.

Alice deu de ombros, indiferente.

— Free, não adianta teimar sobre isso. A realidade é o que é.

Amanda, que estava sentada à esquerda de Free, foi mais dócil.

— Provavelmente não é o que está imaginando! — Disse brandamente — Você está supondo que a tia Violet, ou uma das outras pessoas a quem enviamos as provas por cortesia, para se rirem maliciosamente, enquanto as entregam aos seus inimigos. Basta pensar com raciocínio, o mais provável, é que seja um criado que roube os papéis da casa.

Free soltou um longo suspiro. Amanda estava certa, era um pensamento tranquilizador. Porém, Amanda era sempre uma influência calmante. Conheceram-se quase há uma década, quando Amanda e a sua tia Violet — agora Violet Malheur, a Condessa viúva de Cambury, uma mulher bem-sucedida e inteligente — anunciavam uma série de descobertas científicas, perturbando toda a Inglaterra da melhor forma possível. Amanda tinha ido com Free frequentar Girton um ano atrás. Depois de anos sendo amigas, foi-lhe fácil pedir a Amanda para se juntar ao jornal, quando começou a dar os primeiros passos. Agora, informava sobre várias leis do Parlamento, passava metade do seu tempo em Londres, tomando notas na Galeria das Damas.

Quando estava aqui, ela e Amanda compartilhavam a casa à beira de Cambridge e uma faxineira. O terreno onde tinha sido construída a casa, — alugada há alguns anos por Free e o que tinha sido capaz de arranjar — tinha sido uma vez, um campo de pastagem. O espaço também abrigava o edifício, onde estava a empresa, ficando a cerca de 50 pés de distância. Desta forma, quando trabalhavam, até mais tarde, à noite, na empresa, não eram incomodadas pelo barulho. A sua habitação, era uma casinha, com três quartos pequenos, mas sentia-se segura ali, cercada pelos seus amigos.

Ela balançou a cabeça.

— Bem, nós vamos descobrir quem está fazendo isto, e iremos detê-lo. — Hesitando por um momento — Na verdade...você se lembra do homem que esteve aqui no outro dia?

— Sr. Clark. — Amanda franziu a testa — Estou correta? Ele vai publicar conosco?

— Sim! Bem... — Free fez uma careta — Ele não está realmente aqui, para a publicidade.

— Que pena! Com a retirada de Gillam...

— Ele esteve aqui, porque afirma que o Honorável James Delacey,

— Free pronunciou sarcasticamente a palavra *Honorável* — está por detrás de tudo isto, das cópias. Não tenho a certeza, se podemos confiar no Sr. Clark. Na verdade, estou certa de que não podemos. Mas, também, pode estar dizendo a verdade.

Ela contou toda a história, quer dizer quase toda a história. Não mencionando sobre a chantagem e a falsificação. Ela também — de alguma maneira — não mencionou os elogios que o Sr. Clark lhe dera ou a sensação das suas mãos fortes na sua cintura, quando a impulsionou pela janela.

Amanda a escutava com crescente desaprovação.

— Free, — ela finalmente interrompeu — o que você estava pensando? Sair sozinha à noite, com um homem estranho? E se...

— Ela já tomou maiores riscos. — Disse Alice com menos rancor.

— Eu disse à senhora Simms onde estaria, — informou Free — e deixei uma carta, se caso alguma coisa acontecesse comigo...

— Oh, bom! — Amanda disse, revirando os olhos — Se a minha melhor amiga tivesse sido morta, poderia ter-me vingado da morte dela. Que conforto seria! Você tem de ter mais cuidado, Free. Eu já vi algumas das cartas que recebeu. E houve esse incidente, há dois anos com a lanterna e, há três semanas escreveram com tinta na nossa porta, na calada da noite.

— Bem. Mas não aconteceu nada. — Free desviou o olhar — Como disse Alice, fiz coisas mais perigosas por uma boa história. Se me esconder por causa disso, só porque as pessoas me enviam ameaças vis, então gastaria toda a minha vida encolhida sob um cobertor.

— Oh, não faça isso. — Amanda bufou. — Há uma enorme diferença *entre esconder debaixo de um cobertor e sair às escondidas durante a noite, com um homem que acabou de conhecer. Não me interessa se as suas credenciais são excelentes.*

— Oh! Mas não eram esterlinas¹⁰, de todo... — disse Free — Eu não teria confiado nele se fossem. Eram mais como um bronze manchado e, nos rimos juntos, sobre isso.

— Ainda pior. Tem que parar de tomar riscos Free e aprender a ter medo por uma vez na vida.

Como se isso fosse uma habilidade que se pudesse aprender. Free enrugou o nariz.

— A minha vida sempre foi um risco. Isso é o que significa, quando coloco o meu nome no topo do mastro e falo. Se alguém decide colocar um fim em mim, não há nada que eu possa fazer sobre isso, absolutamente nada, exceto cercar-me na ilusão da segurança. Se o Sr. Clark me quisesse matar poderia simplesmente ter ido ao meu quarto, no meio da noite com um garrote¹¹.

Trazendo-lhe à memória um dos seus pesadelos, uma imagem sombria e lúgubre, escondida na borda do seu pensamento consciente. Oh, ela estava com medo, nunca parou de ter medo, apenas tentava não deixar que isso a impedisse.

Alguns anos atrás, quando a sua tia faleceu, deixou-lhe um legado surpreendente, mas o dinheiro que ela recebeu não tinha sido a coisa mais valiosa que a sua tia lhe deixara. A sua tia Freddy, também tinha escrito uma carta dirigida a ela. *Um dia destes — tinha escrito — você irá aprender a ter medo. Espero que o que consegui economizar para você possa ajudá-la a ultrapassar qualquer obstáculo.*

Free manteve a carta na mesinha de cabeceira ao lado da sua cama. Freddy tinha razão, ela aprendeu a ter medo. Às vezes, se algum pesadelo

¹⁰ **Sterling**, no original, referindo-se à moeda, como fator de credibilidade (libra esterlina).

¹¹ **Garrote** ou **Garrotes** pode referir-se a:

a) Garrote vil - que se executa o estrangulamento sem suspensão do corpo do supliciado, que é mantido preso a um assento.
b) Garrote (torniquete) ou laço para parar a hemorragia num membro que sofreu uma lesão.

fosse particularmente ruim, Free retirava a carta e segurava-a, mantendo o pior dos seus medos na baia.

Ela balançou a cabeça afastando os seus pensamentos.

— Podemos discutir sobre o passado o quanto desejarmos. Mas, a verdade é que nada do que eu fiz, poderia ter parado um determinado agressor — nem com o meu bom senso e nem com a maioria das minhas modestas escolhas.

— Free! — Protestou Amanda.

Alice se inclinou sobre a mesa e acariciou a mão de Amanda.

— Ela está certa, Amanda. Se ela não corresse riscos não seria a mesma pessoa, era mais como... — Alice parou de falar, percebendo, o que estava prestes a dizer.

— Como eu. — Disse Amanda amargamente.

— Não. — Respondeu Alice — Você assume riscos, à sua própria maneira.

Free desejou poder dizer alguma coisa em resposta a tudo isso, mas, em vez disso, ela engoliu em seco e olhou para as suas mãos. Era tempo para mudar de assunto.

— Você está indo para Londres, na próxima semana, não é?

Amanda assentiu, dando um aceno com a cabeça.

— Então, gostaria que levasse algo para a Jane, se pudesse.

— Presumi. Se você acha que consegue manter-se viva sem um companheiro na casa... — Amanda murmurou irritada — Vai manter-se afastada do Sr. Clark?

Free disse suspirando.

— Não interessa prometer, além disso ele não vai voltar. — Sim, ele tinha flertado com ela e tinha sido descarado com ela. Mas, depois de ter alterado o plano e ter colocado tudo no jornal? Era improvável, mesmo que ele tivesse dito a verdade, o que ela duvidava muito, por norma os homens

não gostavam que as mulheres assumissem o comando.

— Free — chamou Amanda exasperadamente — Pare de fugir à minha pergunta.

— Não! — Respondeu Free, esfregando as têmporas — Eu não vou prometer isso. Ele seria uma ferramenta útil, se voltasse. Mas ele não voltará.

Capítulo Seis

Free tinha a certeza, — quase a certeza — que tinha visto pela última vez o Sr. Clark, naquela noite de março, há duas semanas atrás. Porém, à medida que os dias passavam, ela fez o seu melhor para se convencer a si mesma, de que foi real. Todas as vezes que a porta se abria, ela se virava com a respiração suspensa. Sempre que outra pessoa entrava, como não era o Sr. Clark, o seu coração afundava. Que tola, — pensou para si mesma — completamente tolinha. Afinal de contas, não havia nenhum motivo para que ele retornasse. Para sua prudência ter colaborado com ele uma vez, tinha sido o suficiente para uma vida.

E, além disso, o único homem que precisava para o seu jornal era Stephen Shaughnessy. Free tinha a certeza que ele, pelo menos, estava do seu lado.

Aquele incidente envolvendo-o tinha-os afetado, de modo que os fez perceber o que estava em jogo. Tinha conduzido Stephen a escrever colunas ainda mais ultrajantes e todos os outros, tinham feito o mesmo, lançando-se ao trabalho.

Não, eles não precisavam do Sr. Clark.

Abril começou realmente bem. Amanda tinha ido a Londres para informar-se sobre as últimas sessões do Parlamento, e Free tinha parado de olhar para cima, sempre que a porta do seu escritório se abria. Tentou reprimir o tolo impulso, de pensar que não havia um toque de interesse — e que podia afastar esses pensamentos, concentrando-se nos papéis, em vez dele.

E depois...

— Olá, menina Marshall! — Cumprimentou alguém da porta do seu escritório. Tinha uma voz rica, sombria, que falava num tom de diversão e perigo, num só fôlego.

Free sobressaltou-se, deixando cair a caneta e salpicando tinta em toda a sua manga. Não que isso lhe importasse, porque todos os seus vestidos de dia estavam cobertos de tinta.

Ela tentou retirar a mancha de qualquer maneira.

— Sr. Clark! Como vai?

Edward sorriu-lhe e ela fez o seu melhor para se lembrar de todas as razões, porque ela não devia gostar dele. Ela não sabia o seu nome verdadeiro, tentou chantageá-la e desapareceu por semanas sem uma explicação.

Mas, ele tinha um sorriso tão agradável e parecia muito feliz em vê-la.

Maldito fosse ele. E tentou não sorrir de volta.

— Pensava que você tinha tomado o artigo que eu escrevi, sobre os acontecimentos da outra noite, pelo que realmente era — uma ameaça para expô-lo publicamente. Acreditei que você tinha fugido em resposta.

— Claro que não. — Ele se inclinou contra o batente da porta — Eu recebi a sua advertência. Foi muito inteligente da sua parte, menina Marshall. Mas, para deixar claro, você tem ainda outro poder, sobre mim. E dificilmente posso invejar-lhe por isso.

Ele parecia estar falando sério sobre isso.

Free abanou a cabeça.

— Pelo contrário. Isso parece, precisamente o tipo de coisa que uma pessoa normalmente faria, se mantivesse rancor.

— Ah, mas eu sou esse tipo de homem, se não, ir-me-ia achar pouco atraente. — Sem ser convidado, entrou no seu escritório, não se sentando

numa das suas cadeiras, mas sim, ficando perto da sua mesa e inclinando-se, como se tivesse o direito de chegar tão perto. — Um homem deve fazer escolhas: Ele pode, se enfurecer por nenhuma razão, ou por outro lado, pode impressionar os homens e as mulheres diferentemente. — Deu de ombros — Eu escolhi ser charmoso. Está funcionando?

Deus do céu, ela tinha esquecido como ele era absolutamente escandaloso. Teve que lutar para manter a conversa sobre controle.

— Sr. Clark, — disse tentando transparecer severidade — não me diga que está fazendo *isso* novamente.

— Qual da minha miríade de defeitos é que lhe deixa inquieta, menina Marshall? — Dando-lhe um largo e lento sorriso — É a minha presunção arrogante, ou o meu bom senso de humor?

— Nenhum dos dois. — Respondeu Free — Prefiro gostar desses defeitos. O problema é que você está tentando usar a minha atração por você para me deixar nervosa. — Deu-lhe um sorriso — Não vai funcionar! Senti-me atraída por você desde que pus os olhos em si e no entanto, não me fez ficar estúpida nem uma vez.

Ele congelou, com a mão na borda da sua mesa.

— Espere que negue? — Free encolheu os ombros, como se não se importasse — Devia ler mais o meu jornal, Sr. Clark. Publiquei um excelente ensaio de Josephine Butler sobre esse assunto. Os homens têm tendência a usar a sexualidade como uma ferramenta para silenciar as mulheres. E nós, as mulheres, não estamos autorizadas a falar sobre esses assuntos, que abordam a relação sexual, — mesmo quando, incidem sobre os nossos corpos e sobre a nossa própria liberdade — por medo de sermos rotuladas como indelicadas. Sempre que um homem pretende intimidar uma mulher virtuosa, na sua apresentação, só precisa adicionar a questão da atração sexual, deixando-a sem escolha, com vergonha e silenciosa. Sr. Clark deve saber, que não pretendo ficar em silêncio. Já fui rotulada de

indelicada e não há nada que possa adicionar a este coro.

A sua boca abriu-se, quando Free falou sobre *sexualidade*, ficando cada vez mais surpreso, quando falou de *relação sexual* e de *atração*.

— Acho, — continuou Free — embora a Senhora Butler dificilmente concordará, que a melhor maneira de lidar com a tática da atração sexual, é falar em termos diretos e inquestionáveis. Os homens, que têm a pretensão de fazer sentir-me desconfortável, insinuando uma atração, não podem viver com as suas próprias insinuações. Uma vez que mostre que não vou ser intimidada, que fatos são fatos e que não vou esconder-me deles, ficam sempre envergonhados, coram e se calam.

— Já lhe mencionei que não sou como eles. — Ele moveu-se na mesa, virando-se para encará-la — Eu só me calei porque queria ouvi-la a admitir que tem uma atração por mim, é muito mais agradável, do que eu falar. — Gesticulou — Por favor continue. O que mais gosta em mim?

Havia algo dele que a fez sentir-se ousada.

— Ai de mim! — Disse Free rapidamente — Não há nada mais. Já terminei todos os elogios, que podia ter dito. Tem um físico, reconhecidamente esplêndido, mas infelizmente, é desperdiçado num homem, sobrecarregado, com uma personalidade abismal.

Ele riu.

— Bravo, menina Marshall. Esse é o meu pecado habitual, não é?

Ele era o único homem, que conhecia e que estava imune aos seus elogios, mesmo aceitando-os como era devido, os seus piores insultos.

— Então, como vê, — disse Free — seria melhor, se pudéssemos admitir tais assuntos sem dar demasiada importância. Vamos pular essa lenga-lenga e começar a trabalhar. Por que você está aqui, Sr. Clark?

— Alguém já teve o *melhor* de você?

— Sim! — Respondeu Free — somente quando eu escolho dar-lhes.

— Ah!

— Agora me diga Sr. Clark, veio aqui, para me permitir a chance, de mostrar mais uma vez a minha superioridade intelectual, ou tem algum assunto verdadeiro a discutir?

— Não precisa de me demonstrar a sua superioridade. Tomo isso como um dado adquirido, em todas as frentes. — Ele enfiou a mão no casaco, tirou um caderno, e começou a folheá-lo.

Ele *era* arrogante e convencido. No entanto...nunca tinha negado o crédito para qualquer dos pensamentos que ela tivesse tido. Era difícil lembrar-se de que ela não se atreveu como ele.

Ele venceu a lombada do seu caderno.

— Eu não estive ocioso nestas últimas semanas. Tenho feito alguns trabalhos em seu nome. Aqui estamos. Me apresentei, ao Sr. Caledon, proprietário do *Portsmouth Herald*, e perguntei-lhe como ele chegou a escrever essa coluna extraordinária, igual à sua.

— E ele simplesmente disse-lhe?

— Depois da brilhante carta de referência que lhe dei, do seu antigo mentor no *London Times*? É, claro que ele disse, Menina Marshall. Praticamente sentiu-se ansioso para o fazer.

Free levantou uma sobrancelha.

— De alguma forma, suspeito que o seu antigo mentor não escreveu nenhuma carta.

Ele deu-lhe uma piscadela.

— E, no entanto, se você lhe mostrar, ele encontraria a letra dolorosamente familiar e teria dificuldade de negar isso. Eu *sou* bom.

— Mau... — corrigiu Free — podemos lembrar, de tempos a tempos, que a falsificação, geralmente não é contabilizada como uma coisa *boa*.

Seu sorriso tornou-se mais amplo.

— Então, eu sou excelente em ser mau. Em qualquer dos casos, Caledon admitiu que tinha pago um montante para executar o artigo. O

texto foi fornecido por um advogado, pouco antes de ir para a imprensa. Até consegui obter essa informação a mais.

Pegou num pedaço de papel, que estava dobrado no seu caderno de notas e o colocou diante dela.

Free desdobrou. Era uma página datilografada que continha um texto e reconheceu-o como o seu próprio artigo. Com uma nota manuscrita com os elogios do remetente.

— Ela estreitou os olhos.

— Isto é real?

Edward encolheu os ombros.

— Real o suficiente para que os próprios participantes não saibam a diferença. Com isso nas mãos, poderíamos, ah... *convencer* Caledon a admitir publicamente que ele havia copiado você. Certamente, pode ver o benefício disso. Ou então, talvez você seja muito boa em colocar pressão sobre os outros.

— Sr. Clark... — Free quase teve vontade de rir — acha que ao ter-me submetido a um hospital para prostitutas, que sofriam de doenças venéreas, que dizia a verdade a todos, o tempo todo? Às vezes, a verdade precisa de um pouco de ajuda.

Ele sorriu com satisfação.

— Precisamente. Não admira que nos demos tão bem, menina Marshall.

— Então, é isso que estive fazendo todo esse tempo?

Ele virou a página para trás.

— Deve pensar que sou o sujeito mais ineficiente. Aqui está, o Lorrington, do *Charingford Times*. — Levantou outro pedaço de papel — Chandley, da *Star Manchester* — apareceu outra nota — Peters, do *Edinburgh Review*. Ainda não a impressionei, menina Marshall? Posso ter uma personalidade abismal, mas tenho as minhas vantagens.

— Vou conceder-lhe isso. — ela se inclinou para frente, refletindo sobre aqueles pedaços de papel, que ele tinha mostrado. Poderia usá-los, mas, neste momento, ninguém tinha notado ainda as duplicações. Era melhor usá-los para si mesma e, assim, prevenir uma história inevitável? Se ela fizesse, poderia perder todas as chances de pegar o seu inimigo publicamente. E sem prova de um motivo, a cópia podia parecer uma mera brincadeira infantil.

Foi quando, naquele momento reparou no caderno do Sr. Clark, esperava que contivesse algumas notas, talvez uma página rabiscada com algum código, que só ele poderia desvendar. Mas não viu nada semelhante.

Ela estendeu-se sobre a mesa e arrancou o caderno das suas mãos.

— O que está fazendo? — Disse furioso.

Não havia palavras no seu caderno. — somente um desenho simples de um homem barbudo, num escritório — É exatamente Peters do *Review*. — deu um suspiro.

— Sim. — as suas mãos tremeram — Eu faço esboços, ajuda a minha memória.

— Você é bom! — Free virou outra página. Havia um desenho a lápis de um café, em Edimburgo, com nuvens cinzentas ameaçadoras.

— Claro, que sou bom. — Respondeu-lhe — Aliás, sou excelente, diria que você já tinha notado. Posso ter isso de volta, ou o que está fazendo, não é violar a minha privacidade?

— Quando coloca dessa forma, então...não, eu ainda não acabei! Ah, aqui está Chandley. — Ela sorriu — Oh, você tem o bigode, desenhado apenas no lado direito. — ela virou a página seguinte — E aqui está um vagão de trem. — Virou novamente e parou. A página seguinte era ela, num desenho a lápis de pé perto do tamborete, inclinando-se para a frente e usando um dos seus vestidos de passeio favoritos.

Ela engoliu em seco.

— Certo, isto... — Virou a página novamente.

Mas, também era outro desenho dela, com a cabeça inclinada sobre o tipo de metal, com os seus dedos fechando, em torno de um ponto de exclamação. O próximo era também dela, apontando para uma pessoa desconhecida e sorrindo.

Ele estendeu a mão e suavemente pegou o caderno das suas mãos.

— Tinha que continuar desenhando você... — respondeu-lhe, num tom de voz meigo — não consigo obter com precisão nenhum deles, e odeio falhar em qualquer desempenho que tenha.

A sua boca estava seca.

— Pelo contrário. — Fez o seu melhor para não demonstrar que estava abalada — Eles parecem... muito bem feitos, aos meus olhos.

— Sim — a sua boca contraiu-se — Claro que estão. Eu sou uma espécie de gênio, afinal de contas. Provavelmente, a única razão que, eu encontrei os desenhos inadequados, é a atração sexual.

Ela sentiu o seu estômago torcer. Os seus olhos se encontraram, durante bastante tempo. Mas, ela não afastou o seu olhar.

— É um pouco mais difícil para mim, lidar com você, do que comigo. — Disse educadamente, quase com cortesia — Veja, você *não tem* uma personalidade abismal.

Free já tinha ouvido antes, a expressão "*brincando com o fogo*", mas nunca tinha sido tentada a empregar essa expressão. O fogo era um instrumento bastante perigoso, qualquer pessoa com juízo, manter-se-ia afastado o quanto podia. Todavia, este era um calor, que podia desfrutar.

Tinha que dizer alguma coisa, qualquer coisa, para trazer de volta a distância necessária entre eles. Era um jogo, entre eles, nada mais. Desafiou-o, e ele, naturalmente respondeu-lhe.

— Está certo — ouviu-se responder — isto deve ser difícil para você. Eu sou muito inteligente, mesmo.

— Já tinha notado...você é tão inteligente como bonita.

Ela balançou a cabeça, afastando todo aquele calor.

— É por isso, que precisamos de mais provas. — Free deu suspiro —
Precisamos de constranger Delacey publicamente e, para fazer isso, temos de demonstrar, conclusivamente, que tentou de forma deliberada desacreditar-me para os seus próprios fins.

Ele não discutiu, simplesmente assentiu. Free tinha a noção que poderia se acostumar a ter um canalha por ali para ajudá-la.

— E, felizmente para nós...— disse ela — sei exatamente como fazer isso.

Eram três da manhã, quando Free cortava a última folha da imprensa. As páginas ainda estavam molhadas e a tinta que sido transferida para as folhas, estavam ainda suscetíveis a manchas. Entregou o papel para Alice, que pegou e pendurou para secar. Atrás dela, o Sr. Clark destravava o tambor que continha o tipo de metal. Tinha ficado na parte detrás, levantando e carregando sem reclamar. Ele colocou o tambor para o lado, tirando o rolo de papel pesado da imprensa e pendurando-o ao longo da calha para secar.

— Eles ainda vão ser enviados úmidos. — Avisou Alice.

Não havia nada, que Free pudesse fazer, quanto a isso. As folhas estariam um pouco enrugadas, quando chegassem, mas não importava.

— Vá para casa. — Disse Free exausta, deixando a sua cabeça afundar entre as suas mãos — Vá para casa e durma. Nós ainda temos que produzir o jornal, para amanhã. — Depois disso, seria domingo e todos poderiam dormir.

Ela nunca pensou, que aos vinte e seis anos, fosse sentir-se velha,

como neste momento. Cinco anos atrás, não se importava de ficar acordada, até às altas horas, conversando com os seus colegas, sobre qualquer coisa. Entretanto, ela queria descobrir como Delany obtinha as suas provas antecipadas, mas primeiro teria que descobrir qual deles estava errado. Iriam queimar as folhas que Free e Amanda tinham marcado, todavia, Free tinha o hábito de guardar alguns extras de impressão para enviar para amigos e familiares.

Só havia uma maneira de saber, quem foi o criminoso — era enviar três provas diferentes para as pessoas que os receba. Free fez pequenas alterações, somente um erro de ortografia num e no outro alterando frases.

Ainda assim, para criar provas falsas, tinha que configurar a máquina para cada um, o que seria desgastante.

— Obrigada a todos! — Agradeceu ela, dando um bocejo.

— É a nossa imprensa, também... — disse Alice.

Free sentiu a mão da sua prima, dando um toque breve, no seu ombro. Ela estendeu a sua mão cegamente e segurou-a por um momento.

Vou voltar para casa em breve. — Disse ela — Vou só esperar que as folhas sequem mais um pouco, e em seguida, embalá-los para os correios. Posso descansar um pouco por aqui.

Alice e o seu marido viviam num prédio por detrás da imprensa; por norma, Alice é que supervisionava a execução de imprensa à noite e ela nunca tinha dormido aqui, enquanto a impressão decorria. Isso também significava, que ela estava perto o suficiente para que Free pudesse chamá-la, caso alguma coisa desse errado. O garoto de recados iria encontrá-la dentro de meia hora, para levar o jornal para os correios, de seguida teria de circular pela baixa no trem, para entregar. Enterrou a cabeça nos seus braços, quase caindo. Conseguiu ouvi-los a reunirem as suas coisas e o som de passos a caminharem sobre o chão. Entretanto, uma corrente de ar frio, vindo da noite, entrou quando a sua porta foi aberta, aliviando um pouco o

vapor úmido do motor da imprensa.

— Oh, que bom... — disse Free — deixe a porta aberta.

Eles devem ter feito isso mesmo, porque a brisa fresca continuou.

Ela cochilou, — os seus pensamentos tornaram-se borrados e indistintos — mas não por muito tempo. Lentamente, voltou à consciência, lembrando-se por que estava aqui e abriu os olhos.

De repente, se apercebeu, que não estava sozinha na sala. Sentado a cerca de três pés de distância, estava Edward Clark. Ela piscou, mas a imagem dele não se alterou.

— Por que ainda está aqui?

Ele encolheu os ombros.

— Não achei correto deixá-la sozinha e dormindo, no meio da noite, com a porta aberta.

Ela levantou uma sobrancelha.

— Eu sei... — continuou ele — deve estar pensando se é melhor estar em minha presença ou se na noite desconhecida. Pode não ter qualquer razão para acreditar em mim, mas não sou esse tipo de canalha.

Ela esfregou os olhos.

— Não é o que estou pensando. A minha prima, está perto o suficiente, caso ouça um grito. Estava pensando que era um gesto absurdamente protetor.

Ele disse que sentia atração sexual e ela não tinha dúvidas. Mas, podia significar qualquer coisa. Ele devia sentir desejo de luxúria, direcionado a mil mulheres, por dia. Ela devia lembrar-se das palavras dele... ele não se importava com ela. Era impossível, pensar nisso, enquanto se lembrava dos esboços que ele tinha dela.

Ele desviou o olhar dela, olhando para as folhas que estavam pendurados nas grandes varas de madeira.

— Diga-me o que deve ser feito, menina Marshall. Assim, vou fazê-

lo e depois poderá ir para a cama.

— Verifique se a tinta ainda está úmida.

Ele se levantou e foi até as folhas que estavam penduradas.

— As páginas ainda estão um pouco úmidas, mas a tinta secará brevemente.

Sob a sua direção, eles reuniram as provas para os correios. Trabalharam juntos, ajudando-lhe a trazer envelopes e tinta, dobrando-lhe as folhas de papel do jornal.

Falou enquanto trabalhava.

— Esta noite foi interessante. Sempre imaginei que uma prensa de impressão utilizava tinta líquida através de um tinteiro.

— Esta imprensa pode imprimir até vinte mil folhas por hora. Custou-me quinhentas libras. Você não podia obter esse tipo de velocidade, sem manchar, com tinta líquida. Assim, ao invés de você molhar o papel e usar negro de fumo¹² ... — Free sorriu — agora está a ouvir-me a tagarelar...

— Eu gosto de ouvi-la a tagarelar. — Falou enquanto dobrava as folhas do jornal, mas não olhando-a — Esta é de longe a primeira imprensa que utiliza um cinzel e tabuleta de pedra a partir de uma caneta-tinteiro. Vinte mil folhas por hora e cada uma delas é uma arma. Pergunto-me se *Gutenberg*¹³ tinha imaginado isso, quando fez a primeira Bíblia.

Free se perguntou, se o Sr. Clark viu da mesma maneira, como ela,

¹² A **fuligem**, também conhecida como **negro de fumo**, é uma das variedades mais puras de carvão apresentando-se na forma amorfa, constituindo uma dispersão coloidal de partículas muito finas, usadas como tinta.

¹³ **Johannes Gensfleisch zur Laden zum Gutenberg**, ou simplesmente **Johannes Gutenberg** (Mogúncia, ca. 1398 — 3 de fevereiro de 1468) foi um inventor e gráfico alemão. Sua invenção do tipo mecânico móvel para impressão começou a Revolução da Imprensa e é amplamente considerado o evento mais importante do período moderno.

Sua obra maior, a Bíblia de Gutenberg (também conhecida como a Bíblia de 42 linhas), foi aclamada pela sua alta estética e qualidade técnica.

quando olhou para a imprensa. Não era apenas uma coisa de metal e engrenagens, uma máquina que cortava e imprimia com uma taxa surpreendente. Era uma teia de conexões, a partir do relato da vida das minas, de uma mulher da Cornualha, com a descrição das mais recentes maquinações parlamentares.

Mas não, não importa o que ele dissesse ou o quanto charmoso era. Ela tinha que se lembrar quem ele era, um mentiroso, um realista. Até podia se preocupar por ela, de maneira casual. Os homens se preocupavam, com as mulheres quando queriam, mas ele não se importava com nada, que ela fizesse.

Que vergonha.

Observou-a a endereçar os envelopes.

— Realmente conhece Violet Malheur? A famosa Violet Malheur, a quem agora chamam de Condessa de Chromosome?

Free deu um sorriso sonhador.

— É um fato conhecido: fui eu que inventei a palavra Chromosome, além disso, A lady Amanda é sua sobrinha. Então, sim nós a conhecemos. Ela escreveu alguns ensaios para nós, sobre a educação feminina e vocação.

— Free rabiscou uma breve nota para Violet e dobrou com a prova de teste.

— Existe alguma coisa que não faça?

— Dormir.

Edward riu suavemente. Free podia facilmente esquecer que ele havia ameaçado chantageá-la e que não se importava com o seu futuro. Quase acreditava que ele era seu amigo.

Ambos embalaram as provas e colocaram na grande mala para o transporte de correio, que estava na varanda.

Edward pegou o seu cachecol, pendurado num dos ganchos da porta e Free a sua capa clara.

Saiu e esperou na varanda por Free, enquanto fechava a porta.

— Precisa que a leve a casa?

Free apontou para casa dela, que ficava a cinquenta pés.

— Eu vivo ali. Posso perfeitamente ir sozinha.

— Ah! — Porém, ele não se mexeu, e por algum motivo ela não queria.

— Bem... — ouviu-se dizer — Boa noite, então Sr. Clark. Vá dormir um pouco.

Deu-lhe um sorriso cansado.

— Ainda não. Estarei a vigiar a mala postal, para me certificar que o nosso culpado não interfere neste momento. Vá descansar, menina Marshall.

Mesmo assim, Free não se mexeu.

— Por que está fazendo isso? Diz que é vingança, mas não compreendo o motivo.

Ele olhou para a rua, desviando olhar.

— Só... lutando com a minha consciência.

— Como? — Engasgou, fingindo-se chocada — Sr. Clark! Não sabia que tinha consciência.

— Também não achava, — disse ironicamente — é por isso que tenho provado o quanto é difícil derrotar-me. Estou fora de prática. — Suspirou — Muito bem então, um tempo atrás, disse-lhe que sempre saberia o motivo, mesmo que não soubesse os detalhes.

Ela se virou para ele.

— E agora quer contar-me os detalhes?

— Deus, não! — Olhou-lhe aborrecido — Neste momento estou debatendo se deveria contar-lhe que o motivo mudou.

O ar subtilmente mudou entre eles. Ela se virou para ele.

— Então, já desistiu da vingança.

— Não, menina Marshall. — A sua voz era baixa e quente, tão quente que ela poderia derreter-se nele, deixar-se envolver — Já lhe disse

que não dou a mínima para você.

A sua respiração ficou suspensa nos seus pulmões. Estava-a olhando, tão intensamente, mas tão intensamente, que ela fechou os olhos, incapaz de encontrar o seu olhar.

— Oh! — Sussurrou.

— Isso mudou! Encontrei-me dando importância e é uma experiência estranha, para dizer no mínimo.

Free permitiu-se respirar novamente, dentro e fora, dentro e fora. Ouvir o som da sua respiração, parecia-lhe que as suas inalações podiam fornecer uma pista, para desvendar o que ele queria dizer.

Manteve os olhos fechados.

— Bem, Sr. Clark, como não me dá informação suficiente para prosseguir. Precisamente, de que tipo de maldição estamos falando aqui? É uma pequena maldição ou uma grande maldição? Dá-me mais que uma maldição, ou estamos a falando de uma maldição excepcional?

Ela podia escutar os sapatos a raspar contra o chão, levando-o para mais perto, mais perto dela. Não conseguia vê-lo, e isso fazia com que, o momento ficasse mais íntimo, podia imaginar o olhar dos seus olhos, com uma fraca aprovação.

— Free! — a sua voz saiu como um sussurro, tão baixo que ela podia sentir o ribombar em seu peito. De seguida, sentiu... não uma mão, mas uma lufada de ar roçando o seu rosto e então a ausência de algo. O calor dele aquecia o espaço ao lado dela.

— Isto... — continuou ele — é sobre a forma dele.

Ela não podia ajudar-se a si mesma, inclinou-se para frente, deixando roçar a sua mão contra a sua mandíbula. O seu dedo correu ao longo do queixo, o polegar roçou os seus lábios. Free abriu os olhos.

Havia imaginado a intenção dele, ao observá-la de tão perto, não esperava que ao olhar em seus olhos, que fosse expirar, quando ela

finalmente o olhou, e nem contava que ele se aproximasse ainda mais, como se tivesse passado longos anos sozinho e só ela pudesse preencher esse vazio, dentro dele.

Edward se inclinou para a frente e os seus lábios ficaram perto dela, tão perto, que ela podia esticar-se uns centímetros e beijá-lo. Ela não ia fechar essa distância, mesmo que desejasse isso, então, ficou ali. E ele não se moveu mais perto.

— Como engana... — ele comentou.

O que comentou foi estranho. Free piscou e olhou para ele.

— É algum tipo de ilusão, — observou ele — ou um truque de um pintor. Até agora, tive a nítida impressão de que você era uma dama de dimensões comuns. — os seus dedos acariciaram a sua bochecha, de forma tão suave — Mas agora, que está tão perto e não se mexendo, posso ver com clareza. Você é muito pequena.

— Sou pequena, — respondeu Free — mas poderosa.

Seu toque era quente em sua mandíbula.

— Você já observou formigas? Elas percorrem e carregam migalhas três vezes o seu tamanho. Não precisa de nenhuma necessidade de me lembrar da sua força. É formidável, que grandes companheiros, como eu, podem aliviar a tensão.

Ele era formidável. E grande e estava tocando-a como se ela fosse uma coisa delicada.

— Diga-me, menina Marshall, — questionou ele — como não é convencional... hipoteticamente falando, é claro, já pensou em ter um amante?

Enquanto ele falava, os seus dedos deslizaram pelo seu pescoço, descansando brevemente no seu pulso.

— Como estamos falando hipoteticamente, — respondeu Free — suponho que uma mulher só pode ter certos limites para quebrar tantas

regras. Eu escolhi as regras a quebrar com muito cuidado.

— Ah! — Exclamou ele. Mas não se afastou.

— Digo a mim mesma todas essas coisas, — disse ela — mas sou uma sufragista, não uma estátua, também tenho os meus desejos, como qualquer pessoa. Quero tocar e ser tocada, abraçar e ser abraçada. Então, sim, Sr. Clark, hipoteticamente já tive o pensamento de ter amantes.

Os seus olhos escureceram, talvez ele soubesse que haveria mais por vir.

— Como estamos falando hipoteticamente, não acho que faria isso na realidade, a menos que fosse uma coisa verdadeira.

— De verdade?

— Teria que confiar no homem.

Os seus dedos paralisaram na sua garganta e os seus olhos procuraram pelos dela. Por um longo e tenso momento, ele não se pronunciou, não protestou, não exigiu uma explicação e não explodiu de raiva.

Em vez disso, muito lentamente, surgiu com um sorriso sarcástico. — Bom! — ele falou em voz baixa — Isso, significa que estou excluído.

Ela não sabia que estava prendendo a respiração, até que a expulsou para fora.

— Sim, assim é.

— Ainda bem! — Respondeu-lhe — Não gostaria que você se deixasse levar por fantasias e girasse à minha volta até tirar o fôlego.

Oh, ela deixou-se levar pela fantasia e estava girando agora sobre ele. Amaldiçoou-se por ter pensado que poderia estar recebendo um beijo de verdade, em vez disso. Mais tarde, lembrar-se-ia deste momento e imaginaria mil maneiras diferentes de terminar.

Por agora, esconderia tudo isso, como um aviso. Free sorriu-lhe — esperava que fosse provocativo, e sem nenhum olhar límpido de desejo —

e encolheu os ombros.

— Oh, veja isso! Estou chegando para a vida... tenho formação na indiferença leve a uma preferência moderada.

Todavia, ela não podia confiar, ainda que houvesse confirmação da parte dele. Ele era encantador, mas um terrível canalha. E se ele pretendia seduzi-la...bem, estava fazendo um bom trabalho. Como desejava que a sua lógica estúpida não se afirmasse sobre o seu desejo por ele. Ela suspeitava que ele era um salafrário que poderia fazê-la se sentir muito, mas mesmo muito bem, antes que destruísse casualmente a sua vida.

— Se alguma vez mudar de ideia, — disse Edward — deixe-me saber.

— Quer dizer, se decidir confiar em você?

Por um momento os seus olhos escureceram e os seus dedos tocaram a sua bochecha. De seguida, se afastou.

— Sou um realista, menina Marshall. Não espero por coisas que nunca podem acontecer. Quis-lhe dizer que você poderia um dia relaxar. — Virou-se — Agora, vá para casa e durma. Vou vigiar o correio.

Capítulo Sete

—É tão bom ver você, Lady Amanda.

Lady Amanda Ellisford apoiou as mãos em torno do pires, tentando lembrar por que ela estava fazendo isso novamente. Ah sim. Era isso. Ela estava fazendo isso porque, aparentemente, ela amava dor.

Não que houvesse algo inerentemente doloroso sobre visitar a cunhada de Free. Nada mesmo. A Sra. Jane Marshall era perfeitamente adorável. A sua secretário era ... mais do que isso.

Uma vez, Amanda tinha igualmente feito visitas de manhã e de tarde sem sensação de desconforto. Agora, porém, as armadilhas do cerimonial social — prato de biscoitos e sanduíches, o tilintar de xícara e pires — serviu como um lembrete sempre presente de que ela não era mais o que já fora.

Ela não era mais a garota que estava sentada nos quartos forrados com papéis de parede cor-de-rosa ansiando por mais.

E, no entanto, ali estava ela. Sentada. Na sala de estar.

— Só *Amanda* chega —, disse ela, tentando não parecer dura. — Não há necessidade de *Lady Amanda* para mim. — Tempo houve, em que não havia nada de duro sobre ela em circunstâncias como estas. Ela sabia como fazer conversa sobre nada por horas a fio, como consequência de não ter tido nada em sua vida para falar. Mas a habilidade tinha atrofiado depois de anos de desuso, e agora, ao que parecia era como se tivesse sido alguma outra menina que tinha sido capaz de tagarelar sem vacilar.

Hoje, mesmo o tique do relógio atrás deles parecia repreendê-la. *Você já não pertence aqui. Você se afastou. Por que você acha que pode simplesmente voltar?*

Isto fez eco numa antiga lembrança. *Você foi embora uma vez. Eu gostaria que você o fizesse novamente, e nunca mais voltasse.*

A Sra. Jane Marshall, obviamente, nunca tinha conhecido o que significava estar consciente de cada movimento dela. Ela usava um vestido de dia com saias rosa e laranja, enfeitado com renda amarela. Teria sido uma combinação horrenda em outra mulher, como imaginando as penas de um flamingo presas a esmo em uma cauda de frango. Nela, isto não ... *era*.

Amanda sentiu-se como a mal empenada na sala.

— Estou em Londres apenas mais alguns dias — disse ela. — Free perguntou se eu poderia trazer algumas cartas, e isto, para os meninos. — Ela estendeu um envelope e um pacote brilhantemente embrulhado.

— Ela os estraga — Jane disse, mas ela sorriu quando pegou o pacote. — Eu vou ter certeza de lhe escrever um bilhete de agradecimento. E muito obrigada a si por trazê-lo.

— Não tenho nenhum desejo de incomodá-la — disse Amanda, certificando-se de olhar para senhora Marshall diretamente mas não para a sua secretária. — Eu vou estar fora num piscar de olhos.

— Mas você nunca é um incômodo para nós. — Essas palavras, foram ditas em um tom tão doce, mas não vieram da senhora Marshall. Amanda virou-se, relutantemente, para a sua secretária.

Se a senhora Jane Marshall era um flamingo, sua secretária, a menina Genevieve Johnson, era uma pequena pombinha perfeita. Ou, para usar outro não completamente inadequado exemplo, ela era como uma boneca de porcelana. Ela era perfeitamente proporcionada. Sua pele era uma porcelana impecável, com os olhos brilhantemente azuis. Se houvesse justiça no mundo, ela seria estúpida ou hostil. Mas ela não era; ela sempre

tinha sido perfeitamente gentil com Amanda, e sua inteligência era óbvia, para quem a ouvia por qualquer período de tempo.

Ela era exatamente o tipo de mulher com quem Amanda se sentiria desconfortável, quando teve a sua temporada, quase há uma década; o tipo brilhante, brilhando como diamante, que Amanda teria visto, sem fôlego, de longe.

Nesses dez anos, Amanda tinha averiguado exatamente porque eram mulheres como ela, que ela observava com tal intento ávido. Mas compreender por que a menina Johnson a deixava inquieta, a fez sentir-se mais em dúvida, e não menos.

Quando existirem dúvidas sobre uma conversa, faça uma pergunta que exige uma longa resposta. Isso era o que sua avó diria.

Amanda se esforçou para pensar em algo apropriado. — Então ... O quanto vocês duas ainda têm que fazer para a primavera beneficente? A última, Free me disse, vocês tinham trabalho até às orelhas.

As sobrancelhas perfeitamente contornadas da menina Johnson subiram. Não tão alto a ponto de ser rude; parecia uma resposta involuntária de sua parte, e Amanda percebeu que tinha cometido um deslize de alguma forma.

— Nós só temos que enviar os agradecimentos pela presença — , disse a senhora Marshall. — Mas *havia* muita coisa que tinha que ser feita.

Oh Deus. Isto tinha que acontecer. Amanda sentiu-se corar ferozmente. Claro que tinha. A menina Johnson nunca teria cometido tão horrível engano. Se a menina Johnson era uma boneca de porcelana, Amanda sentiu como se fosse um imenso touro entrando na loja onde ela seria vendida. Ela era descomunal e desajeitada, capaz de esmagar tudo à sua volta com o deslocar de sua cauda deselegante. Ela sentia-se desajeitada e estúpida.

— Mas nos diga-nos por que você está na cidade — disse a menina Johnson. — Você veio visitar suas irmãs?

— Minhas irmãs não me veem. — Sua resposta foi muito curta, muito amarga.

A menina Johnson recuou e Amanda praticamente podia ouvir pratos de porcelana quebrando em torno dela, quebrando em pedacinhos.

— Estou aqui para falar com Rickard sobre o seu projeto de lei para o sufrágio —, ela continuou. — Ele está fazendo isto circular, tentando conseguir que ninguém assine o documento.

— E como ele está fazendo isso?

Quase tão mal como Amanda estava se sentindo. — As radicais odeiam isso —, disse ela. — Isto limita a votação a uma pequena minoria de mulheres casadas. Todos os outros odeiam, porque, bem... — Amanda deu de ombros mais uma vez. — É um terrível projeto de lei. Mas é um projeto de lei, pelo menos.

— Eu vou ter que perguntar a Oliver o que ele pensa sobre isso, — disse a Sra Marshall. Oliver era seu marido e meio-irmão de Free. Ele era um membro do Parlamento, e através de um conjunto de circunstâncias, que Amanda polidamente não havia entendido, também era meio-irmão de um duque. Ele normalmente era versado nestes assuntos.

— Oh, ele está em oposição, tenho a certeza —, disse Amanda. — Ele é parte do conjunto que diz que o próximo projeto de sufrágio deve ser o único universal. É a bagunça mais terrível.

— Por quê isso?—, Perguntou a menina Johnson.

Amanda reconheceu esta tática de sua juventude. Ela estava sendo excluída por um perito, nem menos. Ela corou.

— Bem. Há uma discussão sobre quem deveria ser autorizado a votar. Todas as mulheres? Apenas as mulheres que possuem propriedades? Ou talvez unicamente as casadas. Claro que, quase todos os grupos são a

favor de uma lei que permite apenas que *sua laia* vote. Todos eles prometem que vão criar círculos e, eventualmente, incluir o resto, mas há muito pouca confiança que essas representações são verdadeiras. — Ela considerou isso. — A desconfiança não é injustificada, tendo em conta as coisas que alguns têm dito. — Não havia necessidade de ir para isso. No começo, Amanda mesma tinha sido uma dessas mulheres que fugiam do sufrágio universal. As mulheres, sim, mas as mulheres *pobres*?

Ela tinha tido algumas conversas interessantes com Alice Halifax antes que Amanda estivesse de acordo e ainda estava envergonhada consigo mesma por sua postura anterior.

— O sufrágio universal —, continuou ela, — é uma tarefa mais difícil de alcançar, mas se insistíssemos em tê-lo de volta em 1832...

Ela parou, percebendo que ela era a única a falar. Mais uma vez, ela sentiu-se corar. Quando ela tinha dezessete anos, ela pensou que ela poderia deixar as salas de estar que ela frequentava. Ela tinha imaginado aprender mais, tornando-se uma pessoa melhor. Ela não tinha entendido que o processo de partir significava que ela nunca iria caber em sua antiga vida novamente.

Ela entendeu suficientemente bem as regras recordando-as apenas quando era tarde demais.

— Mas —, ela disse, sentindo o calor de seu rosto —, não precisamos falar de política. — Deus. Foi o mais terrível dos erros da sala de estar. Quão *gauche*¹⁴ da parte dela. Ela estava tão acostumada a ser capaz de dizer qualquer coisa que tinha esquecido como segurar a língua.

Ela fez um grande show verificando o relógio na parede. — Meu Deus. Devo sair, ou vou estar atrasada para meu compromisso com Rickard. — Seria em duas horas, mas não havia nenhum ponto o em mencionar isso. Ela podia olhar suas anotações novamente.

¹⁴ **Gauche:** francês no original e tem o mesmo significado de *gaffe*, passo em falso, erro.

— Mas nós gostamos de ouvir você falar de política, — A menina Johnson disse gentilmente. — Você não tem mais alguns instantes?

Pena que Amanda conhecia essa também. Você sempre deve deixar a outra pessoa à vontade, não importa o que ela esteja fazendo. Isso a deixa livre para fofocar, sem peso na consciência mais tarde.

Amanda franziu a testa repreensiva. — Temo que não.

Ela era uma realidade aceita para quem ela era anos atrás. Ela não tinha nenhum interesse em ser uma senhora adequada. Ela era um touro; seu lugar era em um campo, passar rapidamente revolvendo sua cauda, ou, se necessário, atingir seus inimigos com seus pequenos chifres.

Mas a menina Johnson suspirou quase com pesar. — Volte —, ela disse, polidamente.

Isso é tudo o que era: polidez. Se Amanda tivesse sido uma artista, ela teria pintado um redemoinho de borboletas em torno da menina Johnson, dançando suavemente ao redor dela. Mas ela não era e em vez disso, cada uma dessas borboletas pareciam estar em seu estômago, que vibrava em protesto.

Não importava. Se você fosse um touro e você se encontrasse em uma loja de porcelana, não havia nada a fazer, apenas voltar-se para a saída e tentar não bater em nada em seu caminho para fora. Amanda havia entendido anos atrás e nada parecia ter mudado desde então.

— Eu volto —, disse Amanda.

Não era exatamente uma mentira. Tinha certeza de que Free iria enviar outro pacote um dia, e Amanda seria forçada a voltar.

E a menina Johnson e a senhora Marshall provavelmente garantiriam um bom tempo de fofocas por suas maneiras depois, o que era um comércio justo por todas as porcelanas chinesas quebradas. Ela poderia ter sido capaz de minimizá-lo.

Mas havia uma coisa pequena que tornou tudo isto mais humilhante. A menina Johnson sorriu como se verdadeiramente ela quisesse que aceitasse o seu convite. Seu cabelo louro brilhava ao sol da manhã e seus lábios estavam perfeitamente rosa quando ela disse as suas despedidas.

As coisas eram suficientemente ruins tal como eram. Mas era apenas má sorte de Amanda que ela tinha um gosto por bonecas de porcelana.

Várias semanas atrás, Edward tinha visitado seu irmão. Hoje à noite, ele voltou ao escritório de James mais uma vez. O quarto estava quase precisamente como da última vez. Papeis estavam espalhados sobre a mesa; volumes sobre cuidados da terra e de finanças, alinhados nas estantes que revestiam as paredes. Jornais do dia lotando o caixote do lixo.

Desta vez, porém, ele encontrou James já no lugar de seu pai à secretária. Seu irmão abriu a porta envidraçada para o exterior com uma careta suspeita e fez um gesto a Edward para se sentar em frente a ele. — Por que você está aqui, Ned? — Ele perguntou cético.

— Eu ainda prefiro Edward, — Edward sugeriu suavemente. — Mas não importa. Eu não voltei para brigar. Eu percebi que lhe devo um pedido de desculpas.

Mais que qualquer outra coisa, isso tornou James mais suspeito. Seu nariz franzido com desconfiança óbvia. Mas o que ele disse ao invés foi: — Bobagem. Águas debaixo da ponte e tudo isso, certamente.

— Não. — Edward colocou com sua melhor seriedade falsa. — Não é um disparate. Eu assumi que você não me iria querer ver ou ouvir de mim com base em suas ações, há sete anos. Mas eu sinto que o julguei mal. Eu nunca lhe dei uma chance de me dizer por que fez o que fez. Isso foi

injusto. Não fraternal, mesmo. Eu assumi o pior de você, mas eu posso ver agora que eu estava enganado.

Seu irmão ainda estava desconfiado; Edward poderia dizer a partir da tensão em sua mandíbula, do alargamento das suas narinas. Mas James estava muito enraizado nas regras de conversação educada para acusar Edward de mentir e isso significava que ele responderia às suas palavras pelas aparências. Bom. Fazer um homem falar uma mentira é o primeiro passo para fazê-lo acreditar em uma mentira.

— Certo. — James piscou. — Sim. — Suas palavras vieram com relutância. — Claro que eu nunca quis que você... fosse prejudicado. Aham. — Ele juntou os dedos. — Foi para o seu bem, você entende? Foi apenas para o seu bem. Você enviou essa carta urgente afirmando que havia um exército marchando em cena, que você precisava da nossa ajuda para fugir. E o Pai tinha-o enviado lá para punição, certo? Você não tinha voltado ainda. Isso era tudo o que estava na minha mente. Eu juro, eu nunca, absolutamente *nunca*, tive a intenção que morresse.

O inferno disto era que, Edward suspeitava, James estava dizendo algo que se parecia suspeitosamente com a verdade. Ele não tinha nenhuma dúvida que ele repetidamente disse a si mesmo que não tinha a intenção que seu irmão morresse. Ele tinha tudo justificado para si mesmo, dizendo que Edward, por recusar-se a curvar-se a seu pai, tinha-se essencialmente tornado um pária. Ele era *como* um impostor.

Sem dúvida ele tinha justificado suas mentiras ao Cônsul uma centena de vezes ao longo dos anos. O fato de que Edward poderia ter morrido, e James se perfilava para herdar o viscondado como resultado... Sem dúvida, ele disse a si mesmo que essas coisas não importavam para ele...

Era uma mentira, claro. Mas os homens mentiam para si mesmos o tempo todo, dizendo-se que eles eram muito melhores do que eram.

Edward tentou não cair nessa mesma armadilha.

— Eu entendo isso — Edward disse com o que esperava ser uma aproximação do calor fraternal.

— Chorei quando você não pode ser recuperado — James disse a ele.

Edward tinha certeza de que era verdade, também. James sem dúvida teria se sentido muito triste. Se ele não tivesse, ele teria sido forçado a admitir que ele era um traidor vil, que tinha secretamente esperado que seu irmão morresse. Nenhum homem se via a si mesmo como um vilão. James tinha feito o que ele precisava fazer, e então ele tinha mentido para si mesmo sobre suas ações.

— Eu não tenho sido justo com você. — Edward estendeu a mão sobre a mesa e apertou a mão de seu irmão. As mãos de James estavam nuas, Edward não tinha retirado sua luva e o contraste da pele pálida contra o couro preto, de orgulhosa incompetência contra suavidade, lisas falsidades, pareciam definir o humor para o que estava por vir.

— Eu percebi o meu erro — Edward disse — quando eu li sobre Stephen Shaughnessy no jornal.

A boca de seu irmão contraiu ligeiramente.

— Você realmente *tinha* um plano para ele. Mas você teve todos aqueles problemas para desfazê-lo, só por mim. Porque eu pedi.

Edward sabia que James não tinha feito nada para desfazer seus planos. *James* sabia que James não tinha feito nada. Mas James não sabia que Edward sabia. Levou a James três segundos, passou um piscar de olhos arregalados para aquela ficção, para engolir a isca.

— Porque, sim —, disse James. — Sim, eu o fiz.

A mentira funciona melhor quando você pode investir o alvo na própria mentira. James queria acreditar que ele era uma boa pessoa. Ele queria acreditar que ele poderia ser perdoado por abandonar Edward nas

vésperas da guerra. Ele queria acreditar-se um sujeito honrado, que nunca mentiria sobre um acordo, e assim, quando Edward lhe entregou a chance de acreditar, ele agarrou a possibilidade.

Mas dizer mentiras a si próprio era um negócio perigoso. Um começa a acreditar nelas. No caso de James, acreditar que Edward era seu irmão em nada, menos no sangue, seria a mentira mais tola de todas.

— Foi difícil —, disse James. — Você e os Shaughnessys ... Eu sempre senti que eles roubaram meu irmão mais velho de mim.— Isso foi dito tão amargamente que Edward suspeitou que era verdade. — Desistir de meus planos por Stephen era difícil. Mas se ele iria trazer o meu irmão de volta, bem, há uma simetria agradável nisto, não é?

Não houve simetria, agradável ou de outro modo. Mesmo que James estivesse dizendo a verdade, ele teria agido porque ele desejava manter Edward longe e tomar o que deveria ter sido o seu direito de progenitura.

Mas Edward sorriu e fingiu ser tocado. — Isso significa muito para mim, James. Um bom negócio. Eu não fui justo com você. Ouça-me agora, — todos esses anos separados, e eu nunca sequer perguntei sobre sua situação. Espero que minha ausência não tenha suscitado muitos problemas para você.

— Oh, não muitos. — James se inclinou para trás.

— Você está sendo muito bom para mim —, disse Edward. — Vamos. Diga-me como as coisas *têm sido* realmente.

Conseguir que um homem mentisse para si mesmo era uma espécie peculiar de magia negra. Bastava sussurrar o mais fraco louvor em seu ouvido, e ele inventava o resto. Ele ia fazer-se passar por um herói, assolado por vilões e calamidades.

— Bem —, James disse lentamente. — Eu não queria falar muito disso, mas tem havido algumas dificuldades.

— Ah, eu pensava isso. — Edward sorriu.

— Eu não tenho total controle sobre as finanças ainda, e eu não posso sentar-me no Parlamento. Isso atrasou muito um dos meus planos. — James franziu a testa. — E quando eu estava à procura de uma esposa, teria sido capaz de fazer melhor, não tivesse havido essa nuvem sobre o título.

Edward estalou a língua, em simpatia. — Quão terrível para você. Eu acredito que você não esteja muito infeliz quanto a isso?

— Tudo acabou sendo pelo melhor —, James disse cordialmente. — Annie tinha um dote decente, e ela é bonita o suficiente. Ela me alivia quando estamos sozinhos juntos no campo e não se importa com o que eu faço na cidade. Eu não poderia pedir uma esposa melhor.

— De fato. O que mais pode um homem querer? —, Perguntou Edward. Ele ainda conseguiu parecer sincero dizendo isso.

Mas a resposta à sua pergunta retórica aumentou espontaneamente em sua mente. Era ridículo querer Frederica Marshall. Não importava como ele sonhava com ela durante a noite; não importava mesmo que ela, aparentemente, não desgostasse dele, tampouco. Ela era inteligente demais para enredar-se com um homem como ele, e ele era apenas tolo o suficiente para a querer de qualquer maneira.

Ele já estava a fazer castelos no ar. Ele não pretendia isso.

O perigo estava em dizer mentiras para si mesmo. E a noção de que ele poderia ter Frederica Marshall era a mais doce mentira, a mais sedutora que ele poderia ter-se dito. Ele não entraria em isso.

Seu irmão gaguejou — sobre seus filhos, seus amigos, sobre nada em particular, ajudado por alguns comentários judiciosos por parte de Edward. Depois de um quarto de hora, James pareceu perceber que ele tinha monopolizado a conversa.

Tomou um longo gole de conhaque e, finalmente, olhou para Edward, apertando os olhos. — Então —, disse ele. — O que você tem feito com você mesmo todos esses anos?

— Executando trabalhos em metais em Toulouse, — Edward disse suavemente. Isso era verdade, se James se preocupasse em olhar para o assunto. Seu irmão não precisava saber de qualquer das outras coisas que Edward tinha feito.

Mas, aparentemente, isso foi o suficiente. James parecia atordoado. — Trabalhos em metais! Quando você diz *executando* — você quer dizer que você mesmo possui, mas...

— Trabalhos chiques em metais, — Edward sorriu levemente. — Se isso faz você se sentir melhor. Fazemos portões ornamentais, cercas, grades para capelas. Esse tipo de coisas. E sim, eu executo. Estou envolvido em todos os aspectos do mesmo.

— Realmente não significa que *você* faz alguns dos ... — James gesticulou inutilmente. — Você sabe. O *trabalho*. Com metal.

— Claro que eu faço. Eu sempre fui artisticamente inclinado, o metal é apenas outro meio.

James não perguntou qualquer uma das perguntas que Edward poderia ter considerado desconfortáveis, perguntas como: *Como você chegou a ser um metalúrgico?*

Em vez disso, ele tomou um longo gole de conhaque. — Não admira que você tenha desaparecido. Você me disse que tinha feito coisas que se refletiam mal na sua honra, mas eu nunca tinha imaginado que você entraria no comércio. Por que, metalurgia é praticamente um trabalho ... manual. — Isto foi seguido por outro gole de bebida, como se o álcool fosse o único que pudesse fazer o “trabalho em metais” tolerável.

— *É* um trabalho manual. — Edward tentou não mostrar a sua diversão. — No entanto pode ser um produto chique.

— Bom Deus. — James esvaziou o copo, franzindo a testa para o fundo da questão.

— Aqui, — Edward disse, avançando e pegando o copo. — Permita-me fazer as honras. — Levantou-se virando para o lado, com costas para seu irmão evitando que James pudesse vê-lo tentar esconder o sorriso.

— Eu entendo onde você queria chegar com isso agora. —, disse James. — Eu não entendi nada, quando você veio na outra noite. Não conseguia descobrir por que você iria concordar em desistir de um viscondado. Mas isso faz sentido afinal. Nós não poderíamos ter um trabalhador como visconde. E se as pessoas descobrissem? —

Edward não iria rir. Deus, era um tolo, imaginando que o *trabalho manual* fosse o pior que um homem pudesse fazer. Executar trabalhos em metais fora a coisa mais respeitável que Edward tinha feito ao longo dos anos. Ele tinha um súbito, perverso desejo, de mostrar ao seu irmão suas habilidades em falsificação, apenas para vê-lo sufocar. Em vez disso, ele encheu o copo de seu irmão com conhaque e virou-se.

— Aqui. — Mas, quando virou bateu o pé contra o caixote do lixo, derrubando-o. — Peço perdão. — Ele estendeu a mão endireitando-o, mudando o conteúdo quando ele o fez. — Como eu sou desajeitado.

Ele teve um vislumbre de um cabeçalho da menina Marshall quando reorganizou os papéis. Tal como ele tinha pensado.

James acenou em sua direção. — Estou feliz que tivemos esta oportunidade de falar. Eu estive preocupado, para dizer a verdade. Estávamos um pouco em desacordo quando éramos crianças.

Um eufemismo.

— Mas vejo que isso não persistirá. Cada um de nós encontrou o seu lugar. Você está feliz, não é?

Mais feliz do que nunca, agora que ele tinha encontrado o seu caminho para as confidências de James. — Eu estou —, disse Edward. — E eu também estou feliz de termos conversado. Mas devo continuar. Eu

não vou ficar na Inglaterra durante muito tempo, e você ainda tem trabalho a fazer.

— Claro.— Uma carranca passou pelo rosto de James. — Você pretende ficar aqui para a noite?

— Não seja ridículo. Claro que não. Não pode arriscar que a sua família me reconheça, pode?

Alívio cintilou no rosto de seu irmão.

Edward encolheu os ombros. — Eu tenho um quarto para a noite em um lugar perto da estação. Eu vou tomar o trem de volta para Londres na primeira hora amanhã. Falando nisso, é o jornal a *Gazeta* de hoje? — Ele apontou para o caixote do lixo.

— Sim.

— Eles ainda imprimem os horários ferroviários, não é? Se importa se eu levar esse comigo? Ele vai me salvar de ter que procurar os horários amanhã de manhã. —Edward apontou para a lata de lixo.

— Claro. — James estendeu a mão ele mesmo, mas Edward venceu-o em se abaixar. Ele pegou todo o maço confuso de jornais, remexendo-os um pouco mais desajeitado do que o necessário, até encontrar o correto. — Ah. Aqui estamos nós. —Ele deu um puxão ao jornal, enrolou-o e sorriu para seu irmão. — Obrigado. Eu estarei fora da Inglaterra em breve, negócios me levam de volta para a França, eu temo.

James fez uma careta, como se o *negócio* fosse uma palavra suja.

— Mas estou feliz que tivemos a oportunidade de conversar.

— Claro —, disse James. — Não importa o que você faz, você ainda é meu irmão. —

— Como é generoso de sua parte. — Edward inclinou a cabeça. — Você é bom demais.

E assim dizendo, ele deslizou o jornal no bolso interno do casaco, tanto a *Gazeta* quanto a prova de Free, de uma só vez. Lá. Seu objetivo principal para a noite foi realizado. — Boa noite.

— Boa noite. — Mas, como Edward começou a sair, seu irmão fez uma careta. — Espere.

Edward fez uma pausa. — Sim?

— Você ainda não separou Shaughnessy da menina Marshall?

— Não —, Edward disse lentamente. — Eu ainda não. Ele é teimoso. — Ele não tinha pensado que suas mentiras cuidadosas dariam frutos tão cedo. Ele ficou no lugar, desejando que seu irmão dissesse mais.

James suspirou. — Você consegue guardar um segredo?

— James.— Edward balançou a cabeça lentamente, pacientemente. — Eu *sou* um segredo. O que eu diria?

— Verdade, verdade. Bem. No interesse de relacionamento fraterno, você pode querer ter a certeza de que Shaughnessy não esteja na imprensa amanhã, no final da noite.

— Claro. Há alguma razão?

James hesitou, então Edward lhe deu outra mentira.

— Não, não, não me diga —, disse ele. — Eu posso ver que há outra razão. Você já fez algo muito inteligente, não é?

Isso foi o suficiente para empurrar seu irmão sobre a borda. — Oh, não tão inteligente —, James hesitou. — Levei séculos para construir isso. E justo amanhã, eles vão, supostamente, atear o fogo.

Free tinha sido enterrada sob um verdadeiro ataque de telegramas — setenta e três, pelas quatro daquela tarde, e o correio em seu ciclo trouxe mais a cada hora.

Neste número não contavam os avisos que vinham dos correios. Após a exposição que tinha sido impressa na *London Review* essa manhã, e fez eco nos jornais de todo o país ao meio-dia, os anunciantes em toda a Inglaterra estavam desesperados para romper seus laços com ela. Os assinantes, sem dúvida, seguiriam o exemplo.

Free havia deixado de lado a manchete o jornal sobre a mesa da frente, um lembrete do que ela precisava para realizar até o final do dia.

WOMEN'S FREE PRESS DESCOBERTO COPIANDO COLUNA
DE OUTROS.

— Sua resposta não irá convencer. — Amanda tinha voltado de Londres naquela manhã, e estava examinando a defesa de Free rabiscada às pressas à mão. — Isto soa como a mais fraca das desculpas. Eu mesmo não acreditaria, se não tivesse visto você escrevendo aquelas colunas.

— O Sr. Clark tem a prova —, disse Free.

Amanda bufou em resposta. — O Sr. Clark não está aqui. Conveniente para ele, não é? Aqui estamos nós, afirmando que alguém, e apesar de suspeitarmos quem é, não podemos prová-lo e por isso não nos atrevemos a nomear, tomou o nosso trabalho mais cedo, mas não temos certeza de como. Esta pessoa desconhecida fez isso, a fim de desacreditar-nos, por algum motivo desconhecido. A história é tão fraca que iria despertar suspeitas até mesmo dos nossos adeptos mais fiéis. Não podemos imprimir isto. Estamos melhor se não imprimirmos nada.

Free cruzou os braços e olhou para o espaço. — Então você acha que a impressão de uma negação nua é a melhor opção.— Esta tinha sido sua escolha, esperar até que tivesse provas antes de proceder; este descalabro foi o que resultou.

— Sim —, disse Amanda.

— Ela está certa —, disse Alice por cima do ombro.

Quando as duas concordavam, estavam certamente corretas.

— Diga simplesmente —, disse Amanda, — que nós, do *Women's Free Press*, revimos nossos procedimentos internos e estamos satisfeitas de que as peças que temos impressas tenham sido da autoria de nossos escritores. Estamos analisando esta questão.

— Mas...

— Adicione que nós permitiremos que o repórter do *London Review* examine nosso arquivo interno de provas antecipadas, demonstrando que as versões anteriores das colunas estavam em nossa posse antes que os outros jornais fossem para imprimir.

— Mas...

— Não se defenda, Free, até que você possa fazê-lo bem. Você terá uma chance de construir a sua defesa aos olhos do público. Espere até que sua história seja inquestionável, ou você vai perder.

Droga. Ela queria *fazer algo*. Free fechou as mãos em punhos. Os telegramas tinham vindo durante todo o dia, e cada um parecia como uma faca em seu coração. *Pequenas Mercadorias do Andrews* — ela tinha trabalhado com eles há anos. Não era certo, não era *justo*, que nem mesmo eles esperaram para ouvir a sua explicação antes de saltar para a conclusão da sua culpa.

— Vamos ganhar —, disse Alice atrás dela, colocando a mão em suas costas.

Ela não queria nada disso. Mesmo que ela rechaçasse estas acusações, a cada hora que passasse se defendendo contra elas, era uma hora não gasta em questões substanciais. Esse projeto de lei de Rickard, falho como era, era improvável que ainda fosse à discussão, a menos que ela ajudasse e fizesse a sua parte para colocá-lo na boca de todos. O próprio

ato de gastar energia neste pântano sem esperança era uma perda, não importa como acabasse.

Ela colocou a cabeça entre as mãos.

A porta se abriu. Ela se virou, esperando o correio novamente.

Mas em vez do rapaz de óculos do escritório de telegramas na cidade, o Sr. Clark estava na porta. Ele olhou ao redor da sala — para ela, Amanda e Alice na mesa, discutindo sobre a tão importante resposta — seus olhos se estreitaram.

— Onde estão os homens, menina Marshall? — Sua voz era um rosnado baixo.

— Que homens?

— Os homens que eu lhe disse para contratar. — Ele deu um passo para a frente. — Eu sei que você não confia em mim, mas com o que está em jogo, eu acho que você poderia pelo menos ouvir por um maldito minuto e meio.

— Que homens? —, Ela repetiu.

Ele olhou para ela, realmente olhou para ela, reparando nas manchas de tinta em seu queixo e as enxurradas de telegramas sobre a mesa ao lado dela.

— Cristo —, ele praguejou. — Você não leu o meu telegrama.

— Eu estive ocupada. — Ela olhou para ele em tom acusador. — Tentar montar uma resposta a esta acusação, sem qualquer uma das provas que você afirma ter, mas levou consigo. Eu não tive tempo para ler todas as mensagens. Mais uma pessoa cancelando um anúncio publicitário ou expressando sua alegria com a minha queda em desgraça, o que isso importava? As coisas não poderiam ficar muito pior.

— Sim, elas podem, — o Sr. Clark rosnou. — Eu estava errado; Eu não tinha o plano completo. Isto não é apenas sobre colocar você em perigo, menina Marshall. É necessário que você esteja em perigo à vista de

todo o mundo. Dessa forma, quando a sua imprensa for queimada até ao chão, todo mundo vai acreditar ser um incêndio criminoso. Eles vão pensar que, com a certeza de enfrentar a ruína financeira, você ateou fogo em tudo, num acesso de desespero, para receber o dinheiro do seguro.

Free sentiu suas mãos gelarem.

— Ele pode estar mentindo, Free. — Amanda veio para ela. — Estes homens, que ele quer que você contrate, — quem sabe quem poderiam ser? Homens sob o seu controle. E uma vez apresentados, eles estarão aqui. Protegendo-nos, é o que dizem, mas quem sabe a que outro mestre vão servir? Você realmente confia nele?

Os lábios do Sr. Clark estreitaram-se, mas não disse nada em sua própria defesa. Ele simplesmente cruzou os braços e olhou para ela, como se querendo que ela se decidisse, como se desafiando-a a confiar nele agora, quando ela tinha todos os motivos para não o fazer.

Mas não foi o silêncio que a fez decidir em seu favor. Não foi a lembrança da última vez que ela sentira o toque de sua luva deslizando ao longo de sua mandíbula. Não foi nem mesmo o baque perigoso de seu coração, sussurrando loucamente no fundo de sua mente.

Não. Sua confiança, tal como era, foi ganha em uma base muito mais prática.

— Nisto, — Free disse: — eu acredito nele.

Ele soltou uma exalação, seus braços caindo para os lados.

— Mas — Amanda começou.

Free virou severamente e foi até a janela. — Eu acredito nele —, ela disse, — porque eu sinto cheiro de fumaça.

Capítulo Oito

Não havia homens presentes, apenas meia dúzia de empregadas femininas que haviam permanecido para executar a impressão. Cambridge, com os seus carros de bombeiros, estavam a uma meia milha de distância. No momento em que Edward tinha feito o seu caminho para fora da porta da imprensa, já era tarde demais. Fumaça tinha começado a escoar para fora da porta da pequena casa para baixo como em mechas claras.

Abriu-a de qualquer maneira. Uma onda de calor o afetou, seguidas por uma profusão de asfixiante fumaça ardendo em seus olhos. Nuvens cinzas fluíam na sala da frente; o fogo crepitava. Ele olhou para cima; chamas já estavam comendo as vigas do forro do teto. Não existia tempo para salvar a estrutura. Não havia areia e apenas alguns baldes.

Free estava bem atrás dele. Ela endireitou os ombros e empurrou, passando por ele.

Ele agarrou seu pulso, puxando-a para trás.

Ela puxou contra o seu aperto. — Nós podemos dominá-lo.

— Nós não podemos, — ele disse a ela. — Eu vi mais incêndios na minha vida do que você poderia sonhar. A fumaça vai lhe matar se você tentar. — Sua garganta já estava irritada, e ele só estava de pé na soleira.

— Mas...

— Existe alguma coisa lá dentro que vale a sua vida? Porque é isso que vai acontecer se você entrar agora.

— A carta da minha tia Freddy. — Ele podia sentir todo o seu braço tremendo. — Ela deixou para mim quando morreu.

— Será que a sua tia Freddy iria querer que você arriscasse sua vida por um pedaço de papel?

— Não —, ela sussurrou.

Seus olhos estavam lacrimejando. Se alguma vez alguém lhe perguntasse, diria que era a fumaça irritando-os. Ele não achava que a menina Marshall estaria disposta a admitir a lágrimas.

Ele tirou a gravata e entregou-a a ela. — Molhe isso e envolva em torno de sua boca e nariz. Isso vai ajudar. Temos trabalho a fazer.

Ela não tinha tido tempo para colocar um chapéu; seu cabelo estava arrastando pelas costas como uma trança de seu próprio fogo com raiva.

Ela pegou o lenço de suas mãos. — Eu pensei que não havia nada a ser feito.

— Para sua casa? Não há. Mas precisamos definir uma faixa de terra limpa para garantir que as chamas não se espalhem para a imprensa.

Fazia anos desde que ele tinha estado em um corpo de bombeiros; ele pensou que a memória daquelas semanas tinham ficado juntas no esquecimento anódino, mas tudo estava voltando para ele agora. Aquela árvore, eles tinham que cortar os ramos em volta, e, em seguida, cavar uma linha na relva.

Seus ombros soltaram-se uma última vez. Mas até agora, as chamas estavam na altura da cintura na sala da frente, e mesmo ela deveria saber que era impossível. Ela se virou, marchando de volta para onde as mulheres estavam saindo de imprensa.

— Melissa, precisamos de pás, ou qualquer coisa como pás que você puder encontrar. Caroline, você deve ir buscar ajuda. Phoebe e Mary, comecem com os baldes.

Edward encontrou uma pá e começou a marcar um perímetro quando seu cérebro finalmente conectou com o seu corpo. Ele olhou para cima,

para as mulheres que dispersam em todas as direções, começou a traçar a batalha contra o incêndio e a boca secou com a súbita percepção.

Este não era o fogo que seu irmão tinha falado. *Isto* era uma distração.

Ele não tinha tempo para pensar. Ele deixou a pá no lugar e correu de volta para o prédio da imprensa. As portas estavam abertas a toda a largura, mas o piso de imprensa estava vazio. Mas o cheiro de óleo de parafina assaltou. O chão sob os pés brilhava em cores iridescentes.

Ele olhou em volta e não viu ninguém.

Tinha de haver alguém aqui. O incendiário devia estar dentro; o local precisava de nada mais que uma faísca para incendiar. Ele se arrastou para a frente, verificando debaixo da mesa, atrás de uma cômoda. Ele veio para o outro lado da sala na parede que a janela de vidro derramava luz no escritório da menina Marshall. A porta estava entreaberta. E ali, nas sombras escurecendo sob sua mesa...

Havia a ponta de uma bota saindo para fora do outro lado.

Emoção, disse a si mesmo, seria nada mais que um fardo agora. Ele precisava agir, e agir rapidamente. E ainda assim, ele não poderia dissipá-la. Seu estômago parecia cheio de raiva.

Ele andou em seu escritório, agarrou o homem pelo pé, e puxou com toda a força. Ele estava com tanta raiva que mal sentiu o peso do outro homem, mesmo que o sujeito devesse pesar, pelo menos, quinze *stones*¹⁵.

O homem bateu, soltando-se do aperto de Edward. Outro chute nos joelhos de Edward, e ele caiu no chão. O incendiário ficou de pé, correndo para a porta do escritório de Free.

Edward se lançou para ele, agarrando-lhe o tornozelo. Ele conseguiu, mas o homem pisou, e bota encontrando a mão de Edward. Em algum

¹⁵ **Stone** ou **stone weight** (abreviatura: **st.**) era uma unidade de massa, usada no Império Britânico, variando, consoante os materiais a pesar. Em 1835 fixou-se no equivalente a 14 pounds (6.35029318 kg). Foi proibido o seu uso para fins comerciais em 1985, quando o Reino Unido aderiu à União Europeia.

lugar, a dor foi registrada. Mas no momento, com o cheiro de fumaça e parafina sobrecarregando seus sentidos, Edward não sentiu nada.

Ele estendeu a mão e agarrou o homem pelo colarinho com a outra mão, torcendo, cortando o ar.

— Seu idiota —, disse ele sombriamente.

O som marcante de madeira contra uma lixa — o cheiro de fósforo — o trouxe de volta para si mesmo. Por um momento, ele sentiu medo, e com ele, todas as outras sensações retornaram: a dor aguda em sua mão, a queimadura de seus pulmões.

— Deixe-me ir—, disse o outro homem. — Deixe-me ir ou eu vou largar isso agora.

A atenção de Edward focou-se no início da dança de uma chama perigosa. Inferno, a fumaça nesta sala estava grossa o suficiente para que pudesse pegar fogo.

— Pare de ser um idiota e largue isso — Edward rosnou. — Você vai nos matar.

As mãos do homem tremiam. Edward estendeu a mão — mão que não parecia estar funcionando corretamente e esmagou a chama com a sua luva.

Seu coração batia como as asas de um bando de pássaros. O homem tentou empurrá-lo uma vez, duas vezes, inutilmente agora, porque Edward tinha dado conta dele não iria deixá-lo ir.

Ele poderia dizer o momento em que o homem desistiu — quando seus membros descansaram e olhou nos olhos de Edward, seus lábios puxando em uma carranca resignada.

— Oh, sim—, disse Edward em um rosnado baixo. — Você deve ter medo. Você está em um monte de problemas.

Quando a noite caiu, os últimos restos da casa de Free, em forma de brasa carbonizada e enegrecida, mal seguravam o conjunto com a forma de um edifício — a maioria tinha sido destruído pelas chamas.

Ela tinha ido embora. Sua casa, seu lugar de segurança ... Mas isso tinha sido uma ilusão, também. Suas mãos estavam manchadas de fuligem; seu vestido tinha cheiro de parafina. Mas sua imprensa ainda estava de pé. Vitória, de alguma forma.

Alguma vitória.

Ela se arrastou de volta para o grupo das suas cansadas, enlameadas funcionárias. Elas todas trabalharam duro. Ela gostaria de poder enviá-las para casa. Não havia tempo para estar cansado, apesar de tudo. Havia muito a ser feito.

A mais importante dessas coisas precisava ser feita rapidamente. — Amanda —, Free disse, — você precisa sair agora, se você quiser pegar o trem noturno para Londres.

— Mas...

— Nós não podemos tomar um instante sequer para sentar e lamber as nossas feridas —, disse Free. — Cada momento que passamos a combater isto é um momento perdido para uma luta maior e mais importante. Se alguma coisa acontecer, você precisa estar em Londres, onde você pode encomendar uma outra impressora para imprimir o nosso jornal.

Mais importante, se algo mais tinha sido planejado para hoje à noite, se algo acontecesse com Free, ela precisava ter certeza de Amanda sobrevivesse para levar as coisas por diante. Mas ela não disse isso; se ela falasse em voz alta, ela poderia perder os nervos completamente.

Ela não tinha isso. O queixo de Amanda tremeu, mas ela balançou a cabeça.

— Melissa, certifique-se de que Amanda chegue com segurança à estação. Enquanto você estiver na cidade, deixe que saibam que tem alguém aqui que os policiais terão que levar sob custódia — Isso tinha que ser feito. Se tinham alguma chance de apresentar este caso ao público, elas teriam que ser vistas a jogar pelas regras civilizadas.

Ela não se sentia muito civilizada. Ela virou-se, antes que perdesse a coragem e pedisse para sua amiga ficar. Ela não viu Amanda sair. Havia muito o que fazer, depois de tudo. Ela tinha uma resposta para terminar, um jornal que precisava estar no trem às 04:00. Não havia tempo para parar agora.

— Tudo bem, todo o mundo —, ela disse carregando sua voz. — Temos de parafina para limpar.

E enquanto elas estivessem fazendo isso, ela tinha uma história para descobrir.

O Sr. Clark tinha amarrado o cativo nos pulsos e pés e o prendeu a uma cadeira. O homem estava na sala de arquivo. Ela precisava saber quem o tinha enviado, o que ele tinha sido encarregado de fazer. E ela precisava saber que agora, a tempo para ela para escrever essa história, antes que os policiais chegassem.

Não havia tempo para nada, mas respostas rápidas. E ela tinha um canalha aqui, depois de tudo.

Ela respirou fundo e foi procurar o Sr. Clark.

Ele estava na sala de arquivo. O espaço era pequeno e escuro. Com uma cadeira extra e a mesa ainda no lugar, ela e Clark estavam quase cotovelo com cotovelo, de frente para o homem amarrado.

— O que você conseguiu? — Sua voz soava trêmula para seus próprios ouvidos. Um mau sinal, isso. Ela lutou para se controlar.

O Sr. Clark se virou para ela. — Seu nome: Edwin Bartlett. Mas, infelizmente, ele não sabe quem o contratou. Houve pelo menos um intermediário, e eu diria mais.

Não. Ela se recusou a acreditar nisso. Ela tinha esperança de que tudo seria simples que o incendiário iria entregar James Delacey no primeiro instante, que ele seria capaz de descrevê-lo perfeitamente.

Teria sido alguma compensação para a perda de sua casa — ser capaz de colocar a culpa em público em sua porta.

Sua voz tremeu quando ela falou. — Ele está mentindo. Ele tem que saber mais.

Isto foi recebido com silêncio. Ela não podia ver o rosto de Sr. Clark, e ele não se virou para ela.

— Ele tem que estar mentindo —, disse ela. Ela *precisava* que estivesse mentindo. — Você não tem... — Seu estômago voltou com a ideia de pedir mais. A própria ideia a fez se sentir doente.

— Não tenho o quê?

— Alguma forma. — Suas mãos tremiam. — Para encorajá-lo.

— Encorajá-lo. — Ele fez um barulho áspero em sua garganta, quase um rosnado. — Menina Marshall, eu não acho que você quer que eu diga: Aqui o Edwin, agora, é um bom tipo. — Talvez você precise esclarecer o que entende por encorajá-lo.

Não.

Eles não tinham tempo. O policial estaria aqui em, provavelmente, quarenta e cinco minutos, e de qualquer maneira, o entregador chegaria às duas e meia... Ela tinha pouco mais de meia hora para chegar a qualquer outra coisa que ele soubesse, se ela queria ter esta história na próxima edição.

— Ele está com medo, pois é, — O Sr. Clark disse-lhe secamente. — Francamente, eu duvido que ele tenha força de espírito para contar mentiras, no momento.

Ela respirava. — Talvez precisemos esclarecer sua memória. Não é algo que você pode fazer?

— Eu não sei nada —, o incendiário disse, sua voz um gemido. — Eu já disse tudo, disse todos os detalhes. Foi um homem de Londres que me contratou, um homem grande. Careca.

Ela sentiu-se mal.

Ela não podia ver muito do Sr. Clark. Mas a sua silhueta endireitou-se e virou-se para ela. — Você não sabe o que você está sugerindo —, disse ele. — Você não pode mesmo dizer a palavra em voz alta. Você quer que eu o torture.

Dita em voz alta, a feia palavra — *tortura* — parecia encher a sala. Ela não queria. Cada parte dela se rebelou contra isso. Mas havia esse pequeno canto que pensava. *Ele tinha incendiado sua casa. Ele pode saber mais. Não seria justo se ...?*

O Sr. Clark fez um ruído rude. — Deus. Eu esqueço, às vezes, como ingênua você realmente é.

Parecia um tapa na cara.

— Eu não sou ingênua. Só porque eu não posso dizer a palavra.

— Oh, você é ingênua até mesmo a pensar sobre isso. — Ela já o tinha ouvido com raiva antes, tinha-o ouvido divertido. Ela não sabia o que era essa emoção expressa. Algo mais sombrio, algo mais real do que ela já o tinha ouvido falar antes. — Você não tortura um homem para obter a verdade, menina Marshall. Você não leu a sua história da Inquisição espanhola?

Free deu um passo para trás, afastando-se dessa intensidade. Suas costas encontraram a parede da sala. — Eu não entendo.

— Claro que você não entende. Você leu uma história, sem dúvida, onde um homem tinha informações. Alguém empunhava uma faca bem colocada para fazê-lo divulgar seu segredo a tempo. O bem prevaleceu, e todos viveram felizes para sempre.

Ela sentiu-se mal.

— Esse foi um pedaço morno de ficção, escrito por um homem que estava sentado a um fogo confortável, inventando um conto dificilmente plausível, para um público crédulo. Você não tortura um homem para descobrir a verdade, menina Marshall, não importa como as histórias soam. Qualquer *verdadeiro* canalha pode dizer-lhe isso. Você tortura um homem para fazê-lo em outra pessoa. A verdadeira dor é como tinta preta. Que pode apagar a alma de um homem. Se você está disposta a usá-la, você pode escrever o que quiser em seu lugar. Quer que ele jure ao catolicismo? Entregue-o aos inquisidores. Quer que ele acredite o sol se põe no leste, e a lua é feita de queijo verde? Traga as facas quentes. Mas uma vez que você derrame a tinta de sua alma, você nunca vai tirá-la. Ele vai dizer qualquer coisa, ser qualquer coisa, acreditar em qualquer coisa — apenas para que você pare. Você vai perguntar -lhe a ele sobre Delacey, e ele vai inventar qualquer história que você queira ouvir, só para poupar a dor. Mas não irá aguentar-se sob observação, porque não vai ser verdade.

Ela engoliu em seco.

— Então, não, menina Marshall. Eu não vou dar-lhe a sua resposta fácil. Ela não existe. Vai escrever a bagunçada história difícil. Escreva o conto sem um final feliz. Nós não teremos nenhum outro tipo esta noite.

Foi uma coisa boa que estivesse escuro; ela não achava que pudesse olhar nos olhos dele.

Ela virou-se e saiu da sala. A luz na sala de imprensa principal a cegou, depois da escuridão da sala de arquivo. As mulheres — suas mulheres, mulheres cujos filhos ela conhecia, cujas esperanças ela tinha

ouvido, — estavam ao seu redor. Espalhando areia para absorver o óleo, retirando-a com pás para baldes e depois esfregando com sabão e lavando com vinagre até ao último resíduo. O cheiro já estava começando a se dissipar.

Suas mãos tremiam. Ela nunca tinha ouvido o Sr. Clark falar assim antes. Isso tinha sido algo próximo a um acesso de escura raiva — e sobre a tortura, de todas as coisas.

Que tipo de canalha *era* ele?

Ela respirou fundo. Ele era o tipo de canalha que estava certo.

Ela teve de aprimorar a sua raiva. Aquela pobre, miserável criatura, em seu quarto das traseiras, era apenas uma ferramenta.

Ela precisava de um plano.

E para esta noite, ela precisava de uma história. Talvez fosse uma história nua e feia, uma sem final simples, ou explicações claras. Mas seria uma história, no entanto.

Até ao momento que os policiais chegaram, solenes em seus uniformes azuis e levaram o Sr. Bartlett sob custódia, as palavras de Free estavam correndo, cuspidas páginas.

Ela tinha-se prendido ao básico: a negação de que ela tinha trabalhado antes de Amanda sair e, em seguida, a história do fogo e do homem capturado.

Por volta da meia-noite, Alice entregou-lhe uma braçada de cobertores. Free ocupou-se de criar uma cama sobre uma palete em seu escritório. Ela estava arrumando a roupa de cama improvisada quando o Sr. Clark entrou.

— O que você está fazendo? — Ele gritou, por cima do som da impressora.

Ela não tinha sido capaz de olhar para ele desde a sala de arquivo. Ela ainda não poderia fazê-lo. Ela olhou para os cobertores de lã cinza em suas mãos em vez disso. — Eu estou me preparando para dormir aqui.

Ele cruzou os braços e olhou para ela.

— Minha casa se foi. — Ela teve que gritar para ser ouvida acima do barulho, e era bom para desabafar sua raiva. — Alguém deve ficar aqui durante a noite para ter certeza de nada mais vai acontecer. Alice e seu marido estão na cama abaixo na sala de arquivo, e desde que eu não tenho outro lugar para ir...

— Se você estiver ficando —, disse ele, inclinando-se para ela, — eu vou ficar.—

— Sr. Clark, não seja ridículo.

— Eu não estou sendo ridículo.

Ela cometeu o erro de olhar para cima quando ele disse isso. Seus olhos estavam escuros. Ela esperava que ele estivesse ardendo de raiva depois de seu argumento. Em vez disso, ele parecia frio, frio de gelo. Como se ele não se importasse com ela, não se preocupasse com nada.

Ele lançou-lhe outro olhar sombrio, e depois sacudiu a cabeça e se afastou.

Capítulo Nove

A prensa terminou o seu turno à uma da manhã. Eles embalaram os jornais num silêncio cansado, preparando-os para serem levados para a estação. Um pouco de água e sabão, e uma camisola emprestada de Alice, Free preparou-se para o que seria a sua cama, esta noite. Mas depois que Alice e seu marido haviam saído, Free se viu incapaz de fechar os olhos. Ao invés, ela olhou para o teto escurecido e percebeu que tinha mais uma tarefa a fazer esta noite.

Ela se levantou e foi para a porta.

O Sr. Clark estava fora, no piso principal. Ele estendeu o seu casaco; Alice tinha-lhe, aparentemente, trazido a sua quota de cobertores e ele estava sentado sobre eles. Seus pés estavam descalços e ele estava examinando a mão sob o luar. Ele olhou para cima quando ela abriu a porta, estendeu a mão, e calçou uma luva. Ele não resistiu quando ela se aproximou. Ele não falou. Ele simplesmente a observou se aproximar.

Deus, ele ainda irradiava frio.

Ela não estava usando tanta roupa quanto teria, normalmente. Oh, ela sabia que a camisola cobria tudo que precisava ser coberto. Ainda assim, aquilo deixou-a se sentindo...nua. E ela já se sentia mais do que um pouco exposta a este homem.

Ajoelhou-se ao lado dele. Ele não se moveu, nenhuma polegada.

— Obrigada —, ela disse a ele.

Sua expressão não mudou, nem um pouco, mas ele olhou para ela como se ele pudesse congelar seu coração.

Ela não parou. — Obrigada pela ajuda. Por parar o fogo. Por parar ambos os incêndios. — Sua voz caiu. — Obrigada por me impedir de fazer algo que eu teria lamentado. Eu não tinha dito obrigada ainda, e eu devo-lhe isso.

— Não foi nada.

— E obrigada por ficar agora...

Ele a cortou com um aceno de cabeça. — Você está me tornando bastante com o herói, menina Marshall. Diga o que quer quiser, mas me deixe fora disso. Estou aqui esta noite porque eu não quero ficar sozinho. Nenhuma outra razão.

Ele levou um momento para perceber que ele estava dizendo a simples verdade. Que estava sentada perto dele no chão. Não ao lado dele; não completamente. Seus dois pés separam. Distância suficiente... e ainda assim não o suficiente.

Ele lançou um olhar em sua direção.

— Então, Sr. Clark, — ela disse. — Quando você viu um homem torturado?—

— Em outros lugares. — Ele mordeu as palavras. — Foi muito pior do que você pode imaginar, menina Marshall. Eu não tenho estômago para falar sobre isso, e eu certamente não tenho o desejo.

— Muito bem, então.

Ele pressionou a mão na testa, balançando a cabeça. — Eu não sei por que me preocupo. Não há nenhum sentido em nada disso.

Free traçou um desenho no chão com o dedo. — Na minha opinião? Eu acho que você se preocupa porque você não é tão ruim como se faz parecer.

— Sim, diga-se isso, menina Marshall. — Havia um tom de zombaria em sua voz. — Diga-se que eu sou seu cavaleiro de armadura brilhante, aqui para salvá-la de incêndios e inimigos. Isso é uma mentira,

mas algumas pessoas precisam de mentiras para dormir à noite. Estou aqui por minhas próprias razões. Eu admiro você. Eu *gosto* de você. — Seu sorriso tornou-se mais sombrio. — Vou levá-la para a cama, se desejar. Mas não me peça para fingir que isso —, ele acenou com a mão ao redor — que nada disso me importa minimamente. Isso não acontece.

— Você realmente não acredita nisso.

Ele moveu uma polegada em direção a ela. — Você é a mulher mais linda que alguma vez bateu a cabeça contra uma parede, mas a parede que está golpeando é maior e mais grossa do que a Grande Muralha da China, e há apenas uma de você. Não são as pedras que vão dar lugar a você, minha querida.

Free engoliu. — Você entendeu errado.

— Ah, a parede é feita de papel e, em seguida, você vai estourar através dela a qualquer momento. — Ele riu para ela, e ela podia ouvir o gelo em sua voz. — Dê-se mais dez anos, e talvez você vá entender o que você está enfrentando. Até então, vá em frente. Continue a lutar.

Free o contemplou na escuridão. — Depois desta noite, você ainda acha que eu sou ingênua? Que eu não entendo como funciona o mundo?

— Não há nenhuma prova de que fez você compreendê-lo. Depois de tudo o que vi hoje, você ainda ficou acordada para enviar sua edição seguinte. O que você imagina que seu pequeno jornal vai mudar? Você acha que, de repente, Delacey vai ler um de seus ensaios e dizer: Meu Deus, eu tenho estado errado. As mulheres merecem ser tratadas de forma justa, afinal de contas?

— Não — Free desviou o olhar. — Claro que eu não acho isso. Eu nunca vou convencê-lo.

— Ou você imagina que há um grupo de homens, em algum lugar, que ainda não se decidiram sobre a questão do sufrágio feminino? Os homens que estão pensando: Bem, acho que as mulheres podem ser seres

humanos reais, assim como os homens. Talvez eu tivesse que melhor olhar para elas.

Free sentiu seu rosto corar. — Não seja ridículo.

— Porque eu posso lhe dizer o que vai acontecer —, disse Clark em sua voz escura, perigosa. — Vocês, mulheres, vão chiar entre vós sobre a justiça e injustiça. Talvez se vocês o fizerem em voz alta o suficiente, algum dia um punhado de vocês vão ser autorizadas a votar, e vai ser contabilizada uma grande vitória. Talvez em cinquenta anos, as mulheres vão atingir uma minoria distinta nas classes profissionais. Podemos ter uma médica mulher, uma mulher advogada, e cinco ou dez de vocês podem juntar-se e formar uma organização e apertar as mãos porque algo foi realizado.

Free soltou um suspiro.

— Talvez em cem anos de voto das mulheres, você pode eleger uma única mulher Primeiro-Ministro. — Ele deu um sorriso áspero. — Mas apenas uma, e mesmo assim, as pessoas nunca vão levá-la a sério. Se ela for severa, eles vão culpar o seu ciclo menstrual. Se ela sorrir, será a prova de que as mulheres não são fortes o suficiente para liderar. Isso é para o que você está se preparando, menina Marshall. Uma vida inteira de pequenas vitórias, das vitórias que pousam como chumbo em seu estômago. Sua causa pode ser justa. Mas você é delirante, se você acha que pode realizar qualquer coisa. Você está colocando-se contra uma instituição que é mais velha que o nosso país, menina Marshall. É tão antiga que raramente precisa mesmo de falar sobre isso. Revolte-se o quanto você quiser, menina Marshall, mas você terá mais sucesso esvaziando o Tâmis com um dedal.

Ele tocou um dedo em sua testa em saudação simulada, como se tocasse um chapéu. Como se ela tivesse acabado de partir da terra da realidade, e ele desejou-lhe uma viagem agradável. Suas palavras não

estavam de acordo com as suas ações, apesar de tudo. Ele chegou ainda mais perto dela enquanto falava, inclinando-se com cada frase, até que ele parecia quase a ponto de beijá-la.

— Você está certo — disse Free, fechando os olhos.

Ele piscou e sentou-se, inclinando a cabeça. — O que você disse?

— Eu disse que você estava certo —, repetiu Free. — Você está certo sobre tudo isso. Se a história serve de guia, que levará anos, décadas, talvez, antes que as mulheres vão obter o voto. Quanto ao resto, eu imagino que qualquer mulher que conseguir se destacar será alvo para o abuso. Elas sempre são.

Seus olhos plissados em confusão.

— O que eu não entendo é por que você acha que precisa me palestrar sobre tudo isso. Eu escrevo um jornal para as mulheres. Você imagina que ninguém nunca me escreveu para explicar exatamente o que você disse?

Ele franziu a testa. — Bem.

— Você acha que nunca me tinha sido dito que eu estou chateada porque estou menstruada? Que eu iria me acalmar se apenas algum homem colocasse uma criança na minha barriga? Normalmente, as pessoas que escrevem isso, se oferecem para ajudar com essa mesma tarefa. — Ela engoliu bile na memória. — Devo dizer-lhe o que alguém pintou na minha porta a meio de uma noite? Ou você quer ler as cartas que recebo? — Free colocou os braços em torno de si mesma. — Eu estou aqui, no chão do meu jornal, porque eu disse a um homem que eu não iria para a cama dele, e assim ele queimou a minha casa de cima a baixo. Então, sim, Edward. Eu sei os obstáculos que as mulheres enfrentam. Conheço-os melhor do que você conhecerá alguma vez.

Ele exalou duramente. — Deus, Free.

— Você acha que eu não sei que a única ferramenta que eu tenho é o meu dedal? Eu sou a única a empunhá-lo. Eu sei. Há dias em que eu olho para fora no Tâmis e desejo que eu pudesse parar de tirar água do barco para não afundar. — Sua voz caiu. — Meus braços estão cansados, e há tanta água que eu tenho medo que ele me vá puxar para baixo. Mas você sabe por que eu continuo?

Ele estendeu a mão e tocou-lhe o queixo. — Essa é a única coisa que eu não consigo perceber. Você não parece estúpida; por que você persiste?

Ela levantou o rosto para ele. — Porque eu não estou tentando esvaziar o Tâmis.

Silêncio caiu sobre eles.

— Olhe para as tarefas que você listou, as que você acha que são impossíveis. Você quer que os homens dêem às mulheres o direito de votar. Você quer que os homens pensem nas mulheres como iguais, e não como animais menores que andam por aí vomitando bobagens entre os nossos ciclos menstruais.

Ele ainda não estava dizendo nada.

— Todas as suas tarefas são sobre os homens —, disse ele. — E caso você não tenha notado, este é um jornal para as mulheres.

— Mas se...

— Eu me submeti a ser internada num hospital bloqueado pelo governo —, disse Free. — Eu fiquei trancada com três centenas de prostitutas suspeitas de estarem infectadas com sífilis, para que eu pudesse informar com precisão sobre a crueldade dos atendentes, a dor dos exames. — Ela ainda não conseguia se obrigar a lembrar com detalhes da sensação de estar aprisionada, das ferramentas de metal invasivas usadas sem um pinga de gentileza; tinha tudo ido ao agradecido esquecimento. — Eu disse a todos que havia mulheres morrendo de dor, sem nenhum conforto, sendo amarradas à cama se contorcendo em agonia. Eu informei que havia

mulheres que não tinham mostrado nenhum sinal de doença em dois anos e que ainda eram mantidas como prisioneiras.

— E, no entanto, o governo ainda está trancafiando as mulheres com sífilis. O Tâmis ainda corre, menina Marshall.

— Mas as duas mulheres que conheci livres de sintomas estão livres agora. E cada vez que Josephine Butler fala para uma multidão de homens, ela esboça um retrato com suas palavras do que aqueles milhares de mulheres sofrem. Homens crescidos choram ao ouvir, e nós desbastamos essa parede, dia a dia. Ela *virá* abaixo algum dia. — Ela ergueu o queixo e olhou-o nos olhos. — Você vê um rio correndo sem fim. Você vê uma triste coleção de mulheres com dedais, todas tirando para fora uma quantidade irrelevante.

Ele não disse nada.

— Mas nós não estamos tentando esvaziar o Tâmis, — ela disse a ele. — Olhe para o que estamos fazendo com a água que removemos. Ela não vai para o lixo. Nós estamos usando-a para regar nossos jardins, de broto em broto. Estamos cultivando campainhas azuis e trevos, onde antes havia um deserto. Tudo o que você vê é o rio, mas eu me preocupo com as rosas.

Seus olhos estavam escuros e a luz era fraca o suficiente para que mal pudesse vê-lo. Mas todo o seu corpo se foi virando para ela.

— Tudo sobre você importa para mim. — Ele se inclinou. — Não deveria. Eu continuo dizendo que não deveria, que é apenas o desejo a falar. Mas cada vez que falamos, você vira meu mundo de cabeça para baixo. — Seu sorriso era apertado e cansado.

— Você está errado novamente. Seu mundo começou de cabeça para baixo. Eu só estou tentando configurá-lo de cabeça para cima.

— De qualquer forma me dá a vertigem mais surpreendente.

Ele estendeu a mão. Mas ele não a tocou, com sua mão enluvada, e ele segurou, estático, um fio de cabelo de sua bochecha. Ela podia sentir o calor dele. Mas ele puxou-se de volta com um aceno de cabeça.

— Boa noite, menina Marshall —, disse ele.

Edward não tinha certeza do que o despertou no meio da noite. Um som, de alta frequência; um farfalhar talvez.

Ele acordou instantaneamente. Sua frequência cardíaca acelerada; ele pulou silenciosamente em seus pés. Mas não havia pegadas, não havia sons de qualquer barulho lá fora. E depois que o ruído soou de novo, um gemido suave, abafado vindo do escritório da menina Marshall.

Ele foi até a janela que dava para dentro naquele espaço.

A única iluminação era a lua, que entrava apenas indiretamente, através de uma única janela alta. Sua forma se contraiu, sua mão se estendeu, como se para empurrar alguém fora.

Ele deveria deixá-la dormir.

Mas ele estava tão além do que deveria quando ele veio para ela, que ele sabia que não o faria. Perigoso para entrar em seu escritório. Ele estava apenas de camisa, e ela ... Ele podia ver seu tornozelo aparecendo por debaixo de um cobertor, o flash de seu pulso. A menina Marshall estava muito despida para a sua paz de espírito.

Ele abriu a porta de qualquer maneira, ajoelhando ao lado dela. Ele colocou a mão em seu ombro.

— Menina Marshall, — ele murmurou.

Ela se virou de novo, desacordada. Ele roçou sua testa. Pegajosa, o suor frio encontrou seus dedos.

— Free —. Ele passou a mão pelo seu rosto.

Ainda assim, ela não acordou.

— Querida —, ele sussurrou.

Seus olhos se abriram sobre isso. Ela piscou, vagamente, para ele. Deus, ele estava, na medida em cima de sua cabeça. Com os cabelos espalhados ao seu redor, seus olhos não completamente focados nele, ela era a coisa mais linda que ele já tinha visto. Ele não a poderia ter captado, não com lápis ou tinta. Ele não poderia nem tentar. Afinal, um homem só podia desenhar o que ele podia compreender.

— Shh, querida, — ele sussurrou. O carinho, uma vez utilizado, veio muito facilmente à sua língua uma segunda vez. — Você estava tendo um pesadelo.

Ela exalou, apertando os lábios. Então, muito lentamente, sentou-se. — Eu sei disso, — ela disse sarcasticamente. — Era o meu pesadelo.

Ele desejou que ele pudesse sussurrar palavras doces em seu ouvido. *Vai ficar tudo bem. Durma de novo; Eu não vou deixar nada prejudicá-la.*

Mas ele não era nada do tipo doce de homem. Ela arrastou a mão sobre o rosto e suspirou.

— Sinto muito —, ela disse-lhe. — Eu não deveria ter acordado você. É só que eu sei que não deveria ter pesadelos. É ridículo.

— Você não deveria? —, Ele perguntou gravemente.

— Parece tolo admitir isso. Como eu estou temendo admitir.

Ele lançou outro olhar para ela. — E você não está com medo?

Ela não respondeu.

— É claro que você está com medo, menina Marshall. O medo é apenas tolo quando é irracional. Você tem homens pintando ameaças em sua porta, queimando sua casa. Se eles estão escrevendo cartas que sugerem que você precisa de uma criança em sua barriga, eu duvido que eles se estejam oferecendo para colocá-lo lá apenas se você estiver disposta.

Ela soltou um suspiro. — Eu ainda tenho pesadelos sobre estar no hospital bloqueado. — Ela pegou um cacho de seu cabelo, envolvendo-o em torno de seu dedo. — E isso não faz sentido. Eu estava lá apenas por algumas semanas, e não há perigo de eu ser enviada de volta.

Ele caiu em silêncio.

— Eu sabia que meu irmão me iria tirar. E eu ainda me lembro dos banhos de gelo no inverno. Água gelada, marrom. Eles não a trocavam para cada mulher. —

Ele estremeceu.

— E os exames médicos. Não era como ter um médico ouvindo seu pulso. Eles tinham que examiná-las visualmente. — Ela soltou outra respiração. — Em toda a parte. Digo a mim mesma que sou forte e valente, mas eu estava indo para passar dois meses lá. Eu quebrei após dois exames.

Ele tomou-lhe a mão. Ele ainda usava suas luvas — ele vinha-se sentindo demasiado auto consciente para tirá-las. Ele não disse nada. Ele não tinha certeza se ele estava segurando a mão dela para lhe dar força, ou para afastar sua própria carga de memórias.

Ela suspirou. — Mas então, o que você sabe disso? Você não tem medo de nada.

Ele poderia ter rido. Ele deveria ter dito a ela que medo, era para os outros homens, porque *ele* era quem eles deviam temer.

Hoje à noite, ele não podia obrigar-se a dizer uma mentira. Em vez disso, Edward deixou escapar um longo suspiro. — Fuzis de percussão são o próprio diabo. —

Ela não disse nada, e por um longo tempo, ele também não. Suas mãos emaranhadas, calor reunido com calor.

— Eu estava em Estrasburgo, — ele disse finalmente. — Sete anos atrás, durante o cerco. Eu estava no corpo de bombeiros. Os prussianos tinham esses canhões de fuzis que poderiam atirar balas explosivas a uma

distância impossível. Todas essas balas tinham fuzis de percussão para que explodissem com o impacto. Não havia lugar seguro. Trincheiras eram alinhadas com sacos de areia, mas, em seguida, o perigo era que a casa cairia em cima de você. Mais tarde, ouvi dizer que nos primeiros dias de cerco, os prussianos haviam disparado uma bala explosiva a cada vinte segundos. Você não pode imaginar, menina Marshall. Tudo o que queimou, e o que não queimou, estilhaçou. Você já viu a poeira de gesso inflamar no ar? Eu vi. E nós nem começamos a falar sobre as metralhadoras com capacidade de envio de balas na velocidade de uma manivela. —

Ela virou a cabeça para olhar para ele. Seus dedos segurando os dele.

— O pior eram as que não explodiam com o impacto. Elas poderiam explodir a qualquer momento. Eu vi um homem ser despedaçado por uma, na frente dos meus olhos —.

Por um longo momento, ele não disse nada. Ele não podia.

— Eu não acredito em mentir para mim mesmo —, disse ele. — Estou com medo. Desde esse dia, eu não posso ouvir um barulho sem saltar. E eu nunca consigo dormir em espaços pequenos. Eu estou sempre com medo das paredes caírem em cima de mim. O medo é uma resposta natural.

De alguma forma, o seu braço ficou ao redor dela.

— É o que você faz com o seu medo que importa. E é isso que eu não posso fazer sobre você.

Ela se virou para olhar em seus olhos.

— Relâmpagos sempre atinge a árvore mais alta na planície —, ele disse a ela.

Seus olhos estavam arregalados, brilhando sob o luar escurecido.

— A maioria das pessoas que são atingidas por um raio aprendem a manter a cabeça para baixo. São apenas pessoas como você que rangem os dentes e, em seguida, saem de novo, recusando a se encolher. Isso é o que

eu não consigo entender sobre você. Você foi atingida por um raio, uma e outra vez, e ainda está de pé. Eu não vejo como você é possível.

Deus, era tão fácil de segurá-la. Puxá-la para mais perto dele, sentir seu corpo contra o dele. A curva de seu peito pressionado contra ele, a linha de sua perna.

Ela não respondeu. Em vez disso, ela inclinou a cabeça para ele. Seu braço veio ao redor dela; seus lábios desceram sobre os dela, e o resto do mundo, o quarto escuro em torno deles, a sensação desconfortável do piso duro, os finos cobertores pareciam desaparecer. Não havia nada além de seu ombro debaixo da sua mão, os lábios macios sob os seus.

Beijos eram coisas perigosas, quando um homem queria uma mulher.

Eles faziam querer atirar seu coração em seu colo. Eles não eram apenas uma troca de gentilezas; eles ofereciam um vislumbre do futuro. Um beijo insinua o prazer que pode vir de uma noite na cama, na delícia que uma inebriante, longa semana que um caso poderia trazer.

Mas quando Edward beijou Frederica Marshall, algo terrível aconteceu, algo que nunca tinha acontecido na sua vida de beijos.

Ele não via um fim.

Ele não ia querer uma despedida doce no tempo de algumas semanas. Ele não poderia ir embora com o coração leve. Ele iria querer mais e mais, mais beijos, mais dela, uma e outra vez.

Ele iria querer o doce sabor dela, a sensação de seus dedos descansando nos seus até o fim dos seus dias. Um incendiário tinha pisado em sua mão; foi gravemente ferido. Talvez por isso ele apertou-lhe a mão, acolhendo a dor aguda como um lembrete.

Ele se afastou. Seus olhos brilharam para ele, brilhantes e nublados de desejo.

Oh, ele sabia que isso estava acontecendo desde o primeiro momento que a tinha conhecido. Ele sabia, e ele tinha mentido para si mesmo,

chamando-o de desejo, querer, vingança, qualquer coisa. Mas o que era: ele estava se apaixonando por ela.

Ele tinha pensado que não havia nada que tivesse sobrado, para ele pudesse se apaixonar.

Ele se afastou. Mas ele não podia obrigar-se a ser abrupto com ela. Nem mesmo agora. — Free. Querida. — Sua mão deslizou em seu cabelo, acariciando-o suavemente. — Durma um pouco.

Ele ficou.

Foi só quando ele estava na porta de seu escritório que ela falou.

— Foi em Estrasburgo que foram torturados?

Um buraco negro, doente, abriu-se em torno dele. Desta vez, ela não tinha dito *que você assistiu a um homem ser torturado*. Ela descobriu isso também. Ele ficou no lugar por um momento, simplesmente forçando os pulmões a trabalhar.

Quando ele teve o controle de si mesmo, ele se voltou para ela. Obrigou-se a sorrir, mesmo que o sorriso fosse uma mentira. Ele fez com que sua voz fosse suave, mesmo que nada sobre ele jamais fosse suave novamente.

— Não —, disse ele. Casualmente — que era o que ele queria. Casualmente, para que ela não suspeitasse da verdade. Um homem ocasional não teria se perdido completamente.

Ele deu de ombros com negligência, e mesmo que ela não pudesse vê-lo, ele encontrou um sorriso negligente. — Isso veio depois.

Free acordou na manhã seguinte ao som de alguém que se deslocava perto da imprensa. Ela levantou-se, escovando os cabelos rebeldes com os dedos, em alguma aparência de ordem.

Mas a única pessoa que ela viu através da janela foi Clarice, a mulher cujas funções exigiam que ela começasse de manhã, para ter tudo em prontidão para o dia. Clarice estava dobrando os cobertores onde Edward tinha dormido naquela noite.

Ele não estava em qualquer lugar à vista.

Vestiu-se rapidamente e saiu para a sala principal. — Bom dia. — Ela se perguntou se Clarice sabia por que ela tinha dormido em seu escritório, mas o olhar de simpatia no rosto dela tinha dito tudo.

Pelo menos, tudo o que tinha acontecido até meia-noite.

— Aqui —, disse Clarice, entregando-lhe um pedaço de papel. — o Sr. Clark deu-me isto há meia hora, quando ele estava saindo.

Saindo.

Ela pegou o papel.

Menina Marshall-

Negócios levam-me para outro lugar no momento. Eu estarei de volta esta tarde.

E.

Nada mais. Ontem à noite, tudo havia mudado entre eles, e não foi apenas o beijo. Havia algo sobre estar com um homem no escuro, partilhando segredos à meia-noite, que altera o curso do que está por vir.

Dois dias atrás, ela teria dito que ela não confiava nele.

Esta manhã?

Era como se ele ainda estivesse aqui, ainda segurando a mão dela. Ainda dizendo-lhe que ele não poderia compreender como ela continuava. Ela sentiu tudo isso, mesmo que ele não estivesse ali.

E ainda assim ele tinha o direito de ir. Havia negócios para cuidar, além do que ela poderia compreender. A realidade pousou em seus ombros, como pesados sacos de farinha.

Ela tinha homens para contratar para garantir o lugar à noite. Ela tinha que ver os detalhes de sua casa queimada, e, aliás, ela deveria encontrar um outro lugar para ficar, até que ela pudesse construir casa uma nova. Ela precisava de roupas, um pente, pó de dentes e muitos outros itens a listar. Havia anunciantes para apaziguar, uma história para descobrir, e James Delacey para destruir. E acima disso tudo, o jornal teria que sair mais uma vez amanhã.

Melhor começar cedo. Free ergueu o queixo. — Bem, vamos começar.

Capítulo Dez

O estábulo estava em silêncio e pacífico, agradavelmente escuro depois do sol do meio dia. Edward estava em conflito quando entrou. Sua mão direita que tinha ficado ferida na noite passada, agora doía. Sua palma estava vermelha, escura com uma pequena contusão, mas a dor era a menor de suas preocupações.

Patrick Shaughnessy estava no fundo do estábulo, examinando a perna traseira de uma égua. Ele olhou para cima quando Edward entrou, mas continuou com o trabalho com nada mais do que um aceno de cabeça. O pai de Patrick era da mesma forma, não parava de trabalhar por ninguém, a menos que estivessem sangrando ou com um osso quebrado.

Depois de um momento, Edward montou a escada para o topo do celeiro e encontrou um forcado. Lançar feno com a mão machucada era difícil. No início, a dor era apenas uma pontada, mas cresceu para um pulsar afiado. Cada garfada alimentava a dor um pouco mais. Foi um lembrete tão bom quanto qualquer outro. No fundo, não havia nada além de dor.

Demorou cerca de dez minutos para que seus músculos lembrassem o ritmo adequado para o trabalho. A dor concentrada na palma da sua mão, pulsando com cada impulso.

Tudo o que você vê é o rio, mas eu me preocupo com as rosas.

Difícil lembrar que havia mais do que o rio, quando uma vez transbordou e o arrastou para longe. Ele quase se afogou. Ele tinha

aprendido a lição: Não vá perto de rios. Não ir a qualquer lugar perto de rios.

A menina Marshall passou a vida desafiando aqueles mais poderosos do que ela para golpeá-la. Sua impulsividade, e sua determinação eram contagiosas. Ele pode se sentir infectado, fazendo-o acreditar. Fazendo-o dizer a si mesmo mentiras como: *Eu posso fazer algo bom e eu a quero para sempre.*

Ele cerrou os dentes e atacou o feno, pegando uma garfada pesada e deixando-a deslizar para a caixa na tenda abaixo.

Não, ele tinha que lembrar que ela estava errada. Você tem que manter seus olhos sobre o rio, não importa o que ela disse. Se você deixar seu controle escapar, os rios iriam puxá-lo para baixo. Em seu desespero, você se agarra a qualquer pessoa ao redor apenas para obter um suspiro de ar. Você nem sequer percebe o mal que fez até que seja tarde demais.

— Eu acho —, disse a voz de Patrick atrás dele, — que Buttercup teve o suficiente por agora.

Edward parou, respirando pesadamente, voltando a si. Ele colocou o forçado para baixo, olhando para os estábulos abaixo dele. Cavalos mastigavam pacificamente aveia e feno, caudas zunindo em repouso idílico. Um garanhão escoiceou, resfolegou e balançou a cabeça.

Era calmo aqui, e parte dele queria fixar uma residência estável. Mas não havia nenhuma maneira que ele pudesse rastejar de volta para a sua infância.

Em vez disso, ele olhou para Patrick. — Você sempre foi minha maior responsabilidade —, disse ele solenemente.

Outro homem poderia ter-se ofendido com essas palavras, mas Patrick entendia.

— Nunca importou onde eu fui na Europa —, disse ele, — ou quanto tempo se passou. Você nunca deixou de ser importante — você e Stephen.

Eu queria poder ser o companheiro endurecido que nunca se importou. Mas eu vi Stephen no outro dia ...

Edward encolheu os ombros.

— Você nunca quis tal coisa —, disse Patrick firmemente.

Edward contemplou isso. — Sim. Você está certo. — Ele se sentou, balançando as pernas sobre a borda do palheiro. — Depois de todos esses anos, depois de tudo que eu fiz. Você ainda é meu irmão mais do que o homem que compartilha meu sangue. A surpresa não é que eu ainda estou pendurado em torno de você. É que você não me reconheceu ainda pelo que eu sou.

Ele havia tentado. Deus, ele tinha tentado afastar Patrick. Ele tinha dito a ele cada coisa vil que ele tinha feito, como se ele, como seu amigo, fossem católicos, e Patrick seu confessor. Cada carta forjada. Cada pedaço de chantagem. Cada ato errado, ele transmitiu a seu amigo por carta. Toda a vez que ele tinha certeza de que este roubo descarado, esta história falsa, iria colocar o seu amigo contra ele.

— Oh, eu sei quem você é, — Patrick disse calmamente. — Eu estou apenas esperando.

Edward flexionou sua mão. — O amor é um inferno —, disse ele em breve. — Isso me faz perceber que ainda tenho algo a perder. Já era ruim o suficiente quando era apenas você e Stephen.

— Oh?

Edward chutou as pernas com raiva para o espaço. — Oh. — Ele deixou a sílaba no ar por alguns segundos antes de continuar. — Você estava certo, você sabe. A menina Marshall é muito inteligente. — Isso era tudo o que precisava dizer.

— E o que você vai fazer sobre isso? — Perguntou Patrick.

Havia uma parte dele, uma parte idiota e maldita, que queria dar a resposta que faria seu amigo sorrir. *Eu vou ficar na Inglaterra e cortejá-la.*

Ele tinha, porém que ouvir o pensamento que reconhecia a impossibilidade disso. Se James descobrisse Edward vivendo bem na Inglaterra, ele nunca descansaria com medo de que ele iria perder o título e suas propriedades. E se Edward fosse encontrado na companhia de Frederica Marshall, inimiga jurada de James? James poderia finalmente reunir a coragem de fazer mais do que queimar alguns edifícios.

Edward poderia assumir o título. Anunciar-se como Edward Delacey. Ele contemplou a ideia suavemente em sua mente; era dolorido e sensível como a mão machucada. A água em que ele caíra era de fato profunda, se ele sequer considerasse a possibilidade.

Edward balançou a cabeça. — Eu vou fazer a mesma coisa com a menina Marshall que faço a todos os que eu amo. Eu vou sair antes que eu possa fazer-lhe mal.

Patrick olhou para ele, sua boca curvando cético.

— Eu vou —, disse Edward. — Assim que eu conseguir que todos os outros a deixem em paz.

Edward retornou a cambridge no período da tarde, mas quando ele chegou à imprensa e abriu a porta, ele quase virou as costas e foi embora. Stephen Shaughnessy estava a dois metros de distância.

O outro homem não parecia saber que Edward estava na porta. Ele estava de costas para Edward, e estava gesticulando em movimentos exagerados, argumentando em tons excitados. Ele tinha quase a altura de Edward. Uma grande mudança desde Stephen o tinha seguido, todos aqueles anos atrás.

Ali estava ele, ainda a segui-lo. Inconveniente como sempre. Edward se viu sorrindo.

Stephen e Free — não, era melhor manter distância, tanto quanto possível — o senhor Shaughnessy e a menina Marshall tinham suas cabeças inclinadas sobre uma mesa.

— Não — a menina Marshall balançou um lápis azul. — Você não pode dizer *Duques recebem toda a atenção*. Isso soa amargo, e você não deve soar amargo. — Ela traçou uma linha enquanto falava.

Edward poderia virar-se e voltar em meia hora. Até então, Stephen, sem dúvida, já teria partido. Independente de qualquer coisa, ele não podia arriscar ser reconhecido.

A menina Marshall estava usando um vestido verde medonho, que, sem dúvida, lhe tinha sido emprestado por uma amiga. O caimento não era bom, folgado no busto e apertado nos quadris. A cor diminuía o brilho do seu cabelo que, sem os grampos normais, se recusava a ficar no lugar. Pequenos fios faziam um halo em volta da cabeça.

Ele nunca tinha visto algo tão lindo.

A menina Marshall acenou para Stephen. — Esta parte aqui é boa, mas esta introdução parece-me muito séria. Ele não vai fazer isso.

— Aw, Free.

Deus, Edward conhecia aquela frase. Quantas vezes ouviram *Aw, Edward*, ou *Aw, Patrick*, quando eram mais jovens?

Stephen virou-se, os olhos implorantes nela. — Não é possível eu —

— Não —, ela disse severamente. — Você não pode. Pare de choramingar e faça certo. Agora eu tenho que franzir o cenho para você nos próximos dez minutos, ou você pode produzir um parágrafo decente sozinho?

Edward deveria sair naquele momento, enquanto Stephen ainda estava ocupado. Antes que ele fosse reconhecido. E, no entanto, agora que ele estava tão perto, ele não queria ir.

Além disso, qual era a probabilidade de Stephen o reconhecer? O próprio irmão de Edward não o tinha feito. Stephen ainda pensava que ele estava morto, e o espelho de Edward disse-lhe o quanto sua aparência se tinha alterado. Mesmo seu sotaque tinha mudado. Nove anos vivendo no continente, mal falando Inglês, tinha mudado as cadências naturais de seu discurso.

A menina Marshall o olhou naquele momento e tomou sua decisão por ele. Ela olhou para ele e, em seguida, todo o seu rosto se iluminou. Ele quase cambaleou para trás sob a força de seu sorriso. Isso o fez sentir-se ... imprudente. Um homem não podia decepcionar um sorriso como aquele.

— Sr. Clark. Você voltou.

Ela parecia quase surpresa. Como se ele fosse o tipo que a ajuda em sua dificuldade, beija-a, e depois vai embora.

Ele era. Ele era precisamente esse tipo de homem, e não havia como se esquecer disso.

No entanto, ele sorriu para ela. — Sim. Desta vez. Acontece que há algo que esquecemos ontem à noite

Naquele momento, Stephen levantou os olhos do papel. Cada músculo que Edward possuía estava involuntariamente tenso, esperando.

— Espere, menina Marshall —, disse Stephen. — Eu não preciso de dez minutos. Eu tenho que... — Seu olho caiu sobre Edward, e ele parou, franzindo a testa.

Só há uma maneira de lidar com isso. Diga a mentira antes que o outro homem tivesse uma chance de reconhecê-lo como impostor.

Edward deu um passo adiante. — Eu sou Clark, — ele disse casualmente. — Eu sou um admirador de sua coluna.

Stephen piscou para ele com curiosidade, como se estivesse tentando descobrir por que ele parecia familiar.

— Shaughnessy —, disse ele fracamente, se apresentando. — Então você é o Edward Clark do qual eu muito tenho ouvido falar.

A menina Marshall ruborizou levemente com isso, e Edward sentiu-se gratificado apesar de si mesmo.

— Estou ajudando a menina Marshall com um assunto delicado, — disse Edward. — Agora, se me der licença, nós...

Stephen simplesmente sorriu. — Não, ainda não. Eu tenho que executar isto para Free.

Stephen usou seu apelido muito facilmente para o gosto de Edward. Dava-lhe uma sensação de tranquilidade doméstica, como se os três pudessem se tornar amigos. Como se pudessem passar as noites juntos, rindo e contando histórias.

— Certamente, — Edward disse com desprezo. — Se você não pode escrever um parágrafo simples, sem a supervisão da menina Marshall, longe de mim impedi-lo.

Stephen lançou-lhe um olhar divertido, mas ele voltou-se para a menina Marshall.

— É assim. — Stephen limpou a garganta. — Menina Marshall, o seu erro está em pensar que a sua voz merece ser ouvida. Você deve primeiro pensar em coisas do ponto de vista de um duque. Quem, em toda a Inglaterra, é mais impotente do que um duque?

As sobrancelhas de Edward subiram.

— Tecnicamente, — Stephen continuou, — todos nós sabemos a resposta a essa pergunta: Todo o mundo é. Todos abaixo de um duque também são, mas do ponto de vista desse duque, ninguém é. Isso faz do duque o homem mais impotente na Inglaterra. A nobreza controla a Câmara dos Lordes, comanda o maior respeito social, e ainda assim eles controlam uns meros noventa e cinco por cento da riqueza. Se pessoas como você continuarem a exigir salários para viver, como vai contratar um

duque as centenas de servos a que tem direito? O próprio tecido da nossa sociedade se desfaz em horror com tal pensamento.

— Melhor. — A menina Marshall concordou. — Eu ainda não gosto da última frase. É muito exagerada. Continuar mais na mesma linha como a primeira parte, talvez algo como, 'Será que alguém descorda dos duques?'

Stephen fez uma nota em seu papel. — Certo.

— A nobreza realmente controla noventa e cinco por cento da riqueza? Esse número parece elevado. Alguém poderia pensar que os industriais mantêm...

— Oh, não —, disse Stephen com um sorriso fácil. — Eu só inventei isso agora.

A menina Marshall colocou as mãos no quadril. — Stephen Shaughnessy —, ela ameaçou. — Você pode escrever uma coluna de sátira, mas por Deus, você vai escrever uma sátiras *precisas*, enquanto você estiver trabalhando comigo.

— Eu estava aqui o tempo todo! — Disse Stephen. — Você me viu. Eu não tive a chance de ir e olhar os fatos. Além disso, é muito mais divertido apenas inventar coisas sobre lordes. Isso é o que eles fazem no Parlamento; por que eu não deveria ter a oportunidade de retribuir o favor?

— Stephen. — Ela olhou para ele, fazendo o seu melhor para parecer irritada, e Edward queria rir em voz alta.

Assim, acabavam todas as suas interações com Stephen, tentando não rir quando Stephen dizia as coisas que ele fazia. Ele era impossível repreender. Mas...

— A propósito, — disse Stephen, — Você sabe qual é a diferença entre um visconde e um garanhão?

A menina Marshall sacudiu a cabeça. — Qual é?

Stephen deu um largo sorriso. — O primeiro é o rabo de um cavalo. O segundo é um cavalo inteiro.

Ela enterrou a cabeça entre as mãos. — Não. Você não pode distrair-me com piadas terríveis. Você supostamente deveria estar procurando fatos. Shoo!

Mas Stephen não parou. — Qual é a diferença entre um marquês e um peso de papel?

— Tenho certeza que você vai me dizer.

— Um deles não pode fazer nada sem um servo a ajudá-lo. O outro segura papéis.

A menina Marshall simplesmente olhou para ele e balançou a cabeça. — Elas estão piorando.

— Existe toda uma série dessas piadas incivis? — Edward falou. — E se assim for, eu posso ouvir mais delas?

— Incivil? — a menina Marshall olhou em volta da sala e depois inclinou-se. — Oh, Stephen está sendo muito civil, Sr. Clark. Muito acolhedor para você. Stephen e eu não contamos piadas de lordes a qualquer um.

Stephen se inclinou. — Isso é um ponto importante —, ele fingiu sussurrar, — Eu não conto piadas de lordes perto de Lady Amanda. Ela é uma espécie decente. E não é culpa dela que o pai seja um marquês.

— Sim, — a menina Marshall apontou sombriamente. — Foi da sua mãe. Casar-se com um lorde. Hmph.

Edward piscou. — Menina Marshall, você está tentando me dizer que você nunca sonhou se casar com um lorde, quando você era jovem? Que você nunca brincou de ser uma lady, imaginando o que seria, ou gostaria de ser esperada de mão e pé? Eu pensei que qualquer menina com alguma inclinação para se casar, sonhou chamar a atenção de um lorde.

— Deus, não. — Ela parecia horrorizada. — Meninas do campo que chamam a atenção de um lorde não acabam *casadas*. Se tivermos sorte, nós

não acabamos grávidas. Não. Quando eu era uma menina, eu queria ser um pirata.

Aquilo o fez formar uma imagem agradável da menina Marshall; o rico vermelho escuro de seu cabelo solto e voando desafiadoramente ao vento, a bordo do convés de um navio. Ela usaria uma camisa branca solta e calças. Ele iria se render.

— Eu estou menos chocado do que você pode imaginar —, Edward ouviu-se dizer. — Inteiramente *inchocado*.

Ela sorriu de prazer.

— A profissão de cruel sanguinário? Boa coisa que você tenha desistido disso. Nunca lhe teria servido.

Sua expressão de prazer esmaeceu.

— Você teria conseguido muito facilmente —, Edward continuou, — e agora você estaria sentada, entediada como o pecado, no topo de uma pilha de ouro muito grande para gastar em uma vida. Ainda assim, porém, não resolveria muitos problemas se você se casasse com um lorde? James Delacey nunca poderia tocá-la novamente, se o fizesse.

Os olhos de Stephen estreitaram diante disso. A expressão da menina Marshall mudou de divertida a séria.

Edward não sabia o que ele estava pensando, perguntando a ela sobre casamento. Ele não era um maldito visconde. Ele se recusou a ser um. E fosse qual fosse o balanço estranho que ele pode ter sentido em sua presença, fossem qual fossem as estranhas imaginações que ele tenha abrigado, ele não ia se casar com ela.

No entanto... Era tentador, também. Enquanto ele não estava prestando atenção, sua mente tinha construído um mundo de faz de conta, um mundo de onde ele nunca tinha sido expulso, onde ele nunca teve de fazer seu coração tão negro e duro como o carvão. Se ele tivesse sido Edward Delacey, ele poderia ter o direito de cortejá-la. Edward Delacey, o

louco morto que ele era, poderia ter tido a única coisa que Edward Clark nunca teria.

A menina Marshall bufou. — Deus, não, — ela disse, com seus olhos rolando. — Eu prefiro levar um facão.

— Ah, mas pense nas vantagens.

— Quais vantagens? — Ela olhou ao seu redor. — Eu construí algo aqui. É um negócio que não é apenas para mulheres, mas para todas as mulheres. Nós imprimimos ensaios de mulheres que trabalham catorze horas por dia nas minas, de prostitutas, de trabalhadoras exigindo a união das mulheres. Você acha que eu iria desistir disso para *planejar jantares*?

Desse jeito, intensa e séria, ela era ainda mais bonita do que antes. Ela sacudia a cabeça, e ele queria agarrá-la e beijá-la.

Não era como se ele quisesse casar com ela; Deus não permita que ele contemple algo tão permanente. Mas ele tinha namorado a ideia. O Visconde Claridge, ele tinha certeza, teria sido capaz de conquistá-la. Tinha sido um estranho tipo de conforto — que mesmo que ele não pudesse tê-la como ele mesmo, alguma outra versão de si mesmo poderia ter conseguido isso.

Mas lá estavam eles. Edward Clark, mentiroso e chantagista extraordinário, tinha uma melhor chance de conquistar Frederica Marshall do que o Visconde Claridge. O pior de sua maldita sorte é que acontecia ele ser a mesma pessoa.

Ele foi salvo de ter que dar uma resposta por Stephen.

— Espere um momento —, disse Stephen, colocando uma mão no braço de Free. — Você quer me dizer que *James Delacey* está causando dificuldades?

A menina Marshall olhou para Edward, e então suspirou e olhou para trás. — Acreditamos que ele está por trás do fogo. — Ela parecia cansada,

mais uma vez. — Achamos que ele está por trás da acusação de cópia, também. E da perversidade com você no outro dia.

— Eu conheço James Delacey. — Os lábios de Stephen se comprimiram. — Ele costumava ter prazer em atormentar-me quando criança. Eu seguia o meu irmão o tempo todo, só assim eu não iria encontrar-me sozinho com ele.

Stephen nunca tinha dito uma palavra disso, quando criança.

— Ele chicoteou uma égua arisca que ele não deveria ter montado. Ela empinou e chutou meu pai no peito, e então ele disse a todos que meu pai a tinha maltratado. Não é surpresa que ele ainda seja um burro. — Stephen encarou-a com amargura. — Eu queria... — Ele parou, balançando a cabeça.

— O que você desejava? — Perguntou a menina Marshall.

Stephen olhou para cima, para além da menina Marshall, diretamente nos olhos de Edward. — Eu desejava que seu irmão mais velho ainda estivesse vivo.

Stephen poderia ter encarado Edward apenas por educação. Eles faziam parte da mesma conversa; pessoas que conversam umas com as outras se entreolhavam. Ainda assim, Edward sentiu um calafrio correr para baixo, na parte de trás do pescoço.

Stephen continuou. — Ele era de um tipo muito melhor. Só serve para mostrar que a vida não é justa. Pessoas como Ned Delacey morrem, enquanto seu irmão recebe o título. Isso aí é tudo o que está errado com a Câmara dos Lordes. Em todo o caso, eu não queria interromper. Se vocês dois estão falando sobre a melhor forma de lidar com Delacey, eu vou deixar vocês irem em frente.

— Você acha que você tem alguma coisa a acrescentar à conversa sobre ele? — Perguntou a menina Marshall.

Stephen olhou para Edward. — Clark —, disse ele, — você já teve uma conversa recente com Delacey?

— Sim, — Edward disse solenemente.

Stephen acenou. — Então, eu confio em você para lidar com ele. Meu conhecimento do homem está longe, no passado. Clark é seu homem, Free.

A menina Marshall simplesmente aceitou isso com um aceno de cabeça e fez um gesto para seu escritório. — Sr. Clark. Se você não se importa.

Edward passou por Stephen. Mas ele tinha dado apenas três passos quando Stephen falou novamente. — Oh, Sr. Clark.

Edward virou.

Stephen estava sorrindo — aquele sorriso que ele empregava quando ele estava certo de que ele estava prestes a dizer algo muito inteligente.

Edward sentiu uma terrível sensação de mau agouro. — Sim?

— Pergunte à menina Marshall quem é o seu pai. — E então, enquanto Edward estava franzindo a testa em confusão, Stephen piscou.

Capítulo Onze

Free percebeu que estava ruborizando quando ela entrou em seu escritório. Era o mesmo cômodo de sempre: mesa, cadeira, papéis mantidos em pilhas cuidadosas. Mas a última vez que tinham estado neste escritório juntos, ela o beijou. Mesmo que tudo tivesse mudado, era plena luz do dia, em vez de noite escura; ela estava completamente vestida em vez da roupa para dormir, de algum modo, o eco daquele beijo ainda está conectado a eles, de uma forma sólida, visceral.

Aparentemente, ela deixou bastante óbvio o seu interesse quando cumprimentou o Sr. Clark que Stephen tinha notado, se esse último comentário enigmático significava algo.

O Sr. Clark entrou atrás dela. Sentou-se com segurança atrás da mesa, alisando a saia dela no lugar.

Ele estava do outro lado da mesa e observou atentamente. — Quem é o seu pai, menina Marshall?

— Não dê ouvidos a Stephen, — ela bufou. — Ele é um pouco piadista. Isso não significa nada.

— Não?

Ela suspirou. — Meu pai foi um pugilista. Eu disse que ele costumava me levar aos jogos quando eu era mais jovem.

O rosto dele ficou completamente em branco.

— Stephen estava me provocando —, ela explicou-lhe. — O que implica que eu precisava deixar você saber que a minha honra seria protegida. O que é ridículo, francamente. Se tivesse a intenção de me

forçar, você já teve a oportunidade, várias vezes. Quanto ao que aconteceu... — Ela estava corando novamente, e ela odiava corar. Corar significa timidez implícita; timidez significa que tudo o que ela sentia poderia ser usado contra ela.

Ele estava olhando para seus lábios. — Quanto a isso? — Ele perguntou em voz baixa.

— Isso não é qualquer um dos negócios do meu pai. — E ela não se teria importado em repetir aquele beijo.

O Sr. Clark não pareceu concordar. Ele abaixou-se devagar na cadeira, mas manteve os olhos sobre a mesa. Sua expressão tinha ido sombria.

— Marshall —. Ele balançou a cabeça. — Eu deveria ter pensado. Não acredito que seu pai é Hugo Marshall, então.

— Oh, você conhece-o? — Isso era incomum. — Ele só lutou por alguns anos, e, como ele nunca foi na categoria peso pesado, ele não é muito lembrado.

O Sr. Clark suspirou e coçou o queixo. — Há um relato de sua luta com Byron o Urso no *Boxe Profissional Através dos Tempos*. — Com isso, ele finalmente olhou para ela, mas seu olhar parecia quase acusatório. — Meu amigo de infância e eu costumávamos encená-la. Essa luta foi o tema de uma das minhas primeiras pinturas a óleo decentes. — O brilho em seus olhos cintilou. — Eu chamei o meu primeiro cavalo *Wolf* em sua homenagem.

Free bufou. — É dificilmente minha culpa que você fizesse do meu pai um herói.

— Não —, ele disse suavemente. — Mas cada vez fica mais difícil eu me convencer de que eu deveria me afastar de você...

— Bem —, ela disse simplesmente, — você não teria esse problema se você parasse de se convencer de coisas estúpidas.

Ele piscou diante disso, abriu a boca, mas não havia nenhum motivo para protestar. Free mudou de assunto rapidamente. — Agora, eu estive pensando sobre o nosso próximo passo. Temos de ligar este fogo e o caso da cópia a James Delacey. De alguma forma.

Ele respirou fundo, olhou em seus olhos. Houve um momento, como se estivesse considerando repetir a sua reclamação, e então ele deu de ombros.

— Quanto a isso, eu tenho uma ideia. Eu ia lhe dizer ontem à noite, mas estávamos... ocupados. — Ele sorriu, um sorriso lânguido, sugestivo que enviou um arrepio na espinha. — E então nós... ficámos mais ocupados. Entre todas as nossas ocupações, isso escapou completamente da minha mente.

— O que escapou da sua mente?

Os dedos dele foram para os botões da jaqueta, e a boca dela secou. Seus botões eram simples pano e metal, dificilmente valiam a pena um segundo pensamento. E, no entanto, como ele os desapertou, ela teve dúvidas e pensamentos alheios, nenhum deles adequado. Seus dedos enluvados eram longos e graciosos, e cada botão que ele desapertou revelou outra polegada de roupa cremosa, uma que sugeria ombros largos e músculos fortes.

Ele não tinha mostrado o menor pedaço de pele, mas o ato de desabotoar o casaco provocou indecentes pensamentos, memórias de seu braço em torno dela, sua boca na dela...

Ele parou de desapertar os botões, e ela percebeu que ele só queria chegar ao bolso interno. Ela sentou-se em decepção.

— Eu roubei isto do Delacey na outra noite, — ele disse a ela —, antes de me tornar distraído por pensamentos de incêndio e outras perfídias de sua parte. Fizemos essas provas antecipadas, como você pode recordar, para que pudéssemos dizer como elas tinham sido extraviadas. Diga-me,

menina Marshall. — Ele entregou-lhe o papel. — Para quem você enviou isso?

Ela tomou a página dele, espalhando-o sobre a mesa.

Ela podia vê-lo fechando os botões pelo canto do olho. Terrível, homem terrível. Provocá-la com a perspectiva de mais. Mas se ele podia fingir que não era nada, ela também podia. Esse — este foi o único com as linhas transpostas.

— Este é o que eu enviei para o meu irmão.

Ele balançou a cabeça enquanto fechava o último de seus botões. Infelizmente.

— Você acha que há alguma chance de que seu irmão os enviou pessoalmente? Talvez ele deseje metê-la na linha.

— Não —, ela disse automaticamente. — Oliver nunca faria isso.

— Você pode ter a certeza absoluta disso? Ele não é seu irmão completamente, não é? Apenas metade, e pelo que eu entendo, o outro meio-irmão é um duque. Ele não parece confiável para mim.

Ela revirou os olhos. — Eu, também desconfiei logo de você. — Levou um momento para ela entender como ela acreditava naquilo: Ela falou sobre desconfiar dele da mesma forma que ela poderia ter falado de porcos voando, ou do inferno adquirindo pingentes de gelo, como se fosse uma impossibilidade tão óbvia que ninguém iria levar em consideração.

Mas ele não encarou dessa forma. Ele abriu um grande sorriso para ela, como se ele não esperasse que ela confiasse, como se a noite passada não tivesse acontecido. — Você está certa. Esperei com os correios. Fácil o suficiente para mim furtar uma cópia e retornar com ela agora.

Um homem indigno de confiança teria protestado sua inocência. Mas, certamente, um homem de confiança ter-se-ia irritado por ter sido posto em dúvida. Ele era o enigma mais estranho: um homem que nem

esperava e nem queria sua confiança. Um homem que a beijou, disse-lhe que queria mais, e não fez nenhum movimento para prendê-la.

— Se você realmente quer saber com certeza —, disse ele, — você pode enviar um telegrama e perguntar. Dessa forma, você pode ter certeza que chegou, pelo menos.

Ela olhou-o nos olhos. — Sr. Clark, — ela disse, — há seis pessoas que eu tenho certeza que não estão em falta aqui. Meu irmão. A esposa dele. Amanda. Alice. Eu mesmo. — Ela engoliu em seco. — Você.

Ele sorriu em resposta. — Mas todos sabemos que você é muito crédula. Minha lista é mais curta: você. Você tem certeza sobre o seu irmão? Ele é um MP¹⁶, não é? Você não é um embaraço para ele?

— Oh, não muito —, disse Free. — Ele sempre paga minha fiança quando sou presa. Se ele me quisesse parar, ele ter-me-ia deixado trancada no hospital. Ele sempre diz que eu sou extremamente útil politicamente, porque eu o faço parecer o Marshall *razoável*.

— Isso é ridículo! — O Sr. Clark rosnou. — Você é extremamente razoável.

— Sr. Clark, você acabou de usar um ponto de exclamação? Eu poderia jurar que ouvi um.

Ele nem sequer piscou. — Claro que não —, ele zombou. — Eu peguei emprestado um dos seus. É permitido, quando estou falando de você. Mas isto não é nem aqui nem lá. Você vê, menina Marshall, sabemos alguma coisa agora, e Delacey não sabe que sabemos. Se seu irmão não é o culpado, é um de seus funcionários. É alguém que provavelmente trabalha de perto com ele.

— Isso faria sentido —, disse ela lentamente.

— E enquanto Delacey nunca iria falar diretamente com um incendiário, o meu palpite é que ele pode ter estado em contato através de

¹⁶ MP-Membro do Parlamento.

um secretário, ou um homem de negócios. E isso... — Ele sorriu, charmosamente. — Isso, menina Marshall, é onde podemos obter a prova que precisamos para o desmascarar publicamente.

— Você tem alguma sugestão de como vamos conseguir isso?

— Quando isso acontecer, eu terei. — Seu sorriso se ampliou, e seus olhos de lobo brilhavam. — É simples. Chantagear primeiro, seguido por uma acusação pública. — Ele olhou para ela. — Ou seja, supondo que você não se incomode de dobrar as regras um pouco?

Que coisa estranha que era a confiança. Cerca de uma semana atrás, ela nunca teria confiado no Sr. Clark, nem por um instante. Nesse tempo, pouco tinha mudado. Ele ainda era um chantagista, ainda um falsificador. Ele era ainda provavelmente mesmo um mentiroso.

Mas ele a tinha salvado na última noite, e agora eles sabiam coisas um do outro, coisas que pareciam mais importantes do que detalhes como o nome com que ele tinha nascido, ou a natureza da sua vingança. Ele sabia que ela tinha pesadelos com o hospital; ela sabia que ele tinha estado em um corpo de bombeiros, em Estrasburgo.

Ele esboçou um plano; ela apontou onde seu irmão iria e onde provavelmente não. No final, Edward partiu. Havia, afinal, muito mais trabalho a fazer. Mas ela se sentia como se tivesse carregado um grande fardo de uma longa distância, e o destino final estava finalmente visível.

Ela observou-o sair. Ainda assim, havia uma última coisa para fazer.

Ela esperou até que ele deixou a imprensa antes de se levantar. Stephen Shaughnessy ainda estava no chão, dando um olhar final na sua coluna. Ela o chamou.

Ele entrou. — Sim, menina Marshall?

Ele parecia... tão inocente. Stephen era *bom* em parecer inocente; uma habilidade necessária para um homem que tinha um senso de humor

terrivelmente pernicioso. Na maioria das vezes, seu humor servido ela. Mas agora...

— Você teve algum encontro prévio com o Sr. Clark?

Ele olhou para trás, em direção à porta da frente, onde o homem tinha desaparecido. — Não —, ele disse, pensativo. — Eu *não* tive um encontro prévio com ele. Por que você pergunta?

— Apenas um pensamento. — E, no entanto, agora que tinha ocorrido a ela, ela percebeu que tinha uma estranha sensação das coisas. A primeira vez que se encontrou com o Sr. Clark, ele perguntou-lhe sobre Stephen. Eles haviam formado sua parceria quando Delacey tinha colocado Stephen em perigo iminente de prisão.

Poderia ter sido uma coincidência.

— Você sabe como sou terrível em recordar nomes e rostos. — Ele estendeu as mãos diante do corpo. — Eu poderia tê-lo visto mil vezes e não o reconheceria.

Ambos, Stephen e o Sr. Clark tinham lidado com James Delacey no passado. E Stephen tinha sugerido que o Sr. Clark perguntasse sobre o pai dela e, enquanto ela tinha assumido que Stephen a estava provocando por ter corado com a chegada do Sr. Clark, também serviria se ele soubesse que o Sr. Clark idolatrava o homem, e o provocou sobre isso.

— Você está absolutamente certo? — Perguntou ela.

Stephen deu de ombros. — Eu nunca estou certo sobre algo assim. Mas não faria qualquer sentido. Como eu o conheci? Quantos anos você diria que ele tem?

— Talvez esteja no final dos trinta anos? — Era impossível adivinhar, realmente. O branco em seu cabelo, ela suspeitava, era falso. Ele não agia como um homem mais velho.

Ela o sentiu quando ele a levantou, também, e ele parecia bastante jovem então.

— Aí está —, disse Stephen. — Os únicos homens que eu conheço que estão acima de trinta e cinco são amigos de meu pai e tutores na escola. E embora eu saiba muito pouco sobre o Sr. Clark, eu não acho que ele seja um tutor.

— Certo.— Ela suspirou. — Bem, deixe-me ver a sua coluna novamente, e vamos ver se é lá essas coisas.

Edward esperou até a metade do caminho para a universidade, andando para cima e para baixo. Stephen levou vinte minutos para aparecer. Ele estava com as mãos nos bolsos e ele estava assobiando alguma cantiga complicada.

Avistou Edward enquanto se aproximava. Mas em vez de franzir a testa ou saltar de surpresa, Stephen deu um sorriso brilhante. — Edward —, ele gritou. — Bom te ver. Estou feliz que você não esteja morto.

Aquele pequeno... Edward balançou a cabeça com raiva simulada. Stephen sabia quem ele era o tempo todo, e ele tinha dado quase uma dica.

— Delacey, eh? — Stephen veio até ele. — Você está na cola de James Delacey?

Edward bufou. — Cale a boca, torrão. — E então, porque isso parecia excessivamente duro, ele estendeu a mão, tirou o chapéu de Stephen, e apertou os dedos no cabelo de Stephen. Ou pelo menos tentou. O ângulo não era tão conveniente; ele mal conseguiu aplicar os nós dos dedos na cabeça.

Stephen simplesmente olhou para ele com as sobrancelhas levantadas. — Caro, Edward. Isso não funciona tão bem quando eu já não estou à altura da cintura.

— Por que você não disse nada antes, se você sabia?

— Humh. — Stephen revirou os olhos. — Olhe para mim. Eu sou apenas um ninguém, com nenhum sentido ou descrição. Por que eu manteria minha boca fechada? Não é como se meu irmão se correspondesse regularmente com um homem chamado Clark, um homem de quem eu nunca ouvi falar e sobre quem ele se recusa a responder. Mas, não, não há nada de suspeito sobre isso.

Edward olhou para ele.

— Eu certamente não suspeitei quando eu soube que havia um misterioso Sr. Edward Clark rondando a imprensa. Disseram que Clark apareceu apenas no tempo para frustrar uma conspiração para me expulsar da escola, se não pior. Mas eu conheço um Edward Clark? Não, claro que não. Eu só conheço um Edward Delacey. Esse é o homem que salvou a minha vida quando eu pulei de uma árvore direto na lama.

Edward franziu a testa. — Não, eu não o fiz. Isso foi Patrick.

— Gostaria de lembrar. Foi definitivamente você.

— Não era.

— Em qualquer caso, se o meu irmão diz que Edward Delacey está morto, quem sou eu para contradizê-lo? — Stephen revirou os olhos. — Realmente, Edward, depois de todos esses anos, você tem que perguntar onde a minha lealdade está?

Edward nem sequer acreditava mais na lealdade. — Você não me vê Deus sabe há quanto tempo.—

Stephen deu de ombros. — Sim, e enquanto estamos no assunto, obrigado por pagar meus estudos.

Edward colocou as mãos nos quadris. — Como diabos você sabe sobre isso? Patrick lhe disse? Eu pensei que ele era mais discreto que isso.

— Não, mas foi você, ou o Barão Lowery, e Patrick é muito insistente em não aceitar presentes de Lowery. — Stephen encolheu os ombros. — Estou feliz que você esteja vivo. Mesmo sem isso.

Quando Edward tinha aparecido a James, James tinha dito quase exatamente o oposto. Ele fez Edward se sentir quase sentimental.

Em vez de mostrá-lo, ele simplesmente levantou uma sobrancelha. — Você está feliz que eu esteja vivo? Imagine como eu me devo sentir.

Stephen riu. — a menina Marshall perguntou se eu conhecia você.

Edward enrijeceu. — E você disse?

— Você se lembra daquele jogo que costumava jogar, o que irritou Patrick? Onde ele fazia perguntas, e nós fazíamos o nosso melhor para lhe dizer falsidades sem realmente proferir uma mentira?

Edward deu uma risada seca. Ele tinha memórias de ficar deitado em um campo observando as nuvens passarem, tentando fazer Patrick enlouquecer, dizendo não exatamente mentiras. Deus, ele tinha quase esquecido disso.

— Bem, eu ainda posso fazer isso. — Se eu tive um encontro prévio com ele, menina Marshall? Não, eu não tive um encontro prévio com o Sr. Clark. — Stephen sorriu. — Não há necessidade de mencionar que ele é o meu amigo há muito perdido.

De todas as coisas que Stephen poderia ter dito, essa foi o que quase deixou Edward de joelhos. Ele sentiu o peso de repente, a emoção de asfixia. O sorriso casual do outro homem parecia um fardo pesado.

— Eu desejei que eu pudesse apresentá-lo à menina Marshall desde que eu descobri sobre seu pai. Só para ver o seu rosto quando você descobrisse.

Aquela fantasia apareceu novamente, aquela em que Edward Delacey, inteiro, incomparável, conhece uma ardente menina Marshall.

Ela teria rido na cara dele. E para dizer a verdade, seu antigo eu não teria tido a força para lidar com ela. Ela o teria esmagado totalmente.

— Jogue direito —, disse Stephen, — e talvez você pode pedir uma apresentação.

Ele podia ter amigos, família... e Free.

Mas então isso nunca funcionou dessa maneira.

Edward balançou a cabeça. — Jogue direito, e talvez ela nunca descubra que você mentiu para ela. Eu odiaria incorrer em sua ira, se eu fosse você. Ela parece bastante feroz.

O telegrama tinha chegado tarde ontem à noite, e Amanda jogou de lado e se revirou a noite toda, temendo o que ela precisava fazer.

Era ridículo guardar rancor contra Free por pedir-lhe para entregar esta mensagem, e ela realmente não se sentia mal-humorada sobre isso. Não realmente. Mas não importa como ela tentou dizer a si mesma que ela só precisava abordar a senhora Jane Marshall, cada vez que ela olhava para cima de sua confortável cadeira, não era a senhora Marshall, vestida com um vestido rosa esvoaçante, que enfatizava suas curvas avantajadas, que a olhava fixamente.

Era a menina Johnson. A menina Johnson usava um vestido recatado roxo pastel, que devia ter parecido apagado ao lado da seda de cor exuberante de sua irmã. Mas ela brilhava nele, a imagem de beleza, boa saúde, e perfeição.

As mulheres estavam olhando para Amanda com algo como horror. Não havia surpresa nisso, ela tinha acabado de contar-lhes sobre o fogo, a ameaça ao jornal de Free, e o plano de Free, o em que lhe pedia para ser a anfitriã de um grande sarau em menos de uma semana.

— É claro que vamos ajudar, — a senhora Marshall disse robustamente. — De qualquer maneira que pudermos.

Claro que sim. Afinal, era Free que importava. O pensamento de ajudar Free deixou a menina Johnson brilhando de empolgação.

— Ficaremos extremamente atarefadas —, disse a senhora Marshall.

A menina Johnson sorriu. — Eu não me importo. E há um benefício adicional. — Ela virou-se para Amanda. — Lady Amanda, vou finalmente ter você em uma das minhas festas. Depois de todo esse tempo! Oh, que triunfo que será para mim.

Amanda sentiu-se quase tonta. — Oh, não —, disse ela. — Não. É claro que eu estou honrada, mas não, eu não posso. É imposição suficiente lhe pedir para fazer uma coisa dessas em tão pouco tempo. Eu não poderia esperar um convite.

— Não seja boba. — a senhora Marshall fez uma careta para ela. — Você está nos pedindo para convidar centenas de pessoas. Uma mais, dificilmente poderia significar um transtorno. E você é uma amiga da família duas vezes, uma vez através de Free, e novamente através de sua tia Violet.

— Eu não poderia, — Amanda disse novamente.

Mas a senhora Marshall sacudiu a cabeça. — Claro que você pode.

— *Eu não poderia* —, repetiu Amanda.

— Mas...

— Jane. — a menina Johnson colocou uma mão no ombro de sua irmã. — Por que você não vai falar com a equipe e informá-los do que está por vir? Eu vou falar com Lady Amanda.

Não. Amanda sentiu seus olhos se arregalarem em pânico, mas ela não podia agarrar-se à senhora Marshall e pedir-lhe para ficar. O que ela estava dizendo? *Tenho medo de sua secretária. Ela é muito bonita.*

— Mas — a senhora Marshall começou.

A menina Johnson olhou para ela e franziu os lábios. Algo deve ter-se passado entre elas, porque a senhora Marshall suspirou.

— Sim —, ela disse, — é claro, Genevieve.

A porta se fechou sobre ela. Não fez um baque retumbante sinistro, fechou-se com um click quase inaudível.

A menina Johnson virou-se para Amanda. — Eu não pensei, quando eu insisti anteriormente. Você não tem nada para vestir? Todas as suas coisas devem ter sido queimadas no fogo.

Amanda desejou ter essa desculpa. Mas não, Genevieve iria oferecer-se para encontrar algo para ela, e ter que tirar medidas para a roupa com a impecável menina Johnson observando, seria demasiado para a compostura de Amanda. — Eu tenho um vestido adequado —, ela engasgou. — Na casa de minha tia.

O rosto da menina Johnson tornou-se mais sóbrio. — Então isso é comigo? — Ela olhou para baixo. — Espero que eu não tenha feito nada para que se sinta indesejável. Você deve saber que eu penso bem de você. Muito.

Oh, isso não estava ajudando. Amanda engoliu em seco. — Não é você. — E isso foi apenas um pouco de uma mentira; afinal de contas, Geneviève em si não era o problema. Era simplesmente tudo o que ela representava. — Eu só não frequento mais a sociedade.

— Não? — a menina Johnson franziu a testa. — Por que não?

Amanda olhou para longe. — A última vez que o fiz foi anos atrás. Cheguei em um evento com a minha tia. Minha irmã estava lá. — As mãos de Amanda se fecharam por vontade própria. — Meus pais tinham-me jogado fora dois anos antes, quando eu me recusei a casar. Eles pensaram que eu acabaria por me dobrar à sua vontade. Eu não o fiz. — Ela engoliu em seco. — Eu não tinha visto a minha irmã desde então.

Ela não tinha visto ninguém em sua família há anos, e ela tinha saudades deles.

— Eu peguei um vislumbre dela do outro lado da sala. Eu sabia que ela estava fora, tinha a esperança de ser capaz de falar com ela. Eu me dirigi a ela. E ela olhou para o outro lado e se afastou de mim.

A menina Johnson prendeu a respiração.

Amanda olhou para baixo. — No início, eu pensava que era um acidente, uma coincidência, que ela não tinha me visto. Então, eu encontrei-a no vestiário, no final. E ela me disse...

Ela ainda podia ouvir as palavras de Maria, tão claramente como se tivessem acabado de ser faladas.

Você arruinou a minha vida, Amanda. Você a está arruinando apenas por estar aqui, fazendo com que todos sussurrem sobre você e o que você escolheu. Você se afastou da família uma vez. Eu desejo que você faça isso de novo, e desta vez para sempre.

— Ela me disse que nunca mais me queria ver. Que minha presença era um motivo de fofoca. — Amanda não podia olhar para a menina Johnson. — Depois disso, tudo começou a desmoronar. Toda vez que eu saí na sociedade, cada vez que eu falava, eu podia ouvir suas palavras. Eu podia sentir-me arruinando tudo para ela. Apenas por falar, por estar no lugar errado. Por respirar.

Parecia tão tolo quando ela disse isso.

— Então é assim tão simples. Toda a vez que estou em um evento formal agora, me sinto indesejada. E eu sei que soa como se eu estivesse pedindo simpatia. Eu não estou. Eu fiz uma escolha, e eu não me arrependo. Eu só queria ...

A menina Johnson inclinou-se sobre a mesa. Isso não ajudou muito, sua presença colocava Amanda no limite, seu corpo inteiro iluminando em resposta. Seus pulmões machucavam com o esforço de puxar o ar.

Amanda não se teria afastado por nada no mundo.

— Eu sinto muito o que aconteceu com você, — disse a menina Johnson. — Eu não posso imaginar. Quando eu tomei a minha decisão — similar, e ainda que não seja o mesmo, — minha irmã nunca me questionou, nem uma vez. Ela me disse que não importava o que eu escolhesse, não importava como eu me sentia, ela sempre me amaria. Sem ela, eu duvido que eu poderia ter escolhido, como eu fiz. Eu não sei o que eu faria se ela nunca tivesse dito essas coisas.

Amanda engoliu o amargo ciúme ante essas palavras. — Bem. Agora você sabe. Não é você, menina Johnson. Eu não penso que eu possa frequentar a sociedade por mais tempo. Minha própria irmã não poderia perdoar-me por fugir de um casamento e frequentar a universidade. Como poderia alguém?

A menina Johnson considerou isso. — Quanto tempo se passou desde que você viu a sua irmã?

— Desde que eu tinha vinte anos. — Ela fez uma careta. Sua memória foi tão acentuada como se Maria tivesse se afastado dela ontem, e ainda ... — Isso foi há cerca de sete anos.

A menina Johnson voltou para trás. — Você tem apenas vinte e sete? Eu sempre imaginei que você fosse mais velha.

Amanda sentiu o rosto esquentar. Ela era bastante conciente de que Genevieve Johnson era mais velha do que ela. Mas não se podia dizer, olhando para ela. Sua face ainda parecia fresca e jovem; por comparação, Amanda era dolorosamente envelhecida, as mãos manchadas com tinta que não saía, suas primeiras rugas apareciam ao redor dos olhos.

Amanda não se preocupava com sua aparência, verdadeiramente ela não o fazia, mas...

— É só que, — a menina Johnson estava dizendo, — suas colunas, quando eu leio, eu não sinto que estou ouvindo alguém da minha idade.

Você sempre parece tão segura de si mesmo, e você é tão inteligente. Acho que eu deveria ter percebido.

— Você não precisa ser simpática para mim—, disse Amanda miseravelmente.

— Eu não estou sendo simpática. Eu tenho ciúmes de você, isso eu devo admitir. Afinal, você é uma mulher encantadora que encontrou seu próprio lugar no mundo. As pessoas respeitam suas palavras. Eles sabem quem você é. Eles falam sobre você como alguém que não seja filha de seus pais.

Amanda olhou para cima. — Agora eu *sei* que você está sendo simpática para mim. Todo o mundo adora você. Quem não poderia? Você conseguiu fazer a sua própria vida ser aceita por todos, sem se casar ou... ou... — Ela parou.

— É verdade, — a menina Johnson disse com um sorriso. — Eu tenho uma vida excelente. Mas eu estou sempre ciente de que, se algo viesse a acontecer com Jane, eu não teria nada que fazer. Você tem a sua própria vida.

Borboletas desceram no estômago de Amanda novamente, martelando-a com as suas asas.

— Aquela coluna que você escreveu —, disse a menina Johnson, — Uma de seis meses atrás, sobre a vida que uma mulher poderia ter sem um homem. A que você escreveu em resposta ao Senhor Hasslemire? Eu senti essa. — Ela colocou a mão em sua barriga. — Eu me senti aqui, quando você escreveu sobre como Hasslemire falou sobre a vida de uma senhora como uma coleção de coisas que as mulheres faziam para os homens. Quando você disse que uma mulher poderia existir por si mesma, sem a necessidade de atender às necessidades de outra pessoa... — a menina Johnson sorriu. — Sabe quantas mulheres cortaram essa coluna e a enviaram para mim? *Sete*. Eu não sei o que você pensa que vai ver no salão

de baile, Lady Amanda. Tenho certeza de que você está certa. Haverá um grande número de mulheres que franzem o cenho para você. Mas também haverá mulheres que conhecem você através de suas palavras, que vão querer tomar sua mão e apertá-la apenas para que um pouco de sua força chegue até elas.

— Mas eu fugi delas —, Amanda disse estupidamente.

— Talvez, — a menina Johnson disse calmamente. — Mas aqui estamos, caminhando de volta para você. — Ela pegou a mão de Amanda e deu-lhe um aperto rápido. Um gesto tão simples, mas que enviou um choque através dela. Amanda sentiu-se perplexa por um segundo, completamente incapaz de responder. Seus dedos jaziam como lagartas atordoadas mudas, que não responderam, incapazes de corresponder àquele aperto. A menina Johnson afastou a mão antes de Amanda ter a chance de organizar os nervos.

— Confie em mim, minha querida —, disse Genevieve. — Há um grande número de mulheres lá fora hoje à noite que desejam a honra de conhecê-la.

— E você — A voz de Amanda parecia enferrujada; suas palavras raspavam na sua garganta.

— Eu já tenho a honra de conhecê-la. — Isso foi dito com um pequeno sorriso, mas que se desvaneceu, e a menina Johnson desviou o olhar. Por um momento, ela parecia quase vulnerável.

— Você acha que... — Amanda não se sentia corajosa há um longo tempo. Ela tentou fazer uma tentativa agora. Ela escorregou de seus dedos, mas continuou de qualquer maneira. — Menina Johnson, você acha que você poderia considerar ser minha amiga?

A menina Johnson virou-se para ela. Havia um olhar irônico em seus olhos. Ela balançou a cabeça um pouco.

Claro. Era uma coisa para reivindicar conhecimento; era outra bem diferente é ser uma amiga, ser alguém que seria visto com Amanda em público. Amanda recuou.

— Oh, — disse a menina Johnson. — *Não*. Isso não é de todo o que eu quis dizer. Não me importo; Eu sou apenas um pouco tola, às vezes. Sim, Amanda. Eu ficaria honrado se você fosse minha amiga. Mas você vai ter que começar a me chamar de Genevieve.

Talvez ela estivesse mentindo; talvez ela estivesse apenas sendo gentil. Mas quando ela sorriu, era impossível duvidar dela. E quando a menina Johnson estendeu a mão e pegou a mão de Amanda na dela, ela sentiu seu próprio sorriso estampado tolamente em seu rosto.

— Muito bem, Genevieve —, disse Amanda. Ela apertou a mão da outra mulher. — Muito bem.

Capítulo Doze

— Então —. O homem do outro lado da secretária de Edward cruzou as mãos e franziu a testa. — Estas são circunstâncias anormais, Sr. Clark. Estou curioso para ver como vai explicá-las.

Tinham passado apenas vinte e quatro horas desde que Edward e Free tinham traçado um plano; vinte e quatro horas nas quais ele quase não dormiu, depois de correr para trás e para frente entre Cambridge e a propriedade de seu irmão. Ele finalmente terminou aqui em Londres. Isso não era razão para admitir exaustão. Edward se inclinou para trás casualmente, descansando a mão contra o braço de brocado da cadeira. O homem em frente dele não se parecia com Free tanto quanto Edward esperava. Seu cabelo era mais claro: quase laranja. Ele era muito mais alto, seus traços menos delicado. Mas seus braços estavam cruzados, e seu olhar furioso, suspeitava que poderia ter sido um gêmeo para Free.

Marshall franziu a testa, e Edward mudou de ideia. Free era muito mais bonita quando ela o encarava.

Seu irmão fungou e folheou os papéis que Edward lhe entregara. — Então, você é um inglês que passou algum tempo na França.

— Sim —, Edward disse preguiçosamente.

— Você está fazendo algum trabalho com James Delacey. — Marshall fez uma careta.

— Se você quiser chamar assim —, disse Edward.

— E você veio para me ver.

— Você parece ter alfabetização básica, — Edward disse ironicamente. — Muito bem, Marshall. Você leu a carta de sua irmã. Nem todo o mundo que tenha ido para Cambridge conseguiu tanto.

Os olhos do Sr. Marshall estreitaram-se ainda mais e pousou os papéis. — Minha irmã nunca antes mencionou você, não viveu na França, e trabalha principalmente com as mulheres, sobre as questões das mulheres. Importa-se de explicar o seu conhecimento com ela?

Edward considerou este cuidado. — Não. Eu não faria isso.

O irmão mais velho de Free fez um barulho irritado em sua garganta. O silêncio se estendeu. Edward achou que essa situação teria sido desconfortável para outro homem. Cada tique do relógio tinha, sem dúvida, a intenção de fazê-lo sentir-se mais e mais estranho. Mas estava cansado o suficiente e um descanso, — qualquer tipo de descanso, — era bem-vindo.

Ele simplesmente colocou um sorriso agradável, e quando a expressão de Marshall escureceu, olhou em volta da sala e começou a cantarolar.

Marshall olhou para ele com mais força.

— Essa tática não vai funcionar —, disse Edward depois de um minuto. — Eu não vou fornecer mais informações do que você tem na sua frente. Eu não tenho medo de seus olhares. Posso ficar sentado aqui enquanto quiser sem dizer uma coisa. É o seu tempo, se você desejar desperdiçá-lo. Se isso faz você se sentir melhor, sua irmã disse para lhe dizer que não é da sua conta quem eu sou para ela, e que ela não deixará você assumir barbaramente que ela está em necessidade de proteção contra mim.

— Sim, bem, — disse o outro homem secamente. — Bárbaro ou não, eu tenho uma pequena ideia do que minha irmã apronta, sendo ela quem é. Se eu posso pará-lo de alguma maneira, eu vou.

— Isso é bom de ouvir —, disse Edward. — Mas tanto quanto eu posso dizer, você não tem que parar nada. *Eu* tenho. Então reserve seu trombetear masculino. Eu não vim para passar em qualquer teste de lealdade que você tenha preparado para mim. Você está aqui para passar no meu.

Oliver Marshall era um membro do Parlamento, bem respeitado, apreciado por muitos. Mesmo os seus inimigos falaram muito bem dele. A maioria.

Isso provavelmente significa que ele jogava limpo, — novamente na *maioria* das vezes. Ele provavelmente dizia a verdade, respeitava os outros, e dava a sua palavra e cumpria. Como tal, Edward tinha uma vantagem natural sobre ele.

— Me perdoe, mas —, Marshall estava dizendo indignado. — Você está questionando a minha devoção a minha irmã?

Edward juntou calmamente uma pilha de jornais. — Não é o meu perdão que vai precisar. É o dela. Ela lhe contou sobre as duplicações de suas colunas?

— Sim. Claro. Esse é o ponto como chegámos a todo este turbilhão, o que está transtornando a minha esposa. Eu não sei o que você está sugerindo, mas...

Edward tirou uma folha de jornal para fora e a ergueu. — Você reconhece isso?

— Claro. Esse é o jornal da minha irmã. A edição que saiu há alguns dias.

— Não —, Edward disse a ele. — Esse é o rascunho que ela enviou com antecedência para você. A página precisa, lembre-se, — há uma nota que você rabiscou no canto, ali mesmo. Agora, você deu isso para Delacey?

— Delacey? Aquele babaca? Por que eu iria dar-lhe isso? Por que ele... ah. — o irmão mais velho de Free parou de falar e franziu a testa,

pegando o papel. — Ah —, ele repetiu. Seus olhos ficaram mais escuros. — Alguém em minha casa está passando as coisas. — Ele fechou os olhos e fez uma careta. — Isso é extremamente lamentável.

Era quase doce como de boa índole o homem era. Que tudo o que ele podia ver era a inconveniência de tal coisa, em vez da oportunidade.

Edward sorriu. — Não. Vai ser extremamente útil, logo que possamos descobrir quem ele é. Se não é você, e a menina Marshall acredita que não é, então o número de pessoas que poderiam ser é pequena. E nós podemos usá-los.

Sr. Marshall concordou. E então ele franziu a testa. — Eu ainda não entendo. Por que minha irmã lhe enviou para me dizer tudo isso? Quem é você?

— Ela está ocupada,— Edward disse apenas. — Quanto a mim? Eu sou o único que vai descobrir tudo. Deixe-me dizer-lhe como.

O irmão da menina Marshall tinha o guarda-roupa mais confortável dentro do qual Edward já se tinha escondido. Era espaçoso o suficiente para caberem duas pessoas, e, como era aparentemente usado como espaço de armazenamento extra para os vestidos da senhora Marshall, era preenchido com cores tão brilhantes, que o espaço parecia acolhedor, mesmo na luz fraca filtrada através das portas.

Nada igual ao homem sentado ao lado dele. Ele sabia que o irmão dela era um membro do Parlamento, o que já era um ponto contra ele. Pelo que Free havia dito, ele esperava um conservador indigesto, que constantemente franzia a testa para sua irmã exuberante.

Em vez disso, ele parecia realmente preocupado com o seu bem-estar. Ele absorveu os detalhes do fogo, e o papel de Edward no mesmo,

com uma expressão sombria. Quando Edward lhe contara sobre Delacey, ele grunhiu e se ofereceu para fazer picadinho do homem.

Não; ele não estava fingindo que no fundo era protetor para com a irmã. Era tudo óbvio, porque ele claramente tratava Edward com suspeita. O que significava que estava na posse de uma mente ativa, algo que Edward dificilmente poderia invejar. Ele se ofereceu para observar o estúdio em segredo com Edward quando eles o tinham deixado vazio, tentadoramente vazio. Eles haviam deixado a próxima edição, que Free tinha enviado de Cambridge, descansando em sua mesa, como isca.

Foi assim que Edward se encontrou em um espaço pequeno, fechado com Oliver Marshall. Espaços pequenos e fechados ainda o incomodavam, mas este não tinha cheiro de fumaça, e nenhum pó de gesso asfixiante pairava no ar. A porta do armário estava meio aberta, deixando entrar ar fresco e luz.

Nos primeiros minutos, eles ficaram em silêncio.

Então Marshall inclinou para frente e sussurrou. — Se você machucar minha irmã, você vai conhecer uma dor como você nunca conheceu antes.

Edward olhou para o homem, divertido. Marshall era suave. Ele provavelmente pensou que algumas palavras cruzadas e um punho no rosto eram o pior que a humanidade tinha a oferecer.

— Eu sinceramente duvido disso —, ele respondeu em voz baixa. — Eu conheço um monte de dores.

E ainda assim ele suspeitava que o que o outro homem tinha dito era verdade em algum nível. Ele não tinha certeza de quando tudo isso tinha deixado de ser sobre a vingança e passou a ser sobre ela. Machucar Free seria a sua própria espécie peculiar de dor.

Marshall rosnou.

— Realmente, — Edward respondeu, — você deve poupar sua respiração. Não há nenhum interesse em me ameaçar. Você nunca vai ser tão bom nisso como a sua irmã, e as ameaças só funcionam em homens que temem. Eu não.

— Você não tem ideia do que eu sou capaz de fazer.

Edward sorriu e estendeu a mão e deu um tapinha no senhor Marshall no joelho, tendo a certeza de virar o rosto para que a luz pegasse a ponta condescendente de seu sorriso. — Não, não —, disse ele confortavelmente. — Você é muito assustador, eu tenho certeza. Mas eu conheci sua irmã, e confie em mim, se *Free* não me assusta, você não pode.

Ele deliberadamente usou seu apelido para provocar o outro homem. Ele não tinha certeza do porquê. Ele poderia ter encantado o outro homem, alisado suas eriçadas e indignadas plumas. Em vez disso, ele estava fazendo o seu melhor para evitar qualquer sentimento de camaradagem. A última coisa que ele precisava era de ganhar a aprovação do irmão de Free. Uma vez que ele tivesse isso, bem... Era um caminho curto até pensar que ele poderia ser uma parte da família. Melhor manter as coisas distantes.

Edward olhou para fora através da rachadura no guarda-roupa. — Free faz muitas coisas boas.

Houve uma longa pausa. — Você está tentando provocar-me?

Edward não respondeu.

— Você está. Juro por Deus, eu nunca vou entender a minha irmã.

— Não me surpreende, pois a compreensão dela é superior à sua.

Em vez de se ofender com aquele óbvio insulto, o senhor Marshall parecia muito divertido. Ele balançou a cabeça e desviou o olhar. — Claro. Eu deveria ter percebido o que estava acontecendo na primeira vez que tentou me insultar por cumprimentar a minha irmã. Ela chegou a você. — Foi a vez de Marshall dar a Edward um tapa condescendente no ombro. — Não se sinta mal; ela faz isso com frequência.

Edward conseguiu manter o rosto desprovido de qualquer expressão.

— Esta pode ser a primeira vez que ela tem um dos capangas de Delacey seguindo-a como um bebê patinho, no entanto, Sr. Clark. Sem dor para você. Você me deu o material para provocá-la pelos próximos anos.

Um dos capangas de Delacey. É assim que ele se apresentou a este homem. Melhor do que dizer-lhe a verdade.

— Eu objeto a ser chamado de um patinho, — Edward respondeu suavemente. — Eu me considero um pato selvagem.

Marshall sorriu. — Quanto tempo demorou para ela? As pessoas costumam reagir a ela bastante rapidamente, seja amor ou ódio, raramente há uma emoção entre os dois. Um dia? Uma semana?

Ele pensou em Free do jeito que ele a tinha visto pela primeira vez: em pé na margem do Tâmesa, inclinado para a frente.

— Dois a cinco, — Edward murmurou.

— Dias?

— Minutos.

Marshall soltou um estalo de risadas.

— Silêncio, você, — Edward rosnou. — Estamos escondidos aqui.

— Então aqui estamos nós. — O outro homem baixou a voz volta a um sussurro. — É quase doce. Aqui está, sentado em um armário, preso com um homem de quem você não gosta, atingido pela adoração pela minha irmã.

Edward supôs que ele merecia isso depois de agulhar o homem antes. Marshall estava tentando provocá-lo de volta.

— Sim. — Edward revirou os olhos. — É um terrível segredo, esse. Eu estou tentando terrivelmente escondê-lo. Eu abertamente alterei a minha vida por semanas a fio por sua irmã. Eu, sozinho, parei um incendiário de atear fogo a seu negócio. Quando confrontado com essa evidência,

demorou apenas três horas para determinar que eu nutria uma afeição por ela. Na verdade, você tem um intelecto enorme.

Isso foi recebido com uma longa pausa. — Você é realmente canhoto? — Perguntou o Sr. Marshall.

— Não. Eu apenas fingia usar minha mão esquerda toda a minha vida, porque eu nunca gostei de ser capaz de manejar tesouras corretamente. — Edward revirou os olhos. — O que você acha? Meu pai tentou me incentivar a usar a direita, mas nunca fiz isso. — Felizmente. Ele odiaria ter que confiar em sua mão direita agora.

— Eu só estava me perguntando se era uma tentativa desgraçada de fazer seu caminho até aos Irmãos Sinister.¹⁷ Não vai funcionar; você tinha que estar em Cambridge com a gente para ser um membro. Ou ser Violet.

Edward olhou para o outro homem. — Marshall —, ele disse calmamente: — Eu não sei do que você está falando, mas qualquer organização que admite você como membro não chega a chamar-se sinistra¹⁸, seja você canhoto ou não. Eu sentir-me-ia insultado se me fosse oferecida a adesão a tal organização piegas. Seria como o arcebispo de Canterbury começar um clube seleta de seus compatriotas e chamar-lhe 'Maus, Maus Bispos'¹⁹.

Marshall riu.

— Cuidado com o clero —, disse Edward. — Eles são absolutamente selvagens. Às vezes, eles têm um biscoito extra no chá.

Marshall deu-lhe um olhar que parecia vagamente como aprovação. — Você é horrível —, disse ele. — Eu finalmente começo a entender o interesse da minha irmã.

¹⁷ Série Irmãos Sinister, a que pertence este livro.

¹⁸ Trocadilho entre a série Irmãos Sinister, e o duplo significado da palavra “sinister” que significa sinistro e também esquerdino ou canhoto.

¹⁹ **Bad, Bad Bishops** no original.

Foi quando Edward ouviu um leve ruído de fora do armário. Ele esticou o braço e colocou a mão sobre a boca do outro homem. Marshall ficou imóvel. A porta se abriu com um ruído suave, e, em seguida, fechada com a deliberação tranquila. Passos acolchoado outro lado da sala. Edward sorriu para si mesmo. Quem quer que fosse com quem eles estavam lidando era um completo amador. Esgueirar-se de uma maneira sub-reptícia atraía muito mais suspeitas.

Edward tirou a mão da boca do outro homem e segurou um dedo até seus próprios lábios.

Um homem entrou no campo de visão, e ao lado dele Marshall deu um rosnado baixo em sua garganta. Bem, ele devia; Edward tinha visto o homem nos corredores anteriormente. Ele tinha estado na lista de suspeitos que tinha elaborado com Free. Era Mark Andrews, subsecretário do Sr. Marshall.

Andrews se arrastou até à mesa, olhando de um lado para outro como se ele fosse um espião em um romance estúpido. O pequeno secretário estendeu a mão e pegou o texto da coluna sobre a mesa. Dobrou-o, e então deslizou-o no bolso.

— É melhor você ir, — Edward murmurou.

O Sr. Marshall abriu a porta do armário. — Eu digo, Andrews. — Ele saiu, como se ele saísse do armário regularmente.

Andrews saltou diante de sua presença e deu um grito estridente.

Marshall endireitou-se, alisando sua jaqueta no lugar. — O que você está fazendo?

— Sir! — Andrews mexeu freneticamente na mesa. — Eu estava apenas arrumando? Sim, eu estava arrumando. Sua mesa. Porque era... não estava em linha reta.

— Você estava levando a edição antecipada do jornal, que minha irmã me enviou esta manhã —, disse Marshall com um aceno de cabeça.

— Eu-uh-não, vi, no canto tinha rasgado, e pretendia consertá-lo.

Marshall estalou com tristeza. — Isso não é bom, Andrews. Nós sabemos que você já fez isso antes. Você tem trabalhado com Delacey por meses, e podemos provar isso.

Houve uma longa pausa. Edward observava, curioso para ver se Andrews conseguiria ser mais competente do que tinha até agora observado. Mas não. O homem sentou-se numa cadeira e colocou a cabeça entre as mãos. — Oh. Isso é ruim —, ele murmurou.

— Eu não vou prestar queixa —, disse Marshall gentilmente, — Contanto que...

Edward, muito deliberadamente, não tinha falado com o Sr. Marshall da estratégia, para além de apreensão. Era melhor cortar este mal pela raiz. Edward saiu do armário, interrompendo essa benevolência. — Contanto que você faça como eu digo —, disse ele suavemente.

O Sr. Marshall virou-se para ele, franzindo o cenho. — Espere. O que você está fazendo?

Edward acenou com a mão. — Free e eu não lhe dissemos o plano completo. Você ter-se-ia oposto.

— Eu estou objetando agora.

Edward ignorou. Em vez disso, ele aproximou-se de sua presa.

— Aqui está o que você vai fazer para evitar uma pena de prisão, Andrews. — Ele deixou cair a voz para um registro enganosamente suave. — Primeiro, você vai aproveitar esta edição antecipada. — Ele bateu no bolso de Andrew. — E você vai entregá-la... a quem é que você normalmente o entrega?

— Alvahurst —, disse Andrews. — O secretário de Delacey.

— Boa. Você o vai dar para ele, assim como você sempre faz.

Andrews parecia confuso.

— Mas você vai dizer-lhe que você já ouviu falar de planos que possam interessar a Delacey. O Sr. Marshall, vê, estará realizando um Sarau em poucos dias, um para sua irmã, que, como todos sabemos, tem sido terrivelmente assediada. Você já ouviu falar que ela está desesperada, e você acha que Delacey iria achar divertido aparecer. Quando Alvahurst lhe pedir para ver se você pode obter um convite, dê-lhe isso. — Edward entregou um cartão espesso.

— Eu digo. Onde você conseguiu isso? —, Perguntou o Sr. Marshall. Edward ignorou-o novamente.

— Você vai ter mais tarefas na noite do encontro, — Edward disse a ele. — Mas vamos discutir isso mais tarde. Agora, estamos claros sobre o que você está fazendo?

Andrews fez uma careta. — Mas, senhor. — Suas mãos tremiam. — Eu não acho que eu tenho a coragem para isso.

— É claro que você tem a coragem para isso —, Edward disse, usando o seu tom quente para o conforto. — Você tem a coragem agora mesmo de estar contemplando dizer a Alvahurst que você foi descoberto. Se você tem a coragem de mentir na *minha* cara, você pode mentir para ele.

Andrews ficou verde.

— Mas então, você é um sujeito esperto. O que Alvahurst pode fazer por você, além de oferecer-lhe algumas moedas extras? Eu posso fazer muito, muito mais. Você vê, o roubo de um empregador é um mau negócio. Eu duvido que os magistrados irão mostrar-lhe um pinga de piedade. A irmã do Sr. Marshall aqui presente, dirige um jornal. Sua reputação será arruinada. Mesmo se você escapar da prisão, você nunca vai trabalhar novamente.

— Espere —, disse Marshall. — Você está chantageando? Isso é ilegal. — Ele parecia frustrado. — Eu sou um MP agora. Eu não posso apoiar isso.

— Não, você chamará a sua linha ética em dois biscoitos com chá,
— Edward disse com escárnio. — Eu sei que você não vai apoiar isso. É por isso que não lhe disse. Sua condenação, embora irrelevante, está anotada.

Marshall deu um passo adiante. — Não dê ouvidos a ele, Andrews.

— Não dê ouvidos a *ele*, — Edward respondeu suavemente. — Ele não é nenhuma ameaça para você. Ele estava disposto a deixá-lo ir, na primeira oportunidade, que é como eu compreendo a situação. A pessoa de quem você deve ter medo é de *mim*. Eu sou o único que sabe onde seus registros bancários são mantidos. Posso descobrir cada pagamento que Delacey tem feito para você, combiná-lo com o registro correspondente de suas contas.

Andrews se encolheu.

— Eu sei tudo sobre sua mãe —, disse Edward. — E sua esposa. Claudette, não é?

Andrews empalideceu.

— Marshall aqui está vagamente perturbado. Ele pode falar com firmeza com você. Eu, por outro lado, sou um *péssimo inimigo* de ter, e um maravilhoso amigo. Então me diga, o que você vai fazer? — Edward estendeu o convite mais uma vez.

Andrews recuou. Sua respiração ofegante. Ele olhou para o convite e depois, lentamente, levantou os olhos para o Sr. Marshall.

— Desculpe, Sr. Marshall —, disse ele calmamente. — Mas, mas...

O Sr. Marshall cruzou os braços em sinal de desaprovação.

— Aqui tem. Repita depois de mim o que você deve fazer, — Edward disse, e quando Andrews entendeu errado, como Edward tinha suspeitado que ele faria, ele treinou-o uma, duas, três vezes.

— Não —, disse ele no final. — Você vai fazer muito bem.

— Você acha? — Andrews sorriu esperançoso.

É claro que ele não o fez. Edward teria que se apresentar a Alvahurst para garantir que tudo saía como previsto.

— Claro que você vai fazer bem. — Edward bateu nas costas do homem. — Eu sei que você vai fazer bem, porque eu vou saber, no instante em que você colocar um pé errado.

Ele podia sentir os olhos de Marshall cavando em suas costas, mas ele escoltava Andrews do quarto e chamou um laçao para levá-lo para fora da casa.

Ele virou-se para trás. — Lá. Agora, foi tão ruim assim?

Marshall estava balançando a cabeça em desaprovação. — Você sabia que era ele —, disse Marshall.

— Ele era uma possibilidade. — Edward deu de ombros.

— Mas você disse que tinha provas. E você mencionou sua mãe e sua esposa. Se você não sabia ...

— Eu sabia algo sobre todos os assuntos possíveis. — Edward olhou para Marshall e franziu a testa. — Eu acabei de mencionar sua mãe e sua esposa. Ele próprio preencheu o que faltava. Vem, Marshall. Estas são táticas padrão de intimidação de ameaçar um pouco, e deixar a imaginação do alvo lançar as sombras necessárias.

— Táticas de intimidação padrão? — Perguntou Marshall. — *O que é você?* E o que você está fazendo com a minha irmã?

Edward sorriu para ele. — Um dia desses, você vai perceber que sua irmã não precisa de um homem que segue as regras. Existem muitas regras e apenas uma dela. Mantenha a sua irmandade de canhotos benfeitores, Marshall. Sua irmã precisa de um homem que é *realmente* sinistro. Agora, se me dá licença...

— Onde você vai?

Edward simplesmente sorriu. — Alguém tem que se certificar de que Andrews realiza o combinado e que Delacey morde a isca.

— Mas...

— Queixe-se à sua irmã —, disse Edward. Ele sentiu a mais leve pontada de sua consciência quando ele disse isso. — Ela vai cuidar de tudo.

Capítulo Treze

A noite do sarau não começou tão medonha como Free temia. Ela esperava sussurros sobre o seu jornal, e muitos olhares de soslaio. Aqueles estavam certamente em evidência.

Mas Amanda se juntou a ela, parecendo imponente em creme e pérolas. Várias das mulheres ali tinham vindo porque gostavam do jornal, e ela e Amanda foram cercadas por elas. Foram bombardeadas com perguntas sobre como era ter uma educação universitária. Outras ainda perguntaram-lhe secretamente se pensava que uma senhora — não, não perguntavam para *si mesmas*, é claro; todas elas estavam apenas perguntando para amigas — talvez pudessem escolher assumir funções que até esse ponto tinham sido vistas como estritamente dentro da competência do sexo masculino.

Sim, sim, era possível, Free disse a elas. Seria difícil, mas, dificuldade era o tempero da vida.

Ela até brincou sobre homens que tentavam desacreditá-la, e recebeu risos em resposta.

Todas as coisas consideradas, não foi a pior noite que ela jamais tivera. Ela até estava quase se divertindo. E então, no meio da noite, ela pensou ter visto alguém.

Foi um truque da luz, uma coisa inacreditável, impossível. Mas ali, entre a coluna e o terraço, ela pensou que viu Edward Clark na sala. A forma do seu nariz, o modo como ele segurava seu copo. A luz brilhou sobre seu cabelo.

Ela não o tinha visto esta última semana, exceto de passagem, alguns minutos aqui, poucos minutos ali; apenas tempo suficiente para dizer um ao outro o que tinham feito, e para ele pegar a mão dela.

Aquele toque de luva na luva, mão na mão, a trouxe de volta para o chão de seu escritório e o veludo escuro da noite, quando ele a beijou. Mas ele a soltava e ia embora o tempo todo.

Edward supostamente não deveria estar no salão de baile. Não, que ele fosse deixar uma coisa, como o que ele deveria fazer, pará-lo. Não, que ela se importasse que ele estivesse perturbando o plano.

Naquele simples, brilhante momento em que ela o viu, Free sentiu-se iluminando por dentro. Ela não podia evitar, ela sorriu, brilhante e acolhedora, e nada mais que puro prazer inundou através dela. Finalmente, alguém que ela poderia ter uma conversa adequada, alguém que iria fazê-la rir, que ... que ...

Ele se virou para ela, e toda aquela alegria incandescente se tornou gelo dentro dela. O homem não era Edward. Como ela poderia ter pensado isso? Nesse ângulo, com aquelas sombras no rosto e a luz em seu cabelo, mas ela tinha estado tão, tão errada. Este homem era mais suave, mais redondo, completamente de cabelos escuros em vez de ter fios brancos espalhados pelo cabelo.

Ele não se parecia em nada com Edward, nada. Como ela poderia ter feito tal erro? E aquele não era apenas um erro; aquele era um erro horrível. O homem que ela tinha confundido com o Sr. Clark era precisamente o seu oposto. Ele era, na verdade, James Delacey, o em breve, nomeado Visconde Claridge, e autor de seu sofrimento atual. Que ilusão covarde. Era como morder um morango esperando doçura e obtendo um bocado de sujeira em seu lugar. Free deu um passo para trás.

Mas ele a tinha visto. Ele tinha visto ela olhando para ele naquele instante, pegou o flash inicial de felicidade dela. Ele franziu a testa, e depois, lentamente, começou a caminhar em direção dela.

Ela não ia fugir de sua presença como se fosse uma perdiz. Ela veio aqui esta noite para derrotá-lo; ele deveria saber em breve. Free cruzou os braços e observou-o aproximar-se.

Ele parou a alguns centímetros dela. — Menina Marshall.

Ela inclinou a cabeça, recusando-se a dar-lhe mais do que a cortesia crua.

Ele inclinou a cabeça e sorriu, como se lembrando de uma piada particular. — Seu irmão tem uma bela casa. — disse ele. — Quando o jornal fracassar, como eu suspeito que em breve vai acontecer, eu sei que você vai ser bem cuidada.

— Fracasso? — Disse Free. — Que estranho. Eu nem sei o que essa palavra significa, exceto quando eu a usar para descrevê-lo. Não há dúvida de que está mais intimamente familiarizado com as implicações.

Seu rosto ficou escuro. — Cuidado, menina Marshall, — disse ele em voz baixa.

— Eu vou adorar quando você for forçada a depender de seu irmão. Quão terrivelmente irritante será para você confiar em um homem, quando você já teve a sua própria independência? Basta pensar, minha cara. Você poderia ter confiado em mim, em vez disso.

Um rubor zangado levantou-se em suas bochechas. — É por isso que você deseja me prejudicar?

— Menina Marshall, o mal chega até você por causa de quem você é. — Ele deu de ombros. — Não por minha causa. Uma mulher em suas circunstâncias deve *esperar* ser odiada.

— E que circunstâncias são essas? — Perguntou ela. — Tanto quanto sei, a única circunstância de nota é que você me fez uma proposta ofensiva e eu recusei. A partir daí chegamos a tudo isso?

Suas mãos apertaram em seus lados. — Eu já esqueci isso — ele disse friamente. — Eu não desejo pensar sobre isso.

— Claro que você não quer pensar sobre isso, — Free disse a ele. — É óbvio que você não quer pensar em nada. Mas, apesar de sua ignorância cuidadosamente cultivada, você vai ter que compreender que a mulher tem o direito de dizer não.

Ele se irritou ainda mais. — É exatamente isso. Você disse que não, então é isso que eu desejo para você. Nem jornal, nem voz, nem reputação, nem independência. — Ele olhou para longe. — Não, é aparentemente, tudo o que você entende, e assim tenho a certeza que quando eu falar com você, eu use a linguagem que você possa interpretar.²⁰

— Entendo. — Free olhou para ele. — Você é tão sórdido e desprezível como eu pensava.

Ele levantou uma mão. — Seria sórdido, menina Marshall, se eu ameaçasse fazer essas coisas para ter você na minha cama. Como é, eu não quero nada de você. Eu só quero que você entenda como é ser humilhado. Olho por olho.

Não era mesmo. Ela lhe disse não em privado, e só tinha arrancado seu braço quando ele tentou beijá-la como uma forma de persuasão. Ele tinha ateado fogo em sua casa e tinha tentado fazer o mesmo com o seu negócio. Ele poderia ter matado alguém. Apenas o tolo mais auto centrado equivaleria essas duas coisas.

²⁰ Perde-se parte do sentido do texto na tradução. No original a palavra “no” é repetida, o que dá mais força ao ódio de Delacey.

Um dia, disse-se severamente, um dia, ela olharia para trás para este momento e o transformaria em uma piada danada de boa sobre lordes. Algo como...

— Sinto muito me intrometer — disse outro homem, chegando a eles. — Mas menina Marshall, você me disse mais cedo que queria ser apresentada à Sra. Blackavar, e ela já está de saída. Ela mencionou que estava com uma dor de cabeça, mas eu disse que ela não poderia sair antes de a conhecer.

Free olhou para cima para ver o duque de Clermont sorrindo para ela.

Clermont era ...

Um lorde, sim. Mas ele também era um conhecido. Ela mal o conhecia, embora seus caminhos se tivessem atravessado um pouco. Ele era irmão de seu irmão, e que fazia deles ... absolutamente nada. Ela não tinha ideia de quem a Sra. Blackavar era; ela não tinha falado com Clermont em meses, e então apenas de passagem. Por outro lado, ela queria ficar com Delacey tanto quanto ela queria esfaquear-se várias vezes no olho com um picador de gelo.

— Minhas desculpas, Delacey, — Clermont disse com uma pequena reverência, — mas se você nos der licença ...

— Claro.— Free pegou o braço de Clermont. — Obrigado. — Ela lhe permitiu conduzi-la para longe.

Quando eles tinham andado uma curta distância, ele se inclinou para ela. — Vou levá-la de volta, se quiser, — ele sussurrou. — Mas você estava vermelho brilhante aqui. — Ele indicou um semicírculo sobre sua bochecha. — Quando Oliver fica assim, normalmente significa que ele está a ponto de socar alguém na cara.— Ele olhou para ela. — Eu ... Talvez eu presumisse um pouco, mas ...

Eles eram um pouco mais do que nada um para o outro. Ela achou difícil acreditar na outra metade da vida do Oliver, mas essa foi uma prova de que ela existia de qualquer maneira.

Era estranho, compartilhar seu irmão com este homem. Ele conhecia Oliver, assim como ela. Talvez, ela admitiu para si mesma, melhor do que ela. Era tão estranho, seu irmão ter um irmão, um a quem ela mal conhecia.

— Não, — ela disse a ele. — Você estava perfeitamente certo. Se eu tivesse de ficar mais um minuto na companhia dele, eu teria arrancado seus olhos fora. Que não seria um problema, mas teria havido testemunhas. — Ela olhou para ele. — Foi bom você intervir, Sua Graça, especialmente quando você não tem nenhuma obrigação comigo.

Ele sorriu estranhamente para isso. — Oliver teve que sair da sala por um momento, — disse ele. — Se ele estivesse aqui, ele ter-se-ia aproximado e feito a mesma coisa. Eu estava apenas agindo em seu lugar.

Talvez o duque de Clermont sentisse essa mesma estranheza que ela, que deveriam significar alguma coisa um para o outro, porque ele limpou a garganta e desviou o olhar. — Eu não sou seu irmão, mas eu ainda sou uma parte interessada. E se houver alguma coisa que você precise, algo que eu possa fazer por você, por favor, peça.

— Eu odiaria causar problemas, Sua Graça. — Ela sorriu. — Além disso, enquanto eu estava ouvindo Delacey, eu estava desenvolvendo uma teoria de que todos os lordes eram egocêntricos. Você está esmagando o que, em parte, foi o meu único conforto.

— Não, não, — ele disse-lhe, pegando sua mão e colocando-a sobre o seu braço. — Mantenha seu conforto. Somos todos egocêntricos, menina Marshall. É apenas que alguns de nós são melhores em esconder isso. Agora, deixe-me apresentar-lhe a Sra. Blackavar. Você vai gostar dela.

Free olhou para trás.

James Delacey ainda olhava para ela. Mas foi o relógio do avô atrás dele que ela notou, o mostrador marcando doze minutos para as nove.

Delacey poderia encarar, quanto quisesse. Mas em vinte minutos, o show iria começar e depois disso, ele se arrependeria de tudo.

No final, foi ainda mais glorioso do que tinham planejado.

O subsecretário de Oliver, pálido e assustado, entrou no salão de baile. Free tinha estado procurando-o; ele entrou através da porta dos funcionários, suando em bicas. Sua testa brilhava sob todo aquele cristal brilhante. Ele espremia-se contra a parede, olhando em volta da sala, até que seu olhar caiu sobre Delacey.

Ele inalou, endireitou sua coluna, e em seguida, fez o seu melhor para se dirigir para o homem através da multidão.

Essa foi a deixa para Free. Ela fez um sinal, e um servo trouxe-lhe um maço de papéis.

Andrews, entretanto, esbarrou em todos, enquanto se movia. Ele abaixava a cabeça em tom de desculpas toda vez que ele o fazia, saltando para longe e, inevitavelmente, empurrando em alguém novamente, necessitando de mais um pedido de desculpas. Free quase teria sentido pena dele se ele não tivesse sido parte do plano para destruí-la. Sendo assim, suas simpatias eram baixas.

— Perdão, — ela o ouviu murmurar enquanto se movia perto dela.
— Perdão. Sinto muito. Argh. — Essa última aconteceu quando ele bateu em um copo de vinho na mão de uma mulher.

No momento em que Andrews encontrou Delacey, metade da sala estava fingendo não vê-lo. Free havia-se situado a uns estratégicos dez

metros de distância, com uma vista perfeita da tempestade que se aproximava.

— Sir — Pelo menos, é o que ela assumiu que Andrews disse; dali ela podia ver apenas o movimento dos lábios.

Delacey virou-se para Andrews e depois ficou um pouco pálido. Mas ele pigarreou convincentemente e estreitou os olhos. — Eu conheço você?

— Sir —. Isso, ela podia ouvir. Andrews falou um pouco mais alto, mas tão importante quanto isso, aqueles em torno dele tinham parado de falar, para ouvir melhor. — Sim senhor. Claro. *Nós nunca nos falamos antes.* — Ele disse aquilo com um pouco de floreio, como se estivesse piscando para o homem. — Mas a coisa de que nunca falamos...

Delacey deu um passo para trás. — Que parte do *Eu não conheço você* escapa da sua compreensão?

— Sim, eu sei, isso é o que dizemos, mas...

Delacey fez uma careta. — Eu não conheço você, seu idiota.

— Mas as coisas mudaram. Eu sou suspeito, e devo dar-lhe isso, porque ... — Andrews se aproximou, sussurrando.

— O que ele disse? — Alguém perguntou nas proximidades. Aqueles mais próximos murmuraram para os seus vizinhos, e eles a outros.

— Ele disse ... há um cavalo no grão? — Alguém próximo de Free disse em confusão.

— Não, — disse outro homem contrariado. — Ele disse que está sendo chamado para fora.

Mas por essa altura, os sussurros mal compreendidos eram irrelevantes. O pequeno subsecretário tinha removido um maço de papéis todos enrolados em um fio de sua jaqueta.

Era o arquivo pessoal de Delacey. Mr. Clark tinha-o roubado naquela mesma manhã. Delacey deve ter reconhecido o conteúdo, porque ele deu um passo para trás, os olhos arregalados. — Como você conseguiu isso?

Andrews estendeu-o amavelmente. — Você deu para mim?

— Eu não fiz isso! Eu nunca!

Um dos poucos protestos que Delacey tinha feito que era realmente verdade, Free meditou. Pobre homem. Ele não tinha ideia do que estava acontecendo com ele.

— Tome isso — Andrews apontou. — Aqui, antes que me encontrem —

Delacey recuou então. Andrews pulou para a frente. Os papéis escorregaram das mãos do subsecretário, espalhando-se amplamente sobre o piso.

— Aqui — disse um homem nas proximidades. — Deixe-me ajudá-lo a recolher.

— Não! — Disse Delacey, saltando sobre a pilha. — Ninguém olha para eles!

Naturalmente, é claro, todo mundo o fez.

— Eu digo,— um homem perto dos papéis disse, — Delacey, este é um rascunho de uma carta ao *Portsmouth Herald*, pedindo-lhes para imprimir uma coluna.

— Por Deus, — disse outra voz. — Há um extracto de conta aqui, de acordo com isso, ele está ...— O resto da frase foi pego em um murmúrio afogado.

Free não fez perguntas. Ela não perguntou como Edward tinha roubado um arquivo que tinha anotações de próprio punho de Delacey. Os detalhes do seu plano, embora não explícitos, foram sugeridos em tantos detalhes, que se tornou claro o que Delacey vinha fazendo: que tinha surrubiado cópias iniciais de suas colunas e pagou aos outros para reimprimi-los para desacreditá-la, que ele contratou o homem que havia incendiado sua casa.

Era *possível* que Delacey fosse tão organizado que ele mantivesse anotações escritas sobre o incendiário que ele tinha contratado? E se ele não era? Bem. Ele era agora, e ela não ia sentir muito sobre isso. Se ele continuasse com isso, da próxima vez, ele poderia realmente matar alguém. Às vezes não havia nenhum sentido em jogar limpo.

Agora, ela só assistiu, fazendo anotações mentais que ela teria de telegrafar para o seu escritório, sobre as mudanças para a coluna que já tinha escrito, e estava esperando para ser impressa, logo que os acontecimentos da noite chegassem ao fim.

Ao lado dela, ela notou seus antigos colegas — Chandley do *Manchester Star*, Peters do *Edinburgh Review* — tomando nota de tudo isso. Ela tinha pedido a Jane para convidá-los particularmente. Normalmente, ela estaria muito satisfeita por ter uma história exclusiva sobre um assunto desta magnitude. Mas desta vez, ela queria que todos os jornais na Inglaterra soubessem o que havia no arquivo que tinha derrubado. Chandley e Peters iriam escrever suas próprias peças, que seriam publicadas nos próximos dias, explicando como eles tinham sido contratados para imprimir cópias de suas colunas.

Os detalhes de todo o plano seriam discutidos e tornados públicos.

Delacey tinha desistido de tentar reunir seus papéis; agora, ele estava simplesmente tentando escapar da sala.

Free cruzou o salão até ele, puxou-lhe a manga do casaco antes de ele conseguisse sair. — Nem negócio.— Ela estava tentando não tripudiar. — Nem reputação. Isso é o que você me prometeu, não é? Lembre-se disso, Delacey. Tudo o que você tentar derrubar na minha cabeça, eu vou devolver a você mil vezes.

Ele olhou para ela. — Como você fez isso? Como você conseguiu esse arquivo?

Se ela realmente quisesse provocá-lo, ela ter-lhe-ia dito que um dos homens que havia contratado se havia voltado contra ele. Mas ela não sabia o que Edward tinha com ele, e ela não queria colocar Edward em perigo.

Ela simplesmente sorriu e entregou-lhe os papéis que ela estava transportando desde que Andrews entrou na sala.

— James Delacey, — ela disse solenemente, — você está com aviso prévio de um processo contra você. Eu estou pedindo uma compensação para o fogo que você começou.

Ele olhou para esses papéis, o lábio curvando em desgosto. — Você acha que vai ganhar desta maneira? Com papéis e um processo judicial, talvez uma multa de algumas centenas de libras?

— Eu não me importo, se eu prevalecer no processo. Eu me importo que todos vão ouvir a evidência, vão descobrir quão idiota você é. É assim que eu vou ganhar.

Ele deixou escapar um longo suspiro, lento. — Sua garota estúpida, — ele disse suavemente. — Eu já ganhei. Não importa o que você diz publicamente, não importa como você vai manchar a minha reputação, não importa. Você vê, *eu* posso votar. — Ele cuspiu no chão ao lado dele. — E a última vez que verifiquei, o único projeto de lei a apoiar qualquer forma de sufrágio feminino que foi mesmo remotamente mencionado neste período foi o de Rickard, que era apenas um rascunho. Comemore sua vitória, menina Marshall. Isso não significa nada. Nunca será nada.

— Você não acredita nisso. Se eu já estou derrotada, por que você mesmo perde tempo trazendo-me para baixo?

Seus lábios se curvaram e ele deu-lhe um olhar feio. — Pela mesma razão que eu mato ratos. Roedores nunca vão governar o mundo, mas, mesmo se escondendo nas paredes, eles ainda são vermes²¹. — Ele ergueu

²¹ Erro da autora. Os ratos são mamíferos. Provavelmente ela queria referir que são daninhos.

os papéis que ela lhe dera. — Parabéns, menina Marshall. Você sobreviveu para esconder-se nas paredes um pouco mais.

Capítulo Quatorze

— Free — Oliver disse mais tarde naquela noite. — Nós não tivemos muito tempo para conversar, mas...

Free bocejou. Não era pose, aquele bocejo. Ela *estava* cansada. Depois que os convidados tinham ido embora, ela tinha ficado acordada mesmo depois, fazendo alterações na composição do seu artigo do dia seguinte. Oliver tinha enviado um dos seus servos para o telégrafo, e depois a trouxe até ao quarto que tinha reservado para ela durante a noite.

Ele sorriu para ela. — E eu sei que você está cansada. Mas aquele sujeito com que você está trabalhando, o Sr. Clark ... — Ele fez uma pausa, olhou para longe. — Eu não tenho certeza de que ele é adequado.

Free piscou para o irmão. Oliver lhe tinha pago a fiança quatro vezes, tinha sido o único a recuperá-la do hospital. Ele havia lido todas as colunas que ela havia escrito em seu jornal. Ele sabia como ela passava o tempo. *Decoro* não era uma palavra que muitas vezes tinha sido associada com ela. Aquela era uma palavra que pertencia a meninas no mercado de casamento.

— Oliver, você está preocupado com a minha *reputação*? Isso é doce. Estúpido, mas doce.

Ele corou. — Não. Não é isso. Eu não tenho certeza que ele seja, hum. — Ele limpou a garganta. — Cumpridor da lei. Você sabe, ele chantageou Mark Andrews.

Ela deveria sentir *pena* do homem que tinha feito o seu melhor para arruinar seu jornal? Que roubou, mentiu e traiu a confiança de seu irmão?

Oliver realmente tinha estado no Parlamento por demasiado tempo. — E Andrews cedeu? Pfft. Fraco.

Quando Edward tinha tentado chantageá-la, ela nem sequer se mexeu.

Oliver balançou a cabeça, suspirando. — Eu posso ver que você não está muito incomodada.

— Eu sei que ele é um canalha, — disse Free. — Ele mesmo me disse isso. E você me conhece. Se eu fosse o tipo de me apaixonar pelo primeiro canalha que se apresenta, eu nunca teria ido tão longe.

— Bem, então é isso. — Seu irmão pareceu ligeiramente aliviado.

Ele não deveria estar. Ela apenas lembrou a primeira tentativa de chantagem de Edward com grande carinho. Ela podia ver-se com o Sr. Clark, em algum momento no futuro, um velho casal sentado em uma varanda no verão, de mãos dadas e relembrando tempos passados.

Você se lembra da vez que você me chantageou?

Sim querida. Você me chantageou de volta. Foi a coisa mais doce. Eu sabia que nós fomos feitos um para o outro.

Ela não estava mais pensando em quão terrível ele era. Ela estava pensando que suas primeiras investigações teriam sido muito mais fáceis com Edward para forjar suas referências.

— Estou cansada. — Free disse ao seu irmão. — Obrigado por tudo. Eu nunca teria sido capaz de me livrar de Delacey sem você. — Ela inclinou-se e beijou sua bochecha. — Você é meu irmão favorito.

— Eu sou seu único irmão. — ele disse com diversão.

— Você vê? — Free abriu os braços. — Eu não pude contar com qualquer um dos outros até mesmo para existir quando eu precisasse deles.

— Vá dormir, boba. — Mas Oliver estava sorrindo quando ele apagou a luz e saiu.

A mente de Free não se acalmou quando ela colocou a cabeça no travesseiro. Em vez disso, ela correu — para o último encontro que ela tinha planejado para a noite. Um que ela, não tão coincidentemente, esqueceu de mencionar a seu irmão, na teoria de que o que os irmãos não sabem, não pode mantê-los acordados durante a noite.

Os ruídos da família cessaram. Passos dos criados recuaram escada abaixo, em seguida, suas vozes cessaram por completo. Quando a casa tinha ficado tranquila há dez minutos, Free vestiu um roupão e chinelos e na ponta dos pés, desceu as escadas largas, de volta através da despensa, até a porta de serviço. A lua iluminava a paisagem em prata. Ela olhou em volta, esperando ...

— Free.

Quando tinha começado a chamá-la assim? Ela se virou para o som de sua voz.

— Frederica — repetiu ele, com aquela voz baixa, sombria.

Edward saiu das sombras dos estábulos, e ela colocou os braços em torno de si mesma. Ela não havia precisamente mentido para seu irmão meia hora atrás. Edward não era o primeiro patife que ela conheceu, apenas o melhor. Incrível, como o mundo ao seu redor pareceu alterar-se, simplesmente porque ele estava presente. Ela poderia ter dito que sua voz era como veludo, que o ar estava quente e acolhedor. Mas sua voz era muito mais parecida com cascalho, com essa sugestão de abrasão nela. A noite estava se refrescando, enquanto uma lufada de ar quente trazia o doce aroma de grama recém-cortada na praça, com o odor mais mundano dos estábulos.

Ela olhou para cima quando Edward se aproximou, mas não conseguiu ver mais do que sombras no seu rosto. — Acredito que você deu o troco no Delacey com sucesso? — Perguntou.

Roedores nunca vão governar o mundo. Mesmo a menção daquele homem deu-lhe um arrepio. Ela nunca poderia governar o mundo, mas ela ainda podia roer um buraco forte no seu gesso. — Eu o fiz.

— Qual é a sensação de vencer o seu inimigo? — Perguntou.

Como era estranho, essa dupla visão do mundo. Todo mundo viu os papéis de Delacey. A publicação em seu jornal, que estava acelerando a produção enquanto eles conversavam, não seria o único. Todos em Londres saberiam que Delacey tinha arranjado para as cópias a serem feitas, que tinha queimado a casa dela.

Sim, ela podia ser um verme, mas havia um monte de ratos roendo em conjunto, e, juntos, eles poderiam derrubá-lo.

Ela não respondeu. Em vez disso, ela se virou para ele. — Qual é a sensação de ter a sua vingança?

Porque ele tinha isso agora. Isso era tudo o que queria: frustrar os planos de Delacey e humilhá-lo. Ele não tinha nenhuma razão para ficar por perto, agora que estava acabado.

Então, por que tudo ainda parecia tão instável?

Ele deu um passo em direção a ela. — Estranho você dizer isso. — Sua voz era um sussurro macio. Sua mão aproximou-se para roçar o seu rosto. — Eu não sei. Ao longo dos últimos dias, eu quase não pensei em vingança.

Seus dedos mal roçaram sua pele, mas mesmo aquele leve toque enviou uma cascata de energia elétrica através dela.

— Eu gostaria de saber uma coisa — disse ela. — Eu preciso saber por que você começou a nossa conversa semanas atrás me chantageando.

Houve uma pausa. Ele afastou-se dela, ajeitando-se para que ele fosse uma grande e sombria torre. — Eu penso que era óbvio. Eu queria que você fizesse alguma coisa; Eu tinha os meios para persuadi-la a fazer. Então...

— Mas você não precisava. Você mesmo disse, você poderia ter-me encantado. Você poderia ter escrito para si qualquer tipo de referência. Mas você nunca tentou ganhar a minha confiança. Nem uma única vez. Em vez disso, desde o início, você me disse várias vezes que você era um canalha e eu não deveria confiar em você. Porque você fez isso?

Ela não podia ouvi-lo respirar. Ela ouviu, esforçando-se, através do som dos grilos. Mas sua silhueta permaneceu completamente imóvel.

— Eu suponho que eu fiz — disse ele suavemente. — Que curioso. Eu não tinha precisamente me dado conta.

Agora Free não conseguia respirar, esperando para ouvir sua resposta.

— Essa primeira vez que nos encontramos na margem do Tâmis. — Ele falou lentamente, como se estivesse escolhendo as palavras com precisão. — Você me derrubou. Lembro-me de ver você sair, sentindo como se eu precisasse de um ponto de exclamação. Mas eu não tenho espaço para nada exceto pontos finais. — Ele deu de ombros. — Você tem que estabelecer limites antes de entrar no meio das coisas, porque quando você está preso em flagrante, você perde a cabeça. Você precisa decidir quando se afastar. Das cartas, de um jogo de confiança — Ele olhou para ela. — De você. Talvez seja isso que eu estava fazendo. Me certificando de que eu poderia ir embora antes de perder a cabeça. Eu tinha que ter certeza de que você nunca iria confiar em mim, porque senão ...

Ela não tinha ideia que palavras interpor nessa pausa. Ela sabia que ele a admirava. Aquilo era muito óbvio, mesmo naquele primeiro dia à beira do rio, e isso só se tornou mais pronunciado à medida que o tempo passava.

— Isso não importa agora. Eu o conheço bem o suficiente para saber que você nunca implementaria suas ameaças.

Ela ouviu sua inalação afiada, viu sua mão se estender em direção dela e, em seguida se afastar. — Eu gostaria de pensar que eu não o faria. — Sua voz era baixa. — Mas minha longa experiência me diz que eu não posso fazer essa promessa. Não diga a si mesma outra coisa. Eu não confio em mim mesmo, Free, e você também não deveria.

Oh, ela não confiava nele, pelo menos não mais para lhe dizer a verdade sobre si mesmo. — Continue, — disse ela educadamente. — Suponha que eu fui e disse a Delacey sobre o seu envolvimento. Que certamente arruinaria alguns dos seus outros planos. Como você me vai parar? Será que você vai escrever uma carta que eu supostamente escrevi para um amante, cheia de fantasias sórdidas? Ou será que você vai apontar puramente para o financeiro? Posso dar-lhe os meus acordos bancários; se você quiser fazer uma lista deles, eu posso-te fornecer todos os detalhes necessários.

— Free, — Sua voz era sombria e ameaçadora. — Não faça isso.

— Ou talvez você vai atacar os meus pais. Minhas irmãs. Eu vou fazer uma lista de todas as pessoas que eu amo. Eu posso entregar um futuro processo completo, se lhe for conveniente. Claro, se eu estou autorizada a registrar uma preferência ... — Ela deu um passo em direção a ele e colocou a mão no seu peito. — Eu preferiria ser arruinada por você. De forma carnal.

Ele rosnou profundamente, e sua mão subiu para cobrir a dela. — O que você está fazendo, Free?

— Diga-me, Edward. Diga-me a verdade. O que é essa coisa horrível que você vai fazer para me machucar?

Ele não falou.

— Eu não vou nem tentar fugir dela. Vou tornar simples para você. Tudo o que você tem a fazer é olhar-me nos olhos e me dizer que você

poderia de bom grado arruinar a minha vida, se eu ameaçar a sua. Continue.

Ele soltou a mão dela e se afastou.

— Eu sabia. — disse ela. — Seu estúpido, estúpido. Eu sabia, você com os seus “é claro que você não confia em mim” e a sua chantagem falsa. Você é tão inteligente, você quase me enganou. — Ela sentiu sua garganta fechar. — Você quase me fez acreditar que eu *não podia* confiar em você. Mas você não o fez, você está-me ouvindo? Você falhou totalmente. Eu poderia colocar tudo em suas mãos, e você nunca me iria trair. Eu poderia fechar meus olhos e me jogar no chão, e iria pegar-me antes de eu ter um único arranhão.

Ele soltou a respiração.

— Eu sabia, quando eu vi pela primeira vez Delacey lá, — disse ela. — no instante mais ínfimo, eu pensei que ele era você. Não se ofenda; aquilo era um truque da luz. Era um truque do meu coração, olhando para você mesmo quando eu sabia que não iria encontrá-lo. Por apenas um momento, aquele momento em que eu pensei que eu tinha visto você, eu sorri. E eu senti o mundo inteiro se acender.

Ele estava imóvel, completamente imóvel.

— E então ele se virou, e eu percebi quem era. — Ela deu uma risadinha. — Uma vez, há muitos anos, eu tive esse sonho. Foi bastante atrevido, se você quer saber. Houve um rapaz de quem eu gostava, e no meu sonho ... — Ela limpou a garganta delicadamente. — Em qualquer caso, eu fechei os olhos no meu sonho, concentrando-me na sensação. E então ao abri-los, e como as coisas são em sonhos, aquele homem jovem e bonito, charmoso, tinha-se transformado em um vigário velho. Todo o meu querer foi lavado em um flush frio de repulsa. Isso é o que senti esta noite. Ele veio e falou comigo, e tudo que eu conseguia pensar era, *Free, sua*

idiota, isso é o por que não deve confiar em um homem. Não me importa o que você diz. Você nunca, nunca me iria machucar.

— Eu iria — ele rosnou.

— Você é tão arrogante que nunca me ocorreu que duvidava de si mesmo. Mas você o faz, não é?

Ele fez um barulho surpreso. E então ele se virou para ela. — Eu duvido de cada polegada de felicidade que aparece no meu caminho.

Ela colocou a mão em seu pulso. — Não faça isso.

— Eu não lhe posso pedir para confiar em mim, — disse ele. Mas ele não se afastou. Em vez disso, ele virou a mão na dela, de modo que os dedos enluvados se entrelçassem nos dela.

— Você não tem que pedir. — Ela correu o dedo ao longo de sua palma. — Essa é a beleza da coisa. Você não tem que me pedir para confiar em você. Eu já o faço.

— Você não deveria. — Ele envolveu a cintura dela com seu outro braço, puxando-a para ele abruptamente. — Um homem de confiança nunca faria isso. — E antes que ela tivesse a chance de dizer qualquer coisa, antes que ela pudesse contemplar o calor de seu corpo pressionado contra o dela, ou o músculo duro de seu peito, seus lábios encontraram os dela. Sem preâmbulos; sem delicadeza. Não havia necessidade para isso; a memória de seu último beijo já estava em ambos os lábios. A boca dele era dura e desesperada, os lábios se abrindo para os dela. A barba por fazer roçando sua bochecha. Isso tudo fez aquele beijo mais complexo, tão doce, tão adorável. Ela queria isso, queria-o a ele, e agora ela não precisava se segurar.

Ainda assim, ela colocou uma mão em seu peito e lhe deu um leve empurrão.

— Espere.

Ele parou imediatamente, afastando-se. — O que é isso?

Ela riu e baixou a voz para imitar a dele. — Um homem de confiança nunca faria isso. Oh, sim, Sr. Clark. Veja como você é indigno de confiança. Você parou de me beijar no instante em que eu lhe pedi para fazer isso.

— Maldita seja, Free. — Mas havia uma nota de diversão em sua voz.

Ela enroscou os braços em volta do pescoço dele. Ela teve que esticar-se para fazê-lo, seu corpo alongando ao longo do dele. Ela se inclinou para a frente e colocou os lábios contra seu pescoço. — Malditos sejamos nós dois.

Ele tinha gosto de sal, e ele soltou um suspiro que lhe tocou a língua para o oco de seu pescoço, seguindo-se o seu maxilar.

— Você vai pagar por isso. — Sua voz era um ruído surdo em seu peito. Seus dedos deslizaram até suas costelas; Sua mão esquerda segurou seu seio. E então ele a beijou novamente. Desta vez, o beijo foi lento e suave. Seus dedos contra seu peito aquecendo-a, fazendo círculos lentos que combinavam com o golpe de sua língua. Ela tinha razão: Ele foi o melhor canalha completo que tinha conhecido.

Ela tinha ouvido uma outra menina falando sobre como os beijos de um homem a tinham feito insensível, incapaz de pensar. Parecia tão estranho agora. Por que alguém iria querer *parar* de sentir em um momento como este, parar de pensar sobre como adorável é sentirmos tudo aquilo? O mundo inteiro se sentiu mais...mais doce, mais sólido, mais real, como se sua boca na dela a trouxesse à terra. Como se aquela carícia cuidadosa, os dedos de sua mão esquerda deslizando sob o decote de seu vestido, estivessem desenhando os detalhes do céu noturno para ela, colocando a lua e as estrelas através da nuvem escura da fumaça de Londres.

Ele a tinha apoiado contra a parede das cavalariças. Ela sentiu as tábuas ásperas contra a sua espinha. Mas ela simplesmente se inclinou para

trás e tomou a oportunidade de o explorar, para passar suas mãos pelo seu peito, sentindo cada curva do músculo ficar tenso debaixo do tecido de sua camisa. Ele deu um passo para ela, inclinando-se contra ela, até que estavam quadril contra quadril, até que ela pode sentir a dureza de sua ereção pressionando-a. Seu corpo inteiro cantou em resposta.

Ele se afastou apenas o tempo suficiente para apoiar a testa na dela. — Adorável Free, — ele sussurrou. — Deus, eu não deveria estar fazendo isso.

— Verdade. Você deveria estar fazendo mais. Muito mais.

Ele balançou a cabeça, mas se inclinou para beijá-la novamente. E, desta vez, era um tipo totalmente diferente de beijo, um beijo que disse o que estava por vir, um beijo que prometia uma noite após esta, e uma noite depois daquela. Foi um beijo que dizia que todas aquelas semanas que se tinham conhecido um ao outro tinham sido apenas um prelúdio para este momento. Este foi apenas o segundo ato da peça, mas o clímax não estava fora de vista. Foi um beijo de corpos, dos quadris e mãos, de seios e línguas. Suas mãos emaranhadas brevemente em seus laços, afrouxando seu corpete; ela o ajudou a desfazê-lo, apenas o suficiente para que ele pudesse se inclinar para baixo e colocar sua boca lá, certo em seu mamilo.

— Pare — disse Free. E ele o fez, afastando-se quando ela menos queria, apesar de seu corpo vibrar com necessidade e as mãos apertadas em seus quadris.

— Sinto muito, — disse ele com voz rouca. — Desculpe, eu não deveria ter...

Ela riu. — Você parou novamente. Edward, se você não quer que eu confie em você, você não deve ser tão confiável.

Ele soltou um suspiro. — Ah, você está me provocando.

— Eu estou provando algo para você, — disse ela. — Porque você parece pensar que você não merece ser confiável.

Ele não disse nada. Em vez disso, ele se inclinou e tomou o mamilo na boca. Ela podia sentir sua língua, girando em um círculo grande, preguiçoso. Ele a colocou em chamas, acariciando-a. Não era uma resposta, e ainda assim, era.

Por favor, disse ele.

Sim, ela disse.

Confie em mim. Confie nisso.

Ela falou com suficientes damas da noite, de modo que ela sabia que a falta de uma cama não era um impedimento. Mas ele não fez nenhum esforço para levá-la mais longe do que a pressão de seus corpos, o toque de dedos contra a carne exposta. Ele não fez nada mais do que avivar seu inebriante desejo insistente. Ele a beijou, tocou, trouxe à tona pequenos suspiros, silencioso como se seu corpo ganhasse vida. Mais cinco minutos, e um pouco menos de roupa, e ele poderia tê-la levado todo o caminho para o êxtase. Ele não fez isso. Ele segurou-a até que a última luz fraca no sótão do outro lado piscou para fora, até que os postes vinte metros abaixo começaram a piscar. Até que sua cabeça girava com falta de sono e beijos, e seu corpo doía pelo que estava por vir.

— Venha para mim, — ela sussurrou para ele. — Venha para mim amanhã à noite.

Suas mãos apertaram seu corpo e ele estremeceu. Ele não a soltou, mas ele puxou sua cabeça para trás.

— Frederica — disse ele em voz baixa. Sua mão deslizou até seu roupão, deslizando a manga de volta para o ombro, cobrindo-a. — Se eu tomar uma noite de você, eu vou querer todo o resto de suas noites. Mesmo eu não sendo tão egoísta a ponto de exigí-las de você.

Ela colocou a mão sobre a dele. — O que aconteceu com o homem que me disse que eu era irritantemente brilhante? Com o canalha que me pediu para pensar sobre o quão atraente achei seus músculos?

— A bravata vai-me durar uma noite. A confiança, uma semana. — Sua mão roçou seu rosto. — Além disso? Eu não posso prometer nada mais.

A noite parecia absolutamente imóvel ao seu redor, silenciosa e vazia, sem sequer o farfalhar do vento para perturbá-los.

Ele tomou-lhe a mão e beijou a ponta dos dedos. — A dor é uma tinta preta, — ele disse a ela. — Uma vez que é derramada na alma de um homem, ele nunca vai limpá-la. No fundo, menina Marshall, não há nada para mim, além da escuridão. — Ele se inclinou. — E Free, querida, eu acho que você sabe disso.

— Você é um idiota. — Sua voz tremeu.

— Isso é o que eu disse. Eu nunca fiz qualquer sentido. — Mas ele não a deixou. Em vez disso, seu braço deslizou ao redor dela. Seu corpo aquecendo o dela. Ele não a deixaria; ela tinha certeza disso. Certeza dele, então ele se inclinou e apertou seus lábios nos dela novamente.

— Querida — ele murmurou.

— Meu querido canalha.

Ele soltou uma risadinha. — Precisamente. Eu prefiro deixar você querendo do que ficar e ganhar o seu ódio.

E então ele se afastou. O ar estava frio em sua ausência repentina; a noite estava escura. Ele deu-lhe um último sorriso, seguro de si e arrogante como qualquer outro que já lhe tinha dado, e então ele começou a afastar-se. Realmente foi embora, como se isso fosse tudo.

— Edward — Free o chamou antes que ele desse seis passos.

Ele parou, endireitou-se, e, em seguida, deu meia volta, olhando para ela.

— Nós dois sabemos que você vai voltar — disse-lhe.

Por um longo tempo ele ficou de pé, sem dizer nada. Em seguida, ele sacudiu a cabeça.

— Eu sei — disse ele. — Eu nunca fiz qualquer sentido.

Capítulo Quinze

— Tudo que eu quero, — Edward disse — é saber se ele ditou uma carta com o nome dela.

O secretário de seu irmão sentou-se à mesa com ele, um copo de cerveja na frente dele. Peter Alvahurst franziu a testa confuso, como se ele estivesse fingindo ter moral.

— Eu não sei — ele objetou.

Alvahurst tinha sido o único a subornar o subsecretário do Sr. Marshall, em primeiro lugar. Edward sabia exatamente o tipo de homem que ele era, mesmo que Alvahurst não admitisse isso.

Edward tomou uma segunda nota e colocou-o sobre a mesa entre eles. A superfície estava pegajosa com camadas de cerveja derramada.

— Eu entendo a sua preocupação, — Edward disse suavemente. — Eu não quero que você revele o conteúdo, isso seria errado, é claro, e você não é o tipo de homem que iria trair o seu empregador por dinheiro.

— Muito bem — Isto foi dito com um aceno de justiça própria.

O Sr. Alvahurst era precisamente o tipo de homem que se encontraria com um personagem sombrio em um pub escuro e que deixaria o homem na frente dele balançar dinheiro na sua cara. Mas Edward sempre achou que a preservação da ilusão de um homem de si mesmo era mais importante do que simplesmente oferecer dinheiro. Deixe alguém achar-se nobre e honrado, e ele irá cortar a garganta de um homem por meio cêntimo.

— Você sabe quanta dificuldade causou o último encontro do seu empregador com Frederica Marshall. — disse Edward. — E eu sei quão leal você é para ele. Nós somos muito parecidos, você e eu. Nós estamos cuidando dos interesses dele.

— Isso é verdade.— o Sr. Alvahurst lambeu os lábios e olhou para as dez libras em cima da mesa. Não havia nenhuma evidência de que Edward estava cuidando dos interesses de Delacey, nenhuma evidência, a não ser a palavra de Edward e dez libras. Edward tirou uma terceira nota, mas ele não deslizou esta mais perto. Ele segurou-a levemente, deixando Alvahurst saber da sua existência.

Fazia três dias desde que ele tinha deixado Free. Três dias, em que ele tentou convencer-se a si mesmo a ir embora, como deveria. Três dias, durante os quais ele tinha ouvido as suas palavras soando em seus ouvidos. *“Você vai voltar”*.

Não.

Ele sabia que o fizera era o melhor que devia fazer. Se ele voltasse para ela, realmente voltasse, iria encontrar-se dizendo mentiras a si mesmo, assim como Alvahurst aqui. Ele diria a si mesmo que era nobre, que ele estava fazendo coisas por ela.

Ele podia sentir o puxão de todos os seus antigos sonhos.

Free não era ingênua e não era estúpida. Mas ela acreditava em um futuro, acreditou nele com tanta força que ela o fez querer acreditar também. Ele quase podia ver aquele jardim de que ela tinha falado, florescendo a cada passo que ela dava.

E ele lhe disse a verdade de si mesmo: Não havia mais nada nele, senão um canalha.

E assim o canalha nele sorriu para o Sr. Alvahurst. — Então, basta enviar uma mensagem, uma curta, se ele mencionar a menina Marshall.

Nós dois sabemos que ele vai fazer isso, então você não me estará dizendo nada que eu já não saiba.

Só agora, quando Alvahurst estava mais vulnerável, que Edward acrescentou a terceira nota. Isso fez com que a pilha sobre a mesa valesse metade de um ano de salários para o homem. Alvahurst fechou os olhos. E depois, lentamente, como se saboreando o momento, ele estendeu a mão e puxou as notas com ele.

Edward simplesmente sorriu. Ele poderia não ser capaz de manter Frederica Marshall para si, mas pelo menos ele poderia mantê-la segura.

E talvez, apenas talvez, ele poderia lhe dar uma última coisa antes que ele se afastasse dela para o seu bem.

Free nunca tinha acreditado muito que Edward iria desaparecer completamente, mas dias se passaram sem nenhuma notícia dele.

Então, quando ele apareceu num fim de tarde, ela sentiu brotar uma alegria borbulhante espumosa, que dificilmente poderia ser contida.

Ele estava na porta de seu escritório. Ele era, como sempre, um patife consumado. Ele encostou-se no batente da porta, sorrindo, quase sorrindo, para ela, como se soubesse a rapidez com que seu coração tinha começado a bater.

Se essa era a maneira como eles iriam fazer isso ...

Ela simplesmente levantou uma sobrancelha em sua direção. — Oh, — ela disse com uma fungada. — É você.

— Você não está enganando ninguém — disse ele.

Ela podia sentir o canto de sua boca contorcer-se. A última vez que ela o viu, ele beijou-a tão completamente que ela ainda não se tinha recuperado.

— Eu não estou?

— Eu ouvi mais claramente — ele disse a ela. — Você poderia ter dito. “É você”, mas houve um distinto ponto de exclamação no final. Na verdade, eu acho que houve dois.

— Oh, querido.— Free olhou para baixo, batendo os cílios recatadamente. — É a minha pontuação mostrando-se mais uma vez?

Seus olhos escureceram e ele deu um passo em seu escritório. — Não a esconda por mim — ele rosnou. — Você tem a mais bela pontuação que eu já vi. Você faz um homem se sentir ganancioso.

Ela não conseguiu manter o sorriso fora do rosto.

— É uma vergonha — continuou ele, — que eu não esteja aqui para ser ganancioso. Estou aqui para dizer adeus e deixar-lhe uma lembrança.

Toda aquela alegria borbulhante, incandescente, virou cristal afiado. Ela inalou lentamente, olhando para ele. Ele estava sorrindo ainda, mas havia uma tristeza naquele sorriso.

— Vamos dar uma volta?

— Você quer dizer, — disse ele lançando sua voz baixa, — devemos escapar da vista de seus empregados e encontrar um bom campo, vazio por aqui onde eu posso te beijar sem sentido?

— Sim. — Ela não iria corar. — Isso é o que eu quero dizer.

Aquela chama de necessidade, o modo como sua mão apertada ao seu lado, antes do achatamento contra as calças ... Ela quase podia senti-lo a ponto de concordar. Mas em vez disso, ele sacudiu a cabeça. — É melhor não. Foi bastante doloroso parar pela primeira vez. Como eu disse, estou aqui para dar-lhe um presente.

— Como é excitante. — Não era. Ela não queria um presente. — Então você me trouxe um presente. É um belo presente? Será que eu vou gostar?

— Não particularmente, — ele respondeu. — E eu não sei.

Ela colocou as mãos sobre a mesa e suspirou. — Droga. Eu estava esperando que você, de alguma forma, adquirisse o direito de voto para as mulheres. Isso teria sido adorável.

Aquilo ganhou outro sorriso dela. E oh, o que um belo sorriso era, iluminando todo o seu rosto, iluminando toda a sala. Mas ele simplesmente balançou a cabeça novamente. — Menina Marshall, é melhor aprender a ser mais aquisitiva e menos política. Até então, eu suspeito que todos os presentes que você receber sempre a decepcionarão. Deseja ser o tipo rabugento que odeia o Natal?

Mesmo agora, ela não podia conseguir até uma indignação adequada contra ele. — Oh, muito bem. Você me convenceu. Eu não desejo odiar o Natal — Ela apontou; ele entrou em seu escritório, fechou a porta e, em seguida, sentou-se. Tão longe como quando eles tiveram a primeira reunião semanas atrás: Eles ainda estavam em lados opostos desta mesa.

Ela olhou para longe dele, alinhando seu tinteiro com suas canetas e lápis. — Eu sabia que você ia voltar.

Ele se inclinou e deliberadamente virou uma de suas canetas em um ângulo oblíquo com todos os outros implementos. — Quando terminar esta conversa, eu vou levantar e caminhar para fora desta sala. Eu não vou parar até chegar à estação de trem. Eu vou atravessar o Canal esta noite.

Seu peito apertou. Ela deixou escapar um longo suspiro, lento. Mas ele voltou a caneta para uma linha reta e recostou-se na cadeira.

— Há muitas coisas que eu não disse a você. — Ele olhou-a nos olhos. — Mas a primeira coisa que você deve saber é que eu não só quero você na minha cama por uma ou duas semanas. Eu quero você para sempre.

Ela sentiu como se tivesse sido jogada contra a parede. Seus pulmões não pareciam estar funcionando corretamente. Mas ele disse aquilo tão calmamente, que ela não tinha certeza se tinha ouvido direito.

— Eu nem *sempre* pego em tudo o que eu quero. — Por um instante, um vislumbre de um sorriso passou por seu rosto. — Sem dúvida este ataque da moral é temporário da minha parte. Basta dizer que, se eu ficar muito mais tempo, eu vou começar a esquecer todas as razões do porque eu sou terrível para você. O egoísmo faz um homem mentir para si mesmo, e enquanto eu não tenho nenhum problema de ser egoísta, você me faz querer dizer a mim próprio as mentiras mais doces. E enquanto eu vou mentir para o mundo inteiro, eu opto por não mentir para mim mesmo.

— Que tipo de mentiras? — Perguntou ela.

Seus lábios se curvaram com ironia. — O pior tipo, menina Marshall. Você me faz pensar que eu poderia ser alguém.

— Não é?

— Não.

Ela franziu o cenho para ele.

— Ninguém bom. Mas eu acreditei que era. Uma vez. — Sua mão se moveu para cobrir bolso do casaco enquanto ele falava. — Minha família era rica; Não tão socialmente considerada que poderíamos fazer o que quiséssemos; apenas o suficiente para ser prejudicado por toda última expectativa.

Ele raramente falava de seu passado. Free sentou-se, esperando que ele continuasse, com medo de que se ela respirasse muito alto, ele não continuaria.

Mas ele o fez. — Eu era amigo do filho de um dos servos do meu pai. Bons amigos — Ele colocou suas mãos, ainda enluvadas, ela notou; ela nunca o tinha visto tirar mais do que a uma luva. — Um pouco incomum, eu suponho, mas não havia muitos outros garotos da minha idade nas redondezas. Normalmente, tais amizades desaparecem quando um menino vai à escola. — Edward deu de ombros. — Essa não. Quando eu tinha dezessete anos, seu pai levou um coice de um cavalo enquanto estava

trabalhando. Ele fraturou quatro costelas e quebrou uma perna em três lugares. Ele não teria sido capaz de trabalhar durante meses. Em vez de conceder o tempo para o homem se recuperar, meu pai contratou alguém novo em seu lugar. Após doze anos de serviço.

Free respirou.

— Claro que eu protestei. Foi injusto, e este era o meu amigo sendo expulso, com um pai ferido, que não teria nenhuma maneira de ganhar a vida.

— Isso foi bondade sua.

Ele balançou sua cabeça. — Isso foi tolice da minha parte. Não há nada mais estúpido do que dizer verdades perigosas para um homem que controla a sua vida. Por esse tempo, eu tinha algumas noções políticas bastante incomuns. — Ele sorriu vagamente para isso. — A ideologia é perigosa. Pensei que poderíamos organizar uma resposta em massa entre os inquilinos, exigindo... ah, bem. Esqueça isso. Ele não foi bem. Os inquilinos relutaram, e em vez de se revoltarem, contaram ao meu pai. O resultado final foi que meu pai percebeu, depois de anos ignorando-me, que eu tinha desenvolvido uma perigosa simpatia por plebeus. Assim, ele não só atirou meu amigo e sua família para fora. Ele chicoteou o meu amigo e seu irmão, por tentativa de rebelião. Na minha frente. — Ele deixou escapar um longo suspiro. — E então ele me expulsou. Ele disse que estava me mandando para a França para trabalhar com os mestres. Para a minha arte.

— Ele me enviou para a França. Mas ele me enviou para viver com um ferreiro, em Estrasburgo, e não um pintor em Paris. Ele pensou que eu iria ter um gostinho do trabalho manual, da vida de um homem normal, e eu iria retratar-me de todas as minhas crenças, em troca de um gosto de pão branco e do conforto de um criado. — Aquele sorriso contraiu-se ainda mais. — Não funcionou. Por dois anos, aquilo não funcionou. E então a

guerra foi declarada com a Prússia. Pedi a meu pai para enviar uma carta de crédito para que eu pudesse voltar para casa; Ele recusou. Eu fui ao Consulado em Estrasburgo antes que o exército chegasse, apenas para descobrir que a minha família lhes tinha dito que havia um impostor fingindo ser eu nos arredores. E fui expulso sem assistência.

Free fez um barulho involuntário de protesto. Ele já tinha dito a ela o que se tinha seguido, *você já viu poeira de gesso inflamar no ar?* Ele tinha insinuado muito mais.

— Então, eu jurei que nunca iria voltar para eles. Eu tinha a minha arte, e o que é arte, senão o primo de segundo grau da falsificação? É estranho, — minta sobre o mundo o tempo suficiente, e tudo nele deixa de parecer real. Como se eu não fosse nada, apenas uma invenção da imaginação de alguém. Não me atrevo a mentir para mim mesmo, ou eu vou perder o contato completamente.

Houve uma grande parte que ele não tinha contado a ela. Ela poderia dizer aquilo com a mudança desconfortável em seus ombros. — Eu imagino que não foi tão fácil assim acabar de imediato em falsificação.

Ele ficou tenso. — Nada é fácil.

— Ainda assim.

Ele não disse nada por um longo tempo. Em seguida, ele finalmente falou.— Meu pai achava que ele poderia mudar o meu caráter com um pouco de desconforto. Ele estava errado. Foi doloroso. — Ele olhou para longe. — Algum dia, tente forjar uma carta de crédito e entregá-la a um homem que é pior do que você.

Aquela noite, após o incêndio parecia tão distante, mesmo que tivesse passado apenas uma semana. Mas Free conseguia lembrar as palavras que ele tinha dado a ela tarde da noite. *A dor é uma tinta preta. O suficiente disso e você pode apagar a alma de um homem.*

— Pensando bem. — Ele deu um sorriso brilhante, que quase quebrou seu coração. — Não tente isso. Você não quer saber o que vai acontecer.

— Foi muito doloroso, então?

Seus lábios se curvaram em desgosto. — Apenas o suficiente para provar que eu não era o cavaleiro branco resiliente que eu acreditava ser. Eu era um mentiroso e uma fraude e uma trapaça, assim como todos os outros. Eu precisava aprender essa lição. — Ele respirou fundo, e então ele olhou para ela. Seus olhos se encontraram. Eles brilharam com aquele olhar que ela conhecia tão bem, aquele humor negro que ela viria para cuidar. — Eu não me importei muito até agora.

Seu coração bateu em seu peito.

— Eu não acho que eu possa parar de ser um mentiroso e uma fraude, — disse ele. — Mas, pela primeira vez em muito tempo, eu estou começando a acreditar em algo. — Sua voz caiu. — Em alguém. Sinto muito, menina Marshall, mas eu não me posso deixar fazer isso.

Ela mal podia respirar. Ela não sabia o que dizer. Só sabia que não podia olhar para longe dele, não poderia ter dito a ele para sair não importa o que ele revelou no momento.

— Ai está. — Ele tirou as mãos. — Está dito. É um pacote de mentiras. — Ele deu de ombros. — É tão honesto como eu posso ser neste momento. É por isso que eu estou indo embora, Free. — Ele olhou para ela. — Eu trouxe uma coisa.

Ele enfiou a mão no bolso do casaco. Sua mão se fechou em algo, algo grande o suficiente que ele teve que girar o pulso para tirá-lo do bolso. Ela pegou um *flash* de metal cinza.

— Aqui. — Ele estendeu a mão e coloque a peça sobre a mesa. — É um peso de papel. Você tem papéis; Eu pensei que você pode colocar isso para usar.

Free inclinou-se e pegou o que tinha colocado à sua frente. Era pesado e ainda intrincado. Os pesos de papel que ela tinha visto antes eram bolas de vidro com pintura de flores agradáveis. Este tinha nenhuma relação com essas coisas. Era uma única tira de ferro, curvada em uma bola de arabescos. O metal duplicou e triplicou enrolando-se sobre si mesmo. Estava quente de descansar no bolso; as bordas eram ásperas contra sua pele. E, no entanto, parecia surpreendentemente delicada.

— O que é isso?

Ele encolheu os ombros. — Eu não sei. Nada além de um grande maço de metais.

— Este é bonito, — Free disse lentamente. — Lindo e de alguma forma, triste. E duro. Tudo ao mesmo tempo. Eu nunca vi igual. Onde você achou isso?

Ele encolheu os ombros com indiferença. — Do lado de fora de Estrasburgo. Cerca de seis anos atrás.

— Será que você encomendou esse apenas para você, ou o artista tem um estoque regular destes pesos de papel?

Edward bufou. — Eu encomendei — ele disse a ela. — É só uma ninharia.

Ela não achava que era uma ninharia. Ela virou a peça ao redor, pegando sugestões de padrões meio escondidos em cada torção de metal. — Isso foi para comemorar alguma ocasião? O artista que fez este era um gênio incrível. As curvas parecem aleatórias no início, mas elas não são. Quando eu olho para ele a partir deste ângulo, eu quase vejo ... uma rosa? Há espinhos nessa parte, penso eu, e esses laços deste ângulo, formam pétalas. — Ela deu-lhe um quarto de volta. — Mas isto parece um falcão. Eu poderia olhar para isto por horas. — Ela olhou para ele e, de repente franziu o cenho. — Edward, você está bem?

— Perfeito. — O sorriso que ele deu a ela era apenas como cada sorriso que ele já tinha entregue fácil, desprovido de emoção e, Free percebeu, totalmente falso. Sua mão esquerda agarrava o braço da cadeira com tanta força que sua luva grudou. Seu outro braço estava reto, apoiado contra a perna como se fosse a única coisa que o mantinha em pé.

Ele estava mentindo para ela. É claro que ele estava; ele não lhe tinha dado esta peça porque era um peso de papel inconsequente que ele tinha encomendado por um capricho. Foi porque significava algo para ele.

— Não seja um homem assim. — Free levantou, revirando os olhos.
— Você ficou pálido. Aqui. Deixe-me te dar um copo de água.

— Eu não estou pálido. — disse ele bruscamente. — Eu não preciso de um copo de água.

Ela deu a volta na mesa e colocou a mão em seu pulso. — Seu pulso está acelerado.

— Não está. — disse ele em contradição com a realidade. Ele tinha começado a respirar rápido, e sua pele estava ficando branca como papel.

Free revirou os olhos novamente. — Pare de ser ridículo. Agora você vai ficar aqui enquanto eu vou buscar algo para beber?

— Hmph.

— Isso não foi uma concordância, Sr. Clark. Vamos tentar isso de novo: Se você se levantar agora, eu vou chutar você nas canelas. Suas pernas não vão gostar, e os dedos dos meus pés irão gostar menos. — Ela lhe deu um pequeno sorriso e se esquivou.

Mas, enquanto ela buscava a jarra de água, ela considerou. Ele disse que precisava dizer a ela uma grande verdade na outra noite, mas que ele não o iria fazer. Ela pensou que ele não *queria*. Ela, de todas as pessoas, deveria ter percebido que as memórias que ele tinha eram tão dolorosas que ele não *podia*. Depois de tudo o que ele disse a ela, ela deveria ter entendido melhor...

Ele ainda estava em seu escritório quando ela voltou. Em vez de se sentar na cadeira do lado oposto da mesa, inclinou-se contra a borda da mesa, a alguns centímetros dele. — Melhor, Edward?

Ele tomou um gole de água. — Eu pensei que você não faria essas coisas de cuidar. Você sabe, muito feminina. Muito maternal.

Ela simplesmente sorriu. — Eu acredito que as mulheres são seres humanos. Essa crença não é diametralmente oposta a pensar que os homens são seres humanos, e que se um ser humano tem a oportunidade de ser gentil para outro, ele deve fazê-lo. — Ela olhou para ele. — E eu sabia que você ia dizer isso. Que você diria algo para provocar-me para evitar falar de si mesmo. Você está sempre desviando as minhas perguntas.

— Só porque você faz perguntas impertinentes. Eu não teria nenhuma necessidade de desviar qualquer coisa, se você parasse de bisbilhotar.

Ela se endireitou, caminhou até a porta. Mas ela não saiu. Em vez disso, ela se certificou de que estava firmemente fechada. — Sr. Clark, — ela disse suavemente. — Edward. Eu não acho que você me deu um pedaço de metal que você tinha adquirido há cerca de seis anos sem nenhuma razão particular. Falar sobre este particular nódulo de metal é difícil para você. Você não tem que me dizer qualquer coisa.

Ele respirou. — Eu menti quando disse que o encomendei. — Ele não olhou para ela. — Ou melhor, foi uma deturpação da verdade. Eu encomendei, mas o artista fui eu mesmo.

Ela piscou e olhou para ele novamente. — Oh. Minha...

— Não fique tão surpresa. Você viu meus desenhos. Você sabe que eu tenho algumas capacidades como um artista.

— Algumas, é claro. Mas esboços são uma coisa. Qualquer número de pessoas pode gerenciar um esboço credível. Isto é algo totalmente diferente.

— Eu passei dois anos com um ferreiro. — Ele deu de ombros. — Eu aprendi alguns truques. E eu tinha que decidir quem eu era. Eu não poderia ser o menino rico inútil que eu tinha sido todo esse tempo. Eu senti como se eu estivesse preso em um labirinto sem saída, viajando por caminhos emaranhados que não poderiam levar-me para a superfície. Eu fiz esse, — ele acenou para o peso de papel — tentando encontrar-me no homem que me tornei.

Free olhou para a peça novamente.

— Não, — ele disse a ela. — Você não vai encontrar-me lá dentro. Essa é a questão. Eu só encontrei uma coleção de passagens torcidas levando a lugar nenhum. Eu nunca encontrei um lugar para ir, uma pessoa para ser. Eu aprendi a não acreditar em nada, porque dessa forma eu nunca ficaria desapontado.

— Então. — Ela pegou o peso de papel e virou-o — Esta foi a sua procura de um coração?

— Não. — Sua voz era sempre tão tranquila. — Eu fiz isso quando eu desisti de ter um. Eu não acho que houve qualquer interesse na procura de um objeto tão ridículo, até que eu conheci você. Em algum momento nas semanas de nosso conhecimento, eu percebi que tinha um enterrado em algum lugar. — Ele olhou para ela. — Não há nenhum interesse em buscá-lo agora. Até ao momento que eu percebi que *existia*, ele já era seu.

Oh. Seu peito estava muito apertado. Ela quase podia sentir os olhos ardendo em resposta. — E ainda assim você está indo.

— Eu estou.

Free sabia que ela era o tipo de que pressionava os outros. Ela sabia porque lhe tinham dito aquilo, uma e outra vez, e porque ... bem, francamente, era verdade. Outras pessoas estavam muitas vezes erradas, e ela não tinha escrúpulos em deixá-las saber.

Mas se ela tinha um arrependimento em sua vida, era o de pressionar demais na hora errada. Quando era mais jovem, ela tinha pressionado sua tia Freddy. Freddy tinha sido assolada por uma mistura complexa de medos, aqueles que Free ainda não entendia. Ainda assim, ela tinha pressionado, como se de alguma forma soubesse melhor do que sua própria tia o que Freddy necessitava.

E o que ela tinha feito com isso? Ambas tinham estado miseráveis; nos dias finais de sua tia, ela fez Freddy se sentir como se ela não fosse boa o suficiente.

Ela tinha aprendido que, às vezes, a única maneira de avançar era parar de pressionar.

— Muito bem — ouviu-se dizer calmamente.

Era um pouco como as luvas dele; havia algumas coisas de que um homem precisava falar quando ele estivesse pronto. Um homem como Edward não lhe deu uma peça trabalhada por suas próprias mãos, porque ele queria ir embora e esquecer dela. Ele fez isso porque ele queria que ela se lembrasse. Talvez ele precisasse partir por agora. Mas no fundo, ele esperava voltar quando ele se tivesse resolvido.

Tudo o que tinha a fazer era deixar a porta aberta.

— Acho que eu deveria enviar-lhe uma lembrança em troca — disse ela casualmente. — Se você me der seu endereço, vou enviar-lhe questões do jornal.

Era uma mentira tão óbvia como a que ele tinha contado sobre o peso de papel.

Ele bufou. — Você está mentindo para mim, menina Marshall?

— Claro que eu estou. — Ela sorriu para ele. — Eu pensei que iria colocá-lo à vontade.

Ele riu, aquela risada sombria, apreciativa, que ela adorava. — *Touché*, minha querida.

Por um segundo, eles olharam um para o outro, a vontade dela combinando com a sua.

— Apenas o jornal, por agora, — ele advertiu. — Sem cartas.

Era um tipo de vitória, que ela o tivesse feito dizer aquela mentira. Ele claramente sabia que era uma mentira; ele sacudiu a cabeça irritado.

E então ele passou a mão pelos cabelos e olhou para longe. — Eu possuo uma metalurgia em Toulouse. — ele murmurou.

— Por que, Sr. Clark, que isso soa surpreendentemente respeitável?

Ele levantou uma sobrancelha para ela. — Não faça muito dela. Eu só a tenho há alguns anos. E é melhor você não perguntar como eu tinha o dinheiro para iniciá-la. — Ele deu um sorriso tenso. — Quanto a isso, não pergunte como eu tive as primeiras referências que eu precisava, de modo que o negócio pudesse começar.

— Essa metalurgia tem um endereço?

Ele torceu o nariz para ela. Ela sorriu calmamente, em troca, enquanto seu coração disparou. Então, lentamente, muito lentamente, ele pegou uma folha de papel e rabiscou algumas linhas.

— Eu não vou escrever de volta — disse a ela.

Ele era um mentiroso terrível. Iria deixar ele mentir, se era isso que ele precisava no momento.

Ele não a agarrou, nem sequer a tocou. Ele simplesmente se levantou e caminhou até a porta. — Você tem os meus melhores votos, Free. Agora e sempre.

E então ele se virou e saiu.

Capítulo Dezesseis

Edward sabia quando ele deu seu endereço a Free, que ele poderia muito bem ter desistido logo em seguida. A última coisa que ele poderia suportar era sustentar uma correspondência. Ele conseguiu deixar a primeira de suas cartas passar sem uma resposta. A segunda foi mais difícil. Ela contou sobre a construção de uma nova casa, sobre como o processo contra o seu irmão estava prosperando, — bem — e a resposta do público com as revelações que eles orquestraram em conjunto naquele Sarau, — ainda melhor. Seus anunciantes estavam voltando, seus assinantes eram mais leais do que nunca, e seus números de subscrição subiram até dez por cento e continuavam a crescer. Tudo estava melhorando, ela lhe disse.

Tudo, ela disse, menos uma pequena coisa. Ela não especificou o que era, mas ele não precisava perguntar.

Levou toda a sua força de vontade para manter seu silêncio.

Mas, em seguida, duas semanas se passaram, duas semanas em que os jornais chegaram sem quaisquer notas pessoais. Esta circunstância não deveria tê-lo feito resmungar insatisfeito.

Ainda assim, quando viu um pedaço de papel preso ao seu jornal, numa manhã, ele pegou-o.

Desculpa pelo silêncio, ela escreveu. Eu estive ocupada. Ver anexo.

Ele leu a nota. Seu coração começou a bater mais rápido, enquanto lia; os punhos cerrados no papel. E quando ele chegou ao final do mesmo,

ia contra a sua noção de cavalheirismo ignorá-la; ele agarrou no seu próprio papel e rabiscou uma resposta.

14 de maio de 1877

Bom Deus. Você está tentando parar meu coração? Nada de você durante todo esse tempo e, em seguida, apenas uma breve nota. Eu tinha pensado que você tinha desistido de fazer trabalho de investigação pessoalmente. Você entende que, quando você entra em uma mina muito perigosa, que você está se colocando em perigo?

Você poderia ter morrido. Você quase morreu.

Eu não vou ficar para...

Edward parou, e imaginou-se dizendo aquilo a Free em pessoa. Ela faria um grosseiro ruído e muito bem merecido. Ele jogou fora a carta, e olhou para o papel um longo tempo antes de tentar novamente.

Mesmo que você não pense em sua própria segurança, pense que...

Isso não foi melhor, quer dizer que ela não tinha pensado sobre as consequências de suas ações. Ele riscou aquele pensamento.

Diga-me, você se imagina invulnerável, ou...

Ele respirou fundo. Era quase como se ele pudesse ouvi-la responder, provocando-o. Ele riscou linhas escuras nesse, também. Depois de um longo tempo, ele escreveu novamente.

Eu fiquei sentado escrevendo e reescrevendo essa carta por mais tempo do que deveria. É quase como se você estivesse sentada sobre o meu ombro, oferecendo seus pensamentos sarcásticos em resposta aos meus impulsos de proteção. Você é obviamente inteligente o suficiente para entender os riscos que você está tomando, e você decidiu que eles valem a pena. Eu sei melhor do que discutir com você a esse respeito.

Então eu vou engolir todas as minhas outras preocupações e terminar com isto: Eu sentei com você durante a noite e senti o seu medo. Eu não sei como você pode enfrentá-lo novamente e novamente. É mais do que eu poderia fazer.

Você me confunde.

Edward

Seria tolice enviar a carta. Ela permaneceu em sua mesa por dias enquanto ele argumentou consigo mesmo. Finalmente, ele a enviou, e ficou ainda mais irritado quando isso não o fez sentir como um ato de fraqueza.

Foi uma questão de dias antes que ouviu falar dela.

20 de maio de 1877

Caro Edward,

Não foi nada. Tudo em nome de informar, realmente. Foi bastante fortuito, na verdade, que eu experimentei um desmoronamento. Sob tais circunstâncias, eu poderia ...

Oh, muito bem. Eu posso vê-lo bater o pé com impaciência para mim. Eu não estou enganando você, estou?

Eu sempre escrevo meus artigos e desapareço. As palavras são sobre os hospitais e os presos, as ruas e as prostitutas. Se eu me refiro a mim mesma, eu falo sobre a falsa personagem que eu inventei para fazer as investigações. Para todos no mundo, eu posso fingir que todas essas coisas aconteceram para outra pessoa.

Todos, menos você. Eu posso dar nomes falsos e suportes falsos, mas as coisas que eu relatei sempre me aconteceram. Você pode achar que é desconcertante que eu ainda estou disposta a assumir.

Mas, para mim, sabendo que você sabe, que há uma pessoa que sabe que não sou verdadeiramente sem medo ... bem, isso faz com que seja suportável.

Só não diga a meu irmão.

Sua,

Free

Edward pensou por um longo tempo antes de responder.

28 de maio de 1877

Como eu não acredito no envio de cartas cheias de sentimento meloso, sinto-me como se eu devesse ... enviar-lhe um filhote de cachorro, ou algo assim.

Infelizmente, eu não sei se os filhotes permanecem vivos quando enviados pelo correio — e duvido que fossem passar pela alfândega nos dias de hoje.

É muito ruim você não ser uma pirata, como era seu plano. Isso tornaria a entrega do cachorro muito mais eficiente. Eu ancoraria o meu navio próximo a você e enviaria todo um carregamento de filhotes. Você ficaria enterrada em cães muito pequenos. Você ficaria tão ocupada cuidando de filhotes de cachorro, que não se preocuparia com qualquer outra coisa. Isso agora está parecendo mais e mais invasiva e menos e menos alegre e mesmo assim eu ainda tenho que encontrar alguém que não ficasse encantado com uma massa de filhotes contorcendo-se. Se eu conheço tal pessoa, ele merece miséria.

Não duvide do poder do filhote de cachorro.

Edward

P. S. Se não houver um filhote de cachorro anexado a esta mensagem, é porque ele foi confiscado pela alfândega. Bah. A alfândega é terrível.

Depois disso, era impossível fingir que não se correspondia com ela.

03 de junho de 1877

Free—

Eu não sei o que quer dizer. Eu não recorro ao ridículo para evitar falar sobre sentimentos.

Meu Deus! Olhe atrás de você. É um macaco de três cabeças!

Agora, o que estávamos falando? Ah sim. Você estava me dizendo que Rickard estava circulando um projeto de lei modificado. Deixe-me ser o advogado do diabo para sua indignação: Mesmo que apenas algumas mulheres votem, ele vai provar que o firmamento ainda pode permanecer firmemente ligado aos céus²² e evitar os piores pessimistas do lote ...

Não havia nenhum interesse em mentir para si mesmo agora sobre o que estava acontecendo. Ele tinha feito um trabalho terrível em se afastar dela, e olha o que tinha acontecido. Agora ele não era melhor. Não havia nenhum futuro neste pensamento. O que ele iria fazer, dizer-lhe a verdade de quem ele era? Deixar que ela soubesse que seu irmão tinha sido o único que causou todos os seus problemas e, em seguida, pedir-lhe para ser sua viscondessa? Ela odiaria a perspectiva.

Se houvesse uma chance de que ela pudesse não dizer *não*, aquilo o surpreenderia.

²² No original: *the sky can still remain firmly attached to the heavens*. Optou-se por traduzir “sky” por firmamento em vez de céu e “heavens” por céus.

Ele estava desgostoso com ele mesmo quando ele começou a procurar um comprador para a sua metalúrgica.

10 de junho de 1877

Free,

Eu não me sinto qualificado para aconselhá-la sobre como responder às preocupações do seu irmão. Eu entendo a sua preocupação, mas você não tem que ouvi-lo. Você só presta atenção a ele, porque você o ama. Isto é o que acontece quando as pessoas lhe amam: Elas começam a lhe irritar.

Da próxima vez, se você quiser evitar isso, tente envenenar seus relacionamentos entre irmãos em uma idade muito mais jovem. Isso funciona que é uma maravilha, eu descobri isso.

Seu,

Edward

21 de junho de 1877

Free,

Sim, eu consegui encerrar esse pequeno de negócio que eu tinha mencionado antes. Quanto à outra coisa,— sim, eu tenho um irmão mais novo. Ele é minha única família viva. Se você quer saber, ele foi quem disse ao Cônsul Britânico em Estrasburgo que eu era um impostor. Basta dizer, que eu não acho que você gostasse dele.

A única razão por que você está escrevendo para mim sobre meu irmão é porque o seu está nessa elaborada viagem. Diga-me mais, da próxima vez que você escrever. Ele está em Malta ainda? E quando ele deveria estar de volta? Agosto?

Edward

P. S. Você está só me provando que estou certo. Amor. Complicação. Mais uma vez, eles andam de mãos dadas.

Edward suspirou e olhou por cima da carta. Ele estava desperdiçando tempo. Mas o que ele iria escrever em vez disso? *Eu nasci Edward Delacey, e meu irmão queimou sua casa. Eu nasci Edward Delacey, e eu poderia ser Visconde Claridge se eu mencionasse esse fato na Inglaterra.*

Ele não podia levar-se a dizer-lhe. Ele não podia ir embora. Ele não queria tomá-la sob falsos pretextos. Mas se ele alguma vez lhe dissesse a verdade ...

Eu nasci Edward Delacey. Case-se comigo de qualquer maneira?

Ha. Não havia nenhum sentido sequer em pensar sobre o assunto.

Em vez disso, como tinha feito tantas vezes nos meses desde que ele a conheceu, ele tentou esboçá-la. Sua memória dela parecia tão afiada como sempre. Seus olhos, móveis e inteligentes. Seus lábios, doces e sorridentes. Ele tentou tirar todas as suas memórias: Free agachada ao lado dele no banco do rio Cam, um binóculo elevado para os olhos. Ele tinha tentado capturá-la em pé nas cavaliças, o luar deslocando através de sua pele.

Seus esboços nunca pareciam direitos. Não importa o que ele fizesse, como ele tentasse, estava sempre faltando algum elemento desconhecido. Ele ainda não sabia o que era. Ele afastou o caderno, com desgosto.

Mas a carta que chegou da Inglaterra uma manhã no início de julho não era da menina Marshall. Edward abriu-a com curiosidade e, em seguida, congelou.

Sr. Clark,

Na semana passada, o Honorável James Delacey não enviou apenas uma carta mencionando a menina Marshall, mas sete.

Atenciosamente,

A.

No final, Edward nem sequer teve tempo para responder a quaisquer perguntas. A primeira carta que enviou foi em francês.

06 de julho de 1877

M. Dubuque—

Vou levar trinta mil francos pela metalúrgica no fim das contas. Farei um cheque de cinco mil; nós podemos arranjar o resto em alguma data posterior. Fale com o meu advogado em Londres, por favor; o endereço é o abaixo.

Clark

Em seu caminho para fora da cidade, ele enviou um último telegrama.

FREE

Estarei aí em três dias

EDWARD

— O que você está fazendo? — Alvahurst assobiou.

Edward empurrou o secretário de seu irmão entrando no quarto escuro.

Ele tinha passado os últimos dois dias percorrendo a França por via férrea, organizando a passagem através do Canal, e correndo para Londres. A cada hora que passava era uma hora em que seu irmão poderia causar danos a Free.

— Você não pode entrar aqui — Alvahurst estava dizendo. — Vamos acordar minha esposa.

— Nós vamos sussurrar, — Edward disse a ele. — Ou nós poderíamos ficar lá fora. É muito simples, Alvahurst. Eu preciso saber o que Delacey escreveu sobre a menina Marshall.

Alvahurst esfregou os olhos turvos e olhou ao redor da sala da frente do apartamento. Havia, Edward observou, uma variedade de artigos que podem ser utilizados como armas. Alvahurst, no entanto, não pegou nenhum deles. Em vez disso, ele apontou para uma cadeira ao lado da lareira.

Edward sentou-se ao lado do atizador.

— Você me disse que nunca iria perguntar depois o conteúdo das cartas. — Alvahurst parecia ridículo, seus membros saindo de uma camisola e gorro. Ele parecia ainda pior.

Edward não tinha nem o tempo nem a paciência para entrar nesse jogo.

— Eu menti — disse Edward. — Se você não me contar tudo, eu vou para James Delacey e direi a verdade. Eu tenho uma carta em sua própria mão, em que você viola as suas confidências. Quanto tempo seu emprego vai durar se Delacey descobrir o que você fez?

Alvahurst estremeceu. — Mas...

— Eu não tenho tempo para ser gentil, — Edward disse a ele. — Você sabia, no instante em que tomou o meu dinheiro, que você concordou em ser minha criatura. Podemos ter contado algumas mentiras um para o outro durante as negociações, mas ambos sabíamos o que estava acontecendo. Agora comece a agir como tal.

Alvahurst suspirou, e depois, lentamente, revelou o que sabia.

Quando terminou, Edward franziu a testa. — Isso não faz sentido — disse ele. — Mesmo James não é tão estúpido. Ela foi para a prisão antes. Outra prisão dificilmente vai fazer diferença, e ela vai ser solta.

— Ah, é isso — disse o secretário. — Não é a prisão em si que lhe importa, mas o que vai acontecer uma vez que ela estiver dentro. A esquadra tem instruções para não a soltar. Seu irmão, o único que ele sabe que poderia levantar um alarido, está no exterior, em algum tipo de viagem. Quando o sargento tiver acabado com ela, ela vai saber como manter a boca fechada. Você sabe o que pode ser feito a alguém em custódia?

Um mar de fúria escuro levantou-se, ameaçando sufocar Edward.

Oh, ele sabia. Ele definitivamente sabia. O quarto girou ao seu redor. Ele segurou os braços da cadeira e manteve-se assim quando ele se sentiu envolto em escuridão, em névoa úmida.

Você sabe o que pode ser feito para alguém em custódia?

A água negra, grossa e asfixiante, de modo que ele mal podia respirar. Dor que aconteceu com outra pessoa, alguém que iria acreditar em qualquer coisa para fazê-lo parar. Ele respirou fundo, empurrando a memória à distância. Tudo o que tinha acontecido com Edward Delacey, e Edward Delacey dificilmente existia ainda.

— Então, se isso é tudo o que você precisa saber — Alvahurst estava dizendo, — você pode pensar em sair antes que minha esposa acorde e pergunte o que estou fazendo.

Ele estava sentado em uma sala escura, e não em um porão preto. Ainda assim, Edward sub-repticiamente esfregou sua mão direita. — Você me disse tudo que eu preciso.

Tudo o que ele precisava, e ainda assim não foi o suficiente. Tudo o que podia fazer, Edward Clark, era frustrar seu irmão, plano a plano. Ele poderia passar o resto de sua vida subornando secretários e chantageando servos, e ele apenas permaneceria sempre no mesmo lugar.

Edward Delacey, por outro lado ...

O pensamento fez com que se sentisse quase febril, que ele poderia colocar esses ideais antigos, aquela identidade antiga. Agora havia uma pele mal ajustada.

Mas se ele não o fizer ...

Você poderia fazer algo de bom, ele ouviu Patrick dizendo.

Edward não fazia o bem. Ele tinha que se lembrar que, não importa como ele poderia tentar enganar a si mesmo. Ele deixou a casa do secretário de seu irmão, sentindo tonturas e náuseas. Não importava o quanto tentasse, um dia James teria sucesso em ferir Free.

Você sabe o que pode ser feito para alguém em custódia?

Talvez seu irmão não tivesse a intenção de nada mais do que uma intimidação. Mas, depois de tudo o que Edward tinha visto James fazer? Ele não estava disposto a apostar nele. Ele tinha que parar com isso agora. De qualquer maneira que pudesse.

Todo esse tempo, ele manteve-se longe dela, lembrando-se de quem ele era. Não havia futuro em estar com ele, e ele recusou-se a deixar-se mentir e acreditar no contrário. Agora, pela primeira vez, tudo ficou claro.

Ele poderia tê-la. Ele poderia mantê-la segura. E — melhor de tudo, uma vez que ela descobrisse o que ele tinha feito, o que ele não tinha contado a ela ...

Ele não teria de dizer a si mesmo sobre o futuro que eles não teriam. Ela se livraria dele sozinha.

Edward despertou seus advogados às quatro.

Às oito da manhã, Edward apresentou-se na casa de Londres do Barão Lowery.

O homem que estava prestes a se tornar deveria ter batido na porta da frente. Mas ele teve o suficiente de seu antigo eu, que ele voltou para as cavalariças. Ele despertou um criado, que entrou na casa. Dez minutos depois, Patrick saiu.

— Edward. — Patrick veio para a frente, agarrando seus braços. — Você não me disse que estava na Inglaterra. Como você sabia que eu estava em Londres?

— Eu supus isso pelo jornal, — Edward disse, em voz baixa. — Você vê, Barão Lowery está na Comissão de Privilégios, e eles estarão reunidos em dois dias.

Patrick olhou para ele. Ambos sabiam por que a Comissão estava reunindo. A Comissão sempre reunia quando um homem fez um pedido para se juntar à Câmara dos Lordes. Eles faziam o trabalho chato de ouvir as provas detalhando o direito de um homem para tomar seu assento.

Três dias atrás, foi o sétimo aniversário da última correspondência oficial de Edward com sua família. James estava esperando precisamente este momento.

— Você está ... — Os olhos de Patrick se alargaram.

— Eu estou. — disse Edward. Ele sentiu-se mal do estômago. — Eu não vou fazer nenhum bem, — não me venha com esse olhar, — mas pelo menos eu posso impedi-lo de fazer o mal.

Patrick deixou escapar um longo suspiro. — Eu vou pegar George. — disse ele.

Levou quinze minutos antes que Patrick descesse novamente, acompanhado por um homem em robe e chinelos. O Barão Lowery deu uma olhada em Edward. Seu nariz amassado.

— Você. — Aquilo poderia ter sido nojo na voz de Lowery. Poderia ter sido curiosidade.

— Eu. — Edward veio para a frente. Seu coração estava batendo. Ele pensou novamente na sua infância, no sotaque educado de Harrow que ele já tinha tido, que ele tinha feito o seu melhor para perder ao longo dos anos.

Ele lembrou anos de privilégios que ele derramou no decurso de uma quinzena. Fez-se ficar reto.

— Nós não fomos devidamente apresentados na última vez que nos encontrámos — disse Edward. Ele soou como uma caricatura de si mesmo, um emproado, ereto pequeno esnobe, alguém que merecia ter o recheio arrancado para fora dele.

Mas ele estendeu a mão enluvada para o expectante Baron Lowery.

— Eu lhe disse que eu era Edward Clark. Mas eu nasci Edward Delacey — disse ele. — Eu não estou morto. E eu sou o atual visconde Claridge.

Capítulo Dezesete

Free manteve o telegrama confuso de Edward, que era ao mesmo tempo simples e desconcertante, guardado no bolso nos últimos dias, puxando para fora em horários estranhos, até que o papel barato começou a rasgar nas bordas.

Ele estava voltando. Ela sempre soube que ele voltaria no seu próprio tempo, e agora que isso aconteceu, ela não podia se deixar acreditar.

Ela estava atravessando as portas, com Amanda ao seu lado. Juntas, elas contemplaram a casa substituta a quinze metros de distância.

Os últimos meses apagaram todas as evidências do incêndio que ela enfrentou com Edward. A grama cresceu por cima das marcas carbonizadas; árvores foram replantadas, flores recolocadas em caixas. Sua lembrança daquela noite era bem mais permanente.

Edward estava voltando. Ela sorriu.

— Deveríamos pintar a cabana de branco, — Disse Amanda — Nunca se pode discordar com branco.

— Qual é o ponto de fazer algo do qual ninguém pode discordar? Você acha que amarelo seria bom?

— Você diria isso. — Amanda sorriu fracamente. — Bem, agora eu estou metade do tempo com tia Violet. Talvez possamos nos comprometer com um cinza imponente.

— Cinza! Não, qualquer uma menos cinza. Cinza não é nada mais do que um branco que não conseguiu se decidir.

Para qualquer outra pessoa isso pareceria uma briga. Mas Free entendia o que aquilo era de verdade: uma distração. Ela mostrou a Amanda o telegrama, e Amanda devia saber o quão nervosa ela está.

Atrás delas o sol estava alto, e a imprensa estava trabalhando, um barulho reconfortante aquela distância.

Foi quando ela viu um homem vindo da trilha da universidade. Ele estava caminhando rápido, daquela forma direta, passos largos, balançando os braços. Levou menos de um segundo para Free reconhecer Edward. Ela não precisava ver seu rosto; ela conhecia-o no fundo do seu ser, como se algo ressoasse entre eles mesmo a distância.

Ela teve um breve momento de pânico. O que ela faria? Então ela se lembrou que ela não entrava em pânico. Bom saber disso; seu coração estava acelerado por alguma outra razão.

— Free — Amanda perguntou, — Por que você ficou vermelha?

— Nenhuma razão. — ela disse um tanto estupidamente, como se ele não fosse chegar em alguns minutos e sua mentira não ficaria óbvia.

Amanda não deixou se enganar, e olhou mais abaixo na estrada. — Ah! — ela disse sagazmente — Ali está o seu Sr. Clark afinal. Bem em tempo.

Free tinha apenas um telegrama para guiar suas expectativas. Ela não sabia porque ele voltou, o que ele pretendia com ela, ou se ele iria embora novamente. Ela não sabia se devia se sentir esperançosa ou desesperada.

Ela olhou na direção dele. — Oh, é ele? Não. Não pode ser. Ele me viu, e ele não levantou a mão em cumprimento. Mas também, eu o vi, e eu não... — Aquela lógica não a levaria em nenhum lugar.

Ela levantou a mão, dando um pequeno aceno. Um momento depois, ele retornou o cumprimento.

— Free, — Amanda disse. — Eu nunca pensei que diria isso a você de todas as pessoas, mas seus nervos não estão um pouco alterados?

— Não, — Free torceu as mãos. — Meus nervos não estão nem acima nem abaixo. Eles estão na medida certa que demanda a situação.

Amanda bufou em descrença.

— A situação, — Free admitiu. — é ao mesmo tempo confusão e enorme antecipação.

Ele saiu da estrada principal, começando a subir o caminho que levava ao jornal dela. Seu coração batia forte. As palmas da mão suadas.

— Então é isso. — Amanda disse com um sorriso. — Eu estou indo.

— Espere... — Mas seu protesto era fraco. Ele estava vindo até ela agora. A jaqueta dele estava amarrotada da viagem e ele estava necessitando fazer a barba. Mas Free não se importava, nem um pouco. Ela foi até ele, estendendo as mãos.

A distância desapareceu. O tempo desapareceu.

— Sr. Clark. — Atrás dela, a imprensa ainda trabalhava. Ela mal conseguia ouvir pelo pulsar em seus ouvidos.

Ele não hesitou. Ele entrelaçou seus dedos com os dela, a puxou... não perto, não realmente. Não, quando ela o imaginou muito mais perto, por muitos meses. Ele não estavam mais perto do que duas pessoas que estivessem dançando uma dança folclórica. Mas sua pulsação estava acelerada como se ela tivesse dançado duas rodadas com ele, e ela tinha feito nada mais do que alguns passos.

— Sr. Clark, — ela repetiu, olhando para cima. — Você é muito alto.

— E você, — Ele disse em voz baixa. — você, minha irritantemente linda, brilhante, Free. Você é do tamanho perfeito. Se você disser meu nome mais uma vez, eu serei forçado a algo terrível, como beijá-la em público.

Nem mesmo nos seus sonhos mais loucos ela o tinha ouvido falar algo assim na chegada. Ela apertou suas mãos e o olhou em seus olhos escuros.

— Me desculpe, Sr. Clark, — ela disse. — O que disse, Sr. Clark? Sr. Clark, eu temo que tenho dificuldade de audição. O barulho da imprensa é uma distração terrível. O que você disse que faria se eu lhe chamasse de Sr. Clark mais uma vez?

Suas mãos apertaram as dela e ele inalou, se aproximando. Mas apesar do olhar faminto, ele não cumpriu a promessa.

— Infelizmente, — ele disse. — Negócios vêm antes do prazer. Tem algo que você deveria saber.

Negócios. Ela mal podia pensar em negócios quando ele a chamava de *irritantemente linda*, quando ele pegava sua mão e ameaçava beijá-la.

Ele a olhou. — James Delacey está armando para você novamente.

De todas as coisas que ela pensou que ele tinha vindo dizer...

Free franziu as sobrancelhas, confusa. — E você ouviu isso estando em Toulouse?

— Eu ouço tudo. — Ele disse isso com um pequeno sorriso. — Eis algumas coisas que você deveria saber. Primeiro, cancelaram a permissão para sua manifestação amanhã. Você deveria ter recebido uma notificação disso, mas ele cancelou isso, também.

— Isso é um aborrecimento. — Free fechou a cara. Era tarde demais para cancelar. Eles não tinham nenhuma forma de contatar as participantes, não tão em cima da hora. A última chamada tinha saído dois dias atrás nos jornais. E ela não poderia deixar aquelas mulheres encararem as consequências sozinhas.

— É mais do que um aborrecimento.

— Sim, é uma vergonha. Tínhamos planejado uma boa manifestação, também. Para cada quatro mulheres que estiverem vestidas de branco, nós

teremos noventa e seis vestindo mordanças pretas, para representar a proporção de mulheres que são capazes de votar sob a lei proposta. Vai ser uma manifestação tão marcante. Nós vamos fotografar tudo. — Ela suspirou, mas depois se iluminou. — E a única coisa que poderia torná-lo melhor seria se eles prendessem o lote de nós. Então, todos os jornais vão cobrir a história.

Ele não sorriu. — Isso é diferente. A polícia tem ordens de não a soltar. E Delecey tem planos sobre o que aconteceria depois.

Ela encolheu os ombros — Meu irmão irá armar a maior... Ah. Bem. Eu suponho que não.

Ele não poderia, pelo menos não imediatamente. Ele estava fora do país com a família. — Meu pai?

— Um ótimo pugilista, mas ele não tem as conexões políticas necessárias para lhe soltar. Free eu não acho que você está levando isso a sério. Você não sabe o que Delencey fara com você, e —

Ela nem podia pensar nisso, não sem um pouco de medo. Free balançou a cabeça. — O que me diz do Duque de Clermont? Ele está na cidade. Ele é o irmão do meu irmão. É complicado, e eu odeio contar com ele, mas ele o faria num estalar de dedos.

Ele pareceu ligeiramente aborrecido. — Eu não pensei em Clermont. — ele resmungou. — Você está fazendo isto difícil. Você vê, eu tinha esperança que você poderia pedir para seu marido lhe soltar.

A boca de Free secou. Sua mente parou de funcionar.

— Eu não tenho um marido. — Mas ela não podia olhar para longe dele, daqueles olhos negros descansando nela. Suas mãos ainda seguravam as dela. — E mesmo que eu tivesse, ele não teria influência política.

— Ah, mais eis uma coisa. — ele disse. — E se você tivesse um marido que pudesse aparecer com qualquer influência política que quisesse.

Uma assinatura, em uma ordem de soltura do falecido príncipe Albert, se isso fizer o truque.

Free engasgou. — Por favor não faça isso.

— De todas as coisas que James poderia ameaçar, segurar você em custódia e lhe fazer mal... Não suporto pensar o mal que ele pode fazer. — Sua voz era baixa. — Gostaria de aprender necromancia e ressuscitar os mortos, eu mesmo, só para tirar você disso.

Ele estava minando toda capacidade de pensamento dela. Todos os pensamentos de licenças e prisão tinham foram expulsos da sua mente. Ela engoliu e o olhou nos olhos. — Felizmente, você não precisa aprender necromancia.

— Felizmente — ele concordou, — não.

— Ainda mais felizmente, — ela se ouviu dizer — não preciso de marido para isso. Eu tenho você, e você poderia me forjar papéis de liberação falsos sem se casar comigo. Mesmo que isso fosse nossa única perspectiva. Que não é."

— Infelizmente, — disse ele, sem quebrar em um sorriso, — você está certa. Existem vários buracos tristes na minha lógica. Suponho que não está interessada em casar-se com um especialista em lógica falha com tendência a necromancia, por acaso?

Free respirou profundamente. Não pareceu acalmar o giro da cabeça dela. — É uma proposta de casamento? Só quero esclarecer as coisas. Você vê, também poderia ser o tagarelar de um louco, e eu quero ter a certeza.

— É uma proposta. — As mãos dela apertaram-se. — De casamento. E esta —ele chegou no seu bolso — é uma licença especial. Sabe que o vigário estará hoje até às seis?

— Oh meu Deus. — Ela deixou cair as mãos. — Está-me pedindo para casar com você hoje? Antes de você ter a chance de conhecer meus pais? Com ninguém para testemunhar, além de Amanda e Alice?

— Eu estou pedindo para casar comigo dentro da próxima hora. — Ele simplesmente olhou para ela. — Não consigo pensar em uma razão por que você deva. Eu não tenho nenhum senso moral para falar. Minto, eu engano, roubo e eu provavelmente vou levá-la a ir embora gritando dentro de uma semana. Mas se você se casar comigo, eu só vou fazer essas coisas em seu nome.

Ela acenou com a cabeça em reprovação. — Edward.

— Essa não é a melhor das propostas, é?

— Não. Não particularmente. Nem sei se você quis dizer isso a sério.

— Então tente este. Eu passei todos os últimos anos da minha vida vagando em pensamento, “este mundo é um lugar terrível; como pode tomar vantagem disso?” E então eu lhe conheci. — Ele caiu em silêncio, mas seus olhos se encontraram nela.

Piscinas de escuras, profundas. Ela só tinha sonhado ele olhando assim, olhando para ela como se ela fosse tudo para ele. Ela sentiu os dedos ondular.

— Lhe conheci — ele continuou — e você disse, “este mundo é um lugar terrível; como posso fazer isso melhor?” Você derrubou as fundações debaixo de mim. Você mudou tudo. Você me fez pensar que poderia haver mais na minha vida do que traição interminável. Então, sim, Free. Quero-lhe. Quero estar com você no café da manhã e lhe fazer sorrir. Eu quero que você se deite comigo à noite e me beije. Quero você debaixo de mim. Quero tudo sobre você.

— Melhor. — Free apertou as mãos. — Continue. Acho que é possível reduzir-me a uma pequena poça em mais dois minutos, se você continuar. Estou na metade do caminho, do jeito que está.

— Ah, — ele disse, inclinando-se até ela. — Então é melhor parar. Eu lhe amo com tudo o que sou.

Ela não poderia se obrigar a deixá-lo ir. Ele estava certo. Havia mil razões porque ela não deveria casar com ele. Ela nem sabia qual era o nome de batismo dele. Aquilo quase não importava; a família que o havia rejeitado não tinha nada com ela. Ainda...

— Eu tenho um punhado de perguntas.

— Somente um punhado? — O tom dele era descontraído, mas as mãos seguraram as dela, tensas.

— Eu vou me conter por enquanto, — ela disse, — e atrasar os outros milhões por algum tempo, até mais tarde. Primeiro, o seu negócio em Toulouse? Vamos viver aqui, e se assim for, o que você pretende fazer?

Ele encontrou os olhos dela. — Vendi meu negócio há três dias; Eu sabia que estava voltando para a Inglaterra. Quanto ao que eu estou planejando fazer.... — Ele soltou um suspiro. — Não há esperança para isso, mas eu vou fingir ser respeitável. Se dependesse de mim, eu começaria uma metalúrgica aqui. Eu nunca irei interferir com seu jornal, a menos que você queira, e infelizmente, temo que em geral atividades ilícitas causariam problemas. Então eu vou abster-me o melhor que puder.

Ela assentiu com a cabeça. — Só mais uma pergunta.

Ela podia sentir a tensão nele, todos os músculos de seus ombros rígidos.

— Então é isto: você me ama?

— Isso é um desperdício de uma pergunta. — Ele soltou suas mãos, mas apenas para colocar o braço em volta da cintura dela e aproximá-la dele. — Você sabe que eu amo. Prometi que, se você me chamasse de Sr. Clark mais uma vez, eu lhe daria meu castigo. E embora eu seja o tipo que dificilmente mantém promessas inconvenientes, esta...

Ele se inclinou para ela. A testa dele tocou a dela; seus lábios aquecidos com o fluxo da sua respiração.

— Esta promessa — ele sussurrou para ela — é o oposto de inconveniente.

Free soltou um suspiro suave e trouxe seu rosto até essa última meia polegada, tocando seus lábios. Ele se provou tão doce, que ela mal podia acreditar que ela estava beijando-o novamente depois de tanto tempo. Mas ela levou suas mãos em seus ombros, e ele era real e sólido. Seu corpo pressionado contra o dele. Sua boca abriu-se a ele. Beijá-lo era como sorver luz se uma lâmpada; Ela tornou-se mais radiante com cada toque de língua.

— Free, querida.

— Edward, — ela respirou.

— Ainda não tenho uma boa razão para você se casar comigo, mas eu tenho uma infinidade de más. É impulsivo. É uma bobagem. Eu sou um canalha. Há muito que não contei a você e não há tempo para lhe explicar tudo. Você vai odiar-me pelo menos três vezes depois disto, antes de lhe convencer a me amar. — O braço dele escorregou para baixo de seu corpo, puxando-a ainda mais perto.

— Mas você vai? — ela perguntou. — Convencer-me?

— Provavelmente não, — disse. O tom de sua voz era despreocupado, mas seus olhos contavam uma história diferente. Ele a beijou novamente, um beijo muito persistente.

Ela nem acreditava que isto estava acontecendo. Meses de correspondência um pouco quente, o suficiente para aquecê-la à noite, mas ainda não estava preparada para isto. Ele havia vendido o seu negócio, veio a Londres e obteve uma licença especial?

Tudo parecia estar a acontecer tão rapidamente. Quase demasiado rapidamente.

— Essa licença especial que diz ter. — Ela engoliu. — Isso é uma licença especial, ou é o tipo de Edward de licença especial?

Ele inclinou e a beijou novamente. — Você acha que eu poderia adquirir uma licença falsa? Pelo amor de Deus, Free. Estou a tentar apressá-la em casamento. Não tenho vontade de acabar com esse estado tão cedo. A única coisa que eu falsifiquei era a prova da minha residência, e meu advogado me assegurou que não pode ser usado para invalidar uma licença devidamente emitida. Eu perguntei.

— Ah, — ela disse. Ela queria rir. — Muito bem, então. Estou convencida.

Sua mão apertou a dela. — Isso é eu estou convencida que é uma licença real, ou...

A partir do momento que ela tinha recebido o telegrama, tinham vindo a isto. Não, antes disso. Cada instante, desde que ela o conheceu, tinha levado a este auge.

Ela sorriu-lhe. — Nenhum dos dois. É mais assim: seu idiota, por que é que demorou tanto tempo?

Capítulo Dezoito

Após o turbilhão das horas seguintes, Edward não podia acreditar que realmente tivesse acontecido.

Frederica Marshall tinha-se casado com ele. Com apenas um pensamento, sem hesitar. Amanhã, ela ia descobrir quem ele era e o que ele tinha planejado. Mas esta noite...

O sol ainda não tinha definido. Eles estavam na porta de sua casa, então recém concluída que ele ainda podia sentir o cheiro limpo de placas serradas. Ele tinha o braço em volta dela, recusando-se a deixá-la ir por medo de que ela pudesse recuperar o juízo e sair a qualquer momento.

— Parto para Londres, — Lady Amanda estava dizendo para Free. Ela tinha sido uma de suas testemunhas. — Eu tinha planejado de ir cedo para a manifestação e, bem... — Ela olhou para Edward e encolheu os ombros. — Mais uma razão para eu não mudar meus planos. Só vim pegar minha bolsa.

— Você ainda vai falar com Genevieve amanhã? — Free pediu.

Lady Amanda corou ligeiramente. — Sim. — Ela olhou de relance para Edward novamente e então olhou para outro lugar. Mas mesmo que o olhar que ela lhe lançou estivesse desconfiado, ela não disse uma palavra.

Ele apreciava o silêncio de Lady Amanda, mesmo que ele não merecia qualquer cautela. Haveria tempo suficiente para a Amanda dizer a Free como ele era.

Deus, era doce segurar Free, pensar nela como sua esposa. O sorriso brilhante que ela lançava para ele era mais doce ainda. Era uma pena que não iria durar a semana.

— Lhe levo no colo? — ele perguntou, uma vez que a Amanda tinha pego uma mala e partido.

Ela sorriu. — É minha casa. Talvez eu devesse carregá-lo.

— Não. — Ele tocou sua mão enluvada na bochecha dela. — Eu odiaria quebrar você no início da noite. Tenho planos para você.

Ela inclinou a cabeça para olhar para ele, e ele estendeu a mão para ela.

Parecia impossível que ele a tivesse. Mas ele a tinha, embora o estado fosse temporário. Ela descansou o rosto contra a mão dele e sorriu para ele, seus olhos brilhando.

— Um dia destes, — ela disse — você vai aprender que eu não quebro.

— Eu já sabia disso. — Ele deslizou seu braço ao redor dela, trouxe-a para perto. — Agora, minha adorável Free.

Ele poderia dizer-lhe agora. Dizer-lhe que ele tinha mentido para ela todo esse tempo, que o homem com quem ela tinha casado era, ao mesmo tempo, Edward Clark e um outro cara, que havia longo tempo se chamara Edward Delacey. Ele poderia dizer-lhe que, no dia seguinte, ele ia mudar tudo.

Mas essa luz em seus olhos brilhou para ele. Ela ficou na ponta dos pés, as mãos repousando sobre seus ombros, seus lábios, respirando o calor contra seu maxilar.

— Agora, Edward, — ela disse, e ele estava perdido.

Ele envolveu seus braços ao redor dela, a levantou e levou para dentro da casa. Ele fechou a porta atrás dele com uma batida final.

Diga-lhe agora.

Aquela era sua consciência falando. Ele teria pensado que a coisa idiota teria aprendido a lição. Ele a beijou em vez disso, tomando a cabeça entre as mãos, como se ele a pudesse colocar no lugar ao lado dele, não só para o momento, mas para cada instante que se seguiu e cada um depois disso.

— Sim, — ela disse contra sua boca, suas mãos no peito dele. — Posso dizer que não é um cavalheiro. Você está muito bem constituído.

— O melhor para segurá-la contra uma parede, minha querida. — Ele inclinou-se e a beijou novamente, como se ele pudesse roubar seu fôlego.

Mas ele não precisava persuadi-la; ela deu-se voluntariamente, seus braços envolvendo em torno dele, seus lábios de fusão com os seus, seu corpo o pressionando sem qualquer vestígio de timidez.

Não, Free não precisava de ser persuadida a ter relações conjugais. As mãos dela o exploraram, desapertando os botões do seu colete, puxando a sua camisa fora das calças. No início os dedos dela eram frios contra os músculos do seu abdômen, mas ele ainda murmurou algo e uma sacudida de luxúria passou através dele ao seu toque.

A maneira que ele se sentia por ela, ela devia caber perfeitamente contra ele. Mas ela era muito baixa para beijá-la confortavelmente. Aquele desconforto tornou impossível para ele se esquecer de si mesmo, como se a tensão no pescoço, a tensão em sua parte inferior das costas quando ele se inclinou para ela, fosse a recompensa por cada mentira que ele lhe tinha contado. Beijá-la era castigo e prazer.

— Quis você na minha cama há muito tempo, — disse Free contra seus lábios.

— Ah, Deus. — Isso doeu em todos os lugares para puxá-la para perto, para sentir a curva da cintura em suas mãos. Não apenas em seus

músculos, não só no pulsar de sua ereção, mas em algum lugar profundo dentro dele.

Seus lábios eram macios, a respiração era doce, e pelo menos por esta noite, ela era dele.

Ela levantou a mão. Os dedos dela enrolados em torno dele. Por um momento, sentiu-se como um jovem inocente. Não havia nada entre eles além do desejo tímido e doce. Nada além de querer, destilado por meses de dor. Foi fácil segui-la no corredor, fácil para abrir a porta do seu quarto. As cortinas estavam abertas, e o pôr do sol derramando vermelho sobre o chão. Suficiente iluminação que ele pudesse ver a expressão dela, a encantadora linha do queixo dela, a cor do cabelo em guerra com o pôr do sol.

Ele deslizou seu dedo debaixo do queixo e rosto inclinado para cima dele. — Eu quero o seu cabelo solto.

Ela soltou um suspiro trêmulo. Um pequeno sorriso cresceu na boca dela, e ela fechou os olhos como se ela estivesse saboreando o som dele. Mas quando ela falou, sua voz era firme.

— Tenho dezenove ganchos no meu cabelo. Você tem mãos. Você é perfeitamente capaz de encontrá-los você mesmo.

— Então eu sou. — Ele tirou sua luva esquerda e colocou em um gaveteiro. "Então eu sou."

O primeiro foi fácil descobrir; um pouco de metal brilhando acima de sua orelha. Sabendo que um estava lá, ele olhou para o seu companheiro do outro lado. Ele o encontrou escondido atrás de uma onda. O número três foi empurrado através do nó trançado o cabelo na nuca dela; ele deslizou-se, inclinando-se para baixo para que ele pudesse colocar um beijo contra o pescoço dela. Ela estremeceu em resposta. Ele não queria deixá-la pensar, e então ele sugou seu ouvido, enquanto as mãos dele encontraram do número quatro ao doze. Ela suspirou quando ele a beijou, inclinando-se nele. Ele segurou a trança no lugar enquanto tirou os ganchos. Foi quase um jogo,

para certificar-se de nunca puxar o cabelo dela, nunca lhe causar um pouco de dor.

O número 13 estava enrolado com um pouco de fio macio que ela usara para amarrar sua trança no lugar. Ele tirou isso e afastado dela, segurando-a na frente de seu nariz. — Você disse 19 ganchos. Você não disse nada disso, minha querida.

— Tem razão, — ela disse-lhe com uma sobrancelha arqueada de maldade. — Eu não mencionei qualquer fio. Agora o que vai fazer sobre isso?

— Você terá que me pagar por isso.

— Como?

— Vamos só vou por na sua conta. — Ele sorriu-lhe e voltou a retirar os pinos. Para remover os restantes, ele teve que desfazer sua trança, correr as mãos pelo seu cabelo. Ele virou-lhe a cabeça em direção a ele, e tomou a sua boca. Suas línguas se encontraram, e ele perdeu-se no simples ato de beijá-la. Deve ter havido uma urgência para isso, uma corrida para completar o ato que ele tinha procurado por tanto tempo. Mas apesar da libra latejante de luxúria em seu corpo, a crescente onda de seu desejo, ele se sentiu... calmo. Ele foi aliviado por ela.

Ele encontrou o último gancho e deslizou a mão pelo seu rosto, para baixo a coluna do pescoço, descansando seus dedos na base de sua garganta. Ele podia sentir a batida do pulso dela, com fome e insistente.

— Você nem mesmo tirou sua outra luva, — ela disse — e muito menos qualquer uma das partes boas.

— Ah, mas essa é sua dívida — ele disse a ela. — Você não me falou sobre o fio. Não tirarei nada, não até que esteja completamente nua.

O pulso dela saltou sob seus dedos. — Ah? — ela disse.

— Oh.

— Isso é um castigo, — ela disse. — Eu tinha esperança de ver um pouco mais de você.

Ele quase rosnou. — Você vai. Seu desejo será atrasado, não negado.

Ela sorriu para ele. — Então eu suponho que deveria tirar tudo.

Ele não sabia o que esperar, realmente, ele não se importava que caminho eles seguissem, desde que eles tivessem a intenção do mesmo destino. Mas isto... Ah, *isto*. Ela sorriu para ele, e ele pensou que seu coração poderia parar. Então ela desapertou os botões de seus punhos e então do casaco. Ela o removeu, revelando um vestido cinza escuro. Deus, ele ia enlouquecer de desejo. Ela soltou a faixa do vestido, então pôs as mãos nas costas e soltou o vestido. E então ela tirou o tecido com um movimento rápido, revelando o espartilho, anáguas e outras duas polegadas dos seios dela. O espartilho era cortado tão perto de seus mamilos que, se ele deslizasse a língua ao longo de seu decote, teria sentido a borda dura em resposta.

Ela ainda não hesitou. Ela soltou seu espartilho, afrouxando-o o suficiente para o tirar pela cabeça. E então ele podia ver os mamilos dela através do tecido fino da sua combinação, rosa, perfeitos e lindos. Sua respiração estava crescendo rouca, mas ela não parou. Ela desabotoou suas anáguas, deixando-as cair pesadamente no chão. A última luz do dia brilhava através da sua combinação, iluminando as pernas dela. Em seguida o short caiu, então ela tirou a camisa.

— Aqui está — ela disse. — Estou nua o suficiente para você?

Estava. Sua pele estava lisa e nua, todas as curvas do peito e quadril. Cachos vermelhos mais escuros entre as pernas dela acenaram-lhe para vir mais perto. Todo o seu corpo parecia uma ferida apertada. Havia apenas aquela dica de bravata em sua voz, um inclinar para cima do queixo dela. Aqueles eram os únicos sinais que ela se sentia nervosa. Ela enfrentou, no

entanto, como se ela estivesse segura de si mesma, e dele. Ele nunca queria que ela duvidasse.

Deus, como ela seria.

— Não — ele disse. — Não está exposta o suficiente para mim. Ainda não. Deixe-me lhe mostrar como se faz. — E assim dizendo, ele a guiou para a cama, a empurrou para sentar na borda. — Separe os joelhos, linda. — Ela piscou para ele, e depois de um momento, ela o fez.

Ele se ajoelhou entre as pernas dela. — Isso é nu o suficiente para mim. — E então dizendo, ele colocou a boca em seu sexo. Ela era doce e molhada, e soltou um suspiro trêmulo enquanto os lábios dele a abriam, enquanto sua língua a reclamava para ele.

— Edward. — Não era bem uma pergunta, não era bem uma resposta.

— Diga-me se você gosta, — ele disse e deslizou a língua até encontrar o cerne dos seus nervos.

Ela deixou escapar um suspiro. — Oh meu Deus, eu ... sim. Sim. Assim.

Ele abriu mais os joelhos dela e inclinou-se, encontrando o ritmo do seu corpo. A captura de sua respiração; o aumento do peito. O pulsar de seu clitóris contra os lábios, o gosto de seu desejo. Combinava com o fluxo de sangue de seu próprio corpo, a ânsia que estava inchando seu pênis. Ela estava completamente nua para ele, cada impulso, cada desejo impossível para ela esconder. Seus quadris flexionados para encontrá-lo; as mãos emaranhadas no comprimento de seu cabelo, incitando-o. Ele podia sentir o rubor de seu prazer subindo em sua pele, aquele delicioso calor se espalhando por toda parte. Ele poderia provar a maciez de seu sexo, crescendo mais molhada com cada golpe de sua língua. Ele podia sentir o seu orgasmo, vindo rapidamente sobre ela, que fluía sobre ela até que suas

mãos apertaram seu cabelo e ela gritou. Suas coxas pressionado contra ele fortemente. Ele rosnou e bebeu tudo, até a última gota.

E então, quando a respiração cessou, quando o último dos seus gritos desapareceu do ar, ele tirou o casaco e tirou os sapatos. Ele desapertou sua camisa, os botões das calças. Sentia-se incrivelmente ansioso. E ainda assim ele parecia estar se movendo lentamente, como se houvesse uma deliberação solene de suas ações. Seus olhos se abriram e ela o viu sair de suas calças, deslizando suas roupa de baixo. Dobrou estes, colocando-os em cima de todo o resto.

Ele estava duro, tão duro. Ajoelhou-se no chão à sua frente, colocou as mãos sobre os joelhos dela.

— É assim ... — disse ela. — É assim que nós vamos fazer isso?

— Assim — ele disse-lhe, esfregando o pênis contra seu sexo. — Exatamente assim. Lentamente. Diga-me se isso dói, e nós vamos dar-lhe tempo.

Ela assentiu com a cabeça. - Eu tinha pensado que seria diferente.

— Dessa forma, eu posso vê-la — disse ele. — E se eu estou em cima de você, eu não posso usar minhas mãos.

— Oh.

— Eu quero muito usar minhas mãos.

— Oh. — Isso foi dito na parte traseira de sua garganta, quase um ronronar. Ele sentiu-o na base de seu pênis.

Assim, ele usou as mãos, deslizando os dedos entre as pernas, testando a excitação dela. Ela estava pronta e despertou; ele esfregou a cabeça de seu pênis em seus sucos, deleitando-se com a sensação dela. Quando ela gemeu e levantou os quadris para ele, ele deslizou uma polegada dentro dela. Deus, ela era tão apertado em torno dele. A sensação de seu corpo, quente e úmido em torno dele, apertando ao redor dele, era a

segunda coisa mais doce que ele já tinha experimentado. O olhar em seus olhos, aquele olhar brilhando com confiança era a coisa mais doce.

— Tudo bem? — Ele perguntou.

— Melhor do que tudo bem. — Ela sorriu para ele.

Ele deslizou mais um centímetro. Ela sentia-se bem, tão bem. — Que tempo adorável tivemos hoje.

Ela riu. — O clima? Será que estamos realmente falando sobre o tempo? Agora?

— Eu te disse. Eu quero estar no controle completo. Nós podemos falar sobre o tempo, ou eu poderia pensar sobre o quão incrível é a sensação de afundar meu pau em você. — Deus, ela era tão boa. Melhor do que qualquer coisa que ele tinha imaginado. — E então tudo vai acabar muito rápido.

— Então iria estragar tudo, se eu falasse sobre como é a sensação? — Perguntou ela. — Sobre como é delicioso deslizar as minhas mãos ao longo de seus ombros. O quanto eu quero suas coxas contra as minhas. Eu poderia dizer-lhe que eu ainda estou sensível em todos os lugares que você tocou antes, e que você está me deixando louca, se movendo tão lentamente como agora.

— Free. — Seu pênis pulsava em protesto.

— Você continua agindo como se eu fosse quebrar. — Ela sorriu para ele. — Aqui está um segredo.

Ele baixou a cabeça para a dela.

— Eu pretendo fazer isso, — ela sussurrou. — Para quebrar em pedaços, e eu insisto em ter sua ajuda para chegar lá.

Foi demais para ele. Ele segurou seus quadris e deslizou todo o caminho, enterrando-se profundamente dentro dela. Ela fez um barulho no fundo de sua garganta, e ele estava perdido. Perdido na sensação dela, perdido na certeza dela. Ele deslizou para fora e então. Ele tinha pensado

em reclamá-la, mas ele realmente não se sentiu desse jeito. Ele foi o que conduziu dentro dela, mas foi o toque dela em seu rosto que o desfez. Ele definiu o ritmo, mas seus músculos se apertaram ao redor dele, apertando-o, e ele perdeu todo o controle que tinha. Ele tomou-lhe, sem palavras doces, firme e inflexível, não fez uma pausa para ter certeza de que ela estava bem.

Mas ele não precisava dela para lhe dizer em palavras. Ele podia ouvi-la em sua respiração, sentia quando ele trouxe sua mão entre eles, descobriu aquele ponto sensível que o tinha preocupado antes. Ela estava ofegante agora. Ele levantou sua mão direita, ainda enluvada, e encontrou seu seio. Seu mamilo estava duro contra o seu toque; ela jogou a cabeça para trás.

Mais. Mais. Ela precisava de mais, e ele deu-lhe tudo, cada impulso, cada respiração, cada última carícia, até que ela convulsionou em torno dele novamente. E então ele deu-lhe tudo, em troca, derramando-se dentro dela, sua mente voltando-se para nada além de luz, nada além dela.

Ele voltou a respirar conforme seu corpo se acalmou. Então, lentamente, seus pensamentos voltaram, um por um, como aves relutantes retornando ao galinheiro. Ele precisava dela. Ele a adorava. E quando ela descobrisse quem ele era, ela iria odiá-lo.

Ele se afastou dela pesadamente. Ela passou as pernas sobre a cama, estendeu a mão, pegou sua mão. E antes que ele percebesse, ela o puxou de volta para ela. Seus lábios roçaram a clavícula, seu pescoço. A boca dele. Ele não tinha nenhuma escolha na matéria. Ele tinha que beijá-la.

A essa altura o sol tinha-se posto, e o luar brilhava no rosto dela, através daquele sorriso encantador, delicioso, que ele ganhara dela. Ela estendeu a mão e entrelaçou os dedos de sua mão direita com a esquerda dele.

— Edward.

Ele saboreou a carícia em sua voz, aquele alegre tom de satisfação. Talvez ele tivesse uma chance, afinal de contas, talvez, se ele pudesse fazê-la sorrir assim de novo ...

— Querida Free.

— Eu tenho uma pergunta.

Ele sentiu cada músculo em seu corpo alerta, seus ombros enrijecendo. Não. Bobagem. Não havia nenhuma possibilidade. Ele parou de respirar. *Deus, Free. Poderíamos ter esperado até de manhã para destruir tudo.*

— Sim? — Ele conseguiu. A palavra saiu mais ou menos.

— Você não tem que responder se você não estiver pronto. Mas por que você sempre usa uma luva em sua mão direita? Você nem sequer tirou esta noite.

Não é a pergunta que ele temia. Graças a Deus, não aquela. Ele estava tão aliviado, ele estava mesmo disposto a responder. Ele não disse nada; ele simplesmente tirou a luva direita e estendeu a mão para ela. À luz da lua, era tudo muito óbvio que seus dois dedos menores tinham sido cortados na junta.

Ela respirou fundo. E então ela tomou sua mão direita na dela.

— O que aconteceu?

— Foi depois de Estrasburgo se ter rendido. Eu tinha sido enviado de volta para ocupar Colmar, que era a aldeia onde o ferreiro que tinha me levado viveu. Naquele ponto, eu só queria voltar para casa, mas agora o caminho de volta para a Inglaterra passava através de um exército estrangeiro. Sem fundos e sem ter acesso a canais oficiais, as minhas escolhas eram limitadas. Então eu fiz a única coisa que parecia razoável no momento. Contanto que ele diga as palavras, e não pensasse no seu significado, tudo iria dar certo. — Eu forjei o meu próprio salvo-conduto e uma carta de crédito. — Seus dedos estavam quentes contra os seus.

— Eu tentei usar a carta de crédito em primeiro lugar. Mas o banqueiro, um homem chamado Soames, percebeu que era uma falsificação.

Ela inalou.

Mas ele não me entregou. Você vê, ele era ambicioso. Ele percebeu que seria mais útil ter o seu próprio falsificador pessoal do que um inútil inglês sujeito à lei marcial, no meio de uma ocupação. Então, ao invés, ele me usou.

— Ele chantageou você? — Mas a voz de Free era incerta, e seus dedos, suaves contra os dele, sugeriam que ela sabia que não era o caso.

Edward deixou escapar um longo suspiro. — O primeiro homem que ele queria que eu traísse? Chantagem não teria funcionado. Eu não perdi meus dedos em um acidente, querida. Eu os perdi lentamente, ao longo de duas semanas. Os dedos não foram mesmo a pior parte. Ele só começou depois que ele quase me afogou uma meia dúzia de vezes.

A mão dela se contraiu contra a sua.

— A dor reescreve tudo. Você não apenas faz coisas para cessar a dor. Você acredita nelas. Mesmo quando você está sentado, forjando uma carta falsa, supostamente para estabelecer que um homem é parte de uma resistência armada, no território ocupado. Mesmo enquanto você está cometendo a fraude, você pode se convencer de que é a verdade. Ainda me lembro de alguns dos eventos que eu inventei para Soames como se eles realmente tivessem acontecido. Como se eu estivesse ali. Eu forjava hipotecas e cartas de crédito, por um lado, e falsificava a resistência do outro. O condado foi ocupado, e a intenção de Soames era lucrar com isso, o máximo que ele pudesse. Eu era apenas seu instrumento.

O sol se pôs. Ele não podia ver a expressão em seu rosto, não sabia o que ela estava pensando.

— Houve apenas uma pequena parte de mim que compreendeu que algo estava errado. — Ele engoliu uma respiração. — E assim, quando eu pude, quando a paz veio em março, e Soames perdeu a ameaça de lei marcial e execução sumária para expandir seu império, eu escapei. Levei meses para recuperar a minha razão, tal como era.

Havia ainda algumas memórias que ele tinha desses meses de que duvidava, e ele nunca saberia se eram reais ou não.

— Eu tinha pensado que eu era tão valente antes da guerra começar, recusando-me a ceder sob a persuasão de meu pai. Mas eu já não tinha a força de qualquer condenação. Tudo tinha sido mentira, uma fantasia. Eu disse-me para acreditar que era superior. Eu não era. Implorei como qualquer homem, quando ameaçado com um destino terrível. Um pouco de dor, e eu menti, não importa quem fosse ferido. Esse foi o ponto quando eu jurei que eu não iria recuar do pior que eu era. Eu tenho que saber quem eu sou, o que eu sou, ou eu vou deixar o próximo sujeito que vier, me fazer muito pior.

Ela colocou uma mão reconfortante em seu ombro. — Agora você não está sozinho nessa, por mais tempo. Eu sei quem você é também, todo você, o bom e o mau. E eu não vou deixar você ser ninguém, além de si mesmo.

Mas ela não sabia. Ela não sabia quem ele era. Ela não sabia que era seu próprio irmão que estava fazendo planos ociosos para prendê-la e muito, muito pior.

Não importa o que, isso nunca iria acontecer com ela, não enquanto ele tivesse fôlego em seu corpo. Ele tinha voltado para isso hoje, não importa o que ele tinha feito.

— Não — ele disse gravemente. — Eu não sou um bom homem. Mas você tem razão: Eu sou seu canalha.

— Shh, — disse ela.

— Você não sabe o que eu fiz.

Ela se virou para ele, aproximando-se em seu cotovelo. — Você não tem culpa — disse ela. — Eu não posso sequer imaginar o que você passou. Você não é terrível. O mundo tem sido terrível para você.

— Essas coisas não se excluem, amor.

— Se você não notou, eu comecei a minha carreira como repórter por uma falsificação de um relatório em que eu estava infectada com sífilis. Eu apresentei a minha quota de referências falsas no meu tempo. Você não pode ser bom para os padrões do resto do mundo. Mas você é perfeito para mim, e eu não vou deixar ninguém te machucar novamente.

Oh, ele desejava que fosse verdade.

Ele olhou para ela, a expressão feroz no rosto. Seu cabelo derramado em torno de seus ombros em pequenos cachos, fazendo cócegas em seu braço. E ele sentiu uma sensação de maravilha inimaginável. Tinha pensado mantê-la segura, e ainda assim aqui estava ela, insistindo que ela iria protegê-lo. Ele não poderia envolver sua mente em torno do que isso poderia significar.

Ele não percebeu que estava tremendo até que ela colocou as mãos em seus ombros. Ele não sabia que sentia frio, até que ela se enrolou contra ele, seu corpo tão quente.

Deus. Ele não sabia o que ele ia fazer quando ela o deixasse.

— Por que vale a pena — disse ele — quando eu lhe pedi para me casar, eu pensei que eu lhe amava.

Ela se acalmou em seus braços, voltando-se para ele.

— Eu pensei que eu lhe amei desde a noite você me disse que não estava tentando esvaziar o Tâmes com um dedal, que estava regando um jardim em vez disso. Eu senti como você mudou meu mundo inteiro, de futilidade à esperança, ao longo de uma conversa.

— Edward. — Ela se virou para ele, colocando a mão em seu ombro.

— Você não pode saber como é não ter esperança — disse ele. — Acreditar que o melhor que você pode gerenciar é a sobrevivência. Eu queria tanto você. — Seus dedos deslizaram sobre seu ombro nu, para baixo seu quadril. — Eu queria tanto que eu pensei que era amor. Deixei de ser capaz de imaginar um mundo sem você nele para iluminar o caminho.

— Você continua falando no passado.

— Isso é porque eu estava errado. Um desespero para possuir a qualquer custo, isso não é amor. — Ele se inclinou e deu um beijo em seus lábios. — Isto é.

O beijo parecia com um lento despertar, uma sensação de calor, um brilho constante que envolvia os dois.

Mas ela se afastou dele. — Edward. Eu...

Ele colocou seu dedo sobre os lábios.

— Não. Não diga isso. É um inferno suficiente perceber que eu quero apenas protegê-la do perigo. — Sua voz caiu. — E que eu sou o único que lhe vai machucar.

Ela balançou a cabeça. — Eu gostaria que você não falasse assim. Eu lhe conheço melhor do que isso. Ele sorriu com tristeza. Ela não conhecia.

— Um dia desses, você vai entender — disse ela. — Eu lhe amo, sendo sem vergonha e tudo mais. E eu soube que você nunca poderia machucar-me. Desde aquele dia.

Ele a beijou novamente. — Diga-me isso amanhã.

Foi particularmente doce, uma doce pontada no estômago, quando ela balançou a cabeça.

— Eu vou. E no dia seguinte, e no dia seguinte, e no dia seguinte. Eu vou dizer a você, dia após dia, noite após noite, até que finalmente você acredite que é verdade.

Free acordou no meio da noite em um suor frio, sacudindo os braços, tentando Escapar.

— Shh, — ela ouviu Edward dizer. — Shh. Free. Está tudo bem.

Seu coração estava correndo. Sua boca estava seca, e ela levou um momento para compreender que ela estava na cama com o marido ... há várias horas, não sendo mantida no lugar, não amarrada em um hospital do governo.

Seu pulso desacelerou. Seus músculos afrouxaram. Ela deixou escapar um longo suspiro, lento.

— Você está segura — disse Edward. — Eu tenho você.

— Foi só um pesadelo. — Ela não conseguia olhar para ele.

— É claro que foi — disse ele. — E agora eu só estou te segurando.
— Ele cruzou os braços ao redor dela. — Vê como isso funciona?

Se casar com ele tinha sido impulsivo e imprudente. Ela ainda não tinha tido a oportunidade de informar sua família de seu casamento e depois que ela dissesse a eles, haveria muitas explicações exigidas.

Mas se eles só poderiam ver isso, como se sentia neste momento, o calor de seus braços ao redor dela, o conforto de seu toque, esses medos tirados dela quando ele acariciou seu rosto, por isso, eles todos entenderiam por que ela tinha feito isso.

A manhã seguinte traria uma manifestação, um reencontro com Amanda, e uma viagem para a prisão, mas também lhe traria ele. E uma vez que todos que ela amava o conhecessem, eles entenderiam. Edward foi a melhor coisa que ela jamais poderia ter impulsivamente agarrado.

Capítulo Dezenove

— Eu estou feliz que você pode poupar alguns momentos. — disse Genevieve.

A manhã tinha amanhecido nítida e fresca, com nuvens dispersas obscurecendo o sol de verão pela primeira vez. Amanda mudou um saco em seu ombro e sorriu para Genevieve.

— Claro que sim, — disse ela. — Não o faço sempre?

Sempre. Era difícil lembrar que sempre, quando se tratava de Genevieve, significava apenas um punhado de meses. Elas agora se encontravam quando Amanda vinha para a cidade, e neste momento, isso significava que elas se viam uma a outra quase duas vezes por semana. Parecia como se elas se conhecessem há mais do que isso.

Amanda teve um vislumbre de si mesma no espelho sobre a mesa lateral. Levava meses para aprender a não estremecer e olhar para longe de seu próprio reflexo, e havia momentos ...

— Ah, ah — disse Genevieve.

Amanda olhou para ela. — Não é nada — disse ela. — Basta perceber que eu ainda tenho manchas de tinta nos dedos.

— Essas — Genevieve disse com altivez — são mais um distintivo de honra do que uma mancha. Elas são feridas de guerra.

Amanda não poderia deixar de sorrir. Mas havia o problema: quanto mais confortável Genevieve a fazia sentir, mais o desconforto crescia. Semanas de familiarizar-se com o jeito manhoso, e o discreto senso de

humor de Genevieve, confiando que Amanda não era o alvo disso, ajudou a aliviar a sensação de estranheza.

E, no entanto Genevieve ainda era tão adorável como sempre, doce como sempre, e ... infelizmente, tão inocente como sempre. Daí o dilema de Amanda.

— Eu não posso ficar muito tempo hoje. — Amanda indicou sua bolsa. — Eu tenho que participar da manifestação, e tudo só vai se tornar mais complicado a partir daí. Há a possibilidade de que eu vá ser presa, e ...

Genevieve interrompeu com uma mão em seu braço. — Essa é precisamente a razão pela qual eu lhe pedi para vir esta manhã. Você vê, eu conheço algumas ladies que gostariam de participar na manifestação. Pensei que poderíamos todas ir a pé para o parque juntas.

Ladies. Amanda ficou tensa. Como se para enfatizar o que Genevieve dizia, uma explosão de risos leves e arejados veio do outro quarto.

Amanda tinha feito melhor desde aquele primeiro encontro em abril. Ela tinha ido a um punhado de pequenas festas, aquelas onde ela tinha certeza de que sua família não estaria presente. Ainda assim, ela sempre precisava de tempo para se fortalecer, antes de sair acompanhada. Hoje, ela não tinha certeza se tinha a energia extra para fazer o esforço.

— Oh, Genevieve. — Ela balançou a cabeça. — Eu estou na borda o suficiente. Você sabe como me sinto sobre esse tipo de coisa.

Ela esperava que o rosto de Genevieve se entristecesse, por aquela decepção. Em vez disso, a outra mulher olhou para ela, seus olhos brilhando com determinação. - Eu planejei isso por mais de um mês. Eu não vou deixar você ir embora.

— Mas...

Genevieve deu um passo em direção a ela. — Não, não vou.

— Mas...

— Minha própria irmã, Geraldine, acaba de vir do interior pela primeira vez em meses. Ela ouviu falar muito sobre você, e ela quer conhecê-la.

Isso fez com que Amanda ficasse mais nervosa e não menos. E se Geraldine não gostasse dela? Ela sabia o quão chegadas as duas irmãs eram. Ela não queria que Genevieve se envergonhasse de sua amizade.

— Eu já a levei ao erro? — Genevieve exigiu.

Ela não tinha. — Esse não é o ponto.

— Então, só desta vez, Amanda. — Genevieve enfiou o braço pelo dela. — Esta única vez, eu vou pedir que confie em mim.

Olhando para os olhos azuis de sua amiga, o arco determinado de seu queixo ... Ela não podia dizer que não. Não se atrevia a decepcionar Genevieve.

Genevieve a levou na direção da sala de estar e a guiou para a porta. Ela se soltou do braço de Amanda apenas o tempo suficiente para abrir a porta. — Senhoras — ela anunciou. — Ela está aqui.

Amanda reconheceu Geraldine instantaneamente. Ela parecia-se muito com a irmã, olhos azuis, loira e um sorriso doce em seu rosto, mas com um pouco mais cheiinha por ter tido filhos. Mas foi a mulher sentada ao seu lado que fez gaguejar o coração de Amanda.

Ela era alta e morena. Ela também era cheiinha e sorria um pouco. Mas seu sorriso tinha uma tristeza nele.

— Maria? — Amanda não poderia fazer-se passar para o quarto.

Sua irmã mais nova. A última vez que a tinha visto, Maria tinha dito a ela que não queria nada com ela. Amanda não podia acreditar que Genevieve tinha feito isso com ela. Todos os seus velhos medos a assaltaram. Ela queria virar-lhe as costas e fugir, antes que Maria pudesse fazer o mesmo em resposta.

Mas Maria não correu. Ela se levantou, erguendo uma mão à boca.
— Amanda. — E então ela estendeu os braços.

Amanda não sabia como ela conseguiu atravessar a sala e cortomar a mesa. Seu vestido pegou um bule de chá; Ela estava vagamente consciente de Genevieve atrás dela arrebatando-o graciosamente antes que se virasse.

Mas sua irmã estava em seus braços. Maria não podia odiá-la para sempre. Ela não tinha arruinado absolutamente tudo.

— Sinto muito — ela sussurrou no ouvido de sua irmã. — Eu sinto muito. Eu sinto muito.

— Sinto muito, também.

Amanda engoliu uma fungada. Ela não ia chorar. Ela não estava. Mas quando ela se afastou de sua irmã, ela viu os olhos de Maria molhado de lágrimas, e descobriu que não podia evitar.

Genevieve entregou-lhe um lenço.

Foi cerca de dez minutos mais tarde, dez minutos de exclamações incoerentes, de segurar a mão da irmã e ser incapaz de deixá-la ir, antes que ela não precisasse enxugar os olhos ardendo.

— Maria, — disse ela. — Por que você está aqui? Eu pensei...

Sua irmã corou. — Você pensou que eu a odiasse. Eu o fiz. No início. Mamãe e papai me disseram que era culpa sua eu não encontrar um marido na primeira temporada. Pensei que você tinha arruinado minha vida.

— Foi. — Amanda disse a sério. — Eu o fiz.

Maria não respondeu a isso. Em vez disso, ela olhou sobre o ombro de Amanda. - Isso é uma questão de opinião, eu suponho. Eu me casei com alguém de classe inferior. Eu me resenti de você e tia Violet durante anos. E então ... Um dia, percebi que o escândalo que causou significava que o homem com quem eu tinha casado realmente me amava. Ele tinha-se casado comigo por mim, não pelo o que eu poderia trazer. — Seus lábios se

curvaram em um sorriso. — Eu descobri que eu o amava, também, e eu parei de me sentir tão amarga.

— Estou feliz.

— Mas eu não acho que entendi o quanto eu tinha cometido um erro até que eu tive minha filha. Ela é tão ... tão brilhante, Amanda. Ela tem apenas cinco agora, e no outro dia, encontrei-a lendo O Peregrino em voz alta para seu irmão mais novo. Eu quero que você a conheça. — Os olhos de Maria brilharam mais uma vez.

— Oh, Maria. Eu gostaria de conhecer a sua filha.

— Eu comecei a ouvir o que eu lhe disse. Quando ela tinha três anos, eu disse-lhe que ela não poderia contradizer o menino vizinho, mesmo quando ela estava certa, porque é indelicado para uma lady discordar de um cavalheiro. Eu disse-lhe que ela não deve correr, porque as ladies não se apressam. Todos os dias, a partir do momento em que ela tomou seu primeiro passo, eu disse-lhe para parar: parar de pensar, parar de falar, parar de se mover. E eu não sei porque eu disse nada disso. Essas palavras continuaram saindo da minha boca, passando por mim.

Amanda estendeu a mão e agarrou a mão de sua irmã.

— Eu acho que foi quando eu entendi que você só arruinou a minha vida porque minha vida precisava de se estragar. Porque a vida que você rejeitou exigiu que eu gastasse todo o meu tempo a dizer a minha filha a ser menos e meu filho a ser mais.

— Eu não estava tentando salvar ninguém, — disse Amanda. — Apenas eu.

Maria deu um sorriso vacilante. — Bem. Comecei a ler seu jornal um ano atrás. Eu me sentava no café da manhã com os seus ensaios e imaginava que você estava sentada à minha mesa. Que você me tinha perdoado pelas coisas horríveis que eu disse a você. E então a menina Johnson veio até mim.

Genevieve e Geraldine estavam sentadas à mesa com elas, ambas em silêncio. Geraldine enxugou uma lágrima recatada de um olho. Mas Genevieve estava sorrindo, brilhante sorriso, perfeitamente feroz, aquele que Amanda podia sentir a partir de cinco metros de distância.

— Eu estou vestindo preto — disse Maria. — Eu enviei o meu número para a manifestação e preto é o que me disseram para vestir. Eu trouxe ... — Ela remexeu em um saquinho. — Este. Para a mordaca. — Ela levantou um lenço escuro. — Você acha que isso vai servir?

— Maria, anularam a autorização para a manifestação. Podemos ser todas presas. Você não tem que fazer isso.

O sorriso de Maria vacilou um momento. Ela olhou para o lenço. — Você ainda está indo?

— Sim — disse Amanda.

Maria olhou para Amanda e ergueu o queixo. — Deixe-os apenas tentar me segurar, então — disse ela. — Estou grávida. Meu marido pode não ser o duque que eu sonhava quando era uma menina, mas ele ainda pode fazer-se ouvir, se necessário.

Geraldine fungou novamente. — Irmãs. — disse ela.

Maria pegou a mão de Amanda. — Irmãs — ela repetiu. — Eu andei longe de você anos atrás. Eu serei amaldiçoada se eu deixar você ficar sozinha hoje.

No momento em que Edward e Patrick foram chamados para a pequena câmara abafada, por trás da sala onde o Comitê de Privilégios se reunia, o processo já havia começado. A maioria dos senhores nesse comitê provavelmente não tinha notado a alteração de última hora para a agenda

apresentada pelo Barão Lowery, Nem as testemunhas extras que ele tinha acrescentado na mal frequentada sessão parlamentar do dia anterior.

Todo o processo tinha uma qualidade irreal para ele.

Parecia impossível que Edward devesse estar aqui agora. Na noite anterior, ele se casara com Free. Ainda esta manhã, eles tinham vindo para Londres juntos no trem. Ele não tinha sido capaz de manter-se sem tocá-la, mesmo que o passeio tinha sido público. Manteve suas mãos na dela, sua perna tinha esbarrado na dela. Eles se separaram na estação, ela iria até a manifestação, ele para encontrar seus advogados. Ele tinha cortado o cabelo respeitavelmente curto, e agora ele estava vestido com um terno sério, escuro, adaptado à sua forma.

Era provável que ela já estivesse no parque onde elas se iam reunir, distribuindo cartazes para as mulheres. Preparando-se para a prisão. Ela pensava que ele tinha apenas um pequeno negócio a fazer antes que retornasse. Ela não tinha ideia no que ele estava prestes a se tornar.

Um homem estava recitando a substância da afirmação de James ao viscondado na outra sala, um maçante rio seco, e monótono de fatos sobre filiação.

Duvidava que toda a comissão estivesse presente. Provavelmente, todos eles pensavam que isso era uma questão bastante rotineira. Afinal, eles estavam apenas reconhecendo um lorde que tinha apresentado o seu pedido à rainha e tinha as indicações devidamente aprovadas pelo procurador-geral. Em circunstâncias normais, não haveria nada para fazer, senão votar no final. Metade provavelmente tinha enviado como seus representantes um ou outro membro.

Edward estava prestes a fazer as coisas desviarem-se do comum.

Na câmara de trás, um homem aproximou-se dos dois. — Você está na lista de testemunhas? — Ele escovou seus cabelos ralos para longe de seus olhos e olhou para uma página em sua mão. — Seus nomes?

— Edward Clark — disse Edward. — E Patrick Shaughnessy. Nós fomos empossados ontem de manhã.

O homem assentiu, verificando a lista que segurava. — Se eles precisarem de você, será chamado. Até então, você pode-se sentar. — Ele apontou para um punhado de cadeiras e saiu apressado.

Edward reconheceu os nomes que estavam sendo recitados na outra câmara, alto o suficiente para eles ouvirem até mesmo ali. Houve uma deposição referenciada a partir do vigário que tinha batizado o irmão. Um empregado da família atestou um conhecimento contínuo. Ele se perguntou se James tinha notado as adições à lista de testemunhas, ou se ele tinha ignorado.

O homem falou em voz monótona. — Quanto à família imediata, o filho mais velho de John Delacey, o quarto Visconde de Claridge, era Peter Delacey, que morreu quando criança no dia 2 de agosto de 1849. O segundo filho mais velho, Edward Delacey, nasceu em 15 de março de 1850. Ele estava em Estrasburgo no momento em que as hostilidades começaram entre a França e a Prússia; todas as tentativas de descobri-lo após a região voltar a ser estável foram infrutíferas. Centenas foram mortos, os corpos não todos recuperados. A última carta recebida de Edward Delacey, apresento a este corpo como prova por James Delacey, foi datada de 6 de julho de 1870. De acordo com a nossa lei, depois de sete anos se passaram sem palavra, Edward Delacey é dado como morto. Isso nos leva ao terceiro filho legítimo de John Delacey, James Delacey, que está diante de nós agora.

Houve um murmúrio indistinto, que Edward não poderia distinguir.

Em seguida, uma voz diferente falou. — O presidente reconhece o Barão de Lowery.

— Obrigado. Como eu entendo a lei, Edward Delacey é meramente *dado* como morto no momento. Isso está correto?

— Para todos os efeitos legais, sim.

— Mas essa suposição pode ser afastada para fins legais. Incluindo, suponho, agora.

Houve uma pausa e depois outro murmúrio.

— Você acredita que a suposição pode ser refutada? — Alguém perguntou.

— Eu acredito que eu sou obrigado por minha honra a refutar isso — disse Lowery. — Você vê, chegou ao meu conhecimento que Edward Delacey está vivo.

As mãos de Edward estavam tremendo. Ele apertou-as contra as calças, mas isso não ajudou. Ele tinha evitado isso, enquanto ele pôde. O pensamento de ser chamado por esse nome novamente, de tomar o assento de seu pai ...

No entanto, lá estava ele. Era tarde demais. Mesmo se ele se levantasse e saísse da sala, eles sabem agora, e ele nunca fugiria novamente.

Houve uma longa pausa no outro quarto.

— A evidência foi-me apresentada para o efeito, — Lowery continuou, — a qual vou apresentar a este órgão, se eu estiver autorizado.

Ele podia ouvir vozes murmuradas na outra sala, seu irmão, sem dúvida, levantando-se e contestando. Ele não podia ouvir as suas palavras, não se preocupava com as objeções que James apresentava ou as questões de procedimento, argumentou. Ele só queria acabar com isso.

Depois de cinco minutos, o homem que tinha estado recitando fatos antes falou de novo, alto o suficiente para ele ouvir mais uma vez. — Lowery pode prosseguir.

— Mas — Isso foi James, falando alto o suficiente para que Edward estivesse certo da identificação.

— James Delacey, você não é um membro da comissão, e só pode falar antes, quando devidamente convocado.

Silêncio. E, em seguida, a voz de Baron Lowery. — Eu chamo Patrick Shaughnessy, meu chefe dos estábulos, para depor.

Ao lado dele, Patrick fechou os olhos e soltou um grande suspiro.

— Vá — disse Edward. — Tudo ficará bem.

O homem que os tinha recebido os olhou com um interesse muito mais ávido agora. A porta da sala de audiência estava entreaberta; ele a abriu e gesticulou a Patrick para a frente. Patrick levantou-se, cerrando os punhos. Nunca tinha sido fácil para ele falar para uma multidão. Mas ele marchou para a frente corajosamente para a sala de audição no palco na Câmara dos Lordes.

O guia não fechou a porta desta vez. Através da abertura, Edward podia ver Patrick fazer o seu caminho lentamente para a frente. Ele abaixou-se devagar no assento que havia sido puxado para a frente.

— Diga o seu nome, senhor.

Patrick se inclinou para frente; Edward podia ver seus lábios se movendo, mas nada mais.

— Alto o suficiente para os lordes ouvir, por favor.

— Eu sou Patrick Shaughnessy, — seu amigo disse mais alto. — Ao seu dispor.

— Você pode nos dizer onde você nasceu?

— Eu cresci nas propriedades do Visconde de Claridge. — Estava de costas, uma linha rígida. — Meu pai era chefe dos estábulos lá. Minha mãe era costureira.

— Você conhecia Edward Delacey?

— Nós nos conhecemos quando eu tinha cinco anos, quando meus pais vieram. Nós nos tornamos amigos quase instantaneamente. Meu pai ensinou Edward como montar; Edward me ensinou a ler. A partir do

momento que eu era jovem até o dia em que ele foi enviado para a escola, éramos inseparáveis.

— Será que essa amizade continuar depois que ele foi para a escola?

— Seu pai não queria, — Patrick disse lentamente. — Mas Edward não era o tipo de criança que virava as costas para um antigo amigo. Gostávamos de fugir juntos quando ele estava em casa nos feriados, indo para lutas de boxe e similares.

— Você tem alguma prova dessa amizade?

— Edward Delacey era um artista competente — disse Patrick. — Pintou uma miniatura de nós dois quando tínhamos treze. Trouxe-a comigo. — Patrick tateou através do saco que ele carregava e entregou o item.

— Será que Edward manteve esta amizade com você?

— Entrámos em um ponto problemático quando tínhamos dezessete anos, — disse Patrick. — Meu pai foi ferido. — A linha de suas costas se curvou momentaneamente. — Nossa família foi mandada embora. Edward protestou contra o tratamento e foi enviado para Strasbourg como *punição*.

Essa foi uma maneira de descrever o que tinha acontecido, uma forma que deixou de fora o sentimento radical e as próprias escolhas insensatas de Edward. Mas a revelação de Patrick tinha causado um outro murmúrio na sala ao lado. Os homens lá fora, provavelmente não tinham ouvido falar que Estrasburgo era um castigo.

— Será que ele te escreveu enquanto ele estava lá?

— Algumas cartas, sim. E depois de rebentarem as hostilidades, eu não ouvi nada durante meses.

— Durante meses — disse o homem, soando um tanto perplexo.

— Meses — repetiu Patrick. — Não faz um ano. Ele enviou-me uma carta em abril de 1871 dizendo que ele estava em mau estado. Na época, eu era apenas um cavaleiro do Barão Lowery.

Patrick tornou-se mais relaxado conforme falava, mas Edward ficou tenso. Aquele mês de abril tinha sido horrível. Ele tinha sido ferido. Desesperado. Destituído. Ele não sabia quem ele era, sabia apenas que ele tinha feito algumas coisas terríveis. Todo o seu mundo tinha sido rasgado em pedaços. Ele não tinha nada.

— Ele me pediu para ajudar. Então, eu vendi tudo o que tinha e entrei em um navio.

— Tudo o que tinha, mesmo que fosse apenas um cavaleriço? — O homem disse duvidosamente. — Sério?

Não, Edward percebeu. Ele nunca tinha tido *nada*.

— Nós somos esse tipo de amigos — Patrick insistiu. — Ele é como um irmão.

Mesmo no seu pior, tinha havido constantes em sua vida: Patrick. Stephen. As pessoas que ele não poderia e não queria, erradicar do seu coração. Ele sempre teve esse muito.

As perguntas continuaram. — E você o encontrou?

— Sim. Ele estava vivo, mas ... — Patrick balançou a cabeça. — Ele mal falava, e ele tinha sido ferido. Gravemente. Ele não estava bem.

Eles, sem dúvida, imaginaram que Patrick falava de danos físicos. Mas o dano físico tinha sido mínimo, os dedos, uma tosse persistente em seus pulmões por causa da água. Era sua mente que tinha sido lascada.

— Então, eu cuidei dele por algumas semanas, e o lembrei...— Patrick parou, tossindo.

Edward sabia o que ele estava prestes a dizer. Ele tinha lembrado a Edward que ele queria viver. Mas, embora Patrick não fosse mentiroso, mesmo ele não iria anunciar à Câmara dos Lordes que Edward tinha abrigado pensamentos suicidas.

— Lembrei a ele — disse Patrick — que a guerra tinha terminado e a vida continuava. Quando ele estava bem o suficiente para ser deixado

sozinho, ele me disse para voltar para a Inglaterra, mas que ele não estava vindo comigo. Sua família o havia deixado em Estrasburgo, como vê. Ele sentiu que o tinham abandonado, e ele não tinha desejo de voltar para eles.

Isto foi recebido com uma pausa mais longa. — Assim, a última vez que você ouviu de Edward Delacey foi quando o deixou em 1871, então? Você tem provas desse conto notável?

— Oh — disse Patrick. — Eu tenho aquela carta que me enviou em 1871. Eu mantive todas as suas cartas.

Houve uma pausa. — *Todas* as suas cartas?

— Sim. Nós nos correspondemos desde então.

Um clamor surgiu depois disso. Edward soltou a respiração e pôs a cabeça entre as mãos. Realmente não havia como voltar atrás depois daquele anúncio, sem fingir por mais tempo.

— Quando foi a última vez que você recebeu uma carta de Edward Delacey?

— Duas semanas atrás — disse Patrick. — Mas...

— E como você sabe que Edward Delacey estava escrevendo essas cartas, e não algum outro?

— Eu sei — disse Patrick, — porque ele viu essas cartas ontem de manhã quando estávamos compilando a evidência, e ele não as repudiou.

Isso foi recebido com silêncio ensurdecador. Não havia nem mesmo um sussurro chocado em resposta.

— Você o viu — disse finalmente o questionador. — Dois dias atrás. Ele está na Inglaterra?

— Sim — disse Patrick. — Ele está. Ele... — Ele apontou para o quarto atrás dele. — Ele está lá. Esperando na câmara de trás. Eu tive que quase o arrastar até aqui, vossas senhorias.

Isso era verdade. Edward sorriu tristemente.

— James Delacey, você reconheceria o seu irmão?

Houve uma longa pausa. — Claro que sim — seu irmão disse, sua voz soando pouco saudável.

— Vamos trazer Edward Delacey para a frente, então.

Edward se levantou. Uma parte dele queria fugir, escapar da Inglaterra e deixar Patrick enfrentar a ira dos lordes em seu próprio país. Mas ele não faria isso com Patrick ... e ele não podia deixar trancar Free em uma cela, à mercê inexistente de seu irmão.

Ele veio para a frente. Tinha sido um longo tempo desde que ele tentou andar como um lorde, arrogante, ocupando o espaço como se todo o mundo lhe pertencesse. Estes homens estavam observando, julgando-o.

Ele sentou-se, esperando que seu estado atordoado se parecesse com arrogância e tédio.

— Você é Edward Delacey, o filho mais velho de John Delacey? — Perguntou o alto-falante.

— Eu sou — disse ele. — Embora eu tenha sido chamado Edward Clark nestes últimos anos, e eu prefira esse nome.

Isso teve outro murmúrio.

— James Delacey, este homem Edward Delacey, é seu irmão?

Ele olhou para James. James estava olhando para ele, com uma expressão confusa em seus olhos. Sem dúvida, ele não percebeu que este não era o único de seus planos que iria frustrar hoje. Ele compreenderia em breve.

— Eu não sei, — James hesitou. — Ele... bem... que é ... — Ele parou.

— Não há porque mentir agora, James — disse Edward. — Tudo o que você disser, eles vão fazer você repetir sob juramento. Você não vai querer perjurar ante a Câmara dos Lordes.

— Ah ... Se eu ...

— A alternativa a admitir isso agora, — Edward disse, — seria encontrar o secretário consular britânico de Estrasburgo, a quem você escreveu. Eu suspeito que este corpo iria encontrar o seu testemunho *mais* instrutivo. Você quer isso?

Ele faria isso, também, se necessário, expor a traição de seu irmão para o mundo. Ele não dava a mínima para fofocas; ele se preocupava com Free. Ele podia ver o momento em que seu irmão cedeu. James abaixou a cabeça, sua pele pálida. — Eu não entendo. Você disse que não queria. Você disse...

Edward agora podia ver o rosto do homem que tinha feito as perguntas. Ele era o procurador-geral, o homem encarregado de apresentar as credenciais de James para a Câmara dos Lordes. Com isso, o homem assobiou.

— Delacey — disse ele — você está me dizendo que você não só reconhece que este homem é seu irmão, mas que você *falou* com ele antes do processo?

James fez uma careta. — Eu. Ah.

— Você enviou uma carta à rainha detalhando o seu pedido, há duas semanas. E você sabia que era falsa? — Havia um tom perigoso em sua voz.

— Eu ... essa é uma maneira de olhar para isso, é claro. Mas...

— Há apenas uma maneira de olhar para isso — o homem disse severamente.

E assim, não havia nada a fazer. Edward mal podia prestar atenção. Os processos foram extintos, a votação realizada. A comissão decisivamente concordou em não se referir a petição de James na Câmara dos Lordes.

Edward sentou-se no lugar, mal ouvindo alguma coisa, incapaz de contemplar como sua vida havia mudado. A única coisa que podia pensar era Free. Ela ficaria furiosa quando descobrisse.

Mas então, ela não estaria na prisão. Ela não seria torturada. E isso seria o suficiente para ele, que tinha que ser.

Ele se levantou quando a comissão foi interrompida e começou a sair.

— Claridge — uma voz chamou.

Levou um momento para entender que ele era Claridge agora. Não confirmado ainda, mas reconhecido. Era apenas uma questão de tempo até que ele recebesse todos os elogios que ele nunca quis.

Edward olhou. Um homem estava caminhando em direção a ele, fino, loiro, e sorrindo.

— A maioria deles está muito chocada para dizer qualquer coisa. Eu pensei que eu diria ... Bem-vindo a Bedlam . — O outro homem piscou. — Não ouça uma palavra do que dizem. É realmente tão ruim quanto você tem medo.

— Eu quase não preciso de instruções sobre esse ponto. — Edward balançou a cabeça.

— Vem por algum tempo e vamos falar sobre o que podemos fazer sobre isso. — O homem estendeu a mão. — Sou Clermont, a propósito.

Clermont. Fazia anos desde que ele tinha memorizado o seu título de nobreza, mas ele conhecia aquele nome. Ele não se lembrava o título de suas lições vagamente memorizado quando criança; lembrou-se do homem, porque Free tinha mencionado ontem. Este era irmão de seu irmão.

Após Free perceber como ele a tinha enganado? Este homem seria seu inimigo.

Edward franziu a testa. — Você não está neste comitê.

O outro homem encolheu um ombro. — Quando minha esposa me diz que há um par interessante de testemunhas juramentadas para uma audiência de rotina, eu tento fazer o meu dever de sentar-me. Agora, devo enviar um convite para jantar algum dia? — Sua mão ainda estava estendida.

Edward parecia pesar na mão do outro homem. — Eu não vou aceitar até que eu tenha certeza que você quiz dizer isso.

— Eu quero.

— Agora, sim — disse Edward. — Em um dia? Sua Graça, o que acabou de testemunhar não é a pior bagunça eu fiz nas últimas vinte e quatro horas.

Clermont levantou uma sobrancelha. — Ah. Você tem estado ocupado.

— Sim. Agora, se me da licença, eu tenho que ir resgatar minha esposa da prisão.

Sua Graça levantou a outra sobrancelha, mas tudo que ele disse foi: — Você vai descobrir que é substancialmente mais fácil agora, eu lhe garanto.

Como se resgatar mulheres de celas fossem uma parte dos assuntos regulares de um duque. E inferno, se Clermont tinha alguma familiaridade com Free, provavelmente era.

Capítulo Vinte

Edward levou trinta e três minutos para convencer o sargento de plantão da sua identidade. No fim, o homem enviou um mensageiro para a Câmara dos Lordes para apurar a verdade. Quando o menino voltou, ofegante e com os olhos arregalados, o sargento Crispin tornou-se substancialmente mais útil.

— Um negócio complicado, — disse Crispin. — Complicadíssimo, de fato. Eu...uh... conheço o seu irmão.

— Oh, conhece? — Edward perguntou em voz baixa. Seu irmão tinha feito um acordo com Crispin com relação a Free, e Deus ajudasse o homem se ele tivesse feito qualquer coisa para ela na uma hora e quinze minutos que ele a teve em sua custódia.

— Nós tínhamos um acordo. — O sargento lambeu os lábios. — Eu não suponho que você esteja aqui para, ah, continuar com o acordo?

— Eu não sei. — Edward disse suavemente. — Que tipo de acordo vocês têm?

O homem empalideceu. — Hum. Nada realmente. Por que está aqui, meu lorde?

Meu lorde. As pessoas já estavam chamando-o de meu lorde, e isso só iria piorar a partir dali.

Se ele tivesse que tomar as rédeas, ele poderia muito bem receber tudo o que podia disso. Edward se endireitou. — O seu arranjo com o meu irmão é de pouca importância para mim. Siga em frente com isso como quiser.

O homem pareceu ligeiramente aliviado.

— Eu só estou interessado em um prisioneiro que está sendo mantido aqui.

— Ah? — O sargento olhou em volta. — Nestas celas frontais?

— Não. — Ele olhou através deles quando entrou.

— Tem certeza de que ele está aqui, então? Nós temos apenas um punhado de celas na parte de trás, e aquelas que não serão de grande interesse para você.

— Bem, mostre-me, se você puder. — Edward fez o seu melhor para olhar entediado. — Eu vou julgar se são de interesse; você não precisa decidir por mim. — Deus, isso era exatamente o tipo de comportamento autoindulgente que um lorde teria, como se ele fosse o centro do universo.

Mas o homem não deu um soco na cara dele por sua condescendência. Em vez disso, ele abaixou a cabeça. — Claro, meu senhor. Eu só gostaria de ser útil. Mas não há ninguém lá, senão as sufragistas.

— Apesar disso.

O homem nem suspirou nem revirou os olhos para isso. Edward foi conduzido através de um labirinto de mesas, por um corredor nos fundos, em um quarto contendo um punhado de celas cheias de mulheres em vestidos pretos. Edward as examinou rapidamente, seu olho descansou na única que ele estava procurando. Ela se sentou em um banco, falando com outra mulher. Ela olhou para cima quando ele entrou, mas depois desviou o olhar.

Ele levou um momento para perceber que ela não o reconheceu. Desde que ele a tinha deixado na estação, ele cortou o cabelo curto. Tinha raspado a barba. Ele vestia um casaco de lã fina e chapéu alto de um cavalheiro, e ele carregava uma bengala com castão de ouro. Se ela o ouviu falando com o sargento, ela teria ouvido seu sotaque macio, mais chique.

Ele não era alguém que ela conhecesse.

— O que foi que você disse que tinha aqui? — Perguntou ao sargento.

— Apenas algumas sufragistas, — o sargento respondeu. — Ninguém importante ou perigoso. Elas estavam fazendo uma barulheira mais cedo, e nós estamos esfriando seus saltos até seus homens poderem vir buscá-las. Você entende como é.

— Eu pensei que era isso que você disse. — Edward sentiu um sorriso ajustar seus lábios. — É por isso que eu não entendi você em primeiro lugar. Você está pronunciando errado a palavra.

— Qual palavra? Sufragistas? — O sargento franziu a testa. — É o meu sotaque, meu senhor mil perdões, eu sei que é baixo, e eu tento falar adequadamente, mas...

— Não é o seu sotaque.

— Não é? — Perplexidade cruzou os olhos do sargento.

— *Definitivamente* não é o seu sotaque.

Sua voz carregada, e desta vez, Free olhou para cima. Suas sobrancelhas desceram; seus lábios se estreitaram. Ela veio a metade de seu assento, olhando para ele.

Edward falou um pouco mais alto. — É a maneira que você está dizendo isso. Você não sabia? 'Sufragista é pronunciada com um ponto de exclamação no final. Como isto: — Huzzah! Sufragistas! '

Atrás do sargento, Free brilhava. Ele podia ver o sorriso dela assumir o rosto, iluminando-a até que ele não queria nada mais do que envolver seus braços em torno dela. Foi a primeira coisa que ele tinha visto durante todo o dia que lhe tinha dado esperança, esperança de que uma vez que ela compreendesse as mentiras que ele tinha dito, ela poderia perdoá-lo. Que ele poderia passar a noite em seus braços, amanhã, e no dia seguinte.

— Huzzah, — o sargento repetiu em confusão. — Sufragistas?

— Isso é um ponto de interrogação, — Edward disse rispidamente.
—Tente novamente: Sufragistas!

— Sufragistas!

— É isso aí. Você entendeu!

— Oh, excelente! — O sargento sorriu de prazer, um prazer que durou apenas alguns segundos. — Meu senhor, por que estamos huzzahing sufragistas?

— Isso requer um pouco mais de explicação. — Ele virou-se e estendeu a mão em direção a Free. Traga aquela ali.

Houve uma longa pausa. — Se o meu lorde insiste.

Os olhos de Free se arregalaram, e Edward percebeu que esta era a primeira vez que ela percebeu o sargento chamando-o de meu lorde. Ela olhou para baixo, quase recatadamente, ela o teria enganado, mas sabia que não havia nada recatado sobre ela, e em seguida, olhou para ele. Ela não chegou a arquear uma sobrancelha; que teria sido muito óbvio. Ainda assim, ele conseguia distinguir as palavras que não foram ditas escritas em sua expressão. Edward, o que diabos você está fazendo?

Edward manteve seu rosto fixo numa expressão de branda superioridade arrogante. O sargento acenou apressadamente. — Sim sim. É claro. — Ele se virou e bateu palmas. Você ouviu Sua Senhoria. Traga essa mulher imediatamente.

— Suavemente! — Edward advertiu.

— Sua Senhoria? — Free murmurou para ele. As palmas de suas mãos ficaram úmidas, mas ele a ignorou. Um guarda se atrapalhou com um conjunto de chaves e fez sinal para Free avançar.

— Vamos ver, — o sargento murmurou, vibrando páginas. — Ela é número 107, e que faz com que ela... ah, 105, 106, aqui está ela. Menina Marshall. — Seus olhos se estreitaram. Tem certeza que você não sabe nada de ah, o meu acordo com o seu irmão?

Edward não se preocupou em responder a isso. Ela tinha dado seu nome como Marshall? Ela tinha chamado a si mesma menina? Ele teria levantado a própria sobrancelha para ela, exceto que ele iria arruinar as linhas aristocráticas de seu perfil. E agora, ele estava muito ocupado jogando um papel para fazer isso.

Em vez disso, ele franziu a testa e cruzou os braços, olhando para o homem na frente dele. — Bem, agora que você fez isso novamente. Isso não é como você pronuncia o nome dela. Isso não é como você deve pronunciá-lo de todo.

— Ah. — O sargento franziu a testa. — Hum. É ... deixe-me adivinhar. Huzzah! Menina Marshall! Com um ponto de exclamação?

— Não, — disse Edward. — Não é Menina Nada.

Free parecia tão surpresa por isso quanto o sargento. Ela não se tinha lembrado dele, então. Ela tinha-lhe dado o nome de solteira da mesma forma que continuou escrevendo a nota do ano passado em fevereiro. Para essa matéria, sufragistas mudam seu nome após o casamento? Ele teria que perguntar a Free. Se ela ainda estivesse disposta a falar com ele depois que ela percebesse o que tinha feito. Edward manteve sua atenção firmemente sobre o sargento.

— Casada, eh? Quem é o azarado, então? Um dos seus inquilinos, suponho? Diga-lhe que ele precisa fazer um trabalho melhor de mantê-la sob seu polegar. Você deve deixá-la com a gente para a noite. Vamos suavizá-la.

Edward conseguiu não estremecer com o pensamento.

— Bobagem. — Edward sorriu severamente. — Agora você está pronunciando tudo errado, Sargento. Ela vai ficar melhor comigo. Quanto a seu marido... —Ele saboreou cada momento da expressão do sargento mudando de confuso, para surpreso, a consternado, o sangue drenado para

fora de seu rosto. — Deixe-me dizer-lhe como pronunciar o nome dela. Você diz assim: Lady Claridge. E eu sou seu marido.

Lady Claridge.

Por um momento, o mundo de Free parou. Sentia-se muito alto, seus pulmões incapazes de puxar o ar. Ele não podia, ela não era aquela coisa que Edward tinha dito, era totalmente impossível. Mas então a realidade afirmou-se, e ela lembrou-se do plano que tinham esboçado juntos.

Ele supostamente apareceria com uma breve nota de libertação, com uma assinatura confusa, uma que não seria rastreável.

Ele aparentemente tinha mudado de tática, e não para melhor. Uma ordem forjada de liberação de um burocrata atormentado já teria adiantado as coisas. Mas isso? Este era um desastre total. Ele poderia muito bem ter entrado tranquilamente em um banco e anunciar sua intenção de esvaziar o cofre.

Mas ela não podia discutir com ele na frente do sargento. Isso iria apenas levá-los a ser jogados de volta na cela.

Em vez disso, ela estreitou os olhos para ele, desejando que ele mudasse a sua história. *Eu disse Lady Claridge? Eu me expressei mal. Clark. Eu quis dizer a Sra. Clark.* Isso é o que ele precisava dizer em seguida.

Ele ficou em silêncio, olhando para o sargento.

O homem tinha ficado pálido como um ganso gordo; seus olhos eram redondos. Atrás dele, um dos guardas, que a que tinha jogado contra a parede, sussurrou, — Ai, droga.

— Sua esposa, — o sargento disse fracamente. — Número 107 é sua esposa?

Edward inclinou a cabeça para Free. — Como foi sua estadia na prisão, querida?

Então, eles iam jogar desta forma. Free deu ombros desanimada. — Razoável, amor. Eu já tive melhores.

— Bem, então. — Edward sorriu, deixando seus dentes à mostra. Ele virou-se para o sargento. — Você sabe muito bem que você não pode prender minha viscondessa.

— Eu vou... — O sargento engoliu. — Eu só vou soltá-la à sua guarda, então?

— Não, você vai soltá-la à sua própria. Enquanto estamos no assunto, você pode liberar todas.

Oh, ele iria absolutamente ouvir dela sobre esta mentira. E como eles iriam evitar a investigação que resultaria depois, ela não sabia.

— Todas? Mas elas não tinham uma autorização legal!

Edward lhe deu um pequeno sorriso arrogante. — Vamos, Sargento. Nós já tivemos essa discussão. Quando digo — todas, você não adiciona um ponto de interrogação no final. Você diz, 'sim, meu lorde', e você executa.

Free mal podia acreditar em seus olhos ou ouvidos. Ele desempenhava o papel de visconde tão perfeitamente. Seu sotaque ... Deus, se ele tivesse falado com ela assim, com aquela boca esnobe de internato — escola cheia de mingau, ela nunca teria se casado com ele.

— Sim, meu senhor, — disse o sargento. E então ele levantou a sua voz. — Você ouviu o Sua Senhoria. Deixe-as ir. Deixe-as ir!

— *Minha senhora?* — Edward sorriu para Free. Não havia nada do malandro em seu sorriso. Era bem-nascido e abafado, e ela não queria fazer parte dele. Especialmente quando essa bagunça os pegassem, eles seriam *ambos* presos. E, desta vez, haveria verdadeira causa por trás disso, e não apenas alguma cassação ridícula de licenças.

Este não era o momento para ter esse argumento.

— *Meu senhor*, — disse Free.

Ele estendeu o braço para ela e ela aceitou. Ele conduziu-a através da estação como o melhor dos maridos, conduzindo-a em torno dos detritos com um toque suave, como se ela não conseguisse descobrir não pisar no lixo por conta própria. Ela apertou os dentes, mas se esta era a peça eles tinham que encenar em ...

De todos os lordes para imitar, porque na terra que ele tinha escolhido Claridge? James Delacey já os odiava o suficiente. Foi uma coisa boa que o sargento não soubesse nada sobre as alturas rarefeitas da alta sociedade. Delacey nunca iria se casar com uma sufragista, e se sua mulher tivesse manifestado o desejo de participar de uma manifestação, ele teria concordado com o confinamento, em vez de recolhê-la da prisão. Delacey nunca iria brincar com pontos de exclamação. Ele não tem um cachorro. Ele nunca declararia sua afeição por ela, dizendo que ele lhe deu um pequeno nada. Edward não era nada, absolutamente nada, como Delacey, graças a Deus, pois que o homem fez sua pele arrepiar.

Exceto...

Agora que Edward tinha cortado o cabelo, agora que ele estava usando aquela roupa dura de merino superfino ...

Ele se parecia com ele. Um pouco. E ela tinha confundido James Delacey com ele uma vez. Enquanto parecia ridículo há um momento, já não parecia tão impossível. Com essa postura, com seu cabelo cortado desta maneira sóbria, respeitável, ele parecia um pouco como uma versão mais velha, mais magra do Delacey.

Ela balançou a cabeça, desfazendo essa ilusão terrível.

Edward conduziu-a fora, meteu-a em uma carruagem marcada com, de todas as coisas, o brasão da família Delacey: um falcão agarrando uma rosa. Roubo, ou antes falsificação? Tinha que ser falsificação, disse a si

mesma. Tinha que ser. Mas se assim fosse, ele devia ter planejado isso por mais tempo do que algumas horas. Por que ele não lhe tinha dito?

Ela entrou no carro e encontrou o brasão da família trabalhada no couro macio nos encostos dos assentos.

— Edward, — Free disse perigosamente. — Edward, eu não sei o que você fez, mas isto é uma loucura.

Ele acenou para o laçao — o laçao! Como se ela sempre quisesse algo tão ridículo como um homem para não fazer nada além de abrir e fechar portas para ela! Como se ele fosse um lorde, e do tipo que resgatava sua esposa da prisão em uma base regular. Ele seguiu até o carro e esperou até que a porta estivesse fechada.

— Representando um lorde, — Free continuou tomando o assento em frente a ele. — Isso tem que ser um crime. E Claridge, de todas as pessoas; agora aí está um homem que vai prestar queixa, se alguma vez eu vi um. Que diabos você pensa que está fazendo?

— Eu não estou a representar James Delacey, — disse Edward. Ele tinha deixado aquele tom falso, abafado, graças a Deus. Ela teria batido nele se ele não tivesse.

— Oh, realmente. — Ela franziu o cenho para ele. — Eu estava com você lá atrás, lembra-se? Você estava fazendo um trabalho muito ruim de não se passar por ele. Da próxima vez que você não tentar se passar por um homem, não dê o seu título como o seu próprio.

Ele cruzou as mãos. — Se eu estivesse representando James, — ele explicou, — Eu ter-me-ia apresentado como o Honorável James Delacey. Eu não me teria chamado Claridge.

Ela balançou a cabeça. — A questão técnica das formas de se chamar. Além disso, Delacey supostamente receberia o título ... em breve. Eu não tenho a certeza de quando. Não pode mesmo ser uma diferença técnica neste momento.

— Eu lhes disse que era seu irmão mais velho, — disse ele.

— Seu irmão mais velho? — Isso perturbou-a por algum motivo. — Ele não tem um irmão mais velho. — não, mas Stephen tinha mencionado que havia, um tempo atrás. Ela franziu a testa puxando pela memória. — Seu irmão mais velho está morto.

Edward encolheu os ombros e olhou para longe. — Eu te prometi uma sessão espírita. Aqui estamos.

Ela estava começando a ter uma dor de cabeça. — Esta é uma ideia terrível. Claridge ainda vai vir atrás de você. Se Edward Delacey estivesse realmente vivo, seu irmão não seria o visconde de direito por mais tempo. Ele iria rasgar um impostor em pedaços.

— É verdade, — Edward disse simplesmente. — Mas eu conheço James bem o suficiente para incitá-lo a admitir a verdade de quem eu sou, ante o Comitê de Privilégios.

Nada disso fazia nenhum sentido. Ela piscou para ele, tentando decifrar aquelas palavras. Ele soou como se ... como se ...

Ela devia ter ouvido mal. — Mas você não é seu irmão. Você é...

Edward Clark. Que foi enviado ao exterior, — em uma zona de guerra — por um pai que esperava mais dele ... Toda a sua mente congelou.

— Você é velho demais para ser ele, — disse ela. — Você tem ... o quê, trinta e seis?

— Vinte e sete. — Seus lábios firmados. — É o cabelo; eu fiquei com todas estas brancas em uma questão de semanas. Eu pareço mais velho do que sou.

Não, não.

— Não foi realmente uma mentira. — Ele não olhou para ela. — Eu *mencionei* que você não gostaria do meu irmão mais novo.

— Você não é Edward Delacey. — Sua voz tremeu.

— Eu tenho tentado a todo custo não ser ele. Meu advogado diz que eu posso manter o nome de Edward Clark, e eu vou. Mas ... — Ele engoliu em seco. — Eu era ele. Antes. E eu posso ter orientado você mal de alguma forma menor a esse respeito.

Menor? Suas mãos estavam começando a tremer.

— Não, — disse ela. — Não. Você não é.

E, oh, Deus. A noite passada. De todas as colunas que ela tinha escrito, de todas as histórias horríveis que ela tinha ouvido falar sobre o que o casamento pode significar para uma mulher, ela nunca tinha imaginado que ela podia acabar em uma delas.

— Pelo amor de Deus. — Ela engoliu em seco. — Você sabe o que isso significa? Estamos casados. Não podemos anular, é pouco provável que nos seja concedido o divórcio, a não ser ...

Não, a menos que ela fosse infiel a ele, uma perspectiva que ela achou ainda mais repugnante e desagradável do que ter Claridge como marido.

Ela se moveu para longe dele.

— Meu Deus. *James Delacey* agora é meu irmão por casamento. — E essa não era a parte que mais doía. — Você não me disse. Você sabia, e você não me disse, você com a sua sessão espírita e lógica falhada. Por quê? — Ela podia sentir seus olhos começarem a arder. Mas ela não ia chorar. Ela não ia.

— Eu lhe disse uma vez que, se você soubesse tudo sobre mim, você não iria querer que eu...

— Você é Claridge, — disse ela, sentindo-se um pouco mal do estômago. — Você não é algum canalha de baixo nível se vingando de algo sem importância. Era o seu irmão tramando contra mim. Você poderia ter parado esta coisa toda, ter anulado a cassação da nossa licença, silenciado o

seu irmão para o bem, tomado o seu lugar. Você poderia ter feito tudo isso sem se casar comigo. — Ela soltou um pequeno ruído.

— Eu não tinha certeza se poderia fazê-lo em tempo. — Seus lábios se tornaram brancos. — Isso poderia ter-nos custado mais um dia, a papelada e tudo o mais. Eu não tinha certeza de que a mera fanfarronice tivesse funcionado. Se você estava prestes a ser presa, você precisava ser uma viscondessa. Eles teriam que deixá-la ir, em seguida, como um direito da nobreza. Eu não podia arriscar prenderem você, não com o que James poderia ter — tinha planejado.

Ela se afastou dele. — Não era o seu risco. Era meu.

Ele balançou a cabeça e, em seguida, deu de ombros. Doeu, a expressão de indiferença. Como se toda a sua emoção, seu cuidado, não significava nada para ele. — Eu sempre soube que você viria a me odiar eventualmente. Não é um pouco cedo demais?

— Por que você não me contou? — Ela estava quase desesperada. — Você não poderia ter mantido isso escondido de mim, e uma vez que eu descobri, eu ...

Ele lhe deu um sorriso frio. — É simples assim. Eu nunca esperava que eu seria capaz de mantê-la comigo. Tudo o que eu podia fazer era mantê-la segura.

Essa firmeza em seu olhar ... ela ainda se lembrava da noite anterior. A forma como seus corpos se juntaram, a forma como as suas mãos se tinham interligado. Tinha sido uma das mais doces e mais belas experiências de sua vida. Se ela o deixasse fazer isso de novo ...

Não. Ela deslizou para o canto da carruagem, o ombro pressionando contra a porta.

— Sinto muito, Edward, — ela disse. — Eu não posso. Eu não posso fazer isso.

— Eu sei. Eu nunca esperei que você fizesse.

De alguma forma, a sua aceitação a machucou mais profundamente do que se ele tivesse exigido sua submissão.

— Se eu ficar ... — ela começou.

Mas ela não podia continuar. Se ela ficasse, ela deixar-se-ia seduzir. Ela estava sendo seduzida agora pela esperança repentina que brilhou em seus olhos. Deus, como ele iria sorrir se ela o beijasse agora. E tudo que ela teria que fazer era ... não.

Free deslizou sua mão até o couro do assento até que seus dedos encontraram o lado da carruagem. Ela traçou uma figura oito contra o lado, e pensou sobre todas as razões por que ela se casou, péssimas razões, acabaram se tornando. E, no entanto, não eram tão péssimas.

— Mas eu não posso, — disse Free. — Eu não posso ficar. Deus, ela odiava que a única pessoa que ela queria que a confortasse nesse momento fosse ... ele.

A carruagem começou a se mover. Ela não tinha ideia de onde ele a estava levando. Claridge House, talvez? Existia uma? A única coisa que sabia era que ela tinha que ir embora antes que ela fizesse algo tolo. — Eu não posso ficar, — ela repetiu. Seus dedos encontraram a trava da porta.

— Eu sei, — disse ele calmamente. — Nós vamos resolver tudo, querida. Vou deixá-la ir para o seu trabalho, se é isso que você quer. Você nunca vai ter de me ver de novo.

Não era o que ela queria. Ela queria tudo o que ela tinha perdido, seu canalha, seu Edward Clark. Ela não podia ouvir este homem que parecia ser essa mesma pessoa e ainda responder a *meu lorde*. Ela não podia suportar sentar-se com ele e planejar um futuro distante. Ela quebraria se o fizesse.

Ela girou a maçaneta em um movimento suave. A porta abriu. O carro estava se movendo em um ritmo imponente através de uma área residencial. Ela podia ver mais do que um borrão de casas de passagem.

Um segundo desde que ela abriu a porta; ele estava olhando para ela em confusão. Dois, e ele começou a chegar para a frente.

— Eu não posso, — disse ela uma última vez. Mas ela entendia agora por que ela estava dizendo isso. Ela estava dizendo isso porque ela *podia*. Se ela permanecesse aqui, ela *ficaria*.

Ela paralisou. Ele estendeu a mão para ela, mas era tarde demais. Ela saltou através da porta. Seus pés tocaram os paralelepípedos; seu tornozelo quase cedeu sob ela. Mas ela achou seu equilíbrio, se não a sua respiração, e tão rapidamente quanto podia, ela correu para um beco.

— Free! — Ouviu-o chamando. — Free!

Ela arrastou-se através de uma rua, e em seguida por outra rua lateral.

— Free! — Ele chamou mais uma vez, mas ele estava mais longe agora. Enquanto ela continuasse, ele nunca a encontraria novamente.

Capítulo Vinte e Um

Começou a chover, enquanto Free encontrava seu caminho.

No momento em que ela fez seu caminho para o cemitério, caía uma chuva torrencial. Ela não tinha guarda-chuva, mas isso não importava. Era verão; a chuva não era tão fria, e a água obscureceu as lágrimas em seu rosto.

Ela atravessou as sepulturas cuidadosamente, três linhas, em seguida, para baixo da linha, até que encontrou a pedra simples que sua família tinha erguido anos atrás.

Frederica Barton

1804-1867

Amada irmã

Tia devotada

Sua família tinha adicionado uma linha após seu funeral, quando todos tinham descoberto a verdade.

Autora de vinte e nove livros de alta aventura.

Free baixou a cabeça. Ela ainda não podia enfrentar a vida; ela não podia divulgar essas explicações complicadas. Sua tia Freddy o teria feito. Algumas pessoas pensavam que ela tinha chamado seu jornal *The Women's Free Press* como uma referência irônica a si mesma. De certa forma, assim

era. Mas ela compartilhou seu nome com outra mulher, uma mulher cujo legado tinha feito tudo isso possível.

Parecia que essa era a benção póstuma de sua tia Freddy na vida de Free. Ela tentou usá-la sabiamente: a nunca desistir, nunca deixe o medo impedi-la de seguir em frente. O dinheiro da tia Freddy, daqueles vinte e nove romances, tinha pago a educação de Free, a sua casa, a imprensa que amava.

Toda a vez que Free estava com medo, ela pensava em sua tia. Mas, até agora, Free só tinha temido o que os outros podiam fazer com ela. Esta era a primeira vez que ela temia a si mesma.

Ela caiu de joelhos ao lado da sepultura. — Olá, Freddy.

Ela quase podia ouvir a resposta irritada de sua tia. *Você é muito casual. Não me chame de Freddy. E o que está fazendo, ajoelhando-se em toda essa lama? Levante-se antes que você suje seu vestido.*

— Certo. Tia Frederica. Eu acho que deveria chamar-lhe assim. — Mas ela não resistiu. Em vez disso, ela arrastou os dedos através da grama molhada. Havia alguns dentes de leão vadios brotando. Ela puxou-os, fazendo uma pilha de folhas verdes e raízes brancas. Era assim que você enfrentava a vida: uma erva daninha de cada vez. Era assim que ela iria passar por isso.

Quando ela terminasse aqui, ela pegaria o trem de volta para Cambridge. Ela iria escrever para Edward. Eles poderiam lidar com os detalhes de sua separação através do correio.

Mesmo o pensamento disso ardia.

E, percebeu, que seu plano tinha uma falha terrível. Os policiais confiscaram seu porta-moedas na estação, e ela estava muito distraída para exigir seu retorno. Ela não tinha dinheiro para a passagem. Ou, seu estômago roncou, mesmo para uma refeição. A noite viria muito em breve.

Edward, sem dúvida, estaria disposto a resolver tudo isso. Por um momento, ela se imaginava esperando em sua porta, imaginava sua reação a encontra-la lá. Ele a traria para ele e a abraçaria apertado, e ela nunca se sentiria sozinha novamente.

O pensamento era muito atraente para contemplar. Foi uma coisa boa que ela não soubesse onde era sua porta.

Ela tinha outros amigos em Londres. Genevieve estava aqui. Amanda. Violet Malheur. A casa de seu irmão podia não estar completamente vazia. Havia um número de pessoas que poderiam levá-la.

Mas por alguma razão, seus pensamentos deslizaram de volta para a última vez que ela visitou Freddy, de volta quando sua tia estava viva. Ela tinha estado com Oliver, então, e ele a trouxe para o lugar onde ele estava hospedado na época, com seu meio-irmão, a casa do duque. Tinha sido antes de Oliver casar e comprar sua própria casa. Free tinha olhado embasbacada os arredores, rindo da aceitação ocasional do luxo de seu irmão.

Agora esse mesmo luxo casual tinha vindo para ela, e ela estava com medo.

Ela estava com medo de si mesma. Não apenas de que ela aceitaria Edward de volta e o perdoaria. Ela tinha medo de que ela poderia tornar-se se fizesse isso. Oliver morava em uma casa enorme. Ele tentou fazer quase tudo certo. Ela tinha medo de que ela também iria começar a se preocupar com decoro e parar de se preocupar com seu jornal. Ela voltaria atrás e iria se fazer pequena para caber no papel de viscondessa.

Ela tinha medo de que ela morderia a língua e engoliria a náusea quando se encontrasse com James, como seu irmão fazia. Ela manteria o jornal, sim, mas de que forma?

Se Frederica Marshall se transformasse em Lady Claridge, ela poderia deixar de ser a pessoa que faria sua tia Freddy orgulhosa.

—Freddy, o que eu faço? — Ela arrastou seus dedos na grama.

Mas a tia não respondeu, e a chuva continuou.

Se Free queria não ter medo, se ela queria olhar verdadeiramente aquele futuro potencial no rosto, e tomar uma verdadeira decisão, não era Amanda, ou Violet Malheur com quem ela precisava falar.

Era alguém completamente diferente.

A porta se abriu e uma lufada de ar quente e perfumado por cera de abelha e limão, saiu. Free ficou congelada na porta, já duvidando sua escolha.

Mas era tarde demais. Ela já estava ali, vestida com um vestido molhado pingando, tentando descobrir o que dizer para o criado olhando-a com desdém.

Ele barrou o caminho entre ela e a grande extensão de piso de mármore na entrada. Ela podia ver cadeiras estofadas em veludo luxuoso de cor creme. Uma pintura maior do que seus dois braços estendidos enfeitou a parede de entrada.

Enquanto isso, o cabelo de Free escorria água pelas costas.

Para seu crédito, o homem não bateu a porta na cara dela. Ele simplesmente levantou uma sobrancelha. — Posso ajudá-la, senhora?

Esse tom gentil sugeria que o duque tinha uma política de caridade, e que Free parecia tão suja que ele a julgava um mendigo.

— Não, — disse Free. — Quero dizer, sim. Estou aqui...

Oh, que estúpida tinha sido para pensar que ela deveria vir aqui, estúpida para imaginar que, simplesmente porque ela tinha encontrado o duque um punhado de vezes e ele tinha sido educado, que ele iria abrigá-la e responder a algumas perguntas.

Free ergueu o queixo. — Estou aqui para ver o duque de Clermont.

As sobrancelhas do homem levantaram-se. Sem dizer nada, ele estendeu uma bandeja de prata.

Ela mergulhou uma mão gelada em seu bolso e tirou ... bem, o que tinha sido seu cartão uma vez. A chuva tinha virado a cartolina para quase papel; a tinta estava sangrando na incoerência. Ela colocou-o suavemente na placa de prata e tentou não estremecer.

Ele olhou para a tinta quase dissolvida. — Menina ... Felícia? Talvez você poderia fornecer alguma assistência na pronúncia do seu nome de família.

Ele estava sendo muito gentil. O cartão era uma bagunça ilegível.

— É Frederica Marshall, — disse ela, esperançosa. — Irmã mais nova de Oliver Marshall. Eu conheço Sua Graça. Um pouco.

A expressão do homem passou de gentil de caridade para o entendimento. — É claro, — disse ele, embora seu tom sugerisse que não havia nada claro sobre isso. — Eu perdi a semelhança familiar. Você se importaria de esperar na ...

Uns segundos se passaram enquanto ele considerava as opções disponíveis. Free sentiu pena dele. Ele não poderia colocá-la na sala da frente com todo aquele veludo quase branco. Ela parecia um cão que tinha corrido através de um campo de lama; ela não iria permitir-se naquela sala imponente, mesmo se estivesse seca.

— Não se preocupe, — ela disse a ele. — Posso pingar na entrada. Mas eu não me importaria de uma toalha.

Ele balançou a cabeça e fez um gesto para ela. Levou escassos momentos para não uma, mas duas toalhas, serem trazidas por uma empregada. A mulher ajudou-a a tirar o casaco; ela abriu a porta e sem emoção torceu o artigo de vestuário para fora no degrau da frente, antes de tirá-lo para secar em um lugar mais apropriado. Free foi fazendo o seu

melhor para esfregar o calor de volta para seus membros quando passos soaram acima dela.

Ela se virou para ver o duque de Clermont em pé no topo da escada. Ele era alto e magro, seu cabelo loiro para cima como se ele tivesse sido despenteado.

Deus, tinha sido uma ideia estúpida. O colete dele provavelmente custou tanto quanto a sua máquina de rotativa. Seus olhos caíram sobre ela; ele franziu a testa, e então ele estava caminhando em direção a ela, descendo as escadas dois degraus de cada vez.

— Free, — ele estava dizendo. — Meu Deus, Free, o que na terra aconteceu com você?

Ela balançou a cabeça, enviando gotas em todas as direções. Uma caiu sobre seu lábio superior, mas ele não pareceu notar.

— Louisa, traga um pouco de chá. E você deveria estar na frente de um fogo. — Ele colocou seu braço sobre seu ombro coberto pela toalha e empurrou-a para a sala. Ela tentou cavar seus saltos. O tapete sob seus pés parecia brilhar com fios de ouro, e ela podia ouvir seus sapatos silenciar com água suja a cada passo. Ela recusou-se a olhar para baixo, por medo de que ela iria encontrar uma série de pegadas de lama em toda a extensão de branco.

Mas ele estava determinado. Ele puxou uma cadeira para ela, uma dessas cadeiras maravilhosamente bordadas. Não se atrevia a fazer qualquer coisa tão descarada como sentar-se nele, mas então os joelhos pararam de funcionar e ela o fez de qualquer maneira. Ele pegou uma toalha dela e começou a esfregar as mãos.

— Você está congelando, — disse-lhe em tom acusador.

— Eu vou ficar bem, — houve um tremor em seu discurso. — Eu só ne... necessito esquentar-me um pouco, fazer-lhe algumas perguntas, e então eu vou estar fora de seu ca... caminho.

Ele fez um som de reprovação. — São oito da noite. Você tem um lugar para ficar? Algum dinheiro? — Ele olhou com raiva para ela. — Você ao menos tem um guarda-chuva?

— Eu, — isto é, — eu estava presa, e eu, parecem ter perdido a minha bolsa de moedas.

Ele claramente sabia o suficiente dela, uma vez que ele não achou isto surpreendente ou mesmo incomum. Ele estalou em vez disso e ficava esfregando as mãos.

— Você já teve jantar? Chá? — Ele estava balançando a cabeça para ela, mas ele parou abruptamente. — Você esteve chorando? O que aconteceu com você? Posso ajudar?

Ela balançou a cabeça. Ela veio aqui para falar com ele, e agora ela não sabia como fazê-lo. Ela tinha a esperança de fazer algumas perguntas impessoais, mas ele não a estava tratando de forma impessoal. Se ela começasse sua história agora, sob o peso de toda a sua bondade, ela explodiria em lágrimas. E ela já tinha derramado água em todos os lugares. — Eu sinto muito, — ouviu-se dizer, — Sinto muito, Sua Graça. Eu não vou ser um incômodo. Vou partir logo de manhã. Nunca tive a intenção de abusar de um ligeiro conhecido. Eu só não sabia mais para onde ir.

Suas mãos congelaram na dela. Ele estava de joelhos diante dela, que parecia incrivelmente estranho dado que foi o seu tapete creme que ela estava sujando. Ele olhou para ela, e deixou escapar um longo suspiro, lento, antes dele se sentar em seus calcanhares.

— Você não é um incômodo, — disse ele.

— Você está ocupado. Você é importante. Você tem uma esposa e filhos, e...

— E eu tenho um irmão, — disse ele.

Sua garganta se fechou. — Sim, mas...

— Sem, mas. — Ele deu um curto sorriso. — Você pode ter uma ligeira familiaridade comigo. Suponho que deveria estar chamando você de Menina Marshall. Acho que devemos mesmo manter Louisa aqui na sala para guardar a sua reputação. Mas por mais estranho que possa parecer para você, Oliver é meu irmão, e eu estou profundamente grato a você por o compartilhar comigo.

Free deixou escapar um suspiro. — Sim, mas...

— Como eu disse, você tem uma ligeira familiaridade comigo. — Ele olhou para longe. — Eu conheço você um pouco melhor. Ele costumava me ler todas as suas cartas de casa, quando estávamos juntos na escola. Eu não tinha nenhum da minha própria casa, você vê.

Ela sentiu um fraco rubor em suas bochechas.

— Foi como eu soube o que queria. — Ele colocou os pés na toalha, amarrotando-a. — Foi como eu soube como seria ter uma família amorosa e uma irmã mais nova que enviava a seu irmão seus primeiros rabiscos antes que ela pudesse escrever. Lembro-me da primeira carta que você lhe enviou.

— Oh, Deus. — Ela colocou a cabeça entre as mãos. — Isso vai ser embaraçoso.

— Você ditou a seu pai, — o duque continuou. — E você disse: 'Caro Oliver, por favor, volte para casa. O que você vai me trazer? Amor, sua Free.' E eu me lembro de pensar ...

Frederica sentiu-se corar. — Que mercenária.

— Eu me lembro de pensar, — disse ele, como se ela não tivesse falado, — que eu daria tudo o que eu tinha, por uma irmã mais nova.

O calor morreu longe de suas bochechas. Ela encontrou-se olhando para o topo de sua cabeça em surpresa e perplexidade.

— Por alguém, — continuou ele, — quem se alegrasse quando chegasse em casa, por qualquer razão. Eu teria lhe enviado um milhão de

presentes se você tivesse concordado em ser minha irmã mais nova, também. — Ele suspirou. — Infelizmente, depois da maneira como meu pai tratava sua mãe, eu não acho que a oferta iria mais além. Então, eu nunca fiz isso.

Ela procurou em seu rosto os sinais que ele estava brincando. Talvez zombando dela um pouco. Ele parecia sério.

— Mas você tem uma família agora. Todo o mundo lhe respeita.

Ele levantou uma sobrancelha duvidosa.

— Bem, eles podem chamar-lhe nomes, — ela emendou, — mas são nomes principalmente respeitosos. Você tem uma esposa, e a menos que Oliver esteja completamente errado, é um caso de amor. Você tem filhos que devem lhe adorar. E ... — Ela parou e olhou para ele.

Ele olhou para longe. — Passei anos a imaginar que você fosse minha irmã mais nova. O amor não é uma quantidade finita. — Ele sorriu para ela. — E sim, eu sei que você não é minha irmã, você é do Oliver. Ainda assim, estou feliz que você veio para mim. Seja o que for que você precisar ... — Ele estendeu as mãos. — É seu. Mesmo se for apenas uma toalha e um quarto para passar a noite.

Ela não sabia bem o que ela estava esperando. Ela tinha imaginado que faria algumas perguntas abstratas, recebendo algumas respostas desconexas. Ela certamente não esperava ... isto.

Ela engoliu em seco e desviou o olhar.

— Eu estava esperando que você fosse jantar comigo, — disse ele. — Minnie está essa noite com alguns amigos; ela vai estar de volta em poucas horas. Londres é terrível no verão, e as crianças estarão com as tias de Minnie até as próximas duas semanas. Estou em pontas soltas e estava-me sentindo um pouco solitário.

— Sua Graça

— Eu gostaria que você me chamasse de Robert. Se você continuar chamando-me de *Sua Graça* eu vou ter que parar de pensar em você como Free, e, tanto quanto Oliver falou de você, eu não acho que isso seja possível.

— Mas...

— Ou você pode me chamar de Vossa Graça, se for preciso, e eu vou inventar-lhe um título para corresponder. Algo que se encaixe em você. Se você me chamar de Vossa Graça, vou ter que lhe chamar... — Seu dedo tocou o lábio em contemplação.

Ela sentiu uma vontade inexplicável de rir. Ela tinha um título agora. Ela era Lady Claridge, um abafado, tanto quanto estúpido. Ela nunca quis nada a ver com a nobreza. E, no entanto, ali estava ela, aceitando um duque como seu irmão e um visconde como seu marido. O dia inteiro foi completamente impossível.

— Vou ter que chamá-la de Sua Ferocidade — ele estava dizendo. — Como isso: Você gostaria de algo para comer, Sua Ferocidade? Você deve estar morrendo de fome, Sua Ferocidade.

— Pare, Sua Graça.

— Como Sua Ferocidade desejar. — Seus olhos brilharam para ela.

— Faça à sua maneira. Mas eu vou ter que ir por etapas. — Ela respirou fundo. — Posso chamá-lo ... você nos próximos momentos?

— Sim, Sua Ferocidade, — disse ele. Ele ficou. — Louisa, o banho da Menina Marshall está pronto?

— Sim, Sua Graça, — a empregada, que estava de pé no canto, disse. — Mary me avisou não faz um minuto.

— Muito bem, então, — o duq... Robert disse. — Se você puder conduzir a Menina Marshall?

Ela não era mais a Menina Marshall. Ela não sabia quem era.

A empregada baixou a cabeça e, em seguida, virou-se para Free. — Se importaria de vir comigo, Sua Ferocidade? — Havia um brilho de um sorriso nos olhos da mulher, só uma pequena dica de um senso de humor. E de alguma forma, foi aquela uma pequena indicação de que os servos do Duque de Clermont se sentiam livres para expressar humor na presença de seu empregador, em vez de se transformar em conchas vazias de si mesmos.

Free colocou-se de pé e cambaleou pelo quarto.

— Venha, menina, — disse-lhe Louisa com indulgência. — Venha comigo.

Um banho quente e roupas secas fizeram muito para restaurar o bom humor de Free. Quando ela desceu as escadas, de volta para a sala, o Duque de Clermont, — Robert, recordou-se com uma sensação estranha — estava sentado na frente do fogo, cortando um pão. Era uma coisa tão estranha de ver: um homem da sua estatura empunhando uma faca. Ele cortou uma fatia grossa, desajeitada, de pão, enquanto observava da porta, as migalhas se derramam a esmo sobre o tapete.

Ela fez uma pausa, sem saber o que dizer.

— Venha, — disse ele, apontando para ela. — Sentar-se.

Ela flutuou em direção a ele.

— Eu não sei nada sobre animar irmãs, — disse ele, deslizando o pão nos dentes do garfo de tostar. — Eu não sei nada sobre animar ninguém, exceto crianças entre as idades de seis e quatorze anos. Mas talvez isso vá funcionar com você.

Ela olhou para ele com curiosidade. — O que você está fazendo?

— *Nós* — ele corrigiu. — Estamos fazendo o jantar. Vamos torrar pão e queijo na lareira e tomar um pouco de chá. — Ele fez um gesto com o garfo segurando o pão mergulhado perigosamente perto das chamas. Ele deu de ombros culpado. — Oh céus. Vou levar este aqui.

— Não, é melhor chamuscado, — Free ouviu-se dizer. — Eu sempre gostei daquele sabor extra defumado.

Seu sorriso cresceu. — Vamos lá, então. — Ele deu uma tapinha na almofada do outro lado da lareira. — Pegue uma torrada.

Ela sabia que estava com fome, mas seu estômago roncou em antecipação ao aroma do pão torrado. Depois que ele tinha queimado um lado só de um pouco preto, acrescentou queijo no topo e inclinou-se novamente. O queijo no topo começou a borbulhar e escorrer das bordas. Ele parecia ter infinita paciência para esperar, transformando a torrada desta maneira para tentar derreter ainda mais.

Ele entregou-lhe a fatia de pão, quando ele ficou satisfeito.

— Não espere por mim, — ele disse-lhe e espetou outro pedaço de pão.

Ela desejou que ela pudesse ser educada o suficiente para objetar, mas ela estava muito faminta para pensar. Em vez disso, ela partiu um pedaço e colocá-lo na boca. O queijo estava na temperatura quente o suficiente para ser glorioso e perfeito, mal conseguindo escapar de queimar o topo de sua boca. O pão triturado entre os dentes, macio no meio, torrado nas bordas. Ela quase soltou um gemido.

— Eu sei — disse Robert ao lado dela. — Eu tenho uma torradeira para o café inglorioso nas prateleiras do forno da cozinha. Aquilo é apenas dourar pão. Não é realmente torrada, se não for feito sobre uma chama aberta.

— Mmm.

Uma xícara de chá foi colocada em sua mão. Ela tomou um gole de líquido que era doce e leitoso e amargo de uma só vez encheu sua boca.

— Com quanta frequência é que o Duque de Clermont prepara o jantar? — Perguntou ela.

— Não muito frequente, — ele respondeu. — Talvez uma vez por mês ou algo assim, a família pega os garfos de torrar e eu faço o meu melhor para disputar que sejam torradas e queijo.

— Mmm. — Ela gostaria de poder dizer mais, mas sua boca estava cheia novamente.

Serviu-se de uma xícara de chá com uma mão, fazendo malabarismos com o garfo com habilidade. — O truque, — disse ele, — para ficar boa a torrada é tentar não ser demasiado perfeito. Você não vai querer dourá-lo também de forma uniforme, ou evitar chamuscá-lo. Você não quer cortar o pão também perfeitamente, qualquer um. É melhor se ele tem as bordas irregulares para denegrir bem.

— Esse é o problema eu sempre tenho, também — disse Free. — Eu tenho que tentar tão duro para não ser perfeita.

Ele sorriu para ela.

Seu queijo estava começando a borbulhar, e ele estava olhando para a peça com um olhar faminto. E isso foi quando ouviram um barulho no corredor.

Eles viraram-se. Uma porta se abria; vozes murmuraram na distância. Por um momento, Free teve a ideia mais louca que Edward, não, ela não conseguia pensar nele dessa forma, o visconde de Claridge estava ali. Ele a tinha caçado. Ele estava indo para pedir desculpas, dizer-lhe o quanto mal ele a tinha tratado, e ela estava indo para ...

Ela não tinha ideia do que ela ia fazer. Seu chá pingou em sua saia, e ela percebeu que sua mão tinha começado a tremer.

Mas a figura que entrou na sala era uma mulher, a duquesa de Clermont, nem menos. Ela não piscou com a visão de seu marido sentado diante do fogo. Ela não perguntou o que Free estava fazendo ali. Ela simplesmente entrou na sala e tirou as luvas.

— Ah, que bom, — disse ela. — Uma torrada com queijo noturna. Eu preciso de uma dessas.

O marido olhou ansiosamente para a fatia em seu garfo, mas ele nem sequer hesitou. Ele entregou o pão para sua esposa.

Ela deslizou para baixo para se sentar no chão ao lado dele. — Quer metade?

— Deus, sim.

Talvez fosse a torrada, preparada de tão perfeita, imperfeita maneira. Talvez fosse o silêncio sociável. Talvez fosse o fato de que ela esperava ser tratada como um parente distante, agregado, e agora ela estava sentada no chão com o duque e a duquesa, comendo pão queimado e queijo pingando. Talvez isso fosse o que a levou a finalmente falar.

— Eu me casei — ela confessou.

As mãos de Robert pararam. Ele olhou para ela, com os olhos arregalados.

— Foi ... foi um capricho, — disse ela, falando mais rápido. — Ou, mais do que um capricho. Eu não sei o que era. Nós nos correspondemos por meses. Talvez eu estivesse me sentindo imprudente. — Talvez ela pensasse que estava apaixonada. Ela não o disse, apesar de tudo. Ela fechou os olhos. — Eu me casei ontem à noite.

Em frente a ela, a duquesa deu uma mordida gentil de torrada e olhou para baixo. — Você se casou com uma licença especial, então?

— Eu deveria ter perguntado como ele tinha obtido uma tão rapidamente. — Suas mãos tremiam de novo, então ela largou a xícara de

chá. — Eu sabia que ele era um canalha, você vê. Eu sabia. Mas ele sempre esteve lá para mim. Pensei que podia confiar nele.

Ela se sentiu mal do estômago.

— E então eu fui para a manifestação, e foi presa, e ele ... ele ...

Nem o duque nem a duquesa falaram. Eles só a observavam atentamente.

— Eu fui presa, — ela repetiu. — Como eu sabia que seria. Estávamos todas amontoadas na esquadra. Ele veio para me tirar.

Não parecia horrível quando ela contou a história. Parecia doce. Quase romântico.

— Mas ele não forjou os documentos da minha libertação. — E oh, não havia uma queixa para as idades. Não havia uma mulher na Inglaterra hoje reclamando sobre o seu marido não cometer crimes. — Ele me disse que era Edward Clark.

A duquesa se contraiu àquele nome, erguendo as sobrancelhas. Ela se virou para o marido, mas ele colocou uma mão em seu joelho.

— Ele me disse que ele era um canalha e um metalúrgico, — disse Free. — Ele é um falsificador. Eu o vi fazer isso sozinho. Mas ele não me contou tudo. Ele era ... — Ela engoliu em seco.

— Edward Delacey — Robert disse, em voz baixa.

Ao lado dele, a duquesa deixou escapar um longo suspiro — Hã. Eu tinha razão.

— Não. — Free cerrou os punhos. — Ele não quer ser chamado de Delacey. — Nesse ponto, pelo menos, eles concordavam. — Mas ele é Visconde de Claridge.

A duquesa inclinou a cabeça para o lado, para contemplar o teto, não olhando para o marido. — Deveria haver uma regra em algum lugar que os lordes deveriam agir como lordes. Quando eles se envolvem em

falsificação ou, ah, trapaça em geral, pode ser muito confuso para o resto de nós.

Free movimentou a cabeça vigorosamente.

— Você começa a pensar neles como pessoas normais, — disse a duquesa. — E então a próxima coisa que você sabe, eles estão sendo apresentados.

— Hmph. — Robert bufou ao lado dela.

— E tudo o que você pode pensar é, surpresa! Um lorde! — Ela balançou a cabeça e deu um tapinha no ombro de Free — Eu odeio quando isso acontece.

Capítulo Vinte e Dois

Edward encontrou a pequena fazenda no final da estrada. Depois que ele procurou por Free na noite passada, — procurou por ela em todos os lugares, sem esperança e uma angústia apertando o peito, — ele comprou um bilhete para ali. Ele passou a noite em uma pequena pousada, e depois saiu em busca de... Bem, ele não tinha certeza do que ele esperava encontrar.

Campos de lavanda acenavam suas cabeças roxas ao vento, flutuando um delicioso aroma ao redor. Na horta mais perto da casa estavam crescendo repolhos. Margaridas plantadas na beira do caminho levantaram a cabeça para o sol da manhã como se não tivessem nenhum pensamento, a não ser alegrar-se no momento. Flores tolas; alguém viria para cortá-las antes do tempo. Mesmo se não o fizessem, o inverno iria congelá-las, tal como as folhas e raízes.

Mas as flores não se preocupam com o seu humor negro. Elas sussurravam suavemente, oscilando em uma brisa leve, sussurrando que este era um lugar tranquilo e pacífico. Que a geada não poderia vir aqui a menos que Edward a trouxesse ele mesmo.

Era um lugar animador, caseiro, não o tipo de residência onde ele tinha imaginado Wolf, o poderoso pugilista da sua imaginação infantil, se aposentando.

Edward caminhou lentamente para a frente. Não com tristeza; ele tinha uma boa ideia do que estava para acontecer com ele, e, francamente, ele lhe dava as boas vindas. Mas havia algo no ar que despertou a sua

imaginação, algo que o fez pensar em outras possibilidades. Ele poderia ter vindo trilhar este caminho com Free ao seu lado. Ela teria entrelaçado a mão dela com a dele, olhado para ele com aquele ar de confiança totalmente injustificada...

Ah, inferno. Ele estava se atormentando. Ele balançou a cabeça para as margaridas ao lado dele, rejeitando seu otimismo tolo.

A porta da frente abriu-se. Edward olhou para cima para ver um homem parado ali, com a cabeça inclinada, enquanto contemplava Edward. Edward sentiu todos os músculos do seu corpo tensos.

Este. Este era Wolf. Imaginara-se ao lado de um ringue com este homem no centro. Quando ele era criança, ele tinha imaginado este homem absorvendo golpe após golpe incapacitante. Ele tinha pintado essa luta há muito tempo em óleos.

Mas Wolf, Hugo Marshall, não se parecia em nada com o poderoso lutador da sua imaginação. Ele não era um Hércules; ele não era mesmo bonito. Ele era muito menor do que Edward. Não havia linhas patricias na sua face; ele era o tipo de homem por quem Edward teria passado na rua milhares de vezes e nunca deu uma segunda olhada. Ele estava usando uma gravata frouxa e uma jaqueta com manchas e desbotadas nos cotovelos. Seu cabelo era cinza metálico.

— Bom dia, — o outro homem disse educadamente. — Você está andando fora da minha casa durante os últimos quinze minutos. Existe alguma maneira que eu possa ajudá-lo?

Edward pegou o chapéu. Ele não tinha certeza se fazia isso como um sinal de respeito, ou se ele simplesmente queria segurar alguma coisa. Tudo o que sabia era que ele estava torcendo em suas mãos, ponta a ponta, a boca tão seca, ele era incapaz de falar.

— O que é isso? — o Sr. Marshall deu um passo mais perto. — Você está bem, senhor?

Não. Edward não estava bem. Ele não sabia com poderia alguma vez ficar bem. — Você... — Ele conseguiu colocar apenas essa única palavra para fora. Ele poderia fazer um pouco mais, com certeza. — Você... você deve ser o Sr. Hugo Marshall.

— Eu sou. — Marshall olhou para ele e franziu a testa. — E você seria... Ah, minha memória não é o que costumava ser. Passaram anos desde que eu deixei a alta sociedade. — Seus olhos eram agudos e penetrantes, piscando sobre os recursos de Edward. — Não. Eu não conheço você, mas você me faz lembrar... — Ele deu de ombros. Então, seu olhar viajou para a roupa mal passada, e a face com barba por fazer de Edward. — Hmm. Por que estou tão certo de que você é da alta sociedade?

Oh, como Edward desejou que ele pudesse mentir. — Eu sou.

— Você está aqui sobre alguns escândalo da família que eu vagamente participei anos atrás? Se assim for, vá embora. — O homem acenou com a mão. — Não me lembro de uma coisa a partir desse momento, como eu acabei amplamente de demonstrar.

— Não é por isso que estou aqui, senhor.

As sobrancelhas de Marshall levantaram-se.

— Você vê, eu sou... — Ele respirou fundo e, em seguida, levantou o queixo. — Eu sou Edward Clark. — Ele nem sequer sabia se Free havia mencionado sua existência a seus pais.

Aparentemente, ela tinha. Um sorriso divertido varreu o rosto de Marshall. — É você, então? Isso explica o nervosismo. Mas não me diga que veio pedir a mão de Free. Ela não falou de você como se você fosse um cara estúpido. Você deve saber que ela nunca perdoaria qualquer um de nós, se nós... — Ele fez uma pausa. — Espere um momento. Free nunca mencionou para mim que o Sr. Clark dela era da alta sociedade.

Seu Sr. Clark. Deus, essas palavras o cortaram.

— Eu sou Edward Clark. Nascido Edward Delacey. Agora, aparentemente, Visconde Claridge. — Ele fechou os olhos. — Você pode me tratar pelo meu título preferido: *seu idiota*.

Os olhos de Marshall foram estreitando sobre este assunto. — O que você fez com a minha filha, seu idiota?

— Para grande pena minha, eu... — As mãos de Edward estavam pegajosas. — É... — Deus, seria melhor se um raio pudesse apenas feri-lo agora. — Eu não posso, isto é, parece-me ter casado com sua filha.

Marshall olhou em volta do quintal, como se procurasse Free. Quando ele não a encontrou, ele se virou para Edward.

— Você se arrependeu de casar com a minha filha. — Sua voz soava calma, se assim se pode chamar o frio, brasas negras após um incêndio havia queimado a *calma*.

— Não — disse Edward. — Isso nunca. *Ela* lamenta ter-se casado *comigo*.

— Ah, então. — Havia aço nas palavras do outro homem, um tão afiado que Edward quase podia senti-lo cortando-o. — Isso é pior.

— É. — Edward fechou os olhos e ficou tenso. Mas nada aconteceu, nenhum golpe ao estômago, nem punho no seu rosto. Ele esperou, seus músculos ficaram tensos, mas em vez disso, um pássaro piou alegremente à distância. Ele finalmente abriu um olho para ver Marshall observando-o intrigado.

— Você não, isto é, após ter confessado o que eu fiz, você não vai...?

— Amassar você um pouco? — Perguntou Marshall.

— Sim.

— Eu estou imaginando isso agora. Dê-me um momento, e eu vou passar por isso. Então, podemos falar como seres racionais.

Edward piscou. — Perdão?

Marshall deu de ombros. — Venha agora. Tudo o que você disse é que a minha filha lamenta casar com você. Eu não sei se ela se arrependeria de se casar com você menos se eu o transformasse em uma pasta de sangue. Ela não pode; ela poderia sentir pena de você, se você estivesse de cama com suas costelas quebradas e os olhos escurecidos. Em seguida, ela pode acabar dizendo coisas que ela não pretende e encontrar-se em um lugar pior do que ela está agora. Eu só ataco outros homens quando eu acho que há uma chance de que eles vão fazer algo de bom.

— Isso é... Isso é... — Era assustadoramente racional.

— Além disso, se Free quisesse que você tivesse um olho negro, você teria um. Quando ela tinha doze anos, ela costumava entrar em brigas com o menino do lado, e nós sempre havíamos sido chamados pela Sra. Shapright para vir ver o que Free havia feito com ele.

Edward sentiu o canto de seu lábio contrair.

— Então me diga. Como é que um visconde veio a casar com a minha filha sem o meu conhecimento?

— Eu não tinha estado na Inglaterra por um longo tempo. Nunca tive a intenção de voltar e quando o fiz, eu não pretendia tornar-me conhecido. Eu não quero ser um visconde. Eu só queria terminar o meu negócio e ir embora.

— Entendo.

— E então o meu negócio me trouxe para o caminho de Free. — Ele engoliu em seco. — E e...

— E ela lhe surpreendeu. — Havia um brilho de um sorriso no rosto de Marshall.

— Precisamente. Eu nem mesmo sei como isso aconteceu. Um momento, eu estava ali, totalmente cínico sobre tudo no mundo, e no outro... Eu estava ali, totalmente cínico sobre tudo, exceto ela. Foi a coisa mais ridícula.

No entanto, não era nada ridícula. Ele podia lembrar-se de cada instante de suas primeiras semanas juntos. Quando ela primeiro lhe falou sobre a luta de boxe entre Hammersmith-Choworth. Quando ela bateu na porta do quarto de Stephen, o apresentando à faxineira, e ele saltara pela janela. Quando ela o olhou nos olhos e lhe disse que ele viu apenas o rio, não as rosas. Não era ridículo que ele a amasse; era a coisa mais razoável no planeta. Ele não tinha percebido que ele estava vasculhando aquelas primeiras memórias até que Marshall fez um gesto para ele continuar.

Edward balançou a cabeça. — A única coisa que eu sabia era que, se ela soubesse a verdade, se ela soubesse tudo sobre mim, ela nunca me quereria. Então... Eu não lhe contei. E... — Ele engoliu em seco. — Sua filha pode ser um pouco impulsiva, às vezes. — Ele limpou a garganta. — Hipoteticamente, se um homem retorna de uma longa ausência com uma licença especial e uma razão terrível para se casar, bem... — Ele deu de ombros e preparou-se para o que estava por vir. — Sr. Marshall. Eu não sei o que Free gostaria, mas pelo amor de Deus, não me deixe de fora. Eu menti para sua filha. Eu me casei com ela por trapaça, e ela está miserável agora. Seria muito mais fácil se você pudesse apenas me bater até eu virar uma polpa sangrenta.

Marshall deu de ombros. — Eu estou ficando velho. Eu nunca mais bateria em um homem até virar uma pasta de sangue antes do pequeno almoço. Vai-lhe fazer bem um ensopado. Venha e conheça minha esposa.

Edward olhou para ele em confusão. — Você não entende? Passei a noite com sua filha sob a cor da mentira.

Marshall inalou, balançando a cabeça. — Você já passou realmente algum tempo falando com Free? Se eu agredisse um homem por passar a noite com ela, ela ficaria furiosa comigo. Ela me diria que isso significa que um pai é dono do corpo de sua filha, e nós já tivemos que lutar duas vezes. Eu não estou prestes a repetir.

— Mas...

O Sr. Marshall fez um barulho irritado. — Pense nas coisas do meu ponto de vista. Eu só ouvi o seu relato até agora, e por sua própria admissão, você é um mentiroso. Então, eu mal posso confiar em sua versão do assunto. Você pode estar passando por uma fase difícil em seu casamento, mas você também pode voltar para ela. Estou fazendo o meu maldito melhor para não o ferir permanentemente, porque isso poderia tornar o Natal estranho por muitos anos vindouros. Se ela o jogar para o lado, bem. — Marshall deu um sorriso não muito agradável. — Então eu vou ter a minha chance.

Por apenas um momento, Edward sentia como se sua cabeça fosse explodir em chamas. Isto não era como ele tinha imaginado esta conversa. De modo nenhum.

E que, estranhamente, foi o que o fez finalmente sentir-se como se ele soubesse o que estava fazendo, porque essa sensação de estar totalmente rodado em um torno era muito familiar.

Ele cerrou os olhos. — Free tem isso de você, eu vejo.

— Isso o quê?

— Essa capacidade de definir o mundo em sua cabeça.

Houve uma longa pausa depois disso. — Não, — Marshall disse finalmente. — Você deve entrar e conhecer sua mãe.

— então você está voltando para Cambridge. — Genevieve sentou-se ao lado de Amanda no longo sofá. As saias não se tocaram muito, Amanda tinha-se contraído fora do caminho, quando Genevieve se sentou. Mas elas estavam perto o suficiente para que o coração de Amanda estivesse batendo em um ritmo baixo, insistente.

— Eu devo, — disse Amanda. — Alice estava gerindo o jornal sozinha ontem, e se eu não voltar esta tarde, ela não vai ter nenhum descanso.

— Free não voltou ainda?

Amanda considerou isso. Ela sentiu-se quase culpada ontem, quando sua irmã as afastou dos oficiais da prisão. Elas estavam do outro lado do parque com Free, e Maria tomou o braço de Amanda com uma mão, e o de Genevieve com a outra. Ela declarou fadiga, apontou o seu estado de estar com o filho, e, conseqüentemente, Amanda não tinha sido arrastada para a esquadra como aquelas mais perto de Free.

Amanda tinha usado seu estado de liberdade para enviar um mensageiro para a esquadra. Free tinha sido solta poucas horas mais tarde, e por isso não havia preocupações sobre o efeito.

— Free não disse nada sobre quando ela estará voltando, — disse Amanda. — Mas ela é recém-casada. Eu suspeito que ela estava ocupada de outra maneira na noite passada.

— Casada! — Os olhos de Genevieve se arregalaram. — Eu não tinha ouvido nada disso. Será que seu irmão já sabe? Será que Jane?

— Foi... repentino, — explicou Amanda. — Embora, não precisamente repentino para mim. Compartilhamos uma casa, depois de tudo. Ela estava obcecada por meses, sorrindo cada vez que uma de suas cartas chegava, agindo como se ela tivesse recebido o prêmio máximo em um concurso. Vai ser muito divertido provocá-la quando ...

Foi nesse momento que Amanda percebeu algo muito importante. Entre o planejamento para a manifestação, a reconciliação com a sua irmã, e no gozo de estar um pouco de tempo depois com Genevieve, tinha deixado de notar uma coisa.

— Oh, não — ela gemeu, colocando sua cabeça em suas mãos. — Eu ia dizer, quando nós duas estivermos de volta em Cambridge. Mas eu acabei de perceber.

— Oh querida. — Genevieve percebeu, também, e ela também fez uma careta. — Você vive com ela. Será que ela ... — Ela fez uma pausa delicadamente.

— Free me expulsar? — Amanda balançou a cabeça. — Não. Ela não iria. Mas eu não sei como me sinto sobre a vida com um casal recém-casado. As coisas poderiam ser um pouco estranhas.

Mais do que um pouco, ela suspeitava. Free tinha beijado Edward em público. Só Deus sabia o que poderia acontecer atrás de uma porta.

— O que você vai fazer?

— Passar mais tempo em Londres. Não faria sentido, dado sobre o que eu escrevo — Amanda engoliu. — Mas eu acho que é melhor assim. Isso significa que verei minha irmã mais. E Maria disse que Toby me quer ver, eu não vi meu irmão mais velho em anos.

Mas não era pensar sobre Maria que fez seu coração bater. Ela não olhou para Genevieve, mas ela corou de qualquer maneira.

— Você poderia me ver mais, também — disse Genevieve.

Seu tom era leve e ... e ...

E não, *oh não*, Amanda não iria sequer pensar em o que mais era. Espontaneamente, porém, a palavra sussurrou em sua mente.

Paquera.

Era quase coquete, e Amanda estava tentando o seu melhor para ver tudo em Genevieve à luz da amizade, não flerte. Não estava funcionando tão bem por mais tempo.

— Isso seria muito bom. — Isso soou demasiado rígido.

Genevieve estendeu a mão e colocou a mão no joelho de Amanda. Foi um toque leve, suave. Um toque *amigável*. Isso é tudo o que poderia ser. — Boa. Então isso está resolvido. Gostaria de lhe ver mais.

A boca de Amanda tinha secado. E a mão de Genevieve não se mexeu. Ela descansou lá, em sua perna. — Sim — Amanda disse sem jeito. — Eu gostaria de lhe ver... mais, também. — Essa pausa fez a frase soar com um duplo sentido. O que era. Involuntariamente feito, principalmente da parte dela. Ela sentiu seu rosto corar violentamente.

E então Genevieve moveu a mão algumas polegadas — uma escassa distância tão sem sentido para ela, e ardentemente dolorosa para Amanda. Essas polegadas transformaram o lugar onde sua mão descansava, do joelho para a coxa.

Se Genevieve tivesse estado em Girton College, com Amanda, entre as mulheres que regularmente sussurravam de tais coisas, Amanda teria conhecido precisamente como tirar aquela mão. Ela a teria pegado na sua e a beijado.

Mas Genevieve tinha ido a uma escola de elite, adequada. Ela gastara todo o seu tempo em uma sociedade civilizada com as senhoras que eram ... bem, *senhoras*. A possibilidade de que Amanda poderia estar queimando de desejo não correspondido, muito provavelmente não lhe ocorreu.

— Você acha — disse Genevieve — que você pode sempre querer ficar comigo enquanto você estiver na cidade?

Amanda se levantou, afastando-se do céu do toque de Genevieve.

— Não! — Sua voz era um grito agudo. — Não, eu não acho que seja uma boa ideia. Você é muito doce. E uma boa amiga, uma amiga maravilhosa. Mas você é tão ... ah ...

Genevieve sentou-se no lugar, um leve rubor em suas bochechas.

— Tão inocente. — Amanda terminou.

Genevieve bufou. — Eu passei os últimos dez anos como secretária social para a Sra. Marshall, que dirige um hospital e uma instituição de caridade em ética médica. E como essa posição faz você pensar que eu sou *inocente*?

Amanda engoliu. — Eu não quero dizer *inocente* inocente. Eu só quero dizer ... Isso ... — Ela engoliu em seco. — Nem todas as mulheres são iguais. Algumas de nós não desejam se casar porque queremos outras coisas da vida.

Genevieve levantou-se e veio em sua direção. — Eu não me casei — disse ela. — Eu quero outras coisas da vida.

— Outras coisas *diferentes* — Amanda murmurou.

— Eu tento vestir-me recatadamente e falar educadamente. — Genevieve estava chegando perto, muito perto. — Eu não faço essas coisas, Amanda, porque eu sou muito *inocente*.

Ela estava tão perto que Amanda podia ver que sua pele não era realmente perfeita. Ela tinha leves sardas em seu nariz, três adoráveis e beijáveis sardas.

— Eu as faço, — disse Genevieve, — porque você tem que fingir ser adequada do lado de fora quando você não o é. Quando você quer outras coisas *diferentes*.

Oh Deus.

Era demais. Ela estava tentando *não* ver Genevieve a esta luz há meses, tentando e falhando. Ela nunca tinha falhado tanto como ela o fez agora. Ela nunca esteve tão dolorosamente esperançosa, também. Seu coração estava disparado.

— Você vê — disse Genevieve — Eu sempre lhe admirei. Mas nestes últimos meses, — ouvindo você falar do Parlamento, assistindo você ganhar lentamente a confiança em si, à medida que retornava à sociedade.

Encontrei-me admirando-a mais. E mais. E esperando que talvez ... você me pudesse admirar, também.

Não havia dúvida do que ela queria dizer agora. Não quando Genevieve pegou a mão de Amanda em sua própria e a apertou contra seu coração.

Amanda engoliu. — Como você sabia o que você queria? Eu realmente não entendi isso sozinha, — não até Girton, até que alguém me explicou.

Genevieve simplesmente olhou para ela. — Eu entendi, — disse ela — porque eu conheci você.

Amanda sentiu um tremor por todo o corpo, — sentiu-se boba e feliz, risonha e flutuando.

— Eu conheci você, — Genevieve disse, — e de repente tudo o que a minha irmã já me tinha dito sobre seu marido,— tudo fez sentido.

Amanda não se conteve. Ela estendeu a mão e segurou o rosto de Genevieve, correndo o polegar ao longo daquelas sardas no nariz.

— Então deixe-me repetir a minha pergunta, — disse Genevieve. — Eu sei que eu faço o meu melhor para ser adequada. Mas você acha que há uma chance de você poder querer ser imprópria comigo?

O polegar de Amanda encontrou os lábios rosa-pálido de Genevieve, tão perfeitamente doce. Ela passou os dedos sobre eles. Os lábios de Genevieve se separaram.

Amanda se inclinou. — Eu sou louca por você.

Genevieve sorriu, olhando para cima. Amanda podia sentir sua respiração contra os lábios, quentes e doces.

— Bom — Genevieve respirou.

Seus lábios se encontraram. Genevieve deixou cair sua mão, mas apenas para que ela pudesse trazer os braços em volta dela. E todos os

últimos medos de Amanda vieram como um trovão, deixando de funcionar, acabando deliciosamente.

— Bom — Genevieve murmurou contra seus lábios mais uma vez.
— Eu sou louca por você, também.

O transporte que Robert tinha contratado partiu da estação indo até uma parada na frente da casa dos pais de Free.

— Bem, então — disse Robert. — Devo esperar aqui?

Era ridículo. Free era uma mulher adulta. Ela dirigia o seu próprio negócio, gerenciava catorze funcionários em tempo integral e muitos outros escritores. E agora, ela não queria nada mais do que ir para casa e enrolar-se nos braços de sua mãe.

Mas agora não era o momento para isso. Ela se virou para Robert. — Entre — ela disse simplesmente. — E obrigada pela noite passada e por esta manhã. Eu sinto...

Não melhor, não por um longo tempo. Mas ela se sentia mais em paz.

Robert e Minnie tinha-lhe dado uma longa explicação de como eles gastaram seu tempo. Minnie tinha ficado acordada com ela até a uma da manhã. Minnie tinha seu próprio conjunto de dificuldades: Ela sentia-se ansiosa em multidões e sendo uma duquesa não tinha curado isso. Então eles tinham-se adaptado. Eles haviam feito funcionar.

Free não queria ser uma viscondessa, embora fosse demasiado tarde para isso agora. As únicas perguntas eram que tipo de viscondessa ela queria ser ... e como ela iria ficar com o visconde dela.

Robert estava olhando para ela, perguntando-se como iria terminar a frase.

— Sinto-me mais importante. — Disse ela.

Ele virou a cabeça e sorriu, um sorriso tímido, como se ele estivesse realmente envergonhado por sua gratidão. — Você é bem-vinda, Sua Ferocidade.

Por um segundo, ela se perguntou se ele se importaria se ela o abraçasse. Então ele se mexeu na cadeira, olhando para as próprias mãos, e ela estava certa de que ele não faria isso.

Ela deslizou pelo banco e colocou os braços ao redor dele. — Obrigado — disse ela novamente. — Por ser meu irmão quando eu precisava de um.

Ele levantou a mão até a acariciá-la. Quando ela se afastou, ele tossiu — É claro — disse ele. Mas sua voz era apenas um pouco demasiado áspera. — Claro.

— Entre — disse ela. — Meus pais ficarão felizes em vê-lo.

Ele sentou-se direito. — Eu não sei... Isso é... É um pouco mais complicado do que isso. Eu não quero me impor, e dada a história um pouco estranha entre as nossas duas famílias ...

— Vamos — disse Free, com um rolar de seus olhos. — Se você não estiver do meu lado, eu vou explodir em lágrimas quando vir minha mãe, o que vai ser muito embaraçoso. Depois de tudo o que eu passei nos últimos dias, você não pode me submeter a isso.

Ele olhou para ela por um segundo. Oh, o homem definitivamente não tinha irmãos mais novos, se ele realmente acreditava uma palavra disso. Ele era muito suscetível a um toque de culpa.

— Oh, muito bem — ele disse em uma voz que parecia que estava fazendo um sacrifício. — Se você insiste.

Mas ele não parecia estar fazendo um sacrifício. Ele parecia satisfeito. Ele a ajudou a descer da carruagem, desatrelou os cavalos e os

amarrou. Quando isso foi tudo resolvido, ele ofereceu-lhe o braço e conduziu-a até o caminho para a casa.

Ocorreu-lhe, quando ela bateu na porta, que havia algo errado. Em todo o tempo que tinham estado vadiando na estrada, alguém deveria tê-los visto. Mas nem o pai nem a mãe dela tinham aparecido.

Tarde demais para saber. Ela ouviu um ruído no interior, em seguida, sua mãe abriu a porta.

O coração de Free parou. A mãe, oh, Deus, sua mãe. Seus olhos estavam escuros. Seu rosto estava enrugado. Free não tinha visto seu olhar assim desde que tia Freddy falecera, anos antes. Tinha levado sua mãe alguns meses para perder esse olhar sobre ela, aquele olhar aflito que dizia que o mundo a tinha traído. Agora ele estava de volta, e a única coisa que Free conseguia pensar era que algo terrível tinha acontecido. Ela engasgou.

— Oh, graças a Deus — disse a mãe.

— Oh, não. — Free falou sobre ela. — O que na terra está errado? É Laura e seu bebê?

Sua mãe suspirou e colocou uma mão sobre o coração. — Qual é o problema com Laura?

— *Não é Laura?* Então...

Houve um momento, enquanto eles se entreolharam em confusão. Outro momento, quando sua mãe deixou escapar um suspiro. — Free. Eu estava preocupada com *você*.

— Comigo? — Olhou em volta. — Por que comigo? Eu estou ... — *Perfeitamente bem*, ela estava prestes a dizer. Mas ela não estava. Ela não sabia o que sentia por mais tempo.

E, em seguida, a mãe abraçou Free, puxando-a para perto. Era absolutamente ridículo. Free tinha feito o seu próprio caminho por anos. Ela era velha demais para enterrar a cabeça no avental de sua mãe e chorar. Mas de alguma forma, quando sua mãe a abraçou, o som de sua respiração,

a sensação de seus ombros, o cheiro característico de seu sabão ... Eles todos combinados significavam algo como conforto. Conforto que tinha sido escasso nos últimos tempos.

E então sua mãe sussurrou em seu ouvido. — Não me importa o que seu pai diga. Diga uma palavra e eu vou caminhar de volta para a cozinha e enfiar uma faca em suas costas.

Free a puxou para trás. Essa sensação de conforto desapareceu, deixando-a incerta. — Quem você está planejando matar?

— Ele está lá dentro. — Sua mãe fez um gesto para a casa com a cabeça. — Claridge.

As mãos de Free ficaram frias.

— E eu juro por Deus — sua mãe continuou em voz baixa — Eu não criei minhas filhas para se tornarem brinquedos de algum lorde sujo. Eu não tenho ideia do que aconteceu, o que o prende a você, mas se ele fez uma maldita coisa para feri-la, ele vai pagar. Eles podem-me enforcar. Eu — ela parou, respirou fundo e olhou para a direita.

Ainda bem que ela parou de falar. O pensamento de alguém esfaquear Edward nos rins não fez Free se sentir melhor.

Mas sua mãe estava olhando para o homem de pé ao lado free. — Oh, — ela continuou, em uma voz completamente diferente. — Sua Graça. Como ... ah ... Como é inesperado para mim vê-lo. — Ela escovou suas saias e fez uma careta.

O que passou pela mente de Free não foi nada racional. Ela não tinha nada a dizer para confortar a mãe. O que lhe ocorreu em vez disso, foi: *Qual é a diferença entre um lorde e um pouco de algas?*

Ela nunca tinha ouvido essa piada particular. Ainda assim, ela não tinha qualquer dificuldade em chegar com sua própria resposta.

Um deles é uma coisa viscosa, escorregadia, nojenta. O outro é necessário para o bom funcionamento das lagoas de água doce. Foi

profundamente, impossivelmente inadequada. Ela estava bastante certa de que esta era a prova de que a tênue calma racional estava escorregando de sua mão. Mais cinco minutos, e ela ia começar olhando para o espaço, rindo de nada.

Qual é a diferença entre um lorde e uma pilha de esterco de cavalo? Era muito fácil. Um deles cheirava terrivelmente mal; o outro, aplicado judiciosamente, aumenta a produtividade dos campos.

Mas, em seguida, ela poderia ter dito a mesma coisa sobre ladies. E agora ela era uma delas.

Próximo a ela, sua mãe e Robert ainda estavam conversando. — Você não deve falar assim — o duque estava dizendo. — Eu faço, se isso deve ser feito. Eles teriam que passar pelos lordes para me enforcar, e há circunstâncias atenuantes. Tais como o fato de que Claridge é um palerma. Eles nunca me condenariam. Mas ... — Ele franziu a testa. — Não, desculpe. Antes de eu concordar em cometer um crime com testemunhas presentes, eu realmente deveria falar com Minnie. Ela vai ter uma ideia melhor.

Um sorriso tocou o rosto de sua mãe. — Você é uma pessoa útil para se conhecer. Vocês ... dois ... cuidado para ...

Entrar? Fugir? Free não tinha certeza do que ela queria. Ela não queria que eles matassem Edward, mesmo que eles provavelmente estivessem brincando. Robert estava, pelo menos; ela não tinha certeza sobre sua mãe. Mas ela não queria vê-lo. Ela não o queria perto, quase tanto como ela o queria perto. Ela tinha medo de que, se ela o visse, ele a encantaria em conformidade.

Ela respirou fundo. — Nós podemos adiar a inevitável morte do Claridge — disse ela. — Pelo menos até que tenhamos falado com Minnie. E até que eu ...

Atrás de sua mãe, Edward entrou no corredor. Ele a viu e chegou a um impasse.

Ou talvez tenha sido o mundo de Free que parou de vez. Seu coração parou de bater. Sua respiração deixou de circular. Cada átomo de seu ser parecia lento e chegou a um impasse.

Qual é a diferença entre um lorde e seu marido?

Nenhuma. Não havia diferença.

Capítulo Vinte e Três

Free estava a um metro e meio de Edward, real e sólida e segura. Ele tinha passado a noite preocupado com ela. Ela se separava dele agora por apenas dois passos, por um lado, e um abismo de mentiras, por outro. Edward não sabia se poderia alcançá-la se tentasse.

— Free —, disse ele. — Eu sinto muito.

Seus olhos pareciam um muro impenetrável. Pelo menos ela não se virou nos calcanhares e foi embora.

— Eu estou terrivelmente arrependido —, disse ele. — Eu arruinei tudo, absolutamente tudo. O que fiz foi imperdoável.

Ela não se moveu.

— Imperdoável —, ele continuou. — Eu sei que você não quer nada comigo. Mas, seja o que for que você queira — a declaração juramentada de que não interferirei com o seu negócio, a promessa em manter distância, o que quiser, Free. Você pode tê-lo. Devo-lhe isso.

Ela abriu a boca uma vez, fechou-a, balançou a cabeça, em seguida, abriu a boca novamente. — Por que você fez isso? — Conseguiu dizer. — Por que você não me contou? Por que você não me deixou saber?

— Porque eu sou estúpido —, disse ele. — E egoísta. Eu nunca deveria ter pedido para você se casar comigo.

Free levantou uma mão. — Não foi isso o que eu quis dizer. Você deveria imaginar que eu descobriria e em pouco tempo. Por que você não me disse a verdade antes?

— Porque ...— Ele franziu a testa. — Porque eu sabia que você não se casaria comigo. Eu queria ter certeza de que você estaria segura. — E como eu disse, houve uma boa dose de egoísmo envolvida. — Ele não tinha nenhuma boa razão para lhe oferecer, apenas aquela sensação de aperto no coração, de pânico, ao pensar em perdê-la, o que poderia acontecer-lhe se ele não a tivesse ...

— Isso não faz nenhum sentido —, disse Free. — Eu não sei o que eu teria feito se você me tivesse contado a verdade. Como você poderia saber o que eu faria?

Ele engoliu em seco. Seu coração batia num ritmo doloroso contra o peito.

— Você deveria saber que não havia futuro no que você estava fazendo —, disse ela. — Então por que você fez isso dessa forma? Não valia a pena a chance de que eu pudesse dizer sim?

Tudo doía. Ele balançou a cabeça. — Eu não sei nada de planejamentos futuros. Eu sempre assumi ...

Ela levantou uma sobrancelha.

— Que qualquer coisa que acontecesse comigo seria horrível, não importa o que eu escolhesse.

Ela deixou escapar um longo suspiro e olhou em volta. E foi então que Edward percebeu que eles estavam no salão de seus pais, rodeados por seu pai, sua mãe —Bom Deus, o homem de pé logo adiante era o Duque de Clermont, e o que ele estava fazendo ali, Edward não queria saber.

Free soltou um longo suspiro. — Venha. Caminhe comigo. — Ela apontou.

Sua mãe se contraiu, franzindo a testa, mas não disse nada.

Free se virou e saiu pela porta da frente para a luz do sol. Ele a seguiu. No entanto, não o esperou do lado de fora, virou-se para a esquerda e começou a seguir ao longo do caminho. Ele seguiu atrás dela, sentindo-se

como se fosse Eurydice seguindo Orpheu para fora do inferno. Só que ele tinha a estranha sensação de que, se ela olhasse para trás, ela iria desaparecer, não ele. Ela levou-o pelos campos ao longo de um caminho gasto, sobre uma colina, por um barranco, e a uma linha de árvores ao longo de um riacho.

Algumas rochas maciças se alinhavam no barranco. Free sentou-se em uma delas, alisando suas saias antes de olhar para ele.

Deus, os olhos dela. Nunca quis ver seus olhos assim novamente, tão magoados, tão incertos. Ele tinha feito isso com ela.

— Se isso ajuda —, disse ele, — eu sempre soube que eu não merecia você.

— Que estranho. Eu só comecei a duvidar disso nas últimas vinte e quatro horas.

Ele sentou-se em frente a ela. — Sim. Quanto melhor você me conhecer, mais você duvidará.

Ela fechou os olhos. — Como você pode ter tanta certeza?

— Porque eu firo a todos que eu amo. Meu melhor amigo de infância. — Eu o convenci e ao seu irmão a falar, e meu pai os surrou na minha frente. — Edward olhou para baixo. As próximas palavras saíram baixas. — E isso não é o pior de tudo.

— O que é o pior de tudo?

O pior de tudo era uma escura e ressoante memória, que em alguns momentos parecia ter acontecido com outra pessoa. — Eu lhe disse que eu fiquei com um ferreiro perto de Strasbourg —, disse ele. — Essa foi a punição do meu pai para as minhas ações anteriores.

Ela acenou para ele.

— Foi um castigo brando —, disse Edward. — Eu estive lá por dois anos. Ele foi pago para cuidar de mim, mas acredito que meu pai pensou em mim 'trabalhando' e imaginou que eu odiaria isso. Eu não odiei. Ele me

ensinou coisas como pôr ferraduras em cavalos. Ele havia perdido o seu próprio filho anos antes, e ele nunca me tratou como um fardo. Eu o amava. — Sua voz soou áspera nas últimas palavras, mas ele balançou a cabeça. — Ele me mostrou como trabalhar com metal. Seu nome era Emile Ulrich.

Ela assentiu com a cabeça novamente.

— E então Strasbourg foi tomada. Pensei em tirar nós dois do território ocupado. Eu falhei, e eu fui levado por Soames depois da minha primeira tentativa de falsificação. Ulrich descobriu o que tinha acontecido, e ele veio até Soames, determinado a me resgatar. Ele começou a espalhar rumores sobre o que Soames estava fazendo, me retendo em um porão.

Edward engoliu em seco e desviou o olhar.

— Ele foi a primeira pessoa na qual Soames me obrigou a implicar como sendo parte da resistência. Eles atiraram nele bem na minha frente.

Ela inalou lentamente. Os olhos dela o lembravam de nuvens de tempestade no horizonte: escuros e impossíveis de ler. — O que você fez? —, Perguntou ela.

— O que mais eu poderia fazer? Eu não tinha como escapar, e eu estava tão ligado na minha cabeça que eu não saberia o que fazer com a liberdade, se me fosse oferecida. Eu fiquei como falsificador de estimação de Soames, acreditando no que ele me disse para acreditar. As pessoas às vezes dizem, que elas perderam a esperança para si mesmas. — Ele deu de ombros. — Mas nunca tão literalmente como eu fiz. Eu perdi todo o senso de mim mesmo por meses. Não havia futuro, nem passado. Apenas ele e a perspectiva da dor. Ele me manteve até que os franceses perderam Paris e pediram por paz.

Ela olhou para ele.

— Finalmente, eu parti de lá. Meu amigo Patrick veio e cuidou de mim até que eu estivesse bem o suficiente para mandá-lo embora. Passei vários anos vagando pela Europa, aprimorando meu ofício como

falsificador, aprendendo a cometer crimes e a não ser pego por eles. — Edward não conseguia olhar para ela agora. — Levei anos para desvendar o que realmente tinha acontecido. Quando eu o fiz, voltei para Strasbourg. Soames ainda estava lá, e de fato, era muito bem-sucedido. Eu sabia o suficiente sobre ele para mudar tudo isso. Forjei as cartas certas e assumi o controle de suas contas, deixando evidências de que ele havia jogado para ambos os lados durante a guerra. E então eu tomei seu dinheiro e o deixei lá para explicar o que tinha feito. Foi assim que eu me estabeleci. — Ele deu de ombros. — Todos os dias, sempre esperei ser descoberto. Há momentos em que eu me pergunto se tudo não é uma mentira afinal de contas, que talvez eu ainda esteja naquele porão, tão aterrorizado de maneira que eu não possa suportar a verdade.

Ela tinha-se sentado, ouvindo, enquanto ele falava, mal interrompendo. — É por isso que não me pediu para perdoá-lo?

— Eu não vejo como você pode. — Sua voz baixou uma nota.

— Não? — Ela olhou em seus olhos. — Você não vê?

— Eu tento não mentir para mim mesmo.

— Você entrou na minha vida —, disse ela lentamente. — Você encontrou provas de que outros jornais estavam copiando minhas colunas. Você salvou um dos meus escritores de um escândalo e de uma possível prisão. Você me salvou do fogo. Você me salvou da prisão. E, sim, você me machucou também. Mas você acha que estaria mentindo para si mesmo se você acreditasse que eu poderia perdoá-lo?

Edward balançou a cabeça. Não era uma negação; ele não tinha certeza do que era.

— Você acha que eu poderia ouvir o que você acabou de me dizer, e não sangrar por você? — A voz dela estava tremendo agora. — Você acha que eu iria condená-lo ao ouvir essa história, ou que eu concordaria que você não tinha salvação? Eu nunca desisti da esperança tão facilmente, e

não importa o quanto você me tenha machucado, eu te amo demais para fazê-lo agora.

— Free —. Ele mal podia falar.

— Então. — Levantou-se, sacudindo as mãos rapidamente. — Você não acha que o pode ter para sempre comigo, nem que as coisas podem ser sempre belas para nós. Admito que há algumas coisas que precisamos discutir acerca do nosso futuro. — Ela descartou todas aquelas *coisas* — todo aquele modo de vida deles, — com um balançar de cabeça. — Mas se você acha que não há possibilidade de resolvermos as nossas diferenças, você *está* mentindo para si mesmo. Nem todas as verdades são amargas, e nem todas as mentiras são doces.

Com o coração aos pulos. — Free. Eu não sei

Ela veio na direção dele. E então, para sua surpresa, ela segurou suas mãos.

— Eu entendo —, disse ela. — Eu entendo porque você fez o que fez. Eu entendo por que você não me disse. Por toda a sua vida você tem pensado que não pode ter nada de bom a menos que a roube. Você me queria; você me roubou. Mas, nunca esperou me manter. — Ela balançou a cabeça. — Eu posso mesmo te perdoar por isso.

Seu coração, aquela coisa fria e seca, voltou à vida, batendo de forma que ele não entendia. Não podia olhá-la nos olhos, ela parecia tão brilhante, tão intocável.

E, no entanto, ali estava ela, tocando-o, desafiando todas as suas expectativas. Isto não podia estar acontecendo; não podia ser real. Mas seus dedos estavam realmente enlaçados nos dele, aquecendo-o do lado de fora.

As feições dela suavizaram-se. — Você mentiu para mim sobre a família que o rejeitou. Eu sabia que você não me tinha dito quando casei com você, e eu casei com você de qualquer maneira. *Eles* o rejeitaram. Eu

fiquei magoada quando descobri a verdade. Mas me machuca da mesma forma que você tenha pensado que *eu* iria rejeitá-lo também.

A outra mão veio e roçou sua bochecha, e ele soltou um suspiro.

— Eu ainda sei quem você é, Edward. E se você se lembra, eu não me apaixonei por um homem que se apresentou como o cavalheiro mais honrado de toda a Inglaterra. Eu me apaixonei por um canalha.

Suas palavras soaram como perdão, algo em que ele nem ousava acreditar.

— Então, sim, Edward. Acho que eu poderia perdoá-lo. — Sua voz tremeu. — Mas você não pode continuar dizendo que eu sou uma mentira, de quem você deve se afastar. Se vamos fazer isso, seja lá como isso for terminar, nós precisamos fazê-lo juntos.

Ele quase não podia ouvi-la. Ela tinha dito *se*, disse que poderia perdoá-lo. Ele não sabia o que fazer com o amontoado de confusas e dolorosas emoções.

Os dedos dela se arrastaram ao longo de seu queixo. Ela inclinou o rosto para cima de forma que ele encontrou seus olhos. — Venha me encontrar quando você estiver disposto a isso.

Ele nunca havia pensado no futuro até agora, tinha-se esquivado dele todos estes anos. Parecia tão impossível de desvendar quanto o seu passado.

Mas quando ele fechou seus olhos, ele não pensou em um porão escuro. Lembrou-se de si mesmo na câmara dos fundos na audiência da Comissão na manhã anterior.

“Nós somos esse tipo de amigos”, Patrick tinha insistido.

E eles eram. Stephen e Patrick tinham sido as constantes em sua vida, as duas pessoas que ele nunca tinha esquecido. Eles foram firmes, não eram uma mentira, não o traíram, e ele...

Que estranho, ele não os tinha traído também. Levou minutos para entender isso, e mais tempo além disso, para revolver esse desconcertante pensamento em sua cabeça, por vezes e vezes, tentando imaginar o que significava.

Talvez o pessimismo fosse tanto uma mentira como o otimismo.

Ele pegou o caderno que sempre carregava consigo e desenhou para lembrar, para recordar todos os detalhes que sua inconsistente, incerta memória jogava fora. Ao longo dos meses, ele havia desenhado uma centena de esboços de Free. E começou um agora, — dela parada em frente à sua impressora, cumprimentando-o — tinha isso acontecido há apenas duas noites? *Tinha*. Ele desenhrou suas saias, se movendo em uma brisa, os olhos dela, brilhando em reconhecimento.

Como em qualquer outro esboço que ele tinha feito dela, neste estava faltando alguma coisa, algo tão fundamental, tão necessário, que ele sabia que nunca faria nenhum direito se ele não descobrisse isso agora.

Ele vasculhou em sua memória, procurando. Lá estava ela, uma silhueta solitária contra as portas de seu negócio. Isso estava errado. Vazio.

Ela não tinha estado sozinha. Lentamente, ele desenhrou nas linhas de suas próprias calças, a inclinação de sua cabeça enquanto ele caminhou até ela. Suas mãos estendidas, o brilhante sorriso em seu rosto, agora parecia fazer sentido.

Nunca tinha sido *ela* que ele tinha desenhado incorretamente. A única coisa que faltava era ... ele mesmo.

Ele sentou-se na pedra e continuou a desenhrou os esboços à luz do sol por muito tempo após ela ter voltado para casa. Ele trabalhou até o sol mudar do seu lado esquerdo até ao direito. A brisa veio e se foi, a água ondulou.

Quando ele estava pronto, ele se levantou e voltou para casa. Marshall o deixou entrar; ele encontrou Free sentada à mesa.

Ela não se levantou quando ele se aproximou dela. Ela não franziu a testa para ele, mas ela não sorriu também. Ele não tinha certeza de como ele caminhou em direção a ela, se alguém estava na sala. Ele não podia ver ninguém a não ser ela, não podia pensar em qualquer coisa exceto que ele não queria mais ser superior a ela, olhando para baixo.

Era uma questão simples ajoelhar-se diante dela, e uma questão ainda mais simples curvar a cabeça.

— Free —, disse ele. — Eu quero lhe fazer feliz, mas eu não sei como.

Por um longo momento, ela não respondeu. E então, muito lentamente, ela estendeu a mão e tomou as suas nas dela.

— Nós vamos descobrir isso —, ela disse a ele.

Capítulo Vinte e Quatro

Free não sabia o que ela estava fazendo naquela casa, se alguém pudesse chamar algo tão vasto por um nome assim tão despretensioso. Os tetos estavam muito acima de sua cabeça, seus passos naquele espaço enorme ecoavam de modo que pareciam pertencer a uma criatura muito maior, um cavalo, talvez, ou um elefante.

E o homem ao seu lado... Ela lançou um olhar para ele.

Edward caminhou ao lado dela, ele parecia se sentir tão desconfortável naquele lugar quanto ela se sentia, e talvez isso fosse a única coisa que a impedia de correr horrorizada.

No dia anterior, ele disse que queria fazê-la feliz. Hoje, ela veio com ele para a sua propriedade em Kent. Porque, ela ainda não acreditava nisto, o homem com quem se casou tinha uma propriedade em Kent, e que era agora uma parte inseparável de sua vida. Ela havia-se casado com ele na riqueza e na pobreza, mas, francamente, neste momento ela teria preferido na pobreza.

Ele fez todos os esforços para fazê-la se sentir confortável e ainda não tinha anunciado o casamento. Ele tinha-se antecipado e dado folga aos criados, porque ele sabia que ela estaria sobrecarregada por uma procissão de pessoas todas querendo satisfazer suas necessidades.

No entanto, de alguma forma, a ausência da criadagem fez a apresentação da mansão por Edward ser ainda mais desconcertante.

Isso era o que ele tinha escondido dela: este vasto espaço vazio, gritando por responsabilidade. Isso era o que ele não lhe tinha contado, porque ele temia que ela não iria querer isso.

— O grande salão —, ele disse-lhe. Em seguida, alguns minutos mais tarde: — O salão azul para a direita; a sala amarela para a esquerda.

— O salão de listras de zebra, — Free murmurou quando ele parou na porta do cômodo ao lado.

Ele olhou para ela, e o meio sorriso em seu rosto lentamente morreu. — Você ... odeia isso.

Com exceção de ser guia turístico, ela se esforçava muito para imaginar-se em qualquer um desses cômodos, fazendo qualquer coisa, mas falhou nisso.

— Não está realmente me agradando muito —, ela admitiu.

Ele saiu do cômodo. — Eu estou fazendo tudo errado. Venha comigo e me deixe te mostrar as partes boas. — Ele marchou pelo corredor até uma porta discreta na parede. Abriu a porta e a levou para uma sala vazia, sem ter seu piso coberto por mármore e retratos enormes olhando para baixo altivamente, em sinal de desaprovação.

— Oh, graças a Deus —, disse Free, respirando de alívio. — Eu estava ficando louca lá fora.

— Aqui. — Edward abriu as portas amplamente para uma sala. — A área de trabalho da costureira. Patrick Shaughnessy, ele é aquele amigo que te falei, a mãe era costureira.

Free piscou. — Patrick Shaughnessy? Por acaso ele tem algum parentesco com... — Ela parou de falar, e então ela olhou para ele. — Claro que ele tem. Claro. Stephen Shaughnessy, ele é um dos motivos de você ter voltado. — Ela olhou ao redor da sala. Uma pequena janela deixava entrar um feixe de luz e se esparramava sobre o piso de madeira nua. Uma cômoda simples estava contra uma parede.

— Sim. Ele é. Ele é como um irmão mais novo para mim.

Ela franziu a testa, lembrando ... — Ele mentiu para mim sobre você. Aquele pequeno ... — Mas ela não conseguiu ficar zangada com ele.

— Torrão, — Edward sugeriu. — É como Patrick e eu sempre o chamamos. Nós o chamávamos de o torrão, mas só quando ele estava presente. Você não está zangada com ele por mentir, não é?

— Ele mal sabia que você se ia casar comigo —, disse ela secamente. — Mas eu trocarei umas palavrinhas com ele. — Fez sentido então tudo o que Edward tinha feito no início. — Então não era somente sobre vingança quando nos conhecemos, não é?

Deu-lhe uma olhada. — Levou cerca de cinco minutos antes de que fosse sobre você também. Você foi a única parte fácil em tudo isso. Se eu não lhe pedi para se juntar a esse futuro desconfortável comigo, é porque eu lhe amo demais para pedir que faça parte disso. — Ele gesticulou em torno dele.

Ela se afastou dele para esconder a emoção que a invadiu. Sim, ela sabia que ele a amava, desde aqueles primeiros cinco minutos. Ele estava começando a aprender como fazê-lo corretamente.

Ela abriu vagamente uma gaveta. — Vamos ver o que temos aqui. — A gaveta não era como ela esperava baseada em suas próprias gavetas. Ela deslizou suavemente, lubrificada. — Lençóis —, disse ela friamente. Fechou aquela gaveta e abriu outra. — Mais lençóis. Santo céu. Se os costurássemos de ponta a ponta poderíamos alcançar o oceano a partir daqui. — Ela fechou aquela gaveta também, e colocou a mão na gaveta de cima. — Deixe-me adivinhar o que está nesta também: mais roupas. — Free abriu-a.

Mas essa gaveta a chocou quando a abriu.

E quando ela olhou para dentro, não eram lençóis e sim uma coleção de dedais, grandes e pequenos. Alguns eram velhos de ferro resistente;

alguns eram novos de um estanho brilhante. Havia centenas de dedais lá. Pelo amor de Deus, por que alguém iria precisar de tantos dedais? Mesmo os criados aqui eram exagerados.

Free olhou para a gaveta, piscando confusa. E de alguma forma, foi o que a ganhou, não os quatro salões ou os vastos terrenos, mas os dedais.

Ela começou a rir, não apenas uma risadinha, mas uma sonora gargalhada. Ela deveria ter sido capaz de parar, mas depois dos últimos dias, de alguma forma, ela não pôde. E doía rir assim. Edward observava em confusão.

— Bem —, disse ela, enxugando lágrimas de alegria de seus olhos —, se o seu irmão aparecer para visitar, eu sei exatamente o que colocar debaixo do colchão.

Edward soltou um estalo de risadas. — As agulhas estão na próxima gaveta.

De alguma forma, depois disso, a visita pela casa ficou melhor. Não que ela se tornasse menos esmagadora; ainda era absolutamente ridículo que quaisquer seres humanos pudessem passar suas vidas cercados por este tipo de riqueza. Mas a visita passou a ser algo que eles estavam fazendo juntos.

Havia alguns criados nos jardins e estábulos que ele não tinha mandado embora, aqueles cujas tarefas não poderiam suportar alguns dias de negligência, mas eles saíram quando Free e Edward se aproximaram. Edward mostrou a oficina do ferreiro, explicou como se colocavam ferraduras em um cavalo e demonstrou como funcionava o fole. Isso, ela poderia aceitar. Depois disso, ele a levou até às ruínas no morro.

Ele mostrou os limites da propriedade, vagos e indistintos, milhares de acres, centenas de arrendatários. Ela mal podia acreditar.

— Um dos primeiros conflitos na batalha por Maidstone aconteceu bem ali em baixo — ele disse-lhe. — Na época em que meu antepassado

era um mero barão Delacey. As pessoas vêm constantemente para ver este lugar por razões históricas. Meu pai odiava isso.

— Vamos colocar um monumento, — Free sugeriu. — Abra-a para o público.

Ele se sentou em uma das ameias quebradas e sorriu. — Melhor. Nós poderíamos cobrar entrada, isso seria tão grosseiro que meu pai iria se revirar em seu túmulo. — Seu sorriso se alargou, e ele virou o dedo em um círculo preguiçoso. — O que também seria útil. Poderíamos anexar seu caixão a algum tipo de motor e usar o poder da sua indignação para Eu não sei, moer milho.

Free se encontrou sorrindo e veio sentar-se ao lado dele. — É assim que nós vamos manchar o nome da família, então?

— Oh, nós já fizemos um excelente começo sobre isso, mas por que nos limitarmos a apenas uma opção? Eu poderia expandir a ferraria para poder trabalhar com um pouco de metalurgia por aqui, se decidirmos ficar aqui. — Ele olhou para ela. — Isso iria empregar alguns dos homens também, e da maneira que eu vejo, quanto mais pessoas empregarmos em um esquema produtivo e real, em vez de seguirmos por nossos caminhos corrompidos... — Ele mexeu a mão, indicando a casa abaixo. — Bem, melhor seria.

Ela tomou sua mão. — O palácio enorme e as propriedades são um problema significativo, mas eu quero continuar com meu jornal. — Ela abraçou os joelhos. — Essa é a única coisa que eu insisto, tudo o resto podemos dar um jeito, mas meu jornal não é negociável.

— Muito bem, então. Vamos fazer isso acontecer. Eu prometo.

Eles olharam para longe, era realmente uma excelente encosta de um castelo em ruínas. Ela tinha um ponto de vantagem sobre o rio lento, preguiçoso, fazendo o seu caminho através das árvores. No horizonte

distante, ela podia ver as águas azuis do mar espumantes desvanecendo no céu indistintamente

— Alguém —, Free disse, — vai ter que fazer as tarefas que a senhora da casa deveria fazer.

Ela não continuou, pois estava realmente considerando isso. Ela estava considerando-o, considerando o que ela teria que ser, teria que fazer para se tornar sua viscondessa.

Ela não tinha certeza de quem pegou a mão de quem ou quem entrelaçou os dedos de quem.

— Pelo lado bom, — Free disse, — aquela casa tem muitos cômodos para esconder os corpos de meus inimigos.

Com o polegar ele lhe acariciou a palma da mão. — Nós vamos colocá-los na sala de listras de zebra, — ele disse a ela.

— Não podemos ficar assim pelo resto de nossas vidas? — Free perguntou. — Apenas nós dois, juntos. O resto do mundo pode desaparecer. Eu gosto disso assim.

— Não —, disse ele. — Nós não podemos, você ficaria entediada em meio dia. E como vamos encher a sala das listras de zebra com os corpos de seus inimigos, se nós nunca sairmos para os atacar e matá-los?

Ela estava rindo ainda, quando viu um punhado de poeira levantando na estrada a mais de uma milha de distância. — Alguém está vindo.

Edward olhou para cima e, em seguida, lentamente endureceu. Sua mão apertou a dela. — Sim —, disse ele lentamente. — E Prefiro pensar que eu reconheço a carruagem. Seria lindo se fôssemos apenas nós dois, Free, mas não somos. Aquele é meu irmão.

Capítulo Vinte e Cinco

Edward estava esperando com Free no salão azul quando James Delacey chegou. Free não se moveu quando a carruagem parou no anel de cascalho do lado de fora da casa. Mas ainda assim, era como se ela estivesse cada vez mais longe, como se estivesse à deriva dele em cada respiração.

Através das cortinas de gaze da sala, eles podiam ver os cavalos vindo até a casa. Um lacaios saltou fora da parte traseira de seu transporte, colocando um degrau, outro apareceu e abriu a porta. O primeiro estendeu a mão, apoiando seu irmão enquanto saía.

Ao lado dele, Free sacudiu a cabeça. — É suposto que tenhamos *todos* esses lacaios? —, Ela sussurrou em tons chocados.

— Sim —, ele sussurrou de volta. — Mas podemos deixar o decoro um pouco de lado, tanto quanto nós gostarmos, lembre-se, *suposto* não é uma necessidade, apenas uma consideração.

Ela franziu a testa e cruzou os braços.

James caminhou para a frente com confiança, marchando até a casa em seu ritmo.

As portas da frente mantiveram-se obstinadamente fechadas, James chegou perto das portas, apenas algumas polegadas de distância dos painéis de madeira, e franziu a testa para as portas, em confusão. Lentamente, ele recuou alguns passos e em seguida, ele caminhou até as portas de maneira hesitante. Elas ainda não se abriram.

Não havia funcionários para abri-las de qualquer forma. James, sem dúvida, não tinha nenhuma experiência com o conceito de “*sem criados*”.

Seu irmão estendeu a mão e, com uma expressão de estranheza no rosto, tocou a maçaneta da porta.

— Você acha que ele será capaz de fazer isso? —, Disse Free ao lado de Edward.

Edward não tinha a certeza. Alguma parte má dele queria puxar para fora seu relógio de bolso e ver quantos segundos iriam passar antes que seu irmão decidisse assumir a árdua tarefa de exercer pressão sobre o próprio punho. Em vez disso, ele suspirou. — É sua casa, Free, se você me aceitar ou não. Com tudo o que meu irmão fez com você, podemos ao menos deixá-lo entrar?

Seus olhos se estreitaram e suas narinas se expandiram. — Com tudo o que ele fez para você, você pode deixá-lo entrar?

Por um momento, eles trocaram olhares. Ela suspirou e desviou o olhar primeiro; ele soltou a respiração.

— Eu suponho que nós teremos que resolver isso com ele mais cedo ou mais tarde —, disse Edward.

As mãos dela seguraram seus quadris. — Mais cedo, — ela disse com um rosnado. — Vamos acabar com isso logo.

— Então eu vou mostrar a ele como as dobradiças funcionam.

Ele a deixou para trás. A porta da frente se abriu facilmente, deixando sol da tarde espalhar-se na entrada escura.

James estava ali, com a expressão mais estranha em seu rosto e quando ele viu que o próprio Edward tinha aberto a porta, seu rosto ficou pálido e colocou uma mão em seu bolso.

— Edward —, disse ele. — Onde diabo estão todos os servos?

— Em um período de férias à beira-mar, — Edward respondeu. — Eles estarão de volta em poucos dias.

— Todos eles?

Ele não tinha vindo aqui para falar sobre os servos. Edward virou-se de lado e fez um gesto para seu irmão entrar na casa. Não fazia muito tempo que James tinha pensado nesta casa como sendo dele. Deveria queimá-lo por dentro ter que pedir para poder entrar, mas se James estava incomodado, ele não deu nenhum sinal disso e simplesmente seguiu Edward para a sala azul.

Ele não notou Free sentada em uma cadeira no lado oposto da sala. James virou-se para olhar para Edward, logo que entrou pela porta.

— Temos de falar sobre o futuro, — James estava dizendo. — Eu não gosto do que você fez, você mentiu para mim e armou o maior escândalo. Todo o mundo em Londres está falando sobre suas reivindicações na audiência. Há os rumores mais inacreditáveis sobre o que aconteceu depois.

— É mesmo? — Edward perguntou, não muito educadamente.

— Mas não é tarde demais. — James deu um aceno para Edward. — Se vamos superar tudo isso com alguma aparência de dignidade, eu e você devemos ser vistos em termos amigáveis.

— Devemos? Eu pensei que seria impossível.

— Sim. — James suspirou, completamente equivocado. — Vai ser difícil fingir depois do que você fez para mim, mas eu posso fazer isso pelo nome de família. Começarei oferecendo um pequeno conselho. Você deve parar de fazer coisas ridículas como mandar todos os criados para o litoral. Ficará com uma reputação de excêntrico se você continuar com isso, e você já está lidando com um fardo o suficientemente pesado.

— Eu não me importo de ter uma reputação de excêntrico.

James acenou. — Você diz isso agora, mas daqui a alguns meses você mudará de ideia. — Ele atravessou a sala para encontrar uma garrafa e encheu um copo e o levantou. — Você tem um nome e um título para viver

agora Edward, o fardo muda você. Nós podemos perder tempo brigando um com o outro, ou podemos lidar com isso como cavalheiros e irmãos.

— Ah. Como os senhores e irmãos lidam com as coisas, então? —, Perguntou Edward.

Seu irmão ainda não tinha visto Free. Ela sentou-se congelada no lugar, observando os dois.

James voltou para Edward, copo na mão, e apertou o seu ombro de modo em que Edward pensou ser uma forma cavalheiresca, fraternal. — Você se veste com trajes de classe média, e não podemos permitir isso. Então, vou levá-lo de volta para a cidade e apresentá-lo ao meu alfaiate. Depois disso, devo mostrar-lhe a todas as pessoas certas. Você terá que casar, a esposa certa irá abrir-lhe as portas, não importando o seu passado. Na verdade, eu conheço uma mulher, se você confiar em mim.

— Ha.

— Você vai-me dar uma mesada que convenha à minha posição e vamos sorrir um para o outro em público. Isso dirá a todos que não importa o quão incomum seu passado possa ter sido, você agora segue as regras do jogo.

— Eu entendo, — Edward disse gravemente. A mesada, ele suspeitava, era o principal objetivo de seu irmão e a única razão pela qual ele ainda não se tinha tornado desagradável. — Existem inúmeras falhas com esse plano, mas um problema parece insuperável.

James levantou uma sobrancelha.

— Eu já sou casado.

O queixo de seu irmão ergueu. — *Esse* era um dos rumores de ontem que eu esperava não ser verdade. Certamente, o que eu ouvi deve ter sido confundido de alguma forma, nem mesmo você se rebaixaria tanto a ponto de casar...

— Oh, eu não me rebaixei ao casar —, disse Edward. — Tenha a certeza do que contam.

— Ah. — James parecia visivelmente satisfeito.

— Na verdade, você pode encontrá-la sozinho, é só se virar.

James o fez. Edward poderia dizer o momento exato em que ele a viu, a mudança que tomou conta do seu irmão foi absolutamente elétrica. Ele quase rosnou, e deu dois passos para trás.

— Isso é uma piada —, disse ele. — Os rumores, ela aqui É uma piada.

Free se levantou.

— Não é uma piada —, Edward disse-lhe.

— Oh. — James engoliu em seco. — Meu Deus, Edward. Isto é ruim, muito ruim. Pior do que qualquer coisa que eu temia ontem.

Ele não tinha dito uma palavra de saudação a Free. Ele não a considerou de maneira alguma diante dos seus olhos, e Edward sentiu sua raiva começar a ferver.

James virou-se para Edward. — Você não pode se casar com ela. Pelo amor de Deus, Edward. Pense sobre o que o nome da família Delacey significa. Vamos descobrir ... alguma coisa. Eu prometo. Vamos tê-la ...

— Eu continuarei a ser Edward Clark —, disse Edward. — Fui chamado Clark durante os últimos sete anos e eu não serei um Delacey novamente, e com certeza não pedirei a minha mulher que assuma esse nome. Se eu precisar, usarei o nome dela antes de assumir Delacey.

James cuspiu. — Isso é um absurdo, assim como ela é também. Eu sei que ela — ele apontou acusadoramente para Free — pode totalmente enfeitiçar um homem. Deus sabe que eu experimentei isso sozinho. Mas...

A mão de Edward apertou no ombro de seu irmão. — Um conselho —, disse Edward. — Não insulte minha esposa. O que quer que você esteja prestes a dizer, engula.

— Por quê, porque você está tão completamente seduzido por ela que você ataca o seu próprio irmão? Isso é prova suficiente de que você precisa ouvir o que estou dizendo, no entanto, essas verdades devem ser duras para você.

— Meu próprio irmão? —, Disse Edward. — Este é o irmão que tentou fazer com que os negócios da minha esposa queimassem até ao chão? O irmão que anulou licenças legalmente emitidas, que conspirou para tê-la jogada na prisão e agredida com quem sabe qual tipo de tortura?

Free se levantou e deu um passo para James. — Este é também, eu acredito, o irmão que escreveu ao Cônsul Britânico em Strasbourg, alegando que você era um impostor.

— Sim. Isso. — Edward fez uma careta.

James levantou as mãos apaziguadoramente. — Eu te garanto, esse último foi um passo em falso.

— Não, James, eu sei como um irmão age. O homem que é verdadeiramente meu irmão arriscou a vida para me salvar quando eu precisava dele. Ele me disse que eu poderia ser alguém bom, em vez de me dizer que eu era um embaraço para se estar envolvido. Ele nunca zombaria de minha esposa, muito menos a ameaçaria de repúdio. Eu sei como é ter um irmão, e você não é o meu.

James se ergueu. — Muito bem, então. Faça o seu próprio caminho na sociedade. O escândalo da corte, se desejar. Eu só vim aqui para ajudá-lo. — Ele fungou. — Muito melhor para mim. Você pode falar com meu advogado sobre uma mesada aceitável.

Ele se virou para sair.

Free falou novamente. — Você realmente acha que, depois de tudo que você fez, você ainda receberá uma mesada?

James parou mais uma vez. Seus ombros tensos. Ele se virou para ela, seu lábio tremendo.

— Eu sou um cavalheiro —, disse ele rigidamente. — Claro que eu vou.

— Você acha que devemos lhe fornecer dinheiro suficiente para que você possa continuar a ferir os outros. — Ela bufou. — Isso parece imprudente. Você era uma praga horrível antes, por qual motivo devemos dar-lhe a oportunidade de continuar assim?

— Eu ... porque ...— James parou de falar. Ele parecia tão perplexo como se ele se tivesse aproximado de uma casa e tinha as portas permanecido teimosamente fechada. — Porque —, ele repetiu: — Eu sou um cavalheiro. Porque seria escandaloso fazer o contrário. — Seus dentes rangeram. — Porque os meus próprios fundos acabarão em alguns anos. Pense no que ter um cunhado deserdado significaria para a reputação da nossa família. Eu não acho que eu preciso discutir qualquer outra coisa na frente de uma senhora, mesmo que a companhia em questão dificilmente seja elegante e refinada como uma dama.

Free simplesmente ignorou esse insulto. — Eu lhe disse uma vez que tudo o que tentou fazer contra mim, teria retorno a você mil vezes. Agora, talvez você acredite em mim.

James olhou para ela, seus dentes apertando, o rosto ficando vermelho. Então ele se virou, sacudindo a cabeça para Edward. — Você precisa controlar sua esposa.

— Você não percebeu isso? — Edward disse calmamente. — Eu casei com ela para libertá-la para o mundo, não para mantê-la presa em segredo.

James piscou, como se estivesse tentando entender isso.

— Eu casei com ela porque ela me fez acreditar nela —, disse Edward. — Porque eu desejei-a para além de seu poder, e não sob o meu. Você não tem ideia da dívida que eu tenho com ela, por ela eu faria o impensável.

Ele olhou para Free.

— Se ela me pedir para fazê-lo —, disse James, — Eu até o perdoarei.

Ele esperou aquelas palavras assentarem e permitiu que seu irmão as compreendesse. Viu James virar-se para Free, o maxilar apertado e perguntou-se se James encontraria as palavras para implorar, ou se, como tinha acontecido com a porta, ele ficaria lacônico e confuso.

Ele nunca saberia.

— Não se preocupe, — Free disse a seu irmão. — Tudo o que você tiver a dizer não me comoverá. Você é jovem, tem uma boa educação e vários anos de fundos. Nunca é tarde demais para aprender uma profissão.

James soltou um grito inarticulado de raiva. — Uma profissão!

— Uma profissão. — Edward se encontrou sorrindo. — É o que a maioria dos homens fazem. Experimente-o em algum momento; pode combinar com você.

James cerrou os punhos. — Você vai-se arrepender disso. Você realmente se arrependerá. Haverá um escândalo, eu lhe digo.

Free veio para a frente. — Sim —, ela disse simplesmente. — Nós faremos um enorme escândalo. Veja só, nós somos bons em escândalos. E se você acha que o que aconteceu com você será a pior parte desse escândalo, pense novamente. Você será a menor, a mais insignificante parte do que faremos.

Seus dedos seguraram a mão de Edward, e ele apertou a mão dela. Era uma sensação real e sólida. Ela sentiu como se tivesse chegado ao seu lado, não apenas para o momento, mas ... para tudo, para sempre.

Ela levantou o queixo. — Agora saia da nossa casa —, disse ela.

E James saiu.

A porta se fechou atrás do irmão de Edward.

Free ficou olhando para ele, ouvindo suas próprias palavras ecoar em sua mente. *Saia da nossa casa*. Ela tinha acabado de aceitar tudo isso.

— Free —. A mão de Edward apertou a dela, se virou para ela, deslizou seu outro braço em volta da sua cintura. — Você está bem?

Foi quando ela percebeu que estava tremendo. — Sim. Eu — é só que ...

— Eu sei —, disse Edward. — É apenas.

Free respirou fundo e olhou em volta da sala azul. Ela ainda não se encaixava, não sabia como assumir esse papel.

— Ah —, disse Edward. Ele sorriu aquele sorriso que ela tinha aprendido a ler como vulnerabilidade ao invés de maldade. — Quando eu disse nós, é claro, eu não quis dizer...

Ela pegou seus ombros. Ele parou no meio da frase e, em seguida, sacudiu a cabeça.

— Eu quis dizer —, ele sussurrou, — eu e o que você decidir.

— Oh, seu idiota —, disse Free. — Você é o único que faria tudo isso valer a pena.

E então ela fez o que estava querendo fazer desde que ela o viu pela primeira vez na casa dos seus pais: Ela o beijou. Não de forma branda. Suas mãos agarraram seu casaco, os dedos enrolados no tecido, e ela apertou-se a ele. Sua boca encontrou a dela.

— Free —, ele gemeu. — Oh, Deus.

Eles iriam fazê-lo funcionar. De alguma forma.

— Eu tenho que acreditar nisso, — disse ela. — Tenho que acreditar que, com as piadas sobre dedais, a forma como temos sido capazes de resistir a todas as crises que surgiram em nosso caminho juntos ... — Ela tomou outro beijo dele. — Eu tenho que acreditar que, com tudo isso, que

podemos resolver isso também. Eu não sei como ainda, mas se você acredita em *nós*, então eu acreditarei também.

Seu polegar traçou uma linha para baixo em sua garganta, uma linha sensual. — Eu te amo. Como eu não poderia acreditar em você? Mas ...

Ela trouxe-o para perto. — Não diga isso —, disse ela. — Não me diga o quão pouco você confia em si mesmo, Edward. Eu já ouvi o suficiente disso. Diga-me que eu posso acreditar em você, que eu posso confiar em você e que você nunca vai me desapontar.

Ele deixou escapar um longo suspiro. E depois, lentamente, seus lábios desceram para os dela. — Eu ... — Sua voz era áspera. — Eu ...

— Porque quando eu olho para o que você fez por mim, eu posso acreditar em você. Você salvou meu jornal do fogo. Você me salvou da prisão. Você reuniu provas para que eu pudesse abrir um processo contra o seu irmão.

Seus lábios eram ásperos contra os dela. — Free ...

— E eu nem sequer mencionei o *puppy-cannon*.²³

Ele a beijou. — Encanto, tenho outra confissão a fazer, pode ser tão ruim quanto a última.

Ela se afastou, olhando para ele, quase com medo de ouvir o que ele tinha a dizer.

Ele se inclinou e sussurrou. — Eu não tenho um *puppy-cannon*.

— Nenhum cachorro de canhão? —, Ela repetiu.

— Não. As leis da física de canhões são realmente muito cruéis para os cães. Eu não posso endossar a ideia, apesar do quão fofinho parece, a princípio. Embora eu tenha que admitir que ele faria uma excelente tática parlamentar. Você pode sentar-se na Galeria das Damas, e ao meu sinal,

²³ **Puppy-cannon:** Literalmente *canhão de cães*, como os homens que são lançados por um canhão, no circo. Neste contexto é uma brincadeira entre Free e Edward. Um paralelismo com o que em Português se chama “lançar uma bomba”, “lançar farpas”. Em sentido figurado, significa lançar a confusão, lançar a controvérsia, lançar a polémica.

quando alguém disser algo ridículo ... — Ele fez um barulho que parecia algo como um foguete.

— Arf, arf —, acrescentou, com um meio sorriso. — Será que vai chocá-lo ouvir que eu acredito em você, mesmo com cachorro de canhão? Eu acredito, Edward, eu acredito em você. E eu desejo que você também acredite.

Ele deixou escapar um longo suspiro, irregular. — Eu ... eu acredito. — Sua voz era dura. — Eu acredito em nós. — E então ele a puxou para ele.

Seu beijo a consumiu, suas mãos estavam quentes contra seu corpo. Ela não tinha certeza se ela desabotoou as calças, ou se ele o fez; ela não tinha certeza se ela enrolou as pernas em torno de seus quadris, ou se ele a ergueu contra a parede. Mas quando ele se juntou a ela, suas mãos fortes contra sua cintura, ela se deixou perder na sensação dele, à volta com seu beijo. O impulso dele dentro dela, construindo, unindo.

Embora eles se tenham vindo juntos, o clímax dela veio devagar e não numa súbita onda, e sim num processo lento, numa onda suave, um construído aos poucos até sobrecarregar todos seus sentidos, tomando conta dela. Ele veio-se logo depois, empurrando duro, segurando-a no lugar contra a parede.

Quando terminou, ele sorriu. — Deus —, ele rugiu. — Vale a pena. Tudo vale a pena, só por você.

Ela não podia discordar e a levou para a cama logo após.

Mesmo que parecesse estranho e nada familiar, ela sorriu para ele enquanto ele a ajudava com a roupa de noite. Ela enrolou-se na cama, mas se sentia pequena na vasta extensão de linho. Mesmo quando ele se juntou a ela, enrolando seu corpo em torno dela, todo o espaço vazio e extra os rodeando parecia um território hostil.

— Vamos fazê-lo funcionar —, ela disse-lhe. — Se quaisquer duas pessoas podem fazer este trabalho, somos nós.

Ele soltou um suspiro, sua mão escorregando em volta da cintura. — Nós vamos. Mas não é isso que você quer de sua vida.

— Há alguma paridade, — ela disse-lhe. — Eu duvido que você já disse para si mesmo: — Eu não quero nada mais do que me casar com uma mulher cuja imprensa radical acumula ameaças de morte e tentativas de incêndio criminoso.

— É falta de imaginação da minha parte. — Ele beijou seu ombro. — Eu só tinha de vê-la e saber que eu não queria nada mais. Você, por outro lado ...

— Todos reveem seus sonhos ao longo do tempo, Edward. Nós vamos descobrir o futuro amanhã. Para hoje à noite ...

Ele soltou um suspiro.

— Para esta noite, — Free disse: — Eu finalmente quero ter essa conversa que me prometeu sobre quão atraentes eu acho seus músculos.

— Ah —, ele retumbou contra o peito. — Você?

Ela deslizou as mãos pelo seu lado. — Sim.

E assim ela fez.

Depois de terem terminado a segunda vez, depois de Free ter adormecido ao seu lado, Edward deslizou o braço ao redor dela. Ele podia sentir seu peito subir e descer, devagar no início e depois mais lentamente ainda.

Era tão perto do céu que quase podia aceitá-lo como seu futuro. Tão perto e mesmo assim, tão longe.

Todos reveem seus sonhos ao longo do tempo.

Mas não Free. Ele queria dar-lhe mil coisas. Rever seus sonhos para que se encaixassem na vida dele não estava em sua lista. E, no entanto, era o que tudo isso significava, não era? Ela viver nesta casa, pensar sobre seus inquilinos. Mesmo que ela transferisse o jornal para a propriedade, a propriedade seria sempre o trabalho extra para ela, minando sua energia das causas que ela amava.

Sua respiração igualou ao lado dele, aprofundando, chegando a um ritmo constante. A noite escureceu de azul, para roxo e para preto.

— Eu não quero que você se comprometa —, disse Edward. — Eu quero que você se levante.

Mas Free estava dormindo e ela nem sequer murmurou em resposta.

— Eu te amo —, Edward disse a ela. — Eu quero realizar o desejo do seu coração, e não passar o resto da minha vida sabendo que eu roubei seus sonhos.

Ainda assim, ela não se moveu. Anos com ela se passaram na frente dele — anos de quase, anos em que ela sentia a felicidade com ele quase tão grande como se eles nunca tivessem se conhecido. Anos observando-a olhar para fora das janelas desta casa enorme, lembrando do que ela teve uma vez.

Esta propriedade, este título, esta vida ... para ela, tudo isso seria uma ferida constante, uma eterna fonte de dor. Ele não podia fazer isso com ela.

Lentamente, ele se afastou dela, ainda mais devagar, ele fugiu de sua cama.

Ele não se atreveu a olhar para trás, simplesmente saiu pela porta e desceu as escadas, antes que ele perdesse a coragem.

Capítulo Vinte e Seis

O som dos pássaros despertou Free do sono. Silvos felizes de verão se infiltraram através da janela aberta. Ela acordou, abrindo os olhos a um feixe de luz solar atingindo o tapete. Ainda era cedo; o amanhecer chegava mais cedo no verão.

Naquele momento, a luz da manhã iluminava o desenho de um tapete rico, importado sabe-se lá de onde, e móveis de mogno entalhados à mão se apoiavam contra as paredes. A janela enquadrava as colinas de uma propriedade que ela não queria, mas que teria de qualquer maneira. Depois da noite passada, entretanto ... Depois da noite passada, aquela sensação de desconexão tinha dado lugar a uma dor surda. Em um mês, ela talvez estaria satisfeita.

O único consolo, a única coisa que fazia tudo valer a pena, era lembrar que eles estariam fazendo isso juntos. Ela fechou os olhos e virou-se na cama, procurando seu marido. Encontrou lençóis frios no lugar dele, o que a despertou na hora. Ela saiu da cama e procurou seu robe.

Ele não estava no quarto de vestir, nem na biblioteca ao lado, nem em Ela não tinha nomes para todos os quartos em que ela procurou. Por que alguém precisa de três salas de estar, todas em cores diferentes?

Onde ele estava? Por que ele não a acordou? Ele não iria deixá-la, ela disse a si mesma. Não entraria em pânico e o baque de seu coração não tinha nada a ver com o medo.

Ela correu para o andar de baixo em uma escada larga o suficiente para caber um rebanho de gado fugindo em disparada. Numa situação

comum, ela poderia ter perguntado aos servos onde ele estaria, mas não havia servos, exceto nos estábulos. Certamente eles o teriam visto lá, se ele tivesse partido.

Ela correu para fora, o orvalho na grama encharcava em seus chinelos. Mas enquanto ela se aproximava dos estábulos, ouviu vozes, apenas sussurros murmurados sobre um som de batida alto. Ela ouviu Edward, não tinha percebido o quanto estava preocupada até que ela cambaleou de alívio, ao saber que ele não tinha desaparecido.

— Só assim, — ele estava dizendo. — Sim, vamos precisar disso um pouco mais quente do que você usaria para uma ferradura. Espere até que ele esteja laranja.

O som pesado se repetia, e agora ela o reconheceu como um fole de trabalho. Ele tinha-lhe mostrado no dia anterior. Correu até aos estábulos e virou a esquina para a oficina do ferrador.

Edward estava segurando um pedaço fino de metal sobre um fogo. Ele usava luvas de couro grossas, tinha tirado o casaco e arregaçado as mangas. Ele virou o ferro na mão, lentamente, com grande precisão. Free perdeu o fôlego ao vê-lo, exibindo tão belamente os músculos que ela admirou de perto na noite anterior, a concentração em seu rosto.

O metal foi do cinza escuro ao vermelho escuro, chegando em laranja. Ele pegou uma ferramenta parecida com uma pinça e, em seguida, bateu o metal com ele, moldando-o com luz e toques suaves em uma curva graciosa.

— Assim —, ele disse ao homem que trabalhava no fole. — Agora, aqueça para finalizar. Isso estará muito quente Jeffreys, trabalhe duro no fole, até que o ferro esteja quase amarelo. — Ele segurou a ponta no fogo, observando. — Sim. Precisamente assim.

Antes que ela pudesse entender o que estava acontecendo, ele tinha colocado algo na mesa, algo pequeno e brilhante. Tocou a extremidade

aquecida daquela coisa com seu ferro, segurando-o no lugar por um momento.

— Assim. Essa é a última, Jeffreys.

O homem parou de trabalhar no fole. — Você sabe como trabalhar numa forja, senhor. Meu senhor, quero dizer.

Edward entortou o nariz, mas ele não disse nada. Em vez disso, ele caminhou até um barril, colocou o fino metal dentro e o vapor subiu em nuvens.

— Aí. — Ele pegou-o, virando-o de um lado a outro, considerando.

Ela não tinha tido uma boa visão do objeto antes, podia vê-lo agora. Parecia uma flor. Uma flor feita de ferro, a base ostentando folhas graciosas, a haste se levantando em uma curva suave, inclinando-se para algum vento invisível, terminava no que parecia ser um pequeno sino de ferro. Não, ela se inclinou para frente observando, aquilo não era um sino.

Ele acenou para sua obra e, em seguida, virou-se. Foi quando ele a viu, seus olhos se arregalaram um pouco. — Free.

— Edward.— Ela olhou para ele. — Você acordou cedo.

— Não exatamente. — Ele deu um pequeno sorriso cansado. — Eu não dormi ainda. Agora feche os olhos, Free. E Jeffreys — você pode sair agora, obrigado por sua ajuda. — Edward sacudiu a cabeça, e o homem que tinha trabalhado o fole sorriu levemente, inclinou-se e saiu.

— Fechar meus olhos? — Free não o cumpriu, ao invés olhou em volta. — Por que eu deveria... — E então ela parou, perdendo o folego, porque havia outros, um balde inteiro delas, hastes erguendo-se graciosamente para belas flores. Era como olhar para um campo de flores de metal ondulando numa brisa da primavera. Ela deu um passo para a frente.

Não, aqueles realmente não eram sinos. Eram dedais, ele deve ter tomado um punhado do quarto da costureira e tinha feito todas estas flores

a partir deles. De repente ela poderia sentir as pedras sob seus chinelos, duros, pequenos pontos pressionando as solas dos pés.

— Ontem à noite —, disse ele, — depois que você adormeceu, eu fiquei pensando. De todas as coisas que você disse, de todas as coisas que eu sei que você quer, você me disse que todos acabam por mudar seus sonhos ao longo do tempo.

— Eu disse. — O que isso tinha a ver com um maço de jacintos de ferro, ela não sabia.

— Você disse que queria acreditar em mim—, disse ele. — E, é o seguinte, Free. O que eu mais me lembro foi daquele dia em seu escritório. O dia em que completamente, de forma irrevogável, eu me apaixonei por você. Eu fui um completo idiota com você, e eu lhe disse que você estava tentando drenar o Tâmis com dedais.

Ela sorriu levemente. — Eu lembro-me disso.

— Você me disse que eu tinha entendido errado, que não estava tentando drenar o Tâmis, você estava regando um jardim, gota a gota. Você me fez pensar, pela primeira vez na minha vida, que havia uma maneira de ganhar contra tudo isto. — Ele esticou os braços.

Sua garganta estava arranhada.

— Então era isso que eu estava fazendo na noite passada. — Sua voz era baixa. — Você me disse para acreditar em mim mesmo, e por isso fiz-lhe um jardim de dedais. Uma promessa, Free, que nós não iremos nos expor, que nosso casamento não será *quase* o que você desejava, que seus sonhos não vão mudar, que eu não vou serei a pessoa que te detém, mas o homem que carregará dedais para regar o seu jardim quando seus braços estiverem cansados.

Uma brisa veio, girando entre eles, e os caules dançavam ao vento, as flores batendo alegremente juntas.

— Foi assim que eu pensei que eu poderia fazer isso para você —, disse ele. — Gota a gota. Dedal por dedal. Mas quando eu já havia feito metade dessas flores, eu sabia que não era o suficiente. Eu não poderia pedir-lhe para se tornar mais uma viscondessa. Eu seria infeliz; você seria miserável. E você faria um trabalho legal, mas há uma centena de mulheres que poderiam ser viscondessas. E há apenas uma de você.

Ela estava se sentindo zozona, seus joelhos estavam fracos, então ele pegou sua mão. — Então, eu estou te pedindo, Free. *Não* seja a minha viscondessa, não frequente minhas festas, não cuide de minha propriedade. Deixe-me segurar seus dedos, seja você, a mulher mais maravilhosa que eu conheci. Eu serei aquele que se certificará de que você nunca fique sem água.

— Como? — Sua voz falhou. — Você tem um lugar no Parlamento, uma propriedade que precisa de cuidados. Sua esposa precisa cuidar para que ...

— Não —, ele disse suavemente.

— Quero dizer, é, Edward. Não tenho paciência para aqueles senhores que negligenciam suas funções.

Ele veio até ela e tocou seu rosto. — A bela coisa sobre ser um canalha completo e absoluto é que eu não tenho que aceitar a realidade de todos os outros. Eu tive essa ideia na noite passada. Esta estranha e incompreensível ideia. Por que temos de tomar decisões sobre a propriedade? Eu passei os últimos sete anos da minha vida chantageando pessoas e forjando cartas. Não sei nada sobre gestão de propriedade.

— Você poderia aprender.

— Por que eu deveria? Nenhum de nós quer isso. Por que devemos mudar as nossas vidas inteiras quando há pessoas que já conhecem este lugar melhor do que eu jamais faria? Deixemos que eles cuidem disso.

Free piscou. — Quem, queres dizer?

— Toda a terra que te mostrei ontem? Essas centenas de inquilinos, todas as pessoas da cidade, que contam com a propriedade? Eles sabem o que eles precisam, e eles certamente não precisam de nós para lhes explicar isso. Os deixemos decidir como gerenciar tudo isso. É a vida deles, imagine o que aconteceria se eu simplesmente saísse do caminho.

Free soltou um suspiro. Ela estava tentando imaginar tudo aquilo, como ter tudo aquilo e ter seu jornal também. É ... poderia ser possível.

— Tome esta casa, por exemplo —, disse ele. — Nós não queremos isso. Então, por que não encontrar uma melhor maneira de usar os fundos para mantê-la aberta? Perguntar aos moradores o que eles querem, talvez eles optem por alugá-la, talvez usem a casa como um hospital ou uma escola.

— Você está certo —, Free disse lentamente. — Será que devemos escolher um conselho de inquilinos, então?

— Escolher? — Ele sorriu para ela. — Venha, minha querida, é hora de parar de ser tão gananciosa e passar a ser mais política.

Por um momento, seu coração parou. E então, o futuro realmente se abriu para ela, e começou a sorrir.

— Prefiro pensar —, disse ele, — que eles são competentes para votar em um conselho sozinhos.

— Eles podem. — Ela não conseguia respirar. — E quem você acha que vai começar a votar?

Ele estendeu as mãos e tomou as delas. — Você precisa perguntar? É a nossa propriedade, nosso conselho, podemos definir quaisquer regras que desejarmos.

Os jacintos se movimentaram com outra brisa, dedal após dedal, soando ao mover-se.

— Então, — ele terminou, — eu acredito que as mulheres votarão, também.

Ela não conseguia parar de sorrir, estendeu a mão e puxou-o para ela. Ele era sólido e real em seus braços. E ele estava certo, não havia necessidade de compromisso. Não com ele. De agora em diante, não haveria o quase, apenas mais e mais, e mais.

— É aí que começaremos —, disse ele. — Quando a sociedade não conseguir responder Bem, nós tomaremos o resto do mundo.

Ela puxou-o para um beijo. — Eles não têm chance.

Epílogo

Era fim de agosto, e a sala de arquivo do *Woman's Free Press* estava miseravelmente quente. Em parte, era porque o tempo estava decididamente quente. Em parte, era porque nenhuma brisa entrava pela janela, mesmo que elas estivessem tão abertas quanto podiam. Mas, na maior parte, era porque havia sete pessoas contando com Edward, que lotavam o pequeno espaço.

A cadeira e a mesa que uma vez tinham estado ali foram utilizadas para outro fim, carregando comida e bebida. Isso significava que todos estavam sentados no chão.

À esquerda de Edward, o joelho de Oliver Marshall esbarrava em sua coxa. À sua direita, Patrick Shaughnessy sentado, em silêncio contemplando suas cartas. Violet e Sebastian Malheur sentavam-se ombro com ombro na sala. Em frente a eles estava o duque de Clermont, com Stephen Shaughnessy ao seu lado.

— Então, alguém vai explicar para mim, — Edward perguntou: — por que todos temos de jogar cartas em um armário?

— Tradição —. Isso veio de Sebastian Malheur.

Sebastian Malheur era preciso e divertido. Ele olhou uma vez em cada carta a medida quem as recebia, e depois não olhava para elas novamente. Edward o tinha conhecido há algumas semanas, quando Free o havia levado para Londres, no retorno de seu irmão Oliver.

— Tradição? — Edward olhou duvidosamente em torno do espaço.

Eles estavam amontoados em todos os sentidos. Bolinhas de gude — que Clermont tinha insistido para que fosse a única coisa a ser usada como aposta, no lugar de dinheiro. Clermont tinha explicado o assunto dessas fichas solenemente. Aparentemente, bolinhas de gude eram um negócio sério por estas bandas.

Edward balançou a cabeça. — Vocês todos têm tradições terríveis.

— O espaço apertado não é a maneira usual das coisas —, disse Clermont. — Quando um dos irmãos Sinistros se casa, nos reunimos na noite anterior para jogar cartas.

— O desconforto, no entanto, parece ser a norma. — Sebastian sorriu. — Particularmente por parte do noivo. — Ele olhou para fora pensativo. — E Oliver disse que você poderia aproveitar um pouco de desconforto.

Edward apertou as costas na parede — o máximo que pôde naquele quarto irritantemente apertado — balançando sua cabeça. — Oh, não —, disse ele. — Só porque eu sou canhoto e casado com a irmã de Oliver não significa que eu vou entrar na sua organização ridícula de proporções totalmente não-sinistras. Eu não vou ser arrastado para uma coisa dessas.

— Não se preocupe —, disse Robert. — Nós não estamos arrastando você. Você não é realmente um irmão Sinistro, é apenas uma desculpa conveniente.

— Isso é um alívio.

— E Stephen e Patrick podem ser canhotos, mas eles não são nem mesmo relacionados. Então, infelizmente, não podemos incluí-los. — Isso veio do irmão de Free.

— Além disso, você não está realmente se casando com Free hoje —, observou Violet. — Você só está tendo uma pequena comemoração tardia de casamento.

— Enquanto estamos nesse assunto, não é a noite anterior. — Esse foi Sebastian. — Então veja, tudo dá certo. De todo o jeito, pelo qual isso é *quase* a circunstância certa, e ainda assim, cancela um ao outro perfeitamente. Ergo, todos nós devemos sentar neste armário enquanto eu ganho no jogo de cartas.

— Você não vai, — sua esposa murmurou.

— Enquanto os Malheurs ganham no jogo de cartas, — Sebastian corrigiu sem problemas. — Falando nisso, como podemos cobrar? Eu sei que Oliver e Robert já passaram de vinte e um. Mas, e os demais de vocês?

— Dezesete —, disse Patrick, mostrando as cartas que tinha mantido viradas.

— Dezenove. — Violet virou um nove e sete para fazer conjunto com o três que tinha em exposição.

— Ah. — Sebastian desceu sua única carta, mostrando um par de reis. — Tenho vinte. Alguém pode bater isso? Acho que não. — O homem sorriu beatificamente e olhou para as bolinhas de gude no meio do quarto.

— Eu só tenho dezoito —, disse Stephen —, mas eu não acho que seus *quases* não se anulam. Veja só, eu, realmente, não sou canhoto.

— Não! — Robert e Oliver gritaram juntos indignados.

Os olhos de Sebastian se arregalaram. — Um ateu! Apedrejar! — Ele olhou desesperadamente ao redor, encontrou um pedaço de papel no chão, e atirou-o inutilmente nele. — Morra, diabo, morra!

Stephen observou o papel cair no chão, e depois sacudiu a cabeça. — Você está louco?

— Não —, disse Sebastian. — Não estou nem com raiva, mas é mais divertido dessa forma. Você é muito sério. Se eu não posso me divertir um pouco, qual é o interesse?

— Ah —, disse Stephen com um aceno de mão. — Vocês pediram para ser enganados. Um grupo de homens reunidos e resmungando algo

sobre ser canhoto. — Stephen encolheu os ombros. — Claro que eu vou dizer, *Sim, eu sou canhoto*. — Por que eu não iria?

— Ah bem. Pelo menos a tradição foi mantida no ponto mais importante. — Sebastian inclinou-se e começou a recolher as bolinhas no centro da sala. — Eu ganhei.

— Não —, disse Edward. — Você não ganhou.

Sebastian congelou. Ele olhou para Edward, que exibiu uma série de cartas. — Você não pode ter vencido —, disse ele. — A não ser que você tenha um três aí debaixo. As chances disso são ...

Edward sorriu suavemente e virou a carta, revelando um três de espadas.

O silêncio reinou após isso. Sebastian piscou para a mão de Edward, franzindo a testa. — Você trapaceou? —, Ele finalmente perguntou.

— Eu minto, falsifico, eu chantageio. — Edward deu de ombros. — Mas trapacear em jogo de cartas? Eu nunca descii tão baixo.

— É bom saber que você tem alguns princípios—, disse Oliver revirando seus olhos.

— Na verdade—, disse Edward. — Trapacear nas cartas é muito fácil, eu ficaria muito aborrecido se eu me deixasse fazer isso.

Ao lado dele, Patrick que conhecia o senso de humor de Edward melhor que os outros, soltou um estalo de risadas.

Mas, naquele momento, a porta se abriu atrás dele, uma rajada de ar frio varreu o ambiente, Edward virou-se e olhou em volta.

— Ah —, disse ele. — Por falar em princípios, aí vem o meu princípio agora.

Free apareceu na porta, com as mãos nos quadris, usando um vestido azul e branco brilhante. Ela olhou para todos eles, que lotavam o apertado espaço e balançou a cabeça, exasperada.

— Por que metade da minha festa de casamento está escondida na sala de arquivo? —, Perguntou ela.

Edward estendeu a mão e recolheu as bolas de gude espalhadas. — Ah, Free, que bom vê-la. Você sabia que cada uma dessas bolinhas de gude representa um favor devido a mim por estes excelentes homens e mulheres?

Free inclinou a cabeça, contemplando as bolinhas. — Sim —, ela disse lentamente. — Eu sabia disso, Jane mencionou isto para mim uma vez. Aparentemente, ela ainda está guardando uma de reserva.

— É um jogo de alto risco —, Edward disse, — mas eu estava disposto a jogar. E agora olha o que eu tenho para você. — Ele estendeu a mão e derramou as bolinhas nas mãos dela. — Aqui —, disse ele. — Eu sei que eu te dei um filhote de cachorro de presente de casamento, mas estas são muito melhores.

Free sorriu para ele. — Querido, você não deveria fazer isso, um duque e um MP, ambos no meu bolso? É tudo que eu sempre quis.

Oliver ficou em pé. — Veja aqui —, disse ele bruscamente.

Edward levantou-se graciosamente e beijou sua esposa na bochecha. — Aproveite.

— Estou bastante certo de que eles estão brincando, — Sebastian sussurrou.

Edward ignorou. — Agora nós cuidamos de dois deles, — ele disse-lhe. — Quantos mais nós precisamos?

— Eu não sei. — Ela meteu o braço no seu. — Vamos descobrir?

Fim